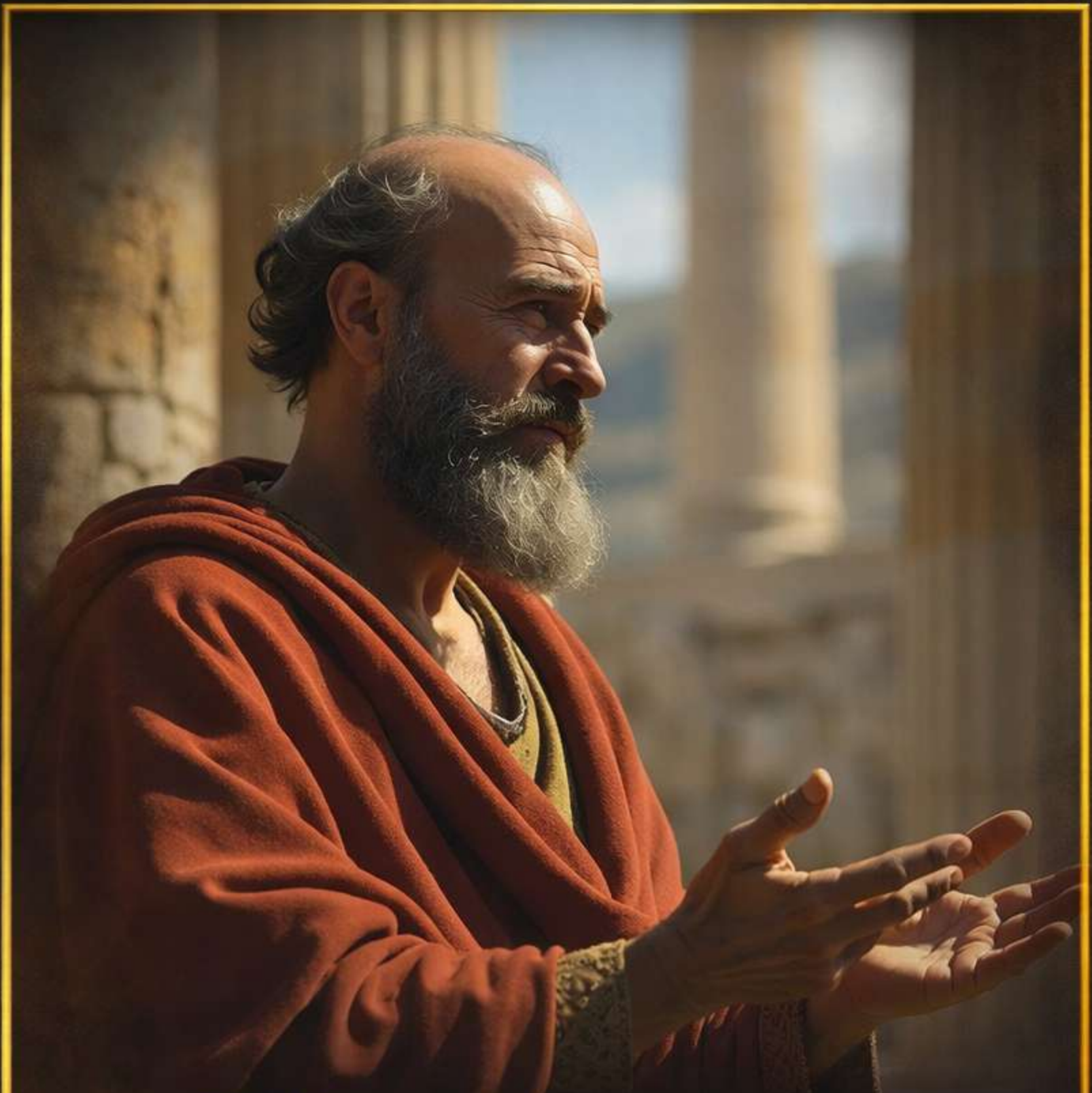

PAULO EM ATENAS

GERALDINE CUMMINS

TRADUÇÃÔ : AMADEU ANTÓNIO

PAULO EM ATENAS

(OS MANUSCRITOS DE CLEÓFAS)

DOROTHY GERALDINE CUMMINS

INTRODUÇÃO PELO

REV. JOHN LAMOND, D.D.

Edição Especial para o

PSYCHIC BOOK CLUB

144 HIGH HOLBORN, LONDRES, W.C.1

Primeira Edição

Maio de 1930

ÍNDICE

PAULO EM ATENAS
CAPÍTULO
I. PAULO CHEGA A ATENAS
II. PAULO CONHECE DÁMARIS E FORTUNATO DE CORINTO. ELE TOMA CONHECIMENTO DA SUA HISTÓRIA. OS HOMENS DE SABEDORIA RACIONAM COM ELE RELATIVAMENTE À NATUREZA DE DEUS
III. DÁMARIS PLANEOU ASSASSINAR AULEETA PORQUE ESTA SE VAI CASAR COM FORTUNATO. PERCEBENDO O DESIGNIO NA MENTE DELA, PAULO REPREENDE-A. GRANDEMENTE IRADA, ELA FAZ COM QUE O SEU ESCRAVO ASSASSINE AULEETA AOS PÉS DE UM ÍDOLO
IV. SILAS E TIMÓTEO LEVAM NOTÍCIAS A PAULO DAS IGREJAS EM TESSALÓNICA E FILIPOS. FORTUNATO E ACAICO CONFESSAM A SUA CRENÇA EM CRISTO
V. TEMENDO A HOSTILIDADE DOS HOMENS SÁBIOS, OS JUDEUS PROÍBEM O ENSINAMENTO DE PAULO NA SINAGOGA
VI. DIONÍSIO CONVIDA PAULO A SUA CASA UMA NOITE PARA QUE POSSA ESCARNECER DO SEU ENSINAMENTO PERANTE OUTROS NOBRES ATENIENSES. PAULO VENCE ESTES HOMENS DOUTOS ATRAVÉS DO PODER DO ESPÍRITO
VII. DIONÍSIO ADMITE QUE A PROFECIA DE PAULO É VERDADEIRA. O EUNUCO CONFESSA A SUA CULPA
VIII. AZAN INCITA O POVO CONTRA PAULO. DÁMARIS CONFESSA O SEU CRIME AO SANTO, QUE LHE ORDENA QUE O REVELE A DIONÍSIO

IX. DÁMARIS CONTA A DIONÍSIO QUE CAUSOU O ASSASSINATO DA SUA IRMÃ. PAULO, ATRAVÉS DO PODER DA SUA ORAÇÃO, DETÉM A MÃO DO GREGO. AZAN NÃO ADMITE O SANTO NOS SEUS APOSENTOS

X. PAULO É LEVADO PERANTE O CONSELHO E PREGA O DEUS VIVO REUNIDO AOS HOMENS SÁBIOS E AO POVO. DIONÍSIO E DÁMARIS DECLARAM A SUA CRENÇA EM CRISTO

XI. AZAN FAZ ACUSAÇÕES MENTIROSAS CONTRA PAULO. OS JOVENS DE ATENAS TRATAM-NO COM GRAVE VIOLÊNCIA. ELE VIAJA COM ACAICO PARA CENCREIAS

XII. FEBE TRATA DE PAULO NA SUA DOENÇA EM CENCREIAS. O SANTO TEM UMA VISÃO DO FUTURO DE ATENAS

XIII. PAULO VAI PARA CORINTO, LEVANDO UMA CARTA DE FEBE PARA ÁQUILA. ELE PREGA NA SINAGOGA, CONVERTE CRISPO, O CHEFE, ESTÉFANAS E JUSTO

XIV. TIMÓTEO E SILAS TRAZEM NOTÍCIAS DOS PROBLEMAS QUE ENFRONTAM ARISTARCO E JASON EM TESSALÓNICA. PAULO REDIGE UMA CARTA AOS TESSALONICENSES

XV. SÓSTENES TEM CIÚMES DE CRISPO, DESEJA TORNAR-SE CHEFE DA SINAGOGA NO SEU LUGAR. ELE COMPLOTA CONTRA PAULO. O SANTO É VISITADO PELO ESPÍRITO SANTO

XVI. MENEHAS, O ESCRIBA, OPÕE-SE A PAULO NA SINAGOGA. OS JUDEUS MOSTRAM HOSTILIDADE PARA COM O SANTO, QUE SE REFUGIA NA CASA DE JUSTO

XVII. PAULO LÊ AOS GENTIOS A CONFISSÃO DO GUARDA DO TÚMULO. CRISPO É REJEITADO PELOS JUDEUS PORQUE SE MANTÉM AO LADO DE PAULO

XVIII. PAULO PREGA AOS ADORADORES DE ÍSIS EM CORINTO. CLOÉ OFERECE-LHE DINHEIRO POR UM LUGAR NO PARAÍSO

XIX. VÍBIA PERGUNTA A PAULO SE ESTÁ JUSTIFICADA EM LEVAR UMA VIDA MAU PARA PRESERVAR OS SEUS IDOSOS PAIS DA FOME. O IRMÃO DE SÓSTENES CONTA A SUA HISTÓRIA AO SANTO

XX. CLOÉ ROGA A PAULO QUE PUNA CAPITÃO PELO SEU PECADO, E NOVAMENTE LHE OFERECE OURO COMO SUBORNO

XXI. PAULO ENCONTRA VÍBIA NUM BANQUETE DADO POR CAPITÃO E, APESAR DA IRA DO GENTIO, FAZ COM QUE ELA DEIXE A SUA CASA E COLOCA-A AO CUIDADO DE PRISCILA

XXII. PAULO É ACUSADO PERANTE GALIÃO, MAS É ABSOLVIDO. OS GRECOS ESPANCAM SÓSTENES E MENEHAS. CLOÉ DECLARA O SEU ARREPENDIMENTO

XXIII. DISSENSÃO NA IGREJA RELATIVAMENTE AO DOM DAS LÍNGUAS. PEDRO CONVIDA PAULO A JERUSALÉM NA ALTURA DO FESTIVAL POR CAUSA DAS ACUSAÇÕES FEITAS CONTRA ELE POR CERTOS DOS IRMÃOS. O VOTO DO NAZIREU. PAULO E ÁQUILA FAZEM PLANOS PARA O FUTURO DA IGREJA

XXIV. SÓSTENES PERSUADE O CAPITÃO DO NAVIO A RECUSAR LEVAR PAULO NA SUA EMBARCAÇÃO. ÁQUILA E PRISCILA VIAJAM NELA, PAULO VIAJA NUM NAVIO MAIS PEQUENO. ELES DEIXAM CENCREIAS, RUMO A ÉFESO

XXV. PAULO É ATIRADO AO MAR PELOS PASSAGEIROS. A EMBARCAÇÃO AFUNDA-SE. ELE É RESGATADO DAS ÁGUAS E LEVADO A BORDO DO NAVIO NO QUAL VIAJAM ÁQUILA E PRISCILA

XXVI. A CRÓNICA DADA POR PAULO A ÁQUILA, OU

" 'O MANUSCRITO DA JUVENTUDE."

I. O PLANO DE PAULO PARA REUNIR TODAS AS NAÇÕES DO MUNDO NO REBANHO DO GRANDE PASTOR

II. PAULO FALA DA SUA PRIMEIRA JUVENTUDE QUANDO SE SENTAVA AOS PÉS DE GAMALIEL. ELE VÊ CRISTO EM CARNE

III. A EXPERIÊNCIA DE PAULO NO DESERTO APÓS A SUA CONVERSÃO. O INOMINÁVEL. UMA VISÃO DA MORTE DA TERRA

IV. PAULO ATACADO PELOS FARISEUS EM ANTIOQUIA. DESAFETO DAS IGREJAS NA GALÁCIA. UMA CARTA DEFENDENDO-SE A SI PRÓPRIO. ELE É CONVOCADO A JERUSALÉM E TRIUNFA SOBRE OS SEUS ADVERSÁRIOS

NOTÍCIAS DO PAULO ESCREVE

UM FRAGMENTO DA CRÓNICA DE BARNABÉ

O MANUSCRITO DE BARNABÉ.

I. BARNABÉ E PAULO DETERMINAM VISITAR OS IRMÃOS NA GALÁCIA. ELES ENTRAM EM DISPUTA. BARNABÉ E MARCOS VÃO PARA CHIPRE

II. O POVO DE PAFOS PROCURA LEVAR BARNABÉ PARA O TEMPLO DE AFRODITE. ELES ACLAMAM-NO COMO UM DEUS

III. ARATO, O MAGO, DEFENDE QUE JESUS ERA UM MESTRE DE SABEDORIA E EXIGE DE BARNABÉ O SEGREDO DO SEU DEUS

IV. MUITOS EM PAFOS CREEM EM CRISTO E SÃO BAPTIZADOS

V. BARNABÉ PREGA NA SINAGOGA EM SALAMINA. BARJESUS E TIRÓNIO COMPLOTAM CONTRA ELE

VI. A MANDADO DE BARJESUS, UM ESCRAVO TENTA ASSASSINAR BARNABÉ ENQUANTO ESTE DORME

VII. BARJESUS CONSPIRA CONTRA MARCOS E BARNABÉ ENQUANTO ELES ESTÃO EM ALEXANDRIA O SEU PESAR POR SE TER SEPARADO EM IRA DE PAULO

VIII. O SONHO DE BARNABÉ.

IX. OS JUDEUS APEDREJAM BARNABÉ. O SEU FIM SOLITÁRIO

X. SÉRGIO PAULO PROMETE A MARCOS A SUA PROTECÇÃO. A MORTE DE BARNABÉ GANHA MUITOS PARA CRISTO.

APÊNDICE I

APÊNDICE II.

APÊNDICE III. A MANEIRA COMO O CORPO SE LEVANTOU DO TÚMULO
APÊNDICE IV. A RESSURREIÇÃO DO CORPO
APÊNDICE V. AS PALAVRAS DE CURA

INTRODUÇÃO

PELO

REV. JOHN LAMOND, D.D.

Neste volume, as experiências de Paulo em Atenas e Corinto são registadas com considerável extensão. Embora completo em si mesmo, constitui uma nova parcela dos Manuscritas de Cleófas. Paulo parece ter-se demorado em Atenas durante cinquenta dias. Foi então para Cencreias e, posteriormente, para Corinto. As controvérsias surgidas em ligação com a sua estada em Corinto são abordadas, conduzindo à sua partida para Jerusalém. Ao levantar vela para Éfeso, a embarcação na qual viajava naufragou. Um relato do naufrágio em Malta é dado nos Atos dos Apóstolos (cap. xxvii). Na segunda Epístola de Paulo aos Coríntios ele escreve (cap. xi. 25): "Três vezes sofri naufrágio. Uma noite e um dia passei no abismo," e neste Manuscrito a história é contada pela primeira vez, tanto quanto sabemos, de outro destes naufrágios. Como peça de escrita literária, pode suportar a comparação com muitos dos nossos mais finos modelos modernos.

Um relato é adicionado sobre a experiência do Apóstolo no deserto da Arábia, à qual ele se refere em Gálatas i. 17, 18, e a narração dos trabalhos de Marcos e Barnabé em Chipre, culminando no martírio de Barnabé, completa o volume.

O leitor encontrará o seu interesse a aumentar à medida que a narrativa avança. Quase pareceria que alguém que tivesse estado presente nos vários acontecimentos registados na história, e que estivesse familiarizado com as tradições religiosas e intelectuais do período, nos estivesse a dar as suas impressões. Obtemos a mais completa perceção dos motivos que movem as personagens no drama. Acima de tudo, Paulo, o Apóstolo do Ocidente, destaca-se com uma distinção inteiramente sua. Ele é-nos revelado como o santo, o herói, o ocultista, o polemista e, acima de

tudo, como o embaixador fiel do seu Senhor e Mestre, Jesus Cristo. Uma extraordinária impressão de Paulo é deixada na mente após a leitura deste livro.

Por vezes não conseguimos perceber que o Apóstolo era, de fato, o Apóstolo da Liberdade. Ele via tão claramente que o mundo gentio nunca aceitaria a circuncisão e outras observâncias judaicas, e que o Evangelho, tal como ele o entendia, deveria ser libertado das algemas tradicionais que limitariam a sua aceitação. Ele teve de manter um duplo conflito — (a) o conflito com as autoridades locais nas sinagogas das várias cidades que visitou, e que frequentemente se tornava tão aquecido que terminava em violência pessoal contra si próprio, e (b) o conflito com o Conselho em Jerusalém, onde muitos membros influentes olhavam com desfavor para as suas atividades missionárias. A questão de saber se a circuncisão devia ser administrada aos gentios levou-o a um conflito agudo até com Pedro, que pareceu, a certa altura, dissimular sobre o assolto. No entanto, Paulo, conforme registado no volume diante de nós, veio a considerar Pedro sob uma luz inteiramente diferente e expressa arrependimento por quaisquer palavras severas que possa ter usado para com ele. Quando a estes conflitos contínuos adicionamos a fraqueza física de que, por vezes, sofria, os perigos por terra e por mar a que estava exposto, o prodígio aumenta pelo fato de, durante tantos anos, ele ter sido capaz de manter a sua posição.

Mas neste volume, o outro lado, ou melhor, o lado interior da vida do Apóstolo é revelado. Houve ocasiões em que grandes revelações espirituais lhe foram concedidas, quando ele contemplou as várias igrejas que fundara em nome do seu Mestre estendendo sempre a sua influência sobre a Europa e o Mundo Ocidental, e chegando até às "ilhas de névoa" nos mares do extremo norte. Foi esta Igreja duradoura que se tornou a sua conceção dominante e pela qual ele viveu e morreu. Nas suas relações tanto com os coríntios como com os atenienses, ele recusou-se a comprometer-se em qualquer sentido com aquilo que considerava mau.

O ouro não o conseguia fazer desviar um cabelo do seu propósito, mesmo quando esse ouro era oferecido para socorrer os pobres, cujo bem-estar lhe era querido. Nem por qualquer consideração baixaria o padrão ético que formulara. Na ditado das suas epístolas, é interessante notar que ele aconselhava-se com os seus irmãos em pontos que estavam abertos a discussão. É este homem destemido, cuja vida estava em perpétuo perigo e

que simplesmente ignorava toda a forma de oposição no prosseguimento do seu ministério, que é revelado neste e no volume anterior. Tal vida teria sido impossível sem as experiências mais profundas de visitações espirituais que lhe foram concedidas, e a consciência de que estava a construir para as eras futuras.

Com referência à sua visita a Atenas, que ocupa a parte preliminar da narrativa, lemos nos Atos dos Apóstolos que esta visita realmente teve lugar, que ele falou na Colina de Marte e que, quando a assembleia se dissolveu, Dionísio, o Areopagita, e uma mulher chamada Dámaris e outros aderiram ao seu ensinamento. A reticência das Escrituras autorizadas é frequentemente notável. Mas não se deve assumir que, por causa desta reticência, não existissem naquele período muitos manuscritos que tratassem igualmente de vários acontecimentos na vida do Mestre Jesus e das atividades dos Seus Apóstolos. Lucas torna isto claro na sua introdução ao seu evangelho.

"Visto que muitos empreenderam pôr em ordem uma narração das coisas que entre nós se cumpriram, segundo no-las transmitiram os que desde o princípio foram testemunhas oculares e ministros da Palavra, pareceu-me também a mim conveniente, depois de ter investigado tudo cuidadosamente desde a sua origem, escrever-te uma narração seguida, ó excelentíssimo Teófilo, para que conheças a certeza das coisas em que foste instruído."

Lucas não estava sozinho como escritor dos ditos e feitos de Jesus. Ele estava simplesmente a seguir as pegadas de muitos outros. O mesmo é verdade relativamente às atividades dos Apóstolos. Havia muitos escritores, pelo que muitos pergaminhos foram produzidos. E assim é afirmado — é a partir destes múltiplos registos que ainda existem no Mundo Invisível — nos registos etéricos ou Akáshicos — que este volume e o precedente foram produzidos.

Mas o que investe os escritos dados através da Miss Cummins de um valor permanente é o seu significado inerente e a iluminação que lançam sobre um período do qual demasiado pouco se sabe historicamente, mas que é de consequência esmagadora para os milhões de crentes cristãos por todo o mundo.

Ao ler o relato dado de Dionísio, o Areopagita, e da mulher Dámaris, e de como eles se ligaram a Paulo, ocorreu-me que, se esta história fosse uma mera invenção, teria sido moldada num modelo diferente. A descrição vívida de Corinto dada neste livro é notável. A Miss Cummins poderia ter sabido da rocha que se eleva atrás de Corinto a partir de alguma ilustração bíblica e outros detalhes poderiam ter sido coligidos de uma enciclopédia, mas quando se leva em consideração as condições sociais em Corinto que são descritas, as várias personagens que são trazidas à cena e as suas ações individuais em promover ou retardar o ministério de Paulo, então tal conhecimento íntimo não pode ser bem explicado como resultado da imaginação ou como sendo uma compilação extraída de alguma fonte exterior.

A dicção ao longo de toda a obra é grave e digna, iluminada às vezes com uma beleza poética. Ao deixar Atenas, Paulo, é-nos dito, partiu "com o manto cinzento da noite ao redor de si." Quando chegou a Corinto após a sua visita a Cencreias, algo cansado em espírito, subiu ao Acrocorinto e ficou tão estimulado pela vista que contemplou que lemos "felizes como os pássaros girando ao sol estavam os seus pensamentos...

O céu no oeste era da cor do vinho. E os mares corados a leste e a oeste carregavam sobre si dezenas de navios. Brancos pássaros das águas pareciam enquanto viajavam diante do vento levando cargas para todas as nações." A descrição de Corinto é a descrição de uma testemunha ocular. Um mero inventor teria cometido muitos erros. Esta facilidade e precisão literárias são mantidas até ao fim.

Há de fato, ao longo do livro, uma notável verosimilhança, tanto no pano de fundo, histórico e geográfico, como no retrato das personagens. Sem nenhuma intrusão de conhecimento, tal como poderia ter sido ostentosamente exibido por alguém que tivesse acumulado a informação detalhada por consulta de autoridades, a atmosfera parece apropriada e correta. Os vários filósofos falam em notável acordo com as visões que professam; os detalhes da vida familiar e social, formando um ambiente silenciosamente introduzido, sugerem de fato aquele mundo antigo que aprendemos a visualizar a partir do Novo Testamento e dos clássicos pagãos.

A procissão, por exemplo, na página 86, é uma recriação autêntica que poderia ser tomada por um comentador de antiguidades como uma imagem

e um texto para ilustrar a prática pagã daquele século apostólico. A caracterização de gregos e hebreus realça com clara fidelidade as credulidades e superstições de cada um. E com tudo isto há uma habilidade na descrição que parece demasiado precisa e ricamente reprodutiva para ser sequer o fruto sem esforço da imaginação. O que poderia, por exemplo, ser mais eficaz e agradável do que o relato da noite sem abrigo de Paulo, quando (p. 47) "ele dormiu sobre as pedras frias sob a sombra das batalhas pintadas dos gregos," ou da sua viagem de Corinto, "atravessando a estrada de ciprestes e túmulos que conduz a Cencreias"?

Mas há, além disso, uma habilidade psicológica considerável aparente no desenho das personagens, e o Apóstolo Paulo aparece aqui pouco diferente do homem que se retrata a si mesmo nas Epístolas do Novo Testamento. A mesma longanimidade, a mesma urgência e ânsia em disseminar a sua mensagem, e o mesmo carinho terno para com os fracos e os marginalizados e, não menos, para com os seus próprios companheiros judeus antipáticos, emergem aqui como emergem nas Escrituras canónicas. Quando muito, este Paulo dos Manuscritos é mais caloroso e, no entanto, cingido de uma autoridade mais temível e mágica, tal como não deixa de ter paralelo na literatura subapostólica conhecida.

De fato, com apenas um pequeno esforço de imaginação, estes escritos poderiam bem passar por produtos daquele segundo século, quando os escritores extracatónicos elaboravam os incidentes conhecidos nas carreiras dos primeiros instrutores cristãos e inventavam aqueles para os quais tinham apenas uma sugestão minuciosa na tradição. Num volume anterior destes Manuscritos, foi feita uma comparação com a atmosfera de livros tais como os escritos pseudoclementinos. Aqui, novamente, a comparação seria apta, pois o pano de fundo e a descrição de pessoas, lugares e eventos têm toda a fidelidade que se esperaria de uma testemunha ocular e todas as características que se encontrariam num escritor cristão dos tempos mais recuados.

Resta, portanto, a questão a ser respondida: Como surgiram estes volumes? Será possível que sejam comunicações de alguma alta inteligência ou grupo de inteligências que habitam no mundo superno? Um corpo considerável de homens de ciência e de letras, que gozam de reputação mundial, acredita que isto seja possível. A sua crença é endossada por uma multidão de seguidores em constante aumento; e será

interessante descobrir qual será o veredicto das nossas autoridades eclesiásticas sobre o assolto. Pois este é um tema que diz respeito diretamente à Igreja. Se algum manuscrito genuíno fosse descoberto, dando informações mais completas sobre os feitos de Paulo em Atenas, ou sobre as suas experiências no deserto da Arábia, sabemos que todo o mundo teológico estaria profundamente interessado. Irão os nossos teólogos permanecer indiferentes na presença destes volumes que fazem dos Atos dos Apóstolos um livro novo? Refugiar-se no obscurantismo não será sensato. Está fora de questão considerar estes escritos como não tendo importância. O leitor comum já não pode ser facilmente enganado por essa afirmação.

Terá a revelação, que se reconhece ter tido lugar há dezoito ou dezanove séculos, cessado completamente? Não será possível à humanidade mais nenhuma comunicação vinda do Mundo Invisível? Estará a porta entre os dois mundos para sempre trancada e ferrolhada, ou será ela ainda a porta aberta? Estas são questões que muitos homens ponderados estão a refletir nas suas mentes.

Poderá ser necessário o passar de algumas gerações antes que tais questões possam ser discutidas sem calor ou preconceito. Ninguém se preocupa com a circuncisão ou com a incircuncisão hoje em dia — a questão que quase dividiu a igreja primitiva em duas e que trouxe até Pedro e Paulo a um agudo conflito pessoal. *Cada um é livre de ser guiado pelo seu próprio julgamento em tal assolto.* E assim, com o passar dos anos, poderá vir a ser admitido que a inspiração não pode ser circunscrita a nenhum período, ou limitada a qualquer secção da superfície da terra — que a inspiração, em suma, é um dom divino contemporâneo da vida da humanidade.

Março de 1930

PAULO EM ATENAS

Nos dias em que Paulo trabalhou entre os gregos, o seu rosto estava esculpido em muitas linhas. A sua barba cinzenta lançava um manto sobre o seu queixo e pescoço, ocultando assim a força do seu propósito. Cinzentos e escuros como as azeitonas eram os seus olhos, e baços pareciam eles ao estranho. Contudo, eram perspicazes como os olhos das aves e podiam lançar um feitiço sobre os homens quando ele estava irado ou comovido. Pois, em tais momentos, eles espelhavam a vontade do Espírito, e assim eram eles no seu poder mais do que mortais. E nenhum homem sozinho podia combater as palavras deste mestre quando o Espírito Santo do Nosso Deus falava através dos seus olhos.

A pele era amarela da doença e dos raios do sol. Como a cor do alforge que os santos traziam consigo era o seu semblante. O nariz era longo, os lábios cheios, e alto era o cenho. Poucos cabelos brotavam na sua cabeça. E os homens declaravam que Paulo era feio porque o sofrimento e o stress tinham colocado a sua marca de malevolência sobre todas as suas feições. Até o seu corpo, com os anos e com aquela dor sempre presente, se tornou disforme, curvado como a trompa da lua no seu primeiro quarto.

Mas quando Paulo falava à multidão, quando o fervor da justiça possuía o seu ser, ele era nobre na sua forte beleza, nobre por causa da luz nos seus olhos e da ânsia de todo o seu semblante. Na verdade, a mais bela beleza é a da alma. E quando, como com Paulo, o semblante é desagradável à vista, então tudo isso desaparece por causa do que se move no interior, porque Deus lança o brilho da Sua própria imagem sobre a argila.

Paulo não era considerado um homem sábio, contudo ele permaneceu sozinho diante de todos os homens mais sábios da terra em Atenas. E agora, onde está a aprendizagem e a sabedoria deles? Onde estão as palavras de Paulo?

II

CAPÍTULO I

PAULO CHEGA A ATENAS

SECUNDO e Meliah eram da companhia de Paulo. E Meliah obteve alojamento para o santo na casa do seu parente Azan. Secundo, que era gentio, conhecia alguns dos estudantes em Atenas, por isso tinha acompanhado Paulo porque desejava que o santo fizesse conhecida a sua

doutrina a estes homens que não eram da Judeia. Ele era um mercador, que habitava em Tessalónica, e podia permanecer apenas um curto espaço de tempo com os companheiros da sua viagem. Pois, quando o seu comércio em Atenas estivesse realizado, era necessário que regressasse ao seu próprio lugar.

Assim, na véspera após a vinda deles, ele saiu na companhia de Paulo e procurou aqueles com quem tinha conhecimento. e, enquanto passavam pelas ruas, Paulo maravilhou-se com a estranha e maravilhosa cidade que se espalhava ao seu redor. "Verdadeiramente," declarou ele, "ao partir da terra da Macedónia e ao viajar para a terra da Grécia, deparámo-nos com um novo mundo. E, embora tenha habitado em muitas cidades, não percebi nenhuma cidade que fosse moldada como esta estranha morada de imagens esculpidas, de edifícios de mármore e de pedra.

Pois, eis que as formas mortas dos ídolos são maiores em número do que os homens vivos. E em todas elas percebo a ânsia estranhamente distorcida do grego que busca a Deus no que é corruptível, no que é da besta e não olha para os Céus, buscando-O nos amplos espaços, procurando-O nas profundezas do seu próprio ser."

Secundo disse a Paulo: "Tu mudarás a mente dos homens de Atenas com as palavras da verdade. Pois muitos entre eles já não acreditam nos falsos deuses dos seus pais." E perguntou a Paulo se o Espírito tinha desejado que ele pregasse em Atenas e tivesse revelado isto como o seu propósito ao santo. Então a exultação de Paulo afastou-se dele, e ele ficou perturbado por um momento porque o apelo do Homem da Macedónia soou mais uma vez dentro da sua alma. Nenhuma palavra lhe tinha sido transmitida a respeito do povo de Atenas. O Espírito tinha estado silencioso, permanecendo a alma de Paulo como uma câmara obscura e vazia.

Secundo saudou um homem, que estava nos seus anos médios, com o nome de Heroden. E quando lhe transmitiu o conhecimento de que Paulo era da douta cidade de Tarso e um instrutor de novas verdades, o grego acolheu o santo na sua cidade e rogou-lhe que desse da sua aprendizagem a ele e ao seu companheiro. Ora, Paulo foi enganado pela ânsia deste homem e não foi cauteloso no seu discurso, mas falou em palavras simples de Jesus que tinha ressuscitado os mortos, que tinha conquistado o corpo corruptível e mostrado com muitos sinais e prodígios que Ele era o Filho de Deus.

E eis que Heroden apontou um dedo de desprezo para ele, declarando que ele procurava contar contos antigos de tolice e superstição, vestindo-os de uma nova moda e moldando-os de modo a que pudessem enganar a multidão ignorante, mas não venceriam, de forma alguma, o entendimento de um homem de conhecimento. Heroden declarou que nenhum corpo, que estivesse morto, poderia erguer-se e estar vivo mais uma vez. Pois uma vez que estivesse imóvel e frio, a razão dentro dele, que era do corpo, também seria aquietada e morreria.

Ele era alguém que acreditava que a alma do homem era como a argila da terra, e devia retornar ao solo do qual brotou. Ele raciocinou por uma hora ou mais com Paulo a respeito da fonte da vida, a respeito da parte espiritual do homem. E embora o santo falasse com grande seriedade, não conseguiu tocar a mente ou o coração deste pagão. Pois ele estava enraizado nos ensinamentos dos seus mestres que acreditavam que tudo deve perecer e passar.

Assim deveria o homem viver alegremente na sua pequena hora, fazendo as suas melodias como a ave e passando para a noite eterna da terra quando a sua hora terminasse. Ele não acreditaria no testemunho de Paulo a respeito de Cristo. Pois ele era um vaso raso que podia conter apenas as fezes que lhe tinham chegado do vinho da inteligência de outrem. E Paulo percebeu que este homem tinha aprendido um pouco; pelo que nada sabia. Assim, ele não podia mais ser despertado para a vida da crença do que as formas de pedra dos homens que estavam agrupadas ao seu redor.

O santo e este tolo douto apartaram-se um do outro em ira. Pois cada um considerava o outro como estando sem entendimento e vazio de conhecimento a respeito do homem e do seu destino. Ora, quando regressaram à habitação de Azan, Secundo perguntou a Paulo se havia algum encargo que ele pudesse entregar por ele em Tessalónica. Ao falar ele daquela cidade, todos os anseios de Paulo pela Macedónia foram despertados para a vida mais uma vez.

E, como era o seu costume, ele questionou a sua alma durante as horas silenciosas da noite, não dormindo mas orando por vezes, e, por vezes, tecendo ao redor de si mesmo imagens escuras e dolorosas da mente. Ele temia ter pecado contra o Espírito ao vir para Atenas. A vontade do Santo não lhe tinha sido revelada. Ele tinha fugido do seu encargo em Bereia e

censurava-se a si próprio, admoestando o seu corpo porque acreditava que o seu temor e a sua fraqueza na sua doença o tinham feito afastar-se daquelas regiões. Assim, ele tinha abandonado aqueles que tinham sede da verdade, e tinha vindo para uma terra estéril onde nenhuma semente poderia viver e crescer.

E quando a manhã chegou, ele deu um encargo a Secundo. Ele ordenou-lhe que procurasse Timóteo e Silas e lhes dissesse para viajarem com toda a pressa para Atenas, para que ele pudesse aprender com eles se poderia aventurar-se a regressar a Filipos ou a Tessalónica. E assim cumpriria ele, talvez, a ordem do Espírito dada a ele num sonho na hora da noite em Tróade. Secundo prometeu levar a mensagem de Paulo aos irmãos. E o santo ficou em maior tranquilidade de mente quando o seu mensageiro partiu para Bereia na companhia de Meliah.

Eu gostaria de vos mostrar as escuras perplexidades que assim, às vezes, surgiam na alma de Paulo. Ele não era alguém que pudesse comandar de tal modo todo o seu ser; este seria como um poço estagnado que nenhum vento poderia agitar. Ele era sacudido por todo o sopro de mal que o faria, no seu zelo por Cristo, questionar a sua própria virtude e acreditar muitas vezes que tinha pecado quando na verdade não houvera pecado, apenas houvera um levantamento do mal sempre circundante do mundo ao seu redor.

CAPÍTULO II

PAULO CONHECE DÁMARIS E FORTUNATO DE CORINTO. ELE TOMA CONHECIMENTO DA SUA HISTÓRIA.

OS HOMENS DE SABEDORIA RACIONAM COM ELE RELATIVAMENTE À NATUREZA DE DEUS.

PAULO levantou-se no início do dia e, após a oração, saiu para as ruas silenciosas de Atenas. Ele não encontrou nenhum homem vivo; os

atenienses não se importavam com aquele estranho tempo cinzento quando a sombra do sol, como era chamado, caía sobre a terra, anunciando a vinda da amada luz que tornava a sua cidade gloriosa. E Paulo fixou a sua mente na verdade e nas palavras de razão que ele proferiria na sinagoga dos judeus.

Mas as aglomerações de ídolos pesavam sobre o seu espírito. Ele parou diante de uma que representava um jovem que segurava uma lira nas suas mãos, e cujo corpo estava esculpido com tamanha perícia que parecia que o sangue corria sob a pedra branca e fria. E enquanto ele olhava, um jovem grego aproximou-se dele e saudou-o dizendo: "Estrangeiro, tu és de outra terra, pois olhas para a forma de Apolo como se nunca tivesses visto a beleza de um deus capturada na rocha polida pela mão de um mestre." Paulo disse ao jovem: "Eu olho para este ídolo com dor no meu coração.

Pois o homem profana o Criador quando molda a imagem de um deus e molda a semelhança dele na semelhança da sua própria argila perecível. Jovem, desvia-te do que é exterior. Fixa a tua mente no que é interior e verdadeiramente perceberás a seu tempo, se fores puro, que há um só Deus que governa sobre tudo, que não é à semelhança destas formas de luxúria, que habita em tudo e faz com que esta grande terra dê o seu incremento, para render tesouros em abundância ao homem." E o estranho respondeu: "A minha razão diz-me que não há Deus, que tudo cai sob a grade de um destino cego, que nada resta do que foi, nem jamais restará. Mas o meu coração sussurra-me que existem seres maiores do que os homens, que os deuses dos nossos pais reinam sobre os campos férteis, fazendo a semente crescer, as plantas florescer, a terra render os seus metais preciosos, o seu mármore colorido, para que possamos erguer a estes Poderosos templos que serão para a sua glória e para nossa alegria.

Eis que não há nada mais belo do que Atenas no nascer do sol, a cidade que traz dentro de si a soma da sabedoria do homem e o testemunho da maravilha da vida, que é tudo o que podemos perceber ou que viremos a perceber. Há uma hora, e é o momento que passa enquanto vivemos e nos alegramos no prazer do amanhecer. Não há outra. Esse, senhor, é o meu credo. Pensemos apenas no bem do tempo que está connosco. O que reside no futuro está morto.

O que reside no passado está a desvanecer-se da nossa vista. Nós somos maiores do que os heróis que passaram, maiores do que os Mestres

da Sabedoria cujas palavras apenas restam. Pois, embora sejamos homens pequenos, vivemos e temos o nosso ser, e eles já não podem ouvir e tocar, ver e saber. Eu sou um tal Fortunato de Corinto, e sou dos Epicuristas, contudo não em todas as coisas. Eles chegaram ao cerne do conhecimento, ao coração da sabedoria."

"E as palavras do meu Mestre Cristo mostrar-te-ão que esse cerne apodrece por dentro," disse Paulo, "que é corrupto e de nenhuma utilidade para o homem ou para a terra que o gerou. Irmão, tu acreditas nesta hora, contudo ela foge velozmente, assim como muitas outras fugirão, não deixando nada que a marque e faça dela uma coisa de valor que permaneça na memória de algum homem no tempo posterior. Jesus, que era o Filho do Único Deus, mostrou-nos que este presente vive para nós apenas na medida em que dá fruto para o homem noutras horas, noutros dias e anos. Tu não és uma besta para que queiras viver apenas para o perecer da erva fresca, o prazer da comida e do sono e a procriação da tua espécie. Tu tens dentro de ti uma chama que não podes apagar com maus pensamentos, e uma ignorância que é uma vergonha para a tua masculinidade, para o teu próprio corpo que contém esta chama, o teu espírito, puro dom de Deus.

Pelo que é necessário que não procures o deleite do que passa, mas a pura alegria que não pode passar. Esta ganharás se viveres apenas para Deus, para as coisas do espírito. E ao viveres para Deus, vives na verdade para o homem. Procura servir os outros nestas tuas horas passageiras, e estas horas não morrerão. Elas viverão nas memórias e corações daqueles a quem prestas serviço como um dom, daqueles que socorres na aflição e na dor.

Aquilo em que, portanto, deves ter prazer não é no teu próprio deleite na hora que passa, mas no bom pensamento e palavra dos homens a quem serviste ao longo dos dias fugazes. Apenas o amor, irmão, — o que dele dás aos homens para que se multiplique dentro deles, devolvendo a ti e a outros a medida cheia dele — apenas o amor pode guiar-te para o verdadeiro caminho da vida, que conduz ao Criador e Mestre de tudo."

E Paulo falou de Jesus, do Seu grande amor pelos homens, visto que Ele tinha dado a Sua vida como resgate por eles, sofrendo a morte vil sobre a Cruz. Para que os descuidados e os tolos, os sábios e os ignorantes, os pecadores e os que buscam a impureza pudessem, se se arrependessem, ser

salvos daquele porvir quando o Senhor de toda a terra vier julgar a humanidade em justiça e verdade.

Fortunato ficou comovido com estes ensinamentos. Eles eram para ele uma maravilha que não conseguia compreender. Contudo, foi ganho pela expressão do santo e tê-lo-ia questionado ansiosamente, se uma mulher não se tivesse aproximado dele, saudando-o.

Dámaris, como era chamada, tinha ganho os corações de muitos por causa da sua beleza selvagem, por causa da brancura do seu corpo e da formosura do seu rosto e mãos. Escuro era o seu semblante e irados os seus olhos enquanto falava a Fortunato, dizendo: "Eu vigiei as tuas saídas e as tuas entradas quando todos dormiam. Esperei e segui-te na hora antes de os homens se levantarem para encarar o dia. Escutei este mestre; e maravilhei-me de que ele devesse desperdiçar as suas palavras de amor na tua presença.

Ele fala do amor de Jesus, o Nazareno. Ouvi na Síria falar do feito deste Homem, e sei que tal sacrifício como o Seu nunca tocará o teu coração frio." "Estrangeiro," disse ela a Paulo, "Fortunato ama apenas a si próprio e às suas próprias vaidades. Ele não terá entendimento das tuas palavras. Mas eu, que mesmo no meu pecado aprendi a amar, estou comovida por esta fábula de um Poderoso que tomou carne e, sendo desprezado, perdoou àqueles que amontoaram desprezo sobre Ele, que amou até aquele que O traiu." E Paulo questionou a mulher.

Pois ele ficou maravilhado com o conhecimento dela acerca de Jesus. Ela disse-lhe que era da Síria, que Dámaris não era o seu nome verdadeiro, mas a palavra que lhe fora posta pelo povo na praça do mercado. Paulo fitou-a nos olhos, procurando ler o enigma da sua alma. E, por causa da dor que ali estava, falou-lhe ternamente, dizendo: "Percebo que todo o teu ser está atormentado por um grande anseio, filha. Percebo que ele reuniu a noite ao redor do teu coração e que tens diante de ti uma tentação que é poderosa. Afasta-a de ti enquanto ainda há tempo. Volta-te para Cristo, meu Mestre. Ele ajudar-te-á a conquistar este mal." Mesmo enquanto ele falava assim, a mulher fugiu dele, chorando amargamente.

Fortunato revelou-lhe a história dela. Ela é uma mulher das *hetairai*. Foi amada por muitos e sempre foi fria como as fontes nas montanhas. Tal é a história dos homens que a admiram em Atenas. "Ela é afamada pelo seu

engenho e beleza, pelo que é grandemente desejada. Contudo, desde a primeira hora que a odeio, porque temia a sua estranheza e a sua ferocidade, que é do Oriente e dos filhos do sol. Ela afastou de si os seus ricos amantes, procurando-me a mim dentre todos os homens, lançando-se aos meus pés, procurando vencer-me através do poder dentro dela que triunfara sobre outros.

Numa hora de tolice, quando estava embriagado com vinho, dei-lhe aquilo a que ela chama amor. Não foi senão a coisa má que se move dentro do homem quando o licor das uvas aqueceu o seu sangue e aquietou o seu entendimento. Desde essa altura, ela tem-me vigiado e armado diversas armadilhas para mim, sabendo muito bem que estou ligado por palavra e por desejo a outra."

Paulo disse-lhe: "Esta é uma matéria difícil, pois ela está imersa no mal e, no entanto, há um anseio pelo bem e o seu espírito não está morto dentro dela. Conduz-me a ela noutra hora."

Então Fortunato perguntou a Paulo se poderia ser da sua companhia, e procurou Acaico, um que partilhava do seu comércio. E estes dois contenderam com Paulo a respeito da vida e da morte e do mistério de tudo. Acaico era um homem simples que logo foi ganho para Cristo. Mas o Epicurista, embora acreditasse nos milagres e na história de Jesus, não renunciava ao seu júbilo nos ídolos da cidade, defendendo que, porque eram belos, eram bons. Enquanto ele falava assim, Paulo respondeu: "A mais má das mulheres pode ser bela, contudo elas são uma abominação à vista dos seus semelhantes. Tu procuras estabelecer como teu Deus o que é uma exibição exterior. A imagem deve estar no santuário, acalentada nos lugares santos da tua alma, nas tuas partes interiores."

E Paulo raciocinou com outros Epicuristas, que se aglomeravam ao seu redor quando as palavras do seu discurso caíam na sua audição. Estes atenienses amavam o discurso na praça do mercado. E alguns deles escarneciam do estranho, pois era o seu júbilo lançar a poeira do seu raciocínio sobre aquele que ousava falar do mistério da vida na sua cidade. Com esta poeira procuravam cegar Paulo, prendê-lo com ditos tolos, que eles consideravam palavras de sabedoria, que pudessem confundir o viajante e fazer dele um divertimento para os seus companheiros.

Um gritou: "Deus é um número que contém todos os números, por isso há muitos deuses. E, como podeis perceber, a nossa cidade busca todos os deuses de boa reputação entre as nações da terra. Mas o teu Deus, ó estranho, parece ter sido de má fama e sem força porque foi morto por homens mortais."

Um Estoico gritou: "Tu procuras afastar-nos da busca da verdadeira sabedoria com a tua história de um Deus, quando não há nada senão o destino que nos compele a viver de acordo com a regra. Há na verdade apenas o fogo sempre fluente que nutre toda a vida, que desperta o homem por um breve espaço. E assim como o fogo se eleva, tremeluz e morre, assim o homem trabalha e vive cegamente e, talvez, tolamente, e depois morre quando a chama interior regressa ao Dador, não deixando nada senão um pouco de poeira, que é a soma do homem na morte, um pouco de poeira e, talvez, um pensamento passageiro em alguns corações."

Um terceiro contendeu com Paulo a respeito de milagres operados pelo Mestre Cristo. E declarou: "Se um homem fosse ressuscitado dos mortos diante dos meus próprios olhos, isso não me faria acreditar que um operador de prodígios, através do Espírito do teu Deus, tivesse assim conquistado o corpo, chamando de volta a chama que se move e faz viver. Pois não sabemos o significado da vida ou da morte. Não podemos dizer que este homem está morto porque a sua respiração não vem, porque os seus membros estão pesados e frios.

Quem pode dizer os sinais dos mortos? Quem pode ler as mudanças dentro de cada homem? Pelo que não há milagres nos quais possamos acreditar. Para cada mistério no vasto mundo há uma resposta, se a pudéssemos encontrar. Cada porta pode com o tempo ser aberta pelo homem através do seu entendimento. Não há Deus, nem mesmo Um invisível, desconhecido. Tudo está dentro do homem. Não há nenhum Poder poderoso acima dele ou abaixo dele."

Um quarto disputou com ele, dizendo: "Não, não, Deus está em toda a parte. Ele é sem forma e como o vento, Ele é o sopro das criaturas vivas, o mover da vida dentro da besta, a parte mais alta e nobre do homem."

Então Paulo tomou a palavra, dizendo: "Ele é um Pai amoroso. Todos nós somos Seus filhos. Não é nenhum destino cego que move o nosso ser. Pois o destino não pode saber, não pode planear, não pode chamar as

estrelas para fora da escuras, fazer o sol viajar pelo céu, a lua acender a sua lâmpada de prata quando o dia termina, a chuva cair e nutrir a terra, o trigo crescer e dar-nos pão. Todas as coisas foram criadas por Ele. Ele é o Misericordioso, que no Seu próprio tempo virá julgar a terra com justiça e verdade. Vós falais do homem como uma chama e como um pouco de poeira. Acreditais, portanto, que ele lutou e trabalhou em vão, sofreu e operou em amarga angústia muitas obras poderosas para que pudesse terminar como um punhado de terra, que é com o tempo pisado no chão pelos pés das gerações. Ó tolos, os vossos próprios corações, as vossas mentes negam esta lastimável morte.

Mesmo se não tendes sido como eu, uma testemunha de milagres, mesmo se não tendes entrado em conversa com os anjos; contudo a vossa razão, que é o orgulho dos atenienses, instruir-vos-á de que o corpo é um vaso que qualquer homem pode quebrar ou destruir, mas nada pode fazer com que a alma do homem pereça. Essa alma é a ministra do vosso corpo, na medida em que criou em pequena medida, assim como o grande Pai de tudo criou tudo. Assim, pela razão, como pela fé, sabemos que esta vida não é senão como a terra para as raízes da árvore. Quando o caule se elevou acima da sua face escura, então o homem, de igual modo, se elevou do túmulo.

Para aqueles que trabalham apenas para fazer o que é justo e santo, aguarda-os uma nova vida, uma paz da qual não tendes conhecimento. Aqui preparamo-nos nas trevas para la luz. Aqui vagamos na estranha penumbra da carne. Ela tem apenas de cair e encontraremos a verdade. Estamos prisioneiros na forma da morte enquanto usamos este corpo vil. Sejamos libertados dele e entraremos na vida, passando para sempre do desmaio da terra com as suas escuras perplexidades, as suas dores malignas."

E quando Paulo começou a falar de Jesus, os homens que o escutavam murmuravam uns com os outros. Fizeram um clamor quando ele lhes ordenou que perdoassem o pecador, socorressem o pobre e vivessem em caridade com o seu próximo. "Tu roubaste as palavras dos instrutores," bradaram eles, "tu não pões nenhuma glória nelas. Os nossos homens sábios proferiram tais ditos, mas eles eram belos quando moldados por eles. Tu és um artífice sem perícia, um ladrão de sabedoria. Vai-te daqui, parte

de Atenas para que não façamos com que sejas preso como um impostor, um que negoceia com as moedas falsas da mente."

Ora, ela amava grandemente e não havia nada que resistisse ao seu prazer. Pois os homens acumulavam ouro e pedras preciosas sobre ela, e ela era aclamada como uma das maravilhas de Atenas por causa da sua beleza. Mas nem o louvor do povo nem o seu tesouro lhe davam mais alegria. Fortunato desdenhava-a e favorecia uma donzela virtuosa chamada Auleeta, a quem ele buscava em casamento. Ela era simples como a canção de um pastor.

Não havia astúcia nem pensamento de mal no seu coração. Ela não se aventurava muito fora. Contudo, às vezes, ela, na companhia de um escravo, passava pelas ruas e ia adorar os deuses. Ora, Dámaris odiava-a e ansiava falar com ela e oferecer-lhe a vida, se ela se separasse de Fortunato, ou a morte, se declarasse que o amava e estava ligada a ele. Dámaris, através de um que a amava, tinha obtido que esta donzela se encontrasse com ela perto da imagem da Deusa que ficava a um tiro de pedra de onde Paulo vira o sol nascer sobre Atenas.

Contudo, as palavras dele tinham perturbado a sua alma. Esta fora despertada do seu longo sono de mal pela grandeza do seu poder. Pois ela, que não era intimidada por nenhum homem, tinha chorado como uma criancinha quando o santo tinha agitado os segredos do seu coração, como um poço com uma lança é agitado. Ele conhecia e no entanto não conhecia o desígnio dela. Ela temia-o como homem e adorava-o como um que era maior do que os homens. Ela temia as verdades que ele ensinava. Ela gloriava-se naquela estranheza que o definia à parte de todos os outros. Ela acreditava que se matasse esta mulher, uma maldição seria colocada sobre ela como o sopro do vento do norte, matando a sua beleza e o seu amor.

E aconteceu que, a mando de Paulo, Acaico, que era agora um irmão em Cristo, procurou Dámaris e conduziu-a ao lugar de disputa. Ali, na sombra de grandes pilares, o santo caminhava, falando a um e a outro segundo a maneira dos atenienses. Quando a mulher o saudou, ele afastou-se da companhia dos gentios e questionou-a, com os seus olhos fixos nos olhos dela. Ele era como um pescador trespassando com a lança as profundezas da alma dela. O Espírito tinha-o instruído de que o desígnio desta mulher era mau; e embora o conhecimento do pecado lhe fosse dado, ele não podia dizer qual era a sua espécie.

Por isso, repreendeu-a pela vida imunda e disse-lhe que nenhum servo do Mestre deveria passar os seus dias em lascívia, em práticas que eram uma abominação à vista de Deus. "Filha," declarou ele, "percebo que o teu coração está fixo neste pecado, percebo o peso do mal que está sobre ti. Não escutes mais os demónios sussurrantes da carne, desvia-te deles e arrepende-te. Então aquele amor que buscas ser-te-á, talvez, concedido. Mas se não afastares de ti esta maneira impura de vida, então na verdade serás cortada daquela verdade e alegria no Mestre que governa sobre tudo e que julgará cada um de nós quando Ele vier.

Ninguém pode escapar d'Ele. Foge para a montanha e Ele encontrar-te-á. Busca abrigo nos bosques e Ele virá sobre ti. Pois todos serão julgados e em breve será essa vinda de Jesus, o Nazareno. Tu aprendeste d'Ele na Síria. Se não te arrependeres das tuas impurezas, então serás lançada nas trevas."

Muitas palavras de repreensão foram proferidas por Paulo porque Dámaris falava com desprezo e com ira de tal ensinamento. Era estranho para ela. Pois ela era tida em alta estima naquela cidade dos idólatras. Pelo que ela não conseguia perceber nenhum mal na sua vida poluída. Todos os homens falavam bem dela na sua presença. Assim, o seu medo e respeito por este grande santo mudaram-se em ira. Ela chamou um dos jovens que esperavam por ela e ordenou-lhe que escutasse as censuras do instrutor.

E este homem declarou que iria ferir e esmurrar Paulo, que ele era um bárbaro a quem não seria permitido proferir tal mal a respeito da flor de Atenas. Contudo, Dámaris ordenou-lhe que fosse calmamente. "Paulo gloriar-se-ia," declarou ela, "em tais golpes." Apenas através do raciocínio subtil dos Homens de Sabedoria poderia ele sofrer; pois eles confundi-lo-iam rapidamente e mostrariam que ele não passava de um criador de tolices, um tecedor de fábulas maliciosas. Ele seria o escárnio de Atenas e nenhum homem faria caso das suas palavras.

Ora, quando a ira e o ódio se movem na mulher de pecado, eles são como veneno amargo. Uma estranha loucura veio sobre Dámaris. Ela tinha bebido tão profundamente deste trago que não podia senão ser possuída com a febre que causa atos de sangue, que causa muito mal enquanto o veneno imundo opera através de todas as veias. A hora aproximava-se em que ela devia ir para o lugar de encontro perto da imagem da Deusa da

Fartura e da Alegria. Na sua companhia estavam dois eunucos, escravos que eram a dádiva de um romano para ela.

Estes estavam jurados a fazer a sua vontade em todas as coisas. E porque eram brutais, eles apenas podiam servir o seu propósito nesta hora. Assim foi que eles foram armados na companhia dela e depois, a um aceno dela, recuaram para trás das imagens aglomeradas. Ela permaneceu sozinha, voltada para o pôr do sol, esperando pela vinda da donzela, enquanto o dia introduzia o crepúsculo. E a Serpente do Mal guerreava com o seu novo conhecimento do Cristo. Ela ansiava regressar para Paulo, lançar-se aos seus pés e suplicar-lhe que expulsasse de si a criatura que a fazia desejar la morte daquela que tinha a preciosa vela da virtude para iluminar o seu caminho. Ela acreditava que se a tivesse possuído, Fortunato teria vindo para ela e a teria escolhido dentre todos os outros. Agora, não havia nada que pudesse contender contra o mal passado da sua vida. Pelo que as palavras de Paulo eram como aguilhões, picando-a em direção a este caminho mau.

Ainda assim, as palavras do santo a respeito da prestação de amor uns aos outros perturbavam a sua mente. E veio à sua audição uma voz que gritava, dizendo: "Através deste ato perderás o amor, não o ganharás. Só podes ganhá-lo não odiando mais a tua irmã, deixando-a passar por ti em toda a segurança e paz." Então Dámaris procurou entre os ídolos pelo possuidor da voz e chamou pelo falante em vão. Não veio resposta. Nenhum estranho estava oculto entre estes observadores de mármore, madeira e pedra. E eis que ela acreditou que um deles tinha proferido as palavras, e gritou para eles. Contudo, novamente não veio resposta.

Então toda a sua mente foi possuída pela criatura. Pois aproximou-se dela Auleeta, a noiva de Fortunato. A donzela perguntou à mulher velada por que razão tinha desejado falar com ela. E rapidamente foi feita a resposta. Dámaris declarou que um grande mal tinha sido planeado por uma senhora romana que era poderosa e não podia, de forma alguma, ser contrariada. "Ela tomou conhecimento de que estás noiva de Fortunato," disse Dámaris. "Ela, portanto, jurou fazer-te matar. Tomei conhecimento do desígnio dela pelos seus próprios lábios. E embora a tema, contudo não permitiria que este ato imundo fosse operado. Por isso te procurei através do serviço de um amigo. E suplico-te que te desvies deste teu amor que causará a tua morte. Não fales mais com Fortunato. Ordena-lhe que

regresse a Corinto. Então serás salva desta morte que te aguarda. Tu és jovem, e tens muitos anos diante de ti se quiseres deitar fora este amor e voltar para Fortunato os olhos frios de um estranho." Auleeta respondeu: "Não posso destruir o que está tão enraizado dentro de mim que a sua passagem causaria a minha própria destruição.

Escolheria o caminho para o Reino dos Mortos se Fortunato me fosse negado. Tu és uma mulher estranha; falas de rumores vãos, talvez. Não darei importância a nenhuns ditos teus." Então Dámaris proferiu palavras iradas, gritando: "Apaga a tua tocha de vida. Escolhe o caminho obscuro para o povo sombrio que aguarda a tua vinda. Lutei para te salvar desta morte certa. A mulher é sem misericórdia, aquela que procura destruir-te. Mas como escolheste este fim, não suplicarei mais contigo." E Dámaris passou da vista de Auleeta.

Grandemente perturbada ficou a donzela pelas palavras desta estranha. Ela chamou o seu escravo para junto de si e aconselhou-se com ele. Ele consolou-a, declarando que a mulher estava louca e que as suas palavras eram de nenhuma importância. E ordenou-lhe que estivesse de bom grado e regressasse rapidamente para a sua habitação, pois a noite estava a cair dos céus. Assim, ela seguiu em frente na companhia do seu escravo e, enquanto passava pela imagem da Deusa que segurava a maçã e a flor, os eunucos caíram sobre ela e sobre o seu servo.

Eles mataram-nos rapidamente, não fazendo nenhum som, manchando o ídolo com o sangue da juventude, não demorando, fugindo para as trevas. Assim foi cumprido o ato de Satanás que Paulo percebera no coração de Dámaris, quando ela permanecia ao lado da imagem do mal no início do dia. Ele não tinha interpretado a forma do seu designio. Pois é apenas de modo obscuro que até os mais santos vêm e leem os sinais do que jaz ao redor de cada viajante que jornada através do deserto da terra.

CAPÍTULO IV SILAS E TIMÓTEO LEVAM NOTÍCIAS A PAULO DAS IGREJAS EM TESSALÓNICA E FILIPOS. FORTUNATO E ACAICO CONFESSAM A SUA CRENÇA EM CRISTO.

SILAS[1] e Timóteo foram levados por um vento favorável até Atenas. E o seu irmão em Cristo ficou grandemente jubilado quando eles o saudaram. [1] Silas e Silvano eram um e o mesmo. Ele era cidadão de Roma, embora viesse da Judeia. Pois ele não tinha nenhum dos irmãos

para lhe fazer companhia. E parecia reunir-se ao seu redor um vapor tão forte de mal que as suas orações não o podiam combater de forma alguma, e a fé abandonou-o por um tempo. Ora a alegria foi sua, quando soube que os irmãos em Tessalónica se mantinham firmes na fé, embora grande tivesse sido a sua tribulação. Houvera, em verdade, certas divisões entre eles, porque tinham pouco conhecimento da ordenação da Igreja.

Ainda assim, havia muitos gentios que acreditavam, e ansiosos estavam eles por servir o Mestre. Evágrio, que também era chamado Aristarco por causa do parentesco de sua mãe, tinha atraído alguns homens de riqueza e reputação para o rebanho. Jason tinha lutado com os judeus que ainda contendiam contra ele. Havia muitos mais gregos do que judeus entre os crentes porque Nethan não cessava no seu trabalho de mal. E com muito discurso tinha ele voltado todos os adoradores da sinagoga contra o santo.

Paulo ficou de coração pesado quando soube que não poderia regressar a Tessalónica, onde o campo era fértil, onde os homens não eram como imagens de pedra, mas odiavam a Cristo ou acreditavam em Cristo, lutavam contra o Mestre ou entregavam todos os seus corações a Ele.

Os magistrados, que tinham sido escolhidos para governar, foram os que decretaram que Aristarco e Jason deviam ser fiadores pelo banimento de Paulo. Assim, perderiam todos os seus bens e, porventura, a sua vida, se o santo regressasse àquela cidade, a qual ele havia arrancado das trevas da ignorância.

Era necessário que o ensinamento relativo ao governo da Igreja lhes fosse levado. Pois eles andavam errantes como palha ao vento, profetizando muitos que eram ignorantes e acreditando-se possuídos pelo Espírito quando nenhuma luz havia ardido dentro deles.

Assim, Timóteo, que podia ordenar sabiamente as diversas partes na construção de uma igreja, foi escolhido como mensageiro de Paulo para os santos em Tessalónica.[1]

E determinou-se que Silas não se demorasse ali, mas levasse as palavras de consolação e de verdade aos filipenses, quando faria um exame da igreja, escolhendo aqueles que deveriam ser anciãos, deixando contudo a Lucas e a Lídia o governo dos irmãos.

[1] Timóteo era muito querido de Paulo. A sua gentileza acalmaria uma certa inquietação impaciente que, às vezes, parecia consumir o santo. Timóteo tinha a suavidade que se diz ser a porção das mulheres. Paulo não casou. Pelo que, porque não tinha filhos, Timóteo preenchia para ele o lugar de um filho. Este discípulo diferia muito de Paulo. Não possuía nem o seu fogo, nem a sua força, nem a sua severidade. Dado que um era tão diferente em espécie do outro, estavam tanto mais estreitamente unidos.

Paulo estava duvidoso em mente quanto ao seu próprio encargo. Ele defendia que o povo da Macedónia era o escolhido do Espírito; pelo que ele deveria estar entre eles. E exortou seriamente os dois santos, antes de partirem, a que regressassem depressa para junto dele com notícias dos seus filhos em Cristo, na medida em que acreditava que poderia trabalhar durante toda a sua vida entre estes Criadores de Palavras, e contudo não abrandaria a sua dureza de mente nem ganharia nenhum deles para Cristo; estando eles metidos num caixão no seu próprio orgulho tolo.

E assim, quando os irmãos partiram, Paulo lutou em oração, suplicando ao Senhor que lhe concedesse a paz que tinha perdido, que afastasse os muitos medos que o assaltavam, que lhe desse ao menos um entre estes pagãos para que o seu trabalho em Atenas não fosse em vão.

Mesmo enquanto suplicava assim ao seu Deus, Fortunato e Acaico entraram para junto dele e disseram-lhe que o seu comércio com os mercadores em Atenas estava terminado, e que regressariam a Corinto.

Acaico declarou a sua crença em Cristo, dizendo: "Até Fortunato concorda com o teu ensinamento e está afastado da sua crença na hora presente."

Então Fortunato disse ao santo que tinha sido ganho pela maravilha das palavras de Cristo e pela Sua ressurreição do túmulo. "Na primeira hora do teu discurso," disse ele a Paulo, "acreditei que esta história de uma ressurreição do corpo era uma tolice construída pela tua mente. Mas agora que me transmitiste os ensinamentos de Cristo, acredito que Aquele que podia falar desta maneira maravilhosa podia também fazer o Seu corpo morto erguer-se e caminhar mais uma vez. Verdadeiramente Ele não é, como disseste, um homem; Ele é o Filho de Deus. Por isso lancei de mim a casa de ouro do prazer construída pelo ensinamento de Epicuro, que era um

homem sábio, e no entanto tinha apenas a luz da sua própria mente para o guiar. E essa é baça como uma estrela distante ao lado da luz de Cristo."

E Acaico disse a Paulo: "Mestre, tu não prevalecerás em Atenas. Pois aqui os homens são pecadores no entendimento. O povo de Corinto peca no corpo. Assim, embora a sua corrupção seja poderosa, contudo podes agarrá-los pelo seu entendimento, o qual não está fixo como uma imagem esculpida. Tu, porventura, operarás de tal modo sobre ele que os homens de Corinto aprenderão a servir o teu Mestre e acharás de certeza aqueles que não escarnecerão, mas te escutarão. Alguns dos habitantes são comerciantes, e alguns são pobres e marginalizados, pelo que estão ávidos de notícias de um mundo de maravilhas além do túmulo. E todos os nossos homens sábios proferem tolices quando lançam as suas mentes sobre o tempo em que o corpo é deitado na terra e aquele que nele vivia, a quem amávamos, se desvaneceu dele, já não está lá, já não está, talvez, em parte nenhuma, de acordo com os ensinamentos dos nossos filósofos."

Paulo deu a estes dois coríntios bom conselho. Contudo, não fez promessa da sua vinda. Assim, eles partiram de junto dele, e mais uma vez o Santo estava sozinho naquela grande cidade. Nenhum daqueles que eram do parentesco da sua mente estava ao seu redor. E grande é a solidão daqueles que não têm nenhum irmão de coração e de alma na sua companhia quando os estranhos se aglomeram densamente ao seu redor. Paulo amava ter perto de si os irmãos que o amparavam nas suas aflições e nas suas provações. Pois os humores escuros da tristeza reuniam-se quando ele habitava em solitude por uma temporada.

Azan, com quem ele se hospedava, comerciava com Secundo, mas não era de forma alguma da sua espécie. Ele amava moedas de ouro, e todos os seus dias passavam em trabalho para que o seu tesouro pudesse aumentar ainda mais rapidamente do que os seus anos. Ele tinha lançado ditos azedos a Paulo porque o santo lhe falara a respeito da prestação de dádivas àqueles que estavam necessitados. E tinha perguntado a Paulo se este buscava esmolas dele, alojamento, comida e bebida, e desta maneira acreditava que poderia obtê-los sem trabalhar para isso.

Ora, o santo tinha dado ao seu anfitrião o preço que lhe tinha sido exigido. E deu uma resposta gentil, dizendo: "Irmão, não procuro a caridade dos outros. Não há trabalho por salário nesta cidade que eu possa

encontrar. Contudo, não serei um fardo para ti e pagarei o teu preço ou partirei da tua habitação."

Então Azan ficou envergonhado, e ordenou ao santo que permanecesse com ele, pedindo-lhe perdão. Contudo, uma má semente foi semeada na mente deste judeu pelas palavras de Paulo a respeito da prestação de dádivas aos necessitados, e deu fruto na devida temporada.

CAPÍTULO V

TEMENDO A HOSTILIDADE DOS HOMENS SÁBIOS, OS JUDEUS PROÍBEM O ENSINAMENTO DE PAULO NA SINAGOGA.

NO Sábado, Paulo entrou na sinagoga e pregou Cristo aos judeus. Havia muitos reunidos para adorar naquele Santo Lugar; eram comerciantes prósperos e não homens que buscassem o conhecimento. Por isso, fecharam os seus corações à pregação do Apóstolo. Não mostraram nem zelo nem desejo de aprender mais de Jesus.

Paulo questionou o chefe da sinagoga a respeito deles. E o chefe deu resposta, dizendo: "Tu acreditas que estes homens não têm entendimento do teu ensinamento. Não é assim. Eles temem-te, e pediram que não pregues mais na sinagoga." O chefe desejava que Paulo não levantasse mais a sua voz nela. Contudo, não revelaria por nenhuma palavra a razão para este julgamento severo.

Foi através de um judeu que acreditava, que Paulo soube por que razão tinha ofendido. Os Criadores de Palavras tinham sido despertados para a ira porque, quando Paulo ensinava na ágora, ou nos pórticos, o povo abandonava-os e reunia-se ao redor do novo instrutor. Estes homens sábios defendiam que Paulo era tão ignorante e pesado como os bois, não tendo nenhuma graça no seu raciocínio, nenhuma subtileza de doutrina para entregar. Por isso, tramaram contra ele.

E um deles, Mégacles, foi por entre os judeus dizendo-lhes que este compatriota deles procurava estabelecer, em Atenas, um novo Deus chamado Jesus, que a lei proibia o levantamento de qualquer Deus do

estranho. Era uma ofensa contra o bem comum, e eles e Paulo seriam arrastados a julgamento se ele continuasse a pregar na sua sinagoga.

Então estes judeus, que desejavam apenas as coisas desta vida e temiam a perseguição, declararam aos chefes da sinagoga a sua vontade a respeito de Paulo. E embora o Santo lhes suplicasse que lhe permitissem continuar o seu ensinamento no Santo Lugar, eles não o quiseram escutar, mas ordenaram-lhe que partisse de Atenas e declararam que ele viera para o meio deles para fazer uma agitação e um tumulto.

De comum acordo, estes prósperos mercadores voltaram as suas faces de Paulo e não quiseram falar com ele. Assim, ele foi constrangido a falar apenas aos gentios.

E pareceu-lhe, naquele tempo amargo, que todo o amor e beleza tinham murchado em Atenas. Para a sua mente, não havia senão fealdade ao seu redor, os judeus buscando riquezas, os gentios uma tolice de ditos vãos. E aqui, na grande cidade dos gregos, rica em sabedoria, rica em exibição exterior, não havia compaixão, nenhum pesar pelo pesar de outrem. Pelo que, até os homens de virtude eram mendigos e os homens de luxúria abundavam.

CAPÍTULO VI

DIONÍSIO CONVIDA PAULO A SUA CASA UMA NOITE PARA QUE POSSA ESCARNECER DO SEU ENSINAMENTO PERANTE OUTROS NOBRES ATENIENSES. PAULO VENCE ESTES HOMENS DOUTOS ATRAVÉS DO PODER DO ESPÍRITO.

ORA, habitava em Atenas um homem tido em alta honra, que se chamava Dionísio. Era um homem de riqueza e aprendizagem. Tinha muito discernimento e muitos dependiam das suas palavras. Ele era como uma abelha que tivesse provado cada flor. O conhecimento das doutrinas dos filósofos guerreantes era seu. A aprendizagem da Pérsia e do Oriente tinha sido coligida por ele nas suas viagens. Participava muito nos Mistérios e era conhecido como um dos Guardiões da Sabedoria. Poucos eram estes em Atenas, pelo que eram grandemente estimados. Pois defendia-se que o conhecimento pode inundar a mente do homem, passar através dela como o rio veloz, e contudo esse homem ser um tolo. Apenas para aquele em cuja mente cai, gota a gota, a filosofia da vida e da morte, pode restar a suma da verdade, todo o plano da terra.

Ora, Dionísio não proferia muitas palavras. E tão estranhamente distorcidos eram os ditos que proferia que poucos tinham entendimento do seu significado. Pelo que, porque não sabiam o significado das suas palavras, saudavam-no com o título de "Guardião da Sabedoria". Recolhiam as suas expressões como ouro, aclamando-as. E Dionísio sabia, no seu coração, que estas parábolas, dadas por ele aos Estoicos e Epicuristas, eram sem sentido e não tinham nelas mais do que o som alto das águas a bater na praia. Mas ele não contava a nenhum homem o seu segredo; ria e divertia-se porque os Filósofos o estimavam através do seu próprio medo de que se fizesse divertimento deles, se declarassem que as suas palavras eram uma confusão que não continha nenhum significado dentro delas.

Assim, a riqueza deste mundo e a adoração tola dos Homens Sábios de Atenas faziam com que Dionísio vivesse sem cuidado, passando os seus dias na companhia dos seus semelhantes, deleitando-se na vida e nos prazeres pagãos da cidade. Ele amava apenas a sua irmã Auleeta. Ela estava ao seu cuidado. E por causa dela ele não buscava a companhia de outras mulheres, exceto apenas de Dámaris às vezes. E Dámaris sozinha não acreditava na sabedoria dos seus ditos, e fazia pouco dele, escarnecendo da adoração do povo por ele.

Ora, Mégacles sabia que se Dionísio condenasse Paulo, lhe chamasse um tagarela de tolices, um tolo e um hipócrita, o povo já não escutaria este estranho. Ele tornar-se-ia o escárnio de Atenas. E Mégacles ficou grandemente animado quando Dionísio lhe declarou que não acreditava que a alma do homem vivesse após a decadência e o passar do corpo, que acreditava que esta terra tinha vindo do vazio e regressaria ao vazio novamente, que tudo era e não era, que a criação era a única verdade; e por criação ele significaria a terra visível.

Muita outra tolice foi proferida pelo Guardião da Sabedoria. E quando terminou, Mégacles gritou: "Mestre, todo o conhecimento dos antigos é teu. Gostaria que o exibisses perante o estranho, um sírio e um impostor, que veio a Atenas, um tal Paulo de Tarso. Ele deleitar-te-á por causa da sua ignorância, porque se acredita um homem de aprendizagem, quando sabe menos do que o pastor nas colinas, do que os cabreiros de Hélade."

E Dionísio disse: "Farei um banquete e convocarei os meus amigos. Então conduz este judeu ignorante até mim. E faremos divertimento dele,

atormentando-o com perguntas difíceis e armando-lhe ciladas; para que possamos ensinar-lhe que apenas na nossa cidade há sabedoria e a luz do verdadeiro conhecimento. A estes hebreus, com as suas fábulas estranhas, deveria ser mostrado que na presença dos gregos cabe-lhes estar em silêncio. A nossa sabedoria durará longas eras depois de a deles ter passado das memórias os homens."

Ora, Dionísio não tinha simpatia pelos judeus. Não tinha feito nenhum estudo profundo do seu ensinamento. Pelo que Mégacles acreditou ter encontrado um meio pelo qual Paulo poderia ser desconfortado e expulso de Atenas. Ele foi ter com o santo e convidou-o para a habitação de Dionísio, que desejava aprender da sua doutrina.

E quando a noite se aproximou, aqueles entre os amigos deste nobre ateniense que eram afamados pelo engenho e pela descrença reuniram-se ao redor da sua mesa, divertindo-se e aclamando o sal da sabedoria que era possessão exclusiva do senhor da casa. Dionísio ficou grandemente jubilado com a presença desta companhia e declarou que a felicidade era sua, e nenhum desgosto ou adversidade se podia aproximar dele; porque tinha escolhido viver como um vidente, viver de acordo com a medida, desejando apenas ser o governador das palavras naquela cidade. "Quando procurais governar os homens, há problema e perplexidade suficientes diante de vós para preencher todos os dias da vossa vida," declarou ele. "Quando procurais governar através do discurso e do entrançamento de palavras, então estais livres de perplexidade e de problema. Pois se fordes rápidos de engenho, estais blindados contra os ciúmes e as perplexidades dos homens. Assim, sou suficiente para mim próprio, e a minha felicidade é como uma torre construída sobre uma rocha. Nenhuns ventos ou mar a correr a podem deitar abaixo."

E quando a ceia terminou, Dámaris entrou para junto dos festeiros para os deleitar com a sua beleza e as suas palavras. Contudo, ela não havia de permanecer alegre, pois mesmo enquanto se divertia, Mégacles declarou aos convidados que Paulo estava lá fora e que todos se deviam agora preparar para testemunhar o seu desconforto, pois Dionísio provaria que ele era um jactancioso e um mentiroso em palavras e nas suas profissões. Então houvera muita aclamação. Mas Dámaris ficou grandemente perturbada, e suplicou ao senhor da casa que proibisse a entrada a Paulo. Pois ele levar-lhes-ia melancolia e má dissensão. Contudo, Mégacles não

quis ser contrariado. E o santo foi conduzido à presença daquela nobre assembleia.

Ele não quis provar nem vinho nem pão. E ao passar por Dámaris, fitou-a com tanta severidade que ela gritou, declarando: "Não cometi nenhum ato mau. Por que me acusas?" "Ele não fez nenhum som, não proferiu palavra," disse Mégacles, que estava muito maravilhado com este dito estranho. E a mulher guardou silêncio. Contudo, estava amedrontada, e o seu rosto estava mais branco do que o marfim pálido ao seu redor naquela câmara.

E quando Dionísio saudou Paulo, falando-lhe com brandura, disse-lhe: "Tomei conhecimento de que trazes a Atenas uma nova doutrina que brotou e floresceu na Síria, a respeito da natureza desta nossa velha terra. Verdadeiramente, tudo o que aparece é o que importa para a minha mente; o que não podemos ver, o que está no invisível, nunca o saberemos. O homem é Deus, porque Deus é substância que não perece e não passa. Cada homem é um fragmento dessa substância, e ele é mortal naquilo em que, quando morre, tudo o que o faz ser um perece. Contudo, ele é imortal, na medida em que aquilo que era esse homem é ainda um fragmento dessa substância e muda apenas a sua forma.

Assim, o que criamos dentro de nós, as nossas memórias, os nossos amores, os nossos ódios; o que é mais querido em nós perece, e apenas aquilo que está sempre a mudar em nós não perece, vivendo eternamente em miríades de formas, quebrando-se apenas para se unir novamente. Uma coisa de pouca importância é a vida de qualquer homem. Pois ele não é senão a carne mutável que percebemos. Assim como a planta e o inseto é este homem. Para ele, portanto, tal como o conhecemos, não há nada além da vida deste corpo, deste dia que desvanece velozmente."

E Paulo levantou a sua voz dizendo: "Mestre, tu és o possuidor da aprendizagem dos sábios. Trago-te não aprendizagem, mas a verdade tal como me foi declarada. Não posso com ditos difíceis deleitar os teus ouvidos. Posso apenas dar as notícias de Jesus, meu Mestre, o Ungido. Tu quererias fazer-me acreditar que o homem é a criatura do seu corpo, que quando morre não há vida do espírito para ele. Pois o que eu chamo espírito é, nas tuas palavras, la parte mais fina do corpo. Contudo Jesus, de quem falo, operou maravilhas que nenhum ser que decai e morre poderia operar noutros homens.

Ele curou os doentes com o toque das Suas mãos. Ele fez com que o leproso ficasse limpo com a luz dos Seus olhos. Ele soprou sobre os cegos e, eis que a vista foi deles desde aquela hora. Ele chamou um homem morto do túmulo. E ele, que jazia nas amarrações da sepultura, veio para fora e caminhou entre o seu povo, vivendo muitos anos."

E Dámaris gritou: "É uma mentira. Os mortos não podem viver novamente sobre esta terra." E temíveis eram os seus olhares enquanto gritava, e todos os seus membros tremiam, de modo que a companhia se maravilhou e perguntou o que a afligia para que tremesse assim. E desejaram que ela saísse dali se a doença estava sobre ela. Contudo, ela permaneceu, observando o Santo enquanto ele falava a estes homens tolos dos sinais e prodígios operados por Jesus. Ele não Lhe chamou Deus, pois temia que acusação pudesse ser feita contra ele, de que seria arrastado perante o juiz como alguém que procurava estabelecer um novo Deus em Atenas, e então todos os seus trabalhos seriam em vão. Ele sabia que não devia dar a sua vida pelos atenienses. Eles não eram dignos do sacrifício. Não os faria acreditar.

Paulo mostrou que os milagres de Cristo eram um sinal e um testemunho do Espírito para a parte imperecível do homem. Falou de certos dos discípulos, a quem tinham sido dados poderes de modo a que eles também curavam e faziam obras de maravilha que estavam além do poder apenas do corpo do homem. Os homens que escutavam murmuravam e riam. Não queriam acreditar. Nem havia qualquer crença a ser percebida no semblante de Dionísio. E ele aclamou Mégacles quando este disse àqueles ao seu redor: "O fabricante de fábulas está para o filósofo como o frequentador de prostíbulos está para a mulher virtuosa."

E Paulo voltou-se para ele em ira, dizendo: "Estas notícias das obras de Jesus, meu Mestre, não são fábulas. Muitos deram testemunho delas. E muitos que são sábios e podem discernir a verdade creem em Jesus e no Seu ensinamento."

Então Dionísio interrompeu o discurso do santo, dizendo: "Tu contaste-nos histórias estranhas, e é difícil para nós, atenienses, acreditar nelas. Pois todas as histórias de maravilhas do mundo são trazidas a esta cidade. Tu declaraste que não apenas Jesus, mas os seus seguidores podem operar maravilhas, podem com sinais mostrar ao povo que há dentro deles um poder que não é do corpo, um espírito que não perece, para quem há

uma vida eterna. Ora, tu és um seguidor de Jesus, e não mostraste nenhum sinal através da sabedoria do teu discurso. Tu não nos trazes palavras maravilhosas; e para mim apenas estas têm valor. Contudo, se puderes mostrar-me um sinal de acordo com o teu próprio prazer, se puderes conceder-me um conhecimento, de qualquer maneira, que esteja além do nosso conhecimento, então far-te-ei caso e escutarei a doutrina deste teu Mestre."

Dionísio falava com gravidade. Pois, embora tivesse sido o seu desígnio escarnecer do santo e fazer uma piada alegre do seu ensinamento, ele não o faria agora por causa daquela seriedade, daquele zelo que sempre ardia dentro de Paulo, um zelo que era respeitado por aqueles que eram nobres de coração e rápidos de entendimento.

Houve silêncio por um momento. Então Paulo franziu o cenho para este alegre ateniense, dizendo: "Tu não tens preocupações; tu divertes-te. Contudo, nesta mesma hora serás atingido por um desgosto tão pesado que entregarás os teus dias ao luto. E a luminosidade da tua vida afastar-se-á de ti. Eis que, mesmo agora, os pés daqueles que carregam a tua dor até ti soam sobre as pedras. Eis que a alegria que é a tua companheira todos os teus dias fugirá de ti e apenas as trevas e o peso permanecerão."

Dionísio riu quando Paulo falou assim. E declarou: "Não sou homem de desgostos. A felicidade será sempre minha, porque nenhum desgosto pode romper a armadura da minha sabedoria. Desde a minha juventude que digo para mim próprio: 'Não sofrerei dor. Nenhuma aflição se aproximará de mim.' E tenho sido como uma cidade vedada. Estou blindado contra o desgosto, estranho. Este teu milagre falhará seguramente."

Então um dos festeiros gritou: "Este homem Paulo é um mentiroso e um hipócrita. Que ele esteja em silêncio. As suas histórias do seu Mestre são como os dragões da Arábia. São uma fantasia tecida por uma mente que está transtornada." Outros falaram da mesma forma, alguns fazendo divertimento do santo, alguns proferindo blasfémias tolas. A estes escarnecedores Paulo não deu resposta. Orou silenciosamente ao Mestre para que lhe fosse dada força para que pudesse suportar em paciência as provocações amargas destes Criadores de Palavras, para que pudesse aquietar a ira que ardia dentro dele enquanto eles rejeitavam o amado nome de Cristo, enquanto poluíam a câmara com a sua imunda alegria.

Quando a oração terminou, um escravo intrometeu-se diante de Dionísio. E o seu semblante era lamentável, a sua cabeça caída enquanto declarava as suas notícias: "Mestre, a nobre Auleeta foi morta. Eis que trazem o seu corpo morto à tua presença. Cruelmente assassinada foi ela enquanto caminhava fora. Encontraram-na aos pés da Deusa." Antes de o escravo ter terminado a sua expressão, levantou-se um grande clamor. Muitos estranhos entraram na câmara, e traziam com eles o corpo morto da irmã de Dionísio.

CAPÍTULO VII

DIONÍSIO ADMITE QUE A PROFECIA DE PAULO É VERDADEIRA. O EUNUCO CONFESSA A SUA CULPA.

ELA jazia numa brancura que era como o amanhecer quando primeiro se reúne nos céus. Apenas a mancha do sangue da sua vida a esvair-se mostrava a ferida cruel que tinha sido feita na filha das murtas e da canção. Um silêncio caiu sobre todos enquanto o seu irmão se curvava ao lado do seu caixão. Nenhum homem ousou fazer qualquer som até que ele levantasse a cabeça mais uma vez. Então os observadores perceberam a escura miséria daquele cuja própria alma fora atingida, que recebera uma ferida que nada podia curar.

Auleeta fora a companheira de folguedos da sua infância e, por causa da sua inocência virgem, da sua bondade, do seu espírito nobre, o objeto de adoração da sua idade adulta. Sempre, mesmo nas suas horas maculadas, Dionísio preava este ser de pura juventude e beleza, que agora, de acordo com a sua crença, tinha fugido para sempre.

E no silêncio Paulo foi ter com o homem atingido, colocando a sua mão sobre o seu ombro, dizendo: "Eis o teu desgosto, irmão. Sê confortado. Ela dorme, e tudo o que te é querido apenas passou para um novo dia.

Nesta hora ela atravessa a noite tranquila entre esta vida mortal e a vida dos imortais. Ela foi adiante de ti e saudar-te-á naquele tempo futuro, quando tiveres passado do conhecimento do homem para o Reino Eterno." E Dionísio gritou: "Ó mestre, se eu pudesse apenas acreditar, se eu pudesse saber que ela vive mesmo estando morta!" E Paulo disse: "É assim. A fé ser-te-á dada. Este sinal foi enviado para que tenhas entendimento daquele mistério que jaz além do túmulo." "Tu profetizaste verdadeiramente," declarou Dionísio, "o meu desgosto é maior do que sou capaz de suportar."

Então Mégacles fez acusação contra Paulo: "Este estranho matou a tua irmã. Ele é um ladrão e um impostor. Eis que as jóias dela e os seus brincos foram arrancados dela. Ele quereria enganar-te com um sinal e roubar e matar a tua irmã pelos seus ornamentos de ouro. Que este homem seja levado para julgamento e eu testemunharei contra ele e provarei que ele é o assassino da nobre Auleeta." Muitos aclamaram as palavras de Mégacles, dizendo uns aos outros: "Este homem sabia da morte dela porque ele foi o assassino. De que outra maneira poderia tal conhecimento ser seu? Tomemo-lo e apedrejemo-lo."

E mesmo enquanto procuravam lançar mãos violentas em Paulo, veio o som de um tumulto vindo de fora. O eunuco de Dámaris foi arrastado para dentro da câmara. E aqueles que o tinham puxado para dentro recuaram ao depararem-se com o caixão da donzela morta. Este homem poderoso, grande em largura e altura, permaneceu ao lado de Paulo voltado para a que fora mutilada. E ele não conseguia esconder o seu medo, mas cobrindo o cenho, lançou-se sobre o chão, estremecendo diante da obra imunda das suas mãos.

Então aqueles que o tinham trazido ali gritaram que tinham encontrado as jóias da donzela na sua posse e que havia sangue no seu manto. E enquanto acusavam o eunuco, Mégacles falou-lhe, dizendo: "Olha para este judeu. Não te deu ele ouro para matares a donzela?" O escravo fitou Paulo e disse: "Não tenho conhecimento do homem. Ele é um estranho. Matei la nobre Auleeta porque desejava o seu ouro." E muitos se aproximaram dele e o pressionaram para que contasse a verdade e desse os nomes daqueles que o tinham incitado a cometer este ato. Mas os olhos de Dámaris estavam sobre ele, vigilantes como os chacais no deserto. Embora fosse um bárbaro ignorante, ele era fiel a ela e manteve que ele sozinho tinha cometido este ato de sangue, que ele sozinho era responsável.

Então os servos de Dionísio limparam a câmara e Paulo partiu de entre os festeiros, saindo para as ruas calmas que estavam todas palidamente iluminadas pela lua que estava agora redonda e cheia. Perturbado e maravilhado estava Paulo enquanto passava sob a sua suave luz de prata. Ele não tinha sabido qual era a natureza do desgosto que cairia sobre o senhor desta casa de banquetes e alegria. Ele tinha percebido apenas a melancolia ao seu redor.

E velozmente, como o arremesso de uma pedra, as palavras de profecia tinham sido proferidas por ele, palavras postas na sua boca pelo Espírito. Ele maravilhou-se com a bondade de Deus, que o tinha preservado naquela hora perigosa, quando permaneceu entre os inimigos do Mestre. Mais uma vez percebeu que, se um homem tivesse apenas fé, nada poderia prevalecer contra ele. Satanás poderia procurar, com estratégias malignas, confundir o mensageiro de Cristo; contudo o seu trabalho seria em vão. E Paulo ajoelhou-se sob a sombra do Templo da Vitória Sem Asas, aquele memorial da ignorância pagã. E agradeceu a Deus pela Sua misericórdia por o ter assim preservado.

O santo teria regressado com toda a alegria de coração ao seu alojamento se não tivesse lançado os seus olhos sobre Atena, o ídolo da cidade. Uma imagem poderosa de bronze erguia-se acima dele em direção ao céu. Ela oprimia este seguidor solitário de Jesus com a sua grande estatura e o seu poder de solidão. Todo o mal do mundo e da carne parecia estar reunido dentro daquela forma esculpida. O coração de Paulo falhou-lhe enquanto fixava a sua mente neste inimigo com quem devia lutar ao longo de todos os seus dias. Contudo, a oração a seu tempo trouxe-lhe paz. Ele dirigiu-se ao ídolo, dizendo: "Tu és vazia, nem má nem boa. Não és senão uma efígie de bronze, a imagem da ignorância do homem. Não te temo; pois estás morta e fria sem nenhuma promessa de vida dentro de ti. Não passas de um emblema lastimável da tolice do homem."

E Paulo foi para a habitação de Azan. Mesmo enquanto buscava descanso, ouviu lamentação lá fora. Era como o soluçar suave de uma mulher que esconde o seu desgosto. Mas quando Paulo saiu da habitação, percebeu no jardim um jovem que estava nu e amarrado a um poste que estava fixado no chão. E perguntou ao rapaz o que o afligia. O rapaz deu resposta: "Eu sou, como tu sabes, o escravo de Azan. Mestre, tu tens um bom coração. Ajuda-me agora neste meu problema. Sirvo um que é

ganancioso e procura apenas acumular tesouros para si próprio. Ele comprou-me na praça do mercado por um preço, mas não lidou bem comigo.

Os atenienses não são senhores duros. Eles dão aos seus escravos a medida cheia em carne e vestuário, e então serviço fiel lhes é prestado. Desde que sirvo Azan que ele me impõe tarefas duras e me mata de fome de modo a que, como perceberás, os meus ossos saltam da carne e não tenho força para os muitos trabalhos do dia. Eu tenho, às vezes, desmaiado, ficando como uma pedra. E isto irou o meu mestre. Ele distribuiu-me muitos açoites; e para que eu pudesse ter força para trabalhar e escapar a estes açoites, roubei dinheiros dele com os quais comprei pão e vinho.

Ele percebeu que estas poucas moedas tinham desaparecido e, tendo-me revistado, deparou-se com o que restava do dinheiro. Então ficou grandemente irado e declarou que amanhã me arrastaria perante o magistrado, e eu morrerei talvez do castigo que me será atribuído. Sou fraco de corpo por causa dos muitos dias de fome que têm sido meus. Ó mestre, tu és grande e sábio. Salva-me da destruição certa que me aguarda. Temo as trevas e a dor da morte. Gostaria de viver a medida cheia dos meus dias."

E Azan veio ao jardim. Grandemente incensado estava ele, chamando o escravo por muitos nomes vis, declarando que ele deveria morrer dolorosamente porque tinha roubado o dinheiro do seu mestre. Paulo afastou este homem perverso do servo amedrontado e disse-lhe: "Irmão, tu és um crente zeloso na fé dos nossos pais. Lida bem com o teu escravo e ele aumentará a tua riqueza com serviço fiel. Lida duramente com ele e ele empobrecer-te-á. Se fores de mente perversa, então sofrerás dano se punires o teu servo.

Se fores um homem justo que queira viver de acordo com os ensinamentos de Moisés, tu perdoarás a este teu escravo. Volta os teus olhos para o interior e julga-te a ti próprio primeiro. Depois, a seguir, julga o teu servo." Azan gritou: "Muitos destes cães que compramos na praça do mercado roubam os seus senhores. É tempo de que um seja duramente punido para que os outros tenham medo e não roubem mais. Este companheiro porá, através do seu castigo, um fim ao roubo em Atenas." Paulo respondeu: "Tenho-te observado, Azan, nestes dias passados. Tenho percebido que és um homem ganancioso. Não tens misericórdia ou

compaixão no teu coração. O escravo não pecou contra o seu mestre nesta matéria.

É o mestre que pecou contra o escravo. Ele trabalhou para ti, e tu não lhe deste nem vinho nem pão. Ele apenas tomou o que lhe era devido. Há uma dívida para com o servo assim como para com o homem contratado que deve ser paga na devida temporada. Solta o teu escravo e suplica o seu perdão. Eu ordeno-te."

Um grande espanto possuiu Azan de modo a que não conseguia proferir nenhumas palavras. E Paulo repreendeu-o ainda mais severamente, fixando os seus olhos no pecador, fazendo um assobio para ele com a sua boca: "Uma maldição cairá sobre o teu comércio, e nada florescerá contigo, ó homem ganancioso. Tu em vão aplicarás os teus dinheiros em mercadorias. A medida cheia não te será devolvida. Eis que Deus lidará contigo como tu lidaste com o teu escravo." E pareceu a este judeu perverso que uma luz envolvia Paulo, que eles não estavam sozinhos.

Outro, um Invisível, fora despertado pelas suas palavras severas. Assim, o medo reuniu-se poderosamente. A avareza desta criatura tinha-o feito tornar-se timorato, e por isso ele não foi capaz de encarar o santo. Voltou-se dele, murmurando: "Cessa a tua maldição. Sê em silêncio." E cortou as amarras do escravo, ordenando-lhe que fosse para dentro de casa. Depois, quando Paulo lhe ordenou que colocasse comida diante do escravo e desse do seu próprio vestuário ao marginalizado, ele obedeceu, não fazendo nenhum som. Pois estava atingido pelo poder de Paulo. Como uma besta muda é conduzida pela rédea, assim foi Azan conduzido naquela noite a fazer o mandado do santo.

CAPÍTULO VIII

AZAN INCITA O POVO CONTRA PAULO.

DÁMARIS CONFESSA O SEU CRIME AO SANTO, QUE LHE ORDENA QUE O REVELE A DIONÍSIO.

NO DIA seguinte, quando Paulo não estava perto dele, Azan levantou-se; e como uma víbora se levanta da sua cama de erva, foi para as estradas públicas, procurando os seus amigos para que pudesse, com palavras venenosas, fazer problemas para Paulo entre o povo. Ele declarou que o santo não queria pagar o preço dos seus alojamentos, que ele viera a Atenas para fazer dinheiros à custa de palavras enganosas.

Era o seu propósito afastar o povo dos Homens Sábios, que os ensinavam, e através da mentira e do relato de falsas histórias fazer com que a multidão se voltasse para ele e lhe desse ouro. Pois, naquela cidade, novas e estranhas doutrinas eram acolhidas se fossem consideradas de importância, se possuíssem as sementes do engenho e da sabedoria.

Ora, as palavras mentirosas de Azan foram adoptadas por muitos e, na devida temporada, levadas aos ouvidos daqueles que viviam de instruir o povo e de fazer entretenimento para ele. Como noutras cidades, o ciúme possuiu os maldizentes e caluniadores, e eles reuniram-se e tramaram contra Paulo. Determinou-se que, quando ele fosse para a praça do mercado para falar com o povo, certos dos Criadores de Palavras se reuniriam ao redor do estranho e com ditos astutos fariam com que ele ofendesse. Depois conduzi-lo-iam perante o Conselho e apanhá-lo-iam na rede do seu próprio ensinamento.

Ora, Paulo não sabia que tinha sido determinado por estes homens que ele deveria ser expulso da cidade. No início do dia, palavra lhe tinha sido transmitida de que uma mulher desejava falar com ele, uma que tinha escutado a sua doutrina e queria que esta lhe fosse exposta. O santo ficou espantado quando o mensageiro o conduziu à presença de Dámaris. E perguntou-lhe por que razão o mensageiro lhe tinha ocultado o nome dela. Ela respondeu: "Foi porque temi que não viesses ter comigo, visto que conheces o ato de mal que foi cometido por mim." E Paulo repreendeu-a: "A tua vida inteira é um pecado contra o Senhor teu Deus. Não conheço nenhum ato que seja mais pecaminoso do que outro. Percebi que estás perto

da perdição, e lamentei por ti, filha. Pois as sementes da graça estão dentro de ti, se apenas as regasses e permitisses que crescessem."

Então Dámaris lançou-se aos pés do santo, dizendo: "As tuas palavras são como uma marca em brasa, elas atormentam-me noite e dia. Não tenho descanso delas; pois creio em Jesus, teu Deus, que em breve virá julgar o mundo. Ó santo, o medo é meu por causa do pecado, o qual tu previste, o qual foi cometido por mim." E Dámaris contou a Paulo que tinha ordenado ao seu eunuco que assassinasse a irmã de Dionísio. Tinha feito isto por causa de Fortunato e não porque a donzela lhe tivesse infligido qualquer dano.

E eis que a prostituta declarou chorando: "Antes de eu escutar as tuas palavras, o assassinato de outrem não era ofensa aos meus olhos, se fosse necessário para a minha felicidade que o meu inimigo não vivesse. Contudo, o teu ensinamento tem sido um grande mal para mim porque agora eu vejo. Nos dias da minha ignorância eu estava contente porque era cega. Nas horas da noite, enquanto eu dormia, a mulher morta veio à minha câmara.

Conduziu-me para o meio das sombras dos homens; através da penumbra do crepúsculo nós jornámos. E eu odiava e temia esta donzela. Toda manchada estava ela ainda com o sangue que tinha corrido das suas feridas. Ela puxou-me para a borda da terra. E quando olhei para o vazio além, caí para trás a tremer e a estremecer. Nenhum vazio estava ali. Percebi uma fornalha de fogo; e muitos estavam reunidos dentro do seu coração vermelho. Ela ordenou-me que saltasse para dentro dele, pois, declarou ela: 'Tu pecaste e roubaste-me a minha vida. Este é o preço dela. Para ti não há perdão. Para dentro desta fornalha de chama tu irás.'

E enquanto ela lutava comigo, procurando empurrar-me para ali, acordei; e todas as horas do início do dia tenho estado amedrontada e doente de coração, sabendo que se eu dormir ela virá ter comigo novamente e me carregará para esta fornalha. E talvez, porque o seu espírito é forte, ela far-me-á desta vez habitar ali, e eu não mais regressarei do outro lado da morte. Mestre, sei que estive no Inferno. Sei que, qualquer que seja a conta dos meus dias, serei lançada naquele lugar ardente por causa do pecado que cometi contra a juventude e a beleza. Para mim não pode haver perdão."

Paulo encheu-se de compaixão enquanto olhava para a atingida Dámaris. E trouxe à mente as palavras que tinha proferido a Azan: "Julga-te a ti próprio primeiro, depois julga o infrator." Embora nos primeiros momentos tivesse estado irado e preparado para admoestar a mulher por causa do seu ato imundo, contudo não proferiu nenhuma repreensão, mas confessou, testemunhando o pecado cometido por ele na sua juventude. Falou de Estêvão, da sua morte. Falou daquele que tinha causado a sua morte, de Saulo, que tinha matado não um homem apenas, que tinha perseguido muitos, de modo a que era verdadeiramente mais mau nos seus atos do que Caim.

Paulo expôs a maravilha da nova crença em Cristo, dizendo: "Por muito mau que seja o teu pecado, filha, o sangue do Meu Mestre Cristo lavá-lo-á até ficar limpo, removerá a sujidade da tua alma se te arrependeres, se buscares no arrependimento e na oração levar uma nova vida, para não mais escutares o vil tentador que te transformou de uma mulher num monstro. Pois monstruoso é este teu ato. E se queres ser salva daquela fornalha de chama é necessário que afastes de ti esta vida de vaidade e tolice, que sirvas a Cristo em toda a humildade, vivendo do trabalho das tuas mãos e não do pecado do teu corpo."

Dámaris cessou as suas lamentações e prometeu ao santo que viveria de acordo com as ordenações que ele estabelecesse para ela. Ela entregaria o seu tesouro, as suas preciosas especiarias e ornamentos. Serviria a Cristo e moldaria a sua vida de acordo com os Seus ensinamentos.

Paulo disse a Dámaris: "Contudo, mais uma coisa é necessária. Este eunuco morrerá por causa do teu pecado. Vai tu e confessa o mal a Dionísio. Não deixes o teu servo sofrer por ti." Dámaris declarou que não podia fazer confissão ao nobre ateniense. "Serei arrastada perante o juiz; e tirar-me-ão a vida. Mestre, a minha hora ainda não chegou. Sou demasiado má para morrer." Paulo disse-lhe: "Eu vou agora mesmo para a habitação de Dionísio. Segue-me num curto espaço de tempo e ajudar-te-ei na tua confissão.

Pois primeiro, obterei deste homem a sua promessa de não trair o teu segredo, de o guardar sempre para si. O seu voto é tão seguro como o dia e a noite. Nada o fará quebrá-lo, uma vez que tenha sido feito." "Ele matar-me-á com as suas próprias mãos," gritou Dámaris. Paulo respondeu-lhe, dizendo: "Pode ser que ele te mate. Mas não seria melhor para ti morreres

nobremente, desta maneira, do que continuares a viver culpada com a morte do teu escravo a pesar também sobre a tua alma?"

E Dámaris gemeu no espírito, suplicando a Paulo que alcançasse perdão para ela do seu Mestre Jesus e poupasse a sua vida. Pois sabia que morreria instantaneamente às mãos do irmão se ele soubesse do seu ato. Paulo não a quis escutar e saiu para a rua, deixando a mulher entregue às suas temíveis imaginações.

O nobre Areopagita tinha-o chamado. Pelo que Paulo demorou-se apenas para orar por Dámaris. E quando a sua súplica por ela terminou, entrou na casa onde jazia a morta.

CAPÍTULO IX

DÁMARIS CONTA A DIONÍSIO QUE CAUSOU O ASSASSINATO DA SUA IRMÃ. PAULO, ATRAVÉS DO PODER DA SUA ORAÇÃO, DETÉM A MÃO DO GREGO. AZAN NÃO ADMITE O SANTO NOS SEUS APOSENTOS.

DIONÍSIO estava como alguém possuído por um espírito maligno, tão transtornados eram os seus olhares, tão altos os seus lamentos. E quando percebeu o santo, saudou-o com grande avidez, dizendo: "O eunuco que matou a minha irmã afastou de si aqueles que o guardavam, quando a multidão estava reunida na rua lá fora. Ele fugiu. E embora busca tenha sido feita, não há sinal do assassino em parte nenhuma. Tu tens um conhecimento que está além do conhecimento. Procura no teu espírito, ó estranho profeta, e diz-me o lugar de refúgio deste homem."

Paulo disse a Dionísio: "Não te aproveitaria encontrar este eunuco. Ele não foi senão a arma, ele não foi o golpeador. Não te servirei, portanto, nesta matéria. Mas servir-te-ei noutra." Ele falou do Reino do Céu e daquele caminho que Auleeta poderia seguir, na medida em que ela não passava de uma dormente, que se levantaria da argila que agora estava imóvel e fria. Muitas coisas que eram estranhas Paulo transmitiu ao ateniense, de modo que este cessou de praguejar e escutou o santo, não fazendo nenhum som. Toda a tristeza partiu do seu semblante; a paz

colocou nele o seu selo, à medida que ele aprendia de Cristo e do Reino que por Ele estava preparado para aqueles que fossem puros de coração e imaculados. Ele falou do amor de Jesus, do Seu ensinamento relativo ao perdão dos pecados, da nova terra que poderia ser semelhante ao Reino do Céu se aqueles que tinham errado fossem perdoados.

"O Mestre Jesus, ao morrer, perdoou aos Seus acusadores e ao juiz que O condenou," disse Paulo, "e se tu queres ser um dos Seus seguidores, deves perdoar também ao assassino." "Não, isso não pode ser," gritou Dionísio, "porventura eu poderia perdoar àquele que procurasse tirar-me a vida, mas não posso perdoar ao assassino da minha irmã, que era pura como o amanhecer e a alegria de toda a minha juventude."

Mesmo enquanto ele falava assim, um escravo conduziu Dámaris para a câmara. Ela estava grandemente perturbada, e baixou os seus olhos quando Dionísio fixou o seu olhar sobre ela, perguntando por que razão o buscava em tal hora. "Tenho notícias para ti relativas àquele que matou a tua irmã," sussurrou ela. E depois, quando Dionísio a questionou avidamente a respeito dele, ela não fez nenhum som.

Paulo percebeu que o temor a tinha dominado, de modo que não conseguia encontrar a fala. "Filha, dá-nos do teu conhecimento." Tais foram as palavras proferidas por ele três vezes. Não havia comando nelas; e nada a retiraria daquele silêncio.

"Dionísio, tu crês em Jesus?" o santo perguntou-lhe. E ele deu resposta: "Estou duvidoso. Desejo com toda a minha alma crer. Mas ainda a minha razão não me permitirá concordar com as tuas histórias estranhas sobre este homem. Pois sei que os deuses eram os sonhos vãos de um tempo antigo. E tu quererias fazer-me crer que a imagem de Deus, Aquele que criou a terra, foi colocada dentro da forma do homem."

Então Dionísio voltou-se para Dámaris, ordenando-lhe: "Diz-me o nome do imundo assassino que matou a minha irmã, para que eu o possa buscar." "E quando o tiveres encontrado?" perguntou ela. "Verdadeiramente, matá-lo-ei com esta espada. Ele morrerá lentamente para que possa conhecer o sofrimento total que tem sido o meu." "Não te posso dizer o nome do assassino, nem te posso dizer se ele está escondido em Atenas, se fugiu para as colinas ou se buscou um fim nos Profundos Poços do Silêncio."

Ora, aqueles que se matavam com doces e astutas poções de ervas em Atenas, falavam sempre de tal morrer como um ir para baixo, para os Profundos Poços do Silêncio.

"Então o assassino pereceu docemente, passando sem dor, através da morte das ervas," gritou Dionísio iradamente. "Ó pesada é a minha tristeza, dolorosa a minha desgraça porque ele não sofreu antes de escapar de mim para a noite."

Paulo olhou para a prostituta e disse ao grego: "O assassino vive. E se tu acreditasses em Jesus, meu Mestre, afastarias de ti todo o desejo pela dor de outrem." E disse a Dámaris, que agora tremia em todos os seus membros: "Filha, lembra-te do teu sonho, lembra-te também da promessa de perdão. Arrepende-te e serás salva do tempo mau que é a porção dos ímpios. Afasta o teu medo carnal. Tem fé no meu Mestre Jesus. Ele amparar-te-á."

E a mulher falou a Dionísio: "Mestre, eu dei ordem ao meu escravo para que matasse Auleeta. Odiava-a porque ela me roubou a minha alegria. Pelo que lhe roubei a vida."

Dionísio questionou Paulo: "Isto não é verdade? É alguma história de loucura. Nenhuma mulher faria a minha irmã, o botão da pura juventude, morrer." Paulo disse-lhe: "É verdade. Dámaris foi a assassina. Em Nome de Cristo ordeno-te que não lhe lances nenhuma mão, não faças correr nem uma única gota do seu sangue. Ela encontrará o seu castigo no viver, não no morrer."

Dionísio pegou na sua espada, com o seu rosto fixo numa máscara de tão má crueldade que Dámaris, embora tivesse muita coragem, gritou. Depois o silêncio foi seu; ajoelhou-se diante dele no chão, não fazendo mais nenhum som, abrindo os seus braços ao golpeador. "Não a mates," disse Paulo. E o grego ergueu a sua espada, procurando fender a mulher em duas partes, tão alheio estava ele a tudo exceto ao seu esquadrinhado propósito.

Contudo a espada não caía, e ele lutava como que com o ar, erguendo-a mais uma vez; e mais uma vez ela pairava na penumbra como se estivesse presa em alguma fenda da rocha, em alguma brecha que não cedesse mais diante dele. Os seus olhos estavam fixos em Paulo enquanto lutava para ganhar poder sobre a sua arma. E o medo reuniu-se no seu semblante

quando não conseguiu prevalecer. "Tu és um feiticeiro imundo," declarou ele, "retira de mim o teu feitiço." "Em Nome de Jesus, meu Mestre, ordeno-te que poupes a vida desta mulher," disse Paulo. "Está connosco nesta câmara Um mais poderoso do que eu, Um que perdoou àqueles que O mataram. Bainha, portanto, a tua espada. Não está dentro do teu poder matar a mulher nesta hora. Pois eis que a câmara é santa."

Paulo ajoelhou-se ao lado de Dámaris, proferindo a oração do "Pai Nosso". Quando esta cessou, o corpo de Dionísio curvou-se como uma árvore diante do monarca do sul ventoso. E ele também se ajoelhou, inclinando a sua cabeça, tremendo diante da Santa Presença. Paulo continuou a orar, suplicando ao Pai que conduzisse estes dois pecadores para la luz, rogando-Lhe que removesse o ódio imundo dos seus corações para que se pudessem tornar servos do Senhor.

Quando terminou e se levantou do chão, Dionísio estava como um dormente que acorda no amanhecer frio, suspirando e gemendo por causa das sombras escuras dos seus sonhos. Ele também se levantou, murmurando e praguejando. Não conseguia encarar Paulo, mas ordenou-lhe que se retirasse da câmara com a sua companheira, a prostituta. Paulo fez com que a mulher, que ainda ajoelhava, viesse com ele, deixando rapidamente aquela casa de luto, na qual o nobre ateniense lutava com a sua ira. Pois tinha falhado no seu propósito. Não tinha morto, com lentos tormentos, aquela que tinha feito Auleeta tão imundamente morrer.

Até ao pôr do sol Paulo permaneceu com a atingida prostituta, esforçando-se por lhe mostrar a falsidade da sua vida e o verdadeiro caminho para Deus. E quando regressou à habitação de Dionísio, o escravo que guardava a porta não lhe permitiu entrar na presença do seu mestre. "Ele vai de um lado para o outro, nada o aquietará. E declara que te matará, ó estranho. Portanto parte daqui para que ele não caia sobre ti de repente na sua ira." E Paulo soube que era melhor para ele passar a sua noite em oração por Dionísio, suplicando ao Senhor que fizesse este gentio lançar de si o ódio que o embainhava por completo.

E quando Paulo foi para o seu próprio lugar, percebeu certos homens que estavam aglomerados ao redor da porta. Eles vigiavam pelo santo e chamaram Azan no instante em que o avistaram. O judeu saiu da sua habitação e saudou o seu hóspede com discurso astuto, dizendo: "Cansei-me de estender a taça de esmolas ao viajante. Tu és da minha raça; contudo

não me prestaste serviço nem o preço da comida ou do alojamento desde o dia da tua vinda a Atenas. Sou um homem pobre e não posso dar-te mais abrigo. Vai buscar a caridade de algum vizinho, ou ganha o teu sustento com o trabalho das tuas mãos."

E os gentios, que estavam aglomerados na rua, gritaram: "Vergonha sobre ele. Sabíamos que era um sujeito sem valor que queria viver da caridade alheia. Tais mendigos não deveriam ter permissão para entrar na nossa cidade." Paulo disse-lhes: "Paguei o preço da comida e do alojamento. Não tendes causa para praguejar contra mim. Azan, tu não temeste mentir-me. Temes mentir a Deus? Jura em Seu nome que vivi das tuas esmolas. Jura."

Azan não conseguiu proferir nenhumas palavras, mas fungou para Paulo, como se quisesse mostrar o santo como sendo de tão pouco valor que não falaria mais com ele. Ora, ele estava cansado. Pois a virtude tinha saído dele quando tinha lutado em oração pela vida de Dámaris. Por isso procurou entrar na casa, acreditando que estas pessoas, que falavam umas com as outras, o poderiam deixar passar. Mas Azan segurou a porta e ordenou-lhe que fosse daqui e não buscasse mais a sua hospitalidade e o abrigo da sua habitação.

O santo disse-lhe gentilmente: "Estou cansado, irmão. Deixa-me apenas descansar lá dentro até ao nascer do sol, depois partirei da tua casa e não regressarei mais a ela." Pelo que os mercenários dos Criadores de Palavras fizeram um clamor dizendo: "Lança-o fora, não cedas ao impostor." Azan ordenou ao seu escravo que colocasse na estrada o manto e o cajado e o alforge de Paulo, as poucas possessões do santo. E novamente ordenou-lhe que partisse e pedisse esmolas a outros.

Percebendo que os observadores se mantinham ao lado de Azan, Paulo pegou no que tinha trazido consigo para Atenas, dizendo: "Irmão, oro a Deus para que Ele não use contigo da medida que usaste comigo nesta noite. Fica bem." Os mercenários fizeram um assobio para ele enquanto ele ia do meio deles, tropeçando pelo caminho íngreme, a fadiga do corpo e da alma possuindo-o.

Naquela noite ele dormiu sobre as pedras frias sob a sombra das batalhas pintadas dos gregos. A sua carteira era a sua almofada. E mesmo quando se deitou, agradeceu a Deus pela Sua misericórdia por ter libertado

Dámaris, por ter libertado o seu servo até da ira dos gentios. Pois os mercenários tinham-no ameaçado com apedrejamento; e ele sabia que o mal estava a ser tramado contra ele naquela cidade. Mais uma vez Satanás sussurrava nos ouvidos dos homens. Mais uma vez ele colocava tal ciúme nos seus corações que fariam do santo um marginalizado e o expulsariam do meio deles.

CAPÍTULO X

PAULO É LEVADO PERANTE O CONSELHO E PREGA O DEUS VIVO REUNIDO AOS HOMENS SÁBIOS E AO POVO.

DIONÍSIO E DÁMARIS DECLARAM A SUA CRENÇA EM CRISTO.

ORA Paulo estava possuído de muitas perplexidades. Tinha dito a Timóteo e a Silas que não partiria de Atenas até que eles regressassem com notícias dos irmãos. Era o seu propósito regressar a Tessalónica e a Filipos, à terra que tinha sido abençoada pelo apelo do Espírito. Contudo, ele não podia, de forma alguma, suportar os atenienses. Como uma maré rasteira era o seu crescente ódio. Ele sentia-o a bater ao redor do seu espírito. Assim estava ele inquieto e aflito, e defendia que Atenas era como as

cidades perdidas do mal nos tempos antigos. Nenhum evangelho de paz ganharia o povo da sua pervertida crença no poder da sua razão.

E Paulo, quando examinou a sua carteira, percebeu que as poucas moedas de prata que ali jaziam tinham desaparecido. Ele adivinhou que o ladrão era Azan e que havia uma conspiração contra ele para mostrar que ele era um mendigo que procurava viver à custa de outros homens. Os pensamentos de Paulo foram empurrados em direção a Corinto, que não fica longe de Atenas. Naquela cidade encontraria Fortunato e Acaico e obteria talvez trabalho que o libertaria para os trabalhos do Senhor. Em Atenas os judeus duvidavam dele, acreditando que ele tinha desígnios maus e era um sujeito libertino que provocaria problemas entre eles e os gregos.

Azan tinha ido de um lado para o outro entre eles, tecendo uma teia de aranha de mentiras que apanhou o santo. Na medida em que, quando ele batia às portas das pessoas da sua própria raça e lhes pedia que lhe dessem alguma tarefa pela qual pudesse ganhar o pão, eles voltavam negros cenhos para ele e chamavam-lhe nomes perversos, ou ordenavam-lhe que fosse daqui e não os atormentasse mais.

Ora as horas da vida de Paulo eram preciosas à sua vista. Pois sabia que eram apenas como um punhado de trigo, e não podiam ser desperdiçadas, sendo o trabalho de espalhar as notícias de Cristo poderoso e os trabalhadores poucos. Por isso ele teria partido de Atenas se as poucas moedas de prata não lhe tivessem sido roubadas. Assim foi que ele habitou ainda um curto espaço entre estes Criadores de Palavras, vigiando pelo tempo em que o Espírito abriria o caminho para outra cidade. Ele não se manteve em silêncio, e ainda procurava instruir o povo embora eles escarnecessem dele, fazendo um jogo dos seus ditos.

A esperança tornou-se sua novamente quando, na quinta hora do dia, observou uma procissão de jovens que passavam diante dele carregando flores e frutos com os quais saudariam o deus. E eis que se reuniram ao redor de um altar tremeluzente que estava adornado de prata e ouro. O mármore brilhava sob os raios do sol, e o povo gritava de alegria e entoava canções selvagens. Paulo lembrou-se da adoração do seu próprio povo por Jeová, e perguntou ao jovem qual era o título do ídolo para quem este altar tinha sido erguido. O jovem deu resposta: "É um deus sem nome. Pois nós, desta geração, sabemos a medida da nossa ignorância. Deus não pode ser

medido nem pesado. Deus é o destino; Deus é um mistério como é a história de todos os nossos dias futuros."

E o santo comungou consigo próprio. Ele percebeu que estes atenienses eram ignorantes em vez de maus, e que talvez, se ouvissem a história da ressurreição de Cristo do túmulo, poderiam vir a crer n'Ele e no Seu ensinamento. Assim Paulo foi para a praça do mercado. Tinha guardado de todos, exceto de uns poucos, a crónica desta última grande maravilha na vida de Jesus desde que tinha vindo para Atenas. Agora falava dela corajosamente a certos dos Criadores de Palavras que estavam reunidos. Foi na própria hora em que eles planeavam traí-lo. Pois os doutos Conselheiros da cidade celebravam conversação uns com os outros relativa aos assoltos do povo.

Um Criador de Palavras disse a Paulo: "Tu sabes que as virtudes que expões já foram expostas pelos Homens Sábios. A tua doutrina não é nova e é moldada a partir de ditos antigos. Mas esta história de um deus que habitou na carne, que foi morto e no entanto não pôde morrer, é estranha para nós. A tua doutrina relativa à Sua vinda para julgar todos os homens é também estranha." Outro continuou, dizendo: "Este judeu é semelhante a um címbalo que faz um som sem significado nele. Levemo-lo para ser julgado pelo Conselho."

Paulo procurou raciocinar com os Criadores de Palavras, que agora o cercavam. Mas, como uma bola passa de mão em mão, assim os seus escárnios passavam de um para outro, de tal modo que o seu discurso se perdeu no ruído das suas muitas palavras. E mais alto do que qualquer outro era o grito: "Ele procura levantar um novo Deus. É traição. Vinde, vamos fazê-lo julgar e lançá-lo fora da cidade." Semelhantes a uma colmeia de abelhas iradas estavam estes raciocinadores ciumentos, que temiam Paulo e, portanto, desejavam a sua ruína.

O tumulto, por eles feito, fez com que certos membros do Conselho viessem para o meio do povo e lhes ordenassem que guardassem paz. Contudo, eles não fizeram senão aumentar o ruído do seu discurso. E lançaram mãos rudes em Paulo, declarando que ele era um sujeito desordeiro e devia ser silenciado. Teria corrido mal para o santo, na medida em que as paixões deles estavam despertadas, se Dionísio não tivesse fendido em dois o grupo de homens que estavam reunidos ao redor dele, dizendo: "O judeu está em silêncio, e vós berrais com ele. Se não

guardardes paz, o Conselho impor-vos-á o julgamento da mudez. E, de doravante, não vos será permitido falar na praça do mercado."

Assim o tumulto foi aquietado; mas os líderes dele exigiram que Paulo fosse julgado imediatamente pelo Areópago. Um disse que deviam carregá-lo até à colina sagrada, que a sua ofensa era grave e ele devia morrer. Mas outros fizeram escárnio do falante. Assim, Paulo foi conduzido até aos sábios que estavam reunidos sob as árvores de plátano. E ali, na praça do mercado, levantou ele a sua voz, a mandado deles, procurando ganhar para Cristo aqueles que eram considerados os homens mais sábios em todo o mundo.

Paulo falou aos conselheiros, dizendo: "Vim a Atenas, trazendo uma doutrina que é, em muitas matérias, semelhante às verdades que são ensinadas nesta nobre cidade. Percebi um altar levantado a um cujo nome não é conhecido entre vós. E tem sido dito: 'O seu nome não é conhecido porque ele é um mistério que nós, que somos mortais, nunca podemos trespassar.' Eis que vos trago notícias deste mistério. Prego o Evangelho de um Deus, o qual confessais que não entendeis.

Ele criou este nosso mundo. Ele construiu o telhado azul dos céus, esculpiu as colinas a partir da terra, fixou os mares dentro da pulseira da terra, bordou as estrelas sobre o firmamento escuro. Ele fez as bestas viverem e levantou o homem. Ele contém tudo, governa tudo; Ele é o nosso Pai e o nosso Criador. Assim, estas muitas imagens, esculpidas em mármore e em metais preciosos, não fazem senão aviltar este Grande Mistério que saudais com o título de um DEUS DESCONHECIDO. E, ao multiplicardes tais formas, desonrais o governador de tudo. Ele não habita em nenhuma morada. Ele não reina dentro dos vossos templos como se fosse um homem mortal. Suplico-vos que desvieis as vossas mentes daquilo que é uma exibição exterior e olheis para dentro de vós próprios. Então, a seu tempo, se tiverdes discernimento e viverdes em toda a pureza de vida, vireis a estar com Deus."

Muitas mais palavras foram proferidas por Paulo. E embora, como pardais tolos, os Criadores de Palavras procurassem com os seus murmúrios confundi-lo, ainda assim ele segurou a audição os sábios, os quais abanavam as suas cabeças e o observavam, medindo, com as suas mentes carregadas de sabedoria, o peso e o número das suas palavras. Eles não mostraram nem ira nem fervor nos seus semblantes. Apenas puxavam

as suas barbas às vezes. Tinham perdido o poder de entender uma verdade ganha pela fé. E sorriram quando Paulo acusou o povo de Atenas de ignorância, e falou da misericórdia de Deus, que lhes perdoava porque eles não O conheciam.

"Ó nobres anciãos," declarou Paulo, "o fim do mundo está à mão. Esta poderosa cidade, com a sua grande aprendizagem, passará. Todos os homens serão reunidos perante o juiz, que foi escolhido por Deus, para distribuir a cada homem a medida que lhe é devida. E este juiz é Jesus, de cujos ditos e feitos tenho falado, que deu a Sua vida pelos homens, e mostrou o sinal da Sua Divindade naquilo em que o Seu corpo morto se levantou e Ele foi para o meio dos discípulos depois de ter jazido no túmulo três dias."

Enquanto Paulo falava da Ressurreição do Mestre, os sábios voltaram uns para os outros olhares de descrença. Faziam esgares e caretas e apontavam os seus dedos ao santo. E depois de ter escutado os videntes sussurrantes, o mais velho de entre todos eles levantou-se e ordenou a Paulo que cessasse a sua conversa vã: "Nesta era da razão, tu quererias fazer-nos crer numa fábula que qualquer pescador ignorante ou vagabundo errante poderia contar a escravos e mulheres. Tu quererias fazer-nos crer no sonho adornado de joias da Judeia."

Dionísio gritou: "Eu creio que este estranho nos traz notícias que são verdadeiras, uma revelação que é da fonte de toda a sabedoria. Testemunhei e eu sei." Até os murmúrios dos Criadores de Palavras cessaram, enquanto Dionísio dava testemunho. Estrito e terrível estava ele como as formas cinzentas que viajam com o trovão e a tempestade. Apenas nos seus olhos podiam os homens perceber o desgosto dos passados dias de luto. Nenhum outro sinal traía a tempestade que tinha operado através de todo o seu ser.

Desde que Dámaris tinha confessado o seu pecado, Satanás e a sua hoste tinham cercado Dionísio ao redor. Mas, através das orações de Paulo, ele tinha sido amparado. E agora, quando estava mais uma vez na presença de Paulo, era movido por um único propósito, o desejo de testemunhar de Cristo, o Deus a quem este maravilhoso instrutor adorava e proclamava.

Contudo, o Conselho não podia, por nenhum grande espaço de tempo, permanecer em silêncio. Outro Estoico tinha encontrado tanto medida

como peso em certas das palavras de Paulo relativas à tolice das imagens e dos templos quando eram levantados a Deus. Por isso aclamou as palavras de Dionísio, dizendo: "Este estranho falou bem em certas matérias, e não é nenhum sujeito ignorante, embora tenha ainda de aprender o que é fábula e o que é pura sabedoria.

Quando ele puder separar o trigo do joio, estará apto para falar livremente em Atenas. Pelo que estou preparado para o instruir; ele estudará na minha escola, escutando as minhas palavras. Seja ele, portanto, silenciado por um espaço e, mais tarde, estará apto para falar na praça do mercado."

Então os Criadores de Palavras agitaram uma confusão de ruído desdenhoso. E certos membros do Conselho foram encorajados a escarnecer de Paulo, dizendo um: "Ele não tem conhecimento, roubou os ditos de outrem. E rude como a dos bárbaros é a sua fala." "Ele não estabelece nenhuma forma graciosa sobre as suas palavras," disse um terceiro. "Ele é um artífice sem perícia que não pode separar o falso do verdadeiro. Não lhe deis atenção," gritou outro. Então um Criador de Palavras acusou Paulo de traição, dizendo que ele procurava levantar um novo Deus em Atenas. E ele e os seus companheiros reuniram-se ao redor do santo, ameaçando-o com os seus punhos e ultrajando-o.

Ora Dámaris tinha estado no meio da multidão; e ela, também, estava movida em toda a sua alma pelo discurso e pela presença de Paulo. Por isso saltou como um leão jovem do meio do povo. Permanecendo ao lado do santo, esta mulher da cidade espalhou palavras de desprezo ao seu redor, dizendo: "Homens de Atenas, como sempre, falhais em perceber. Estais cegos para a maravilha que está entre vós. Eis que este sábio vos traz o testemunho seguro de alguém que esquadrinhou no coração da sabedoria e foi para trás de todos os Mistérios. Assim pode ele mostrar-vos o que há de ser. E ele sozinho vos pode salvar naquele tempo em que a terra perecerá e passará como um rolo de pergaminho."

Então a multidão fez um clamor e escarneceu dela, de modo que nenhum homem pôde falar mais. O Conselho de Homens Sábios dispersou-se, indo uns por um caminho, outros por outro. E quando um Criador de Palavras protestou, pedindo julgamento, o vidente mais velho deu resposta: "Ele não é digno de julgamento. Foi uma tolice da nossa parte escutá-lo ou fazer caso dele." Ainda outro disse: "Ele pode falar com seriedade, mesmo

se os seus ditos são mal moldados. Eu manteria discurso com ele novamente, talvez."

Contudo, Paulo sabia, no seu coração, que tinha falhado em ganhar os Mestres e o povo. Pois eles estavam fixos nas suas próprias crenças e eram como homens pesados em cadeias. Nada os soltaria. Não estavam preparados para receber o Evangelho de Cristo. Ainda assim, houvera uma recompensa para todos os trabalhos do santo. Dionísio e Dámaris foram ter com ele juntos. Lançaram-se aos seus pés, suplicando-lhe que os batizasse e assim removesse a sujidade das suas almas. "Eu perdoei à mulher," disse Dionísio. "Não buscarei, em nenhum tempo futuro, a sua vida.

Tal é a obra operada pelo teu ensinamento, mestre. Verdadeiramente o teu jugo não é fácil, contudo eu quereria carregá-lo. Pois percebo que apenas no teu ensinamento há alguma promessa segura de uma vida por vir e de uma ordenação segura dos justos e dos injustos. Como uma névoa sobre o mar, espessa e escura, é o ensinamento dos nossos filósofos relativo à vida além da sepultura, relativo à mortalidade ou imortalidade da alma. Por isso eu quereria perceber, com a tua clareza, e colher dentro de mim todos os ditos de Cristo, o Filho de Deus."

CAPÍTULO XI

AZAN FAZ ACUSAÇÕES MENTIROSAS CONTRA PAULO.

OS JOVENS DE ATENAS TRATAM-NO COM GRAVE VIOLÊNCIA. ELE VIAJA COM ACAICO PARA CENCREIAS.

ORA, certos judeus tinham escutado Paulo quando ele falava aos sábios. Estes eram homens humildes, contudo orgulhosos porque um da Judeia fazia assim com que os maiores entre os atenienses fossem ouvintes, mesmo por um breve espaço, das suas palavras. Um de entre eles, um

comerciante chamado Hilel, convidou Paulo para a sua humilde habitação e colocou comida para ele, suplicando-lhe que permanecesse na sua casa. Pois ela era honrada por um que era verdadeiramente um mestre em Israel. Paulo ficou alegre de coração porque era assim feito bem-vindo.

Foi nas horas ardentes do Verão e, embora não fosse grande adversidade para aqueles que estavam de saúde dormir sob as estrelas, contudo os orvalhos da noite faziam o santo sofrer as velhas dores nos seus membros, e ele temia que, vindo a doença sobre ele, não estaria apto para continuar os seus trabalhos para o Senhor. Assim, ceou com Hilel e descansou na sua habitação até à hora em que tinha prometido que iria à casa de Dionísio e o batizaria, fazendo dele o primeiro soldado de Cristo naquela cidade.

Dámaris foi convidada para o batismo. Pois ela também estava perdoada; e grande era o seu fervor. O vestuário da prostituta tinha sido lançado dela, e ela anelava mostrar o seu zelo por Cristo. Contudo, duras são as tarefas que, às vezes, são impostas àqueles que assim desejam com todas as suas forças provar-se dignos do selo da água que os faz servos de Deus.

Eis que dois viajantes saudaram Dámaris quando ela entrou na câmara que tinha sido preparada para Paulo. E ela percebeu que Fortunato, com um semblante carregado de tristeza, estava diante dela. A velha ira e o velho amor por ele agitaram-se dentro dela mais uma vez. E enquanto ele lhe falava, tornou-se seguro na sua mente que ele não tinha aprendido o nome do assassino de Auleeta.

Ora, grande era o poder de Paulo. O seu discurso tinha naquele dia de tal modo compelido Dámaris que ela tinha apenas a vontade de fazer o mandado do santo. Mesmo embora amasse Fortunato e soubesse que as suas palavras fariam com que ela o perdesse para sempre, contudo entregou a recompensa do seu ato mau sem olhar para trás. Ela fez a oferta de tudo o que lhe era querido à nova fé, a Paulo.

Quando o santo entrou na câmara, ela pediu-lhe que contasse a Fortunato o nome do assassino. Paulo falou-lhe, dizendo: "Dámaris matou a irmã de Dionísio porque ela vos amava. Foi um ato imundo, contudo ela arrependeu-se. Dionísio perdoou-lhe por amor de Cristo. Tu também és um seguidor de Cristo. Por isso ordeno-te que perdoes a esta mulher o seu

pecado. Então os três sereis verdadeiros companheiros de jugo meus." E Paulo exortou Fortunato com muitas palavras, mostrando-lhe que ele só poderia ser um servo digno de Jesus se perdoasse a esta mulher um pecado para o qual parecia, em verdade, não haver perdão.

Fortunato deu resposta: "Ela é demasiado má para morrer. A minha espada ficaria suja se a golpeasse com ela. Não lhe posso perdoar; e nas horas escuras de tristeza que jazem diante de mim, temo que virá um tempo em que o anseio de a matar de tal modo me possuirá que mancharei a minha espada e a minha alma com o seu sangue mau. Desejo não a ver mais; então ela com o tempo será apagada da minha lembrança. Se ela quer viver, isto deve ser assim."

Dámaris deu um grande e amargo grito, pois estava ainda em cadeias para com este homem. E houvera sido a sua esperança que Paulo o persuadisse a não a cortar completamente, mas que prevalecesse com ele para a tomar com o tempo como sua escrava. Contudo, não houve cedência da parte do coríntio. Ele não quis ser batizado, mas saiu da câmara, dizendo que não seria de uma Igreja da qual Dámaris fosse membro.

Quando Dionísio o teria seguido, Paulo raciocinou com ele, dizendo: "As obras do Diabo não deveriam fazer-te renunciar a este batismo. O pecado de uma mulher deveria fazer-te ser tanto mais ávido em evitar o mal. E apenas em medida cheia pode isto ser feito se te tornares um servo de Cristo, entregando-Lhe todos os teus dias." Então Dionísio curvou-se à vontade do santo; e tanto ele como Dámaris foram batizados naquela hora. Assim fez o ensinamento de Cristo uma maravilha no coração de um pagão. E Paulo jubilou porque a sua oração tinha sido concedida; e um homem sábio de alta reputação tinha sido salvo do meio dos muitos errantes Criadores de Sabedoria em Atenas.

Ora, a história de um homem venenoso passa de boca em boca. Ela chega a muitos, porque o seu mal alegra o coração das pessoas tolas. Os homens consideram-se nobres através da baixeza dos outros. Assim, em Atenas, escutaram de bom grado as palavras enganosas de Azan. Ele declarou que Paulo o tinha enganado, que devia dinheiro e não queria pagar o que era devido. E a acusação, que foi assim feita contra o santo, chegou aos ouvidos de certos membros do Conselho. Dionísio logo soube que Paulo estava em perigo, que uma acusação vil seria feita contra ele. Como não havia ninguém para testemunhar o pagamento feito por Paulo, ele

estava num mau caso. Ele nada possuía; pelo que a acusação de que era um mendigo e um sujeito ocioso seria levantada e provada contra ele. Os Criadores de Palavras também declararam que o puniriam pela sua insolência em ensinar na praça do mercado.

Tendo comungado com Acaico, Dionísio foi ter com o santo e instou-o a partir de Atenas, como o servo deste coríntio, que buscaria trabalho para ele na sua própria cidade. Paulo ficou bem satisfeito com este conselho. Pois parecia-lhe como se uma ninhada de demónios estivesse reunida ao redor de Atenas. Quando procurava falar ao povo nas ruas e nas casas de bisbilhotice, escarneciam dele, ou proferiam tais blasfémias relativas a Cristo que este próprio rolo murcharia se fossem escritas sobre ele. Ora, quando Paulo percebeu que estava na morada de Satanás, soube que seria tolice habitar mais tempo nela.

Ele permaneceu todo o dia dentro de portas, porque tinha sido avisado de que os Criadores de Palavras estavam à espreita dele, para o prender e o levar perante os governantes. Depois, quando o sol se pôs, ele saiu furtivamente e, com o manto cinzento da noite ao redor de si, atravessou as ruas da cidade no seu caminho para o porto onde jazia o navio que o carregaria para Corinto.

Enquanto passava por uma rua tortuosa, vieram sobre ele de repente certos jovens atenienses. Um de entre eles gritou: "Eis o impostor de Tarso. Eis que ele vai adiante, buscando algum mercador nas trevas a quem possa roubar. Vinde, vamos prendê-lo." Os jovens não traziam armas. Por isso feriram Paulo com os seus punhos e rasgaram o seu vestuário dele, lançando-o sangrando e nu sobre as pedras. Foi uma hora de grave perigo para o santo. Se ele se tivesse movido ou esforçado para se levantar do chão, eles teriam dançado e saltado sobre ele, esmagando a sua vida sobre a terra. Ele jazeu imóvel, na medida em que estava dolorosamente pisado, e sabia também que, enquanto parecesse haver vida no odiado, eles fariam novos tormentos. Pois o ateniense é duro e frio, e quando o seu apetite pelo derramamento de sangue é despertado, ele será sem compaixão. E um gritou: "Matámo-lo." E ainda outro: "Seremos punidos por este ato, mesmo que ele seja um mendigo." Assim a companhia dos jovens foi rápida e silenciosamente daquela rua.

Por um espaço Paulo não se moveu. Depois, quando o poder regressou mais uma vez aos seus membros, levantou-se; e mesmo naquela noite

percebeu a sua própria nudez e ficou envergonhado. Lentamente e com dor tropeçou ele para a frente em direção ao mar. Tão exausto estava que temia às vezes cair pelo caminho e o navio partir sem ele. Contudo, o Invisível estava perto de Paulo, guiando os seus pés errantes. Lanças de chama tremeluziam nas trevas. Ele percebeu que algum grego, na companhia dos seus escravos, se aproximava dele. Temendo um inimigo, ele teria fugido. Mas a sua força falhou-lhe. Como uma ave que está apanhada numa armadilha, esperou a tremer pela vinda do caçador.

E enquanto a luz dos tocheiros caía sobre ele, veio um grito de saudação. Dionísio lançou-se sobre o santo com muitas palavras de piedade, metendo ao redor dele o seu próprio manto, perguntando o que lhe tinha sucedido. O nobre ateniense tinha vindo demasiado tarde à casa de Hilel. E quando soube que Paulo tinha ido em direção ao mar, tinha partido à pressa, temendo perder a bênção do Homem Santo e aquelas últimas confortantes palavras de conselho que grandemente desejava.

Consideraram que era necessário que Paulo partisse naquela noite de Atenas.[1] Assim, embora ele sofresse muita dor dos golpes dos jovens, os escravos de Dionísio carregaram-no para o Pireu. E ali foi ele entregue ao cuidado de Acaico.

CAPÍTULO XII

FEBE TRATA DE PAULO NA SUA DOENÇA EM CENCREIAS. O SANTO TEM UMA VISÃO DO FUTURO DE ATENAS.

ORA, não há grande espaço de mar a atravessar entre Corinto e Atenas. E ao nascer do sol o navio passou para fora do porto,[1] navegando todas as primeiras horas diante do vento através das belas águas da baía.

[1] Paulo habitou em Atenas, talvez, quarenta ou cinquenta dias. Ele esteve por várias temporadas em Corinto. Foi no auge do Verão quando ele veio para Atenas.

Paulo jazia em trevas dentro do porão do navio; e a febre era sua por causa das suas feridas. Assim foi que todas as imagens de mal que lhe tinham sido mostradas pelos Criadores de Palavras de Atenas se reuniram ao redor dele e afligiram o seu espírito. Ele temia as imaginações destes homens perversos, que não pecavam no corpo, mas pecavam

grosseiramente na mente. Eles tinham, com o seu raciocínio, abalado a medida segura que o santo tinha das doutrinas relativas ao Mestre.

Desde aqueles primeiros dias em que Barnabé viera ter com ele que ele não duvidava da sua própria certeza das doutrinas relativas ao Mestre. Mas os ditos distorcidos e coloridos dos Epicuristas e Estoicos tinham-se entrançado ao redor dele como uma corda, confinando o seu espírito, pressionando-o de tal modo que ele se lamentava enquanto jazia nas trevas do porão.

Apenas quando Acaico foi ter com ele ao pôr do sol foram as suas más perplexidades aquietadas. Apoiando-se neste irmão, ele foi para a parte dianteira do navio. E eis que, enquanto olhava para o mar de prata, percebeu as colinas escuras e pacíficas e o porto movimentado abaixo. E a sua alma ficou alegre, apesar da sua dor, com a vista de Cencreias que na luz suave parecia de fato uma visão de algum paraíso além da terra.

Ora Acaico era um artesão; e contou a Paulo que tinha trabalhado para uma certa mulher de riqueza chamada Febe, e que ela habitava nesta cidade. Era o propósito de Acaico ir imediatamente para Corinto; o santo não podia viajar na sua companhia. Pois mesmo ao pisar a terra firme ele caiu ao chão num desmaio; e as suas feridas mais uma vez sangraram. Pelo que o seu companheiro ficou amedrontado; e com a ajuda dos homens que estavam perto dele, carregou o santo para a habitação de Febe.

Ela era uma viúva, nos anos médios da sua vida. Branca como o cisne era a sua testa, e alta e direita como o pinheiro era ela. Assim como era ampla em forma, assim era ampla em alma, generosa e de terno coração. Acaico falou-lhe, dizendo: "Trago-te o homem estranho de Tarso que com os seus próprios olhos viu Chrestus. Dolorosamente aflito está ele, na medida em que homens vãos caíram sobre ele em Atenas e procuraram matá-lo porque ele é um profeta. Se o quiseres socorrer agora enquanto a febre está sobre ele, então ele dar-te-á as notícias que desejas relativas ao seu Mestre Jesus."

Febe ficou grandemente animada. Ela colocou ervas calmantes sobre as feridas do santo, e reuniu ao redor da sua testa uma aragem fresca de ar. Assim, quando um pouco de tempo tinha passado, os humores escuros partiram da mente de Paulo. Ele abriu os seus olhos e, percebendo a mulher, maravilhou-se, dizendo: "És tu um anjo?" E ela deu resposta:

"Não, sou como tu és, carne e sangue, mestre." Ele continuou, dizendo: "As formas más que são lançadas fora pelos Raciocinadores de Atenas assaltaram-me nesta noite cega, a qual estas muitas horas me cercou ao redor. Pelo que, quando a escuridão desvaneceu perante a luz, acreditei que eras um anjo."

Percebendo a sua febrilidade, ela não quis falar mais com ele. Contudo, no dia que se seguiu, as suas feridas melhoraram e ele soube que esta mulher era de Roma. Ela falou-lhe, dizendo: "Sempre anelei aprender a verdade relativa à vida e à morte. E nenhum homem ma pôde tornar clara até que uma noite, nos anos que lá vão, o meu marido conduziu à sua habitação um certo homem chamado Andrónico, que nos trouxe notícias que foram mais preciosas para mim, no tempo posterior, do que todo o meu tesouro. Pois ele falou de Jesus, a quem chamava Chrestus.

Ele não tinha posto os olhos sobre este homem, que ele nos disse ser o Anointed One, que redimiria todos os homens. Mas tinha aprendido muito relativo à Sua doutrina e às maravilhas operadas por Ele; pelo que fui constrangida a crer. E quando o meu marido morreu, as palavras de Jesus permaneceram comigo como uma lâmpada para iluminar a melancolia dos meus dias. Conquistei a tristeza através dos Seus ditos, estranho. E, a certa altura, estive inclinada a viajar para Jerusalém para que pudesse conhecer aqueles que estavam com Jesus quando Ele caminhava sobre esta terra.

Contudo, vieram tempos de problemas sobre mim. Um dos meus filhos foi morto quando os judeus em Roma fizeram um assalto sobre os seguidores de Jesus. Por isso fugi na companhia do meu filho mais novo para esta cidade, a qual agora habito, porque certos dos meus parentes habitam dentro dela."

Febe continuou, dizendo: "Acaico diz que tu viste Jesus, meu Mestre e meu Consolador, com os olhos da carne. Suplico-te que fales d'Ele para mim para que eu possa ter entendimento das Suas palavras. Pois Andrónico tinha perdido muito do que era precioso; a memória pode reter apenas uma pequena porção do que nela é derramado."

Paulo maravilhou-se com a fé desta mulher, pois cedo soube que ela tinha pouco conhecimento do Mestre. Mas com o conhecimento certo de um ser que é puro de coração, ela tinha sabido ser Ele a sua necessidade e o seu Deus. Assim Paulo falou da primeira vez que tinha escutado o Mestre e

daquele encontro com o Ressuscitado quando O percebera com os olhos do Espírito em Damasco. E contou à mulher que, embora Cristo aparecesse na forma de homem mortal, contudo havia no Seu semblante tranquilo uma compaixão que não era da terra, uma doçura que nenhum rosto alguma vez imaginara em qualquer hora, um comando que O mostrava verdadeiramente ser o governador de tudo.

Ora, por muitas horas, Paulo instruiu Febe. E assim foi o santo confortado através da sua própria expressão. As palavras com que ele bordava a história de Cristo ajudaram-no mais uma vez a perceber a Sua fé em toda a clareza. Os ditos dos Estoicos e dos Epicuristas fugiram como as sombras da noite perante a glória do dia nascido.

Ele sabia que, ao estabelecerem dúvidas na sua mente, estes atenienses o tinham feito pecar contra o Espírito. Tinha-se esforçado por ganhá-los com as palavras da razão quando a razão não passa da parte mais baixa do entendimento do homem. Não mais se esforçaria assim com ditos sábios para expor a sua doutrina. Ele chamaria os homens a testemunhar a vida de Cristo, a Sua abnegação, a Sua compaixão por todos, o Seu sacrifício e amargo desgosto. O povo assim viria a crer como Febe acreditava no Mestre.

E com a queda da noite Paulo caiu num sono profundo, passando de fora do conhecimento dos corpos para os reinos que jazem no Invisível. E ali, o tempo não era. Ele já não percebia o porto de Cencreias, nem os navios de asas brancas que jaziam no porto. Mas no Espírito caminhava pelas ruas de Atenas e olhava para as glórias daquela cidade. Percebia os ídolos adornados de joias reunidos em multidões ao seu redor, as formas esculpidas sobre os templos tremeluzentes, a grande deusa de bronze que tinha escarnecido dele na hora em que estava castigado e aflito. Percebia mais uma vez o concurso de homens. E a tagarelice das suas muitas palavras vinha a ele como o ruído de animais, não havendo sentido nos sons misturados.

Poderosa era a maravilha daquela cidade brilhante. Paulo olhou para dentro da mente do seu povo e percebeu a grandeza do seu orgulho nesta cidade, a qual eles defendiam ser mais bela do que qualquer outra que alguma vez tivesse sido erguida pelos filhos dos homens. E eis que a brancura desvaneceu, tudo se tornou escuro: e depois novamente veio a luz, la luz de outro dia, mais pálido. Novamente estava Paulo em Atenas, e

novamente passava pelas suas ruas. Mas a sua glória tinha desaparecido, muitos dos templos jaziam no pó.

Ao redor do santo estavam paredes partidas e imagens disformes. Toda a força e beleza da grande cidade dos gregos tinha passado dela. E mais uma vez a mente do seu povo jazia aberta perante Paulo, e ele podia lê-la como se fosse um rolo contendo muitas imagens. O santo não percebia nenhum sinal da sabedoria dos Criadores de Palavras; nenhuns ditos dos Estoicos jaziam dentro das memórias do povo.

Apenas neles havia problema e perplexidade, medo de que perdessem a sua escassa medida de pão diário, medo do invasor, medo da escravatura, medo da morte e da noite. "A aprendizagem dos filósofos tinha desvanecido como os ricos botões murcham e passam. A razão, que quereria a partir de Atenas governar todo o mundo, já não habita ali. A raça dos orgulhosos sábios pereceu da terra." Tais foram as palavras proferidas por uma voz.

Paulo acordou daquele sono profundo. Rapidamente regressou à sua habitação de argila. Não havia som de conversa lá fora, nenhum eco dos pés dos homens. Foi no início do dia. E Paulo não ouviu senão o choro do vento e da água, o puro chamado de uma ave. E depois voltou-se sobre o seu lado e dormiu mais uma vez, sabendo que Deus estava com ele.

CAPÍTULO XIII

PAULO VAI PARA CORINTO,

LEVANDO UMA CARTA DE FEBE PARA ÁQUILA.

ELE PREGA NA SINAGOGA, CONVERTE CRISPO,

O CHEFE, ESTÉFANAS E JUSTO.

ORA, quando o santo estava são no corpo, Febe planeou que ele deveria ir para Corinto, onde poderia alojar-se com um que também tinha aprendido de Jesus quando estava em Roma — Áquila, que vinha do Ponto e comerciava na cidade de Corinto. Ele era instruído, e Febe sabia que ele acolheria Paulo, pois todo o seu desejo era aprender mais do que o Mestre. Assim, mais uma vez o santo partiu pelo caminho. E havia uma paz segura na sua alma, pois o mal escuro de Atenas já não se agarrava a ele, lançando

confusão sobre a sua crença, nublando todo o seu ser com as suas parábolas subtis.

A maior sabedoria no mundo é a sabedoria que uma criancinha pode entender. E isto Paulo tinha aprendido naquelas horas em que tinha conversado com Febe. Ela pensava como uma criança e sentia como uma criança. Estava possuída de toda a inocência da juventude, embora estivesse agora nos seus anos médios. Assim ela tinha, através da sua própria simplicidade e valor, socorrido o santo na sua temível necessidade, uma necessidade que era do Espírito, na medida em que o seu espírito tinha sofrido mais dano do que o seu corpo quando ele estagiou em Atenas. Os filósofos tinham-no feito temer que os seus trabalhos fossem em vão. Contudo, a fé desta mulher tinha-o puxado para fora da rede deles. E seguro estava ele do desígnio do Espírito quando entrou dentro das fronteiras de Corinto.

Ora Paulo passou pelas ruas desta cidade movimentada e maravilhou-se, enquanto jornava, com os muitos trabalhos do seu povo. Pois percebeu homens com bolhas do sol, esforçando-se com pesos pesados, carregando os frutos da terra, as preciosas especiarias, o marfim e os metais das terras orientais. Todos estes homens que trabalhavam eram como almas a ser salvas e, portanto, preciosos nos olhos de Paulo.

Percebeu edifícios nobres de mármore e pórfiro enriquecidos com artifícios de ouro e prata como em Atenas. E voltou a sua face deles, buscando apenas as habitações da multidão. E percebeu que estas eram lastimáveis de olhar, sendo algumas construídas de palha, algumas de terra e uma medida de argila, e algumas eram moldadas em madeira. Para muitos, eram semelhantes aos buracos das bestas selvagens nas colinas. Contudo eram mais imundas e havia mal e trevas dentro delas.

E Paulo jubilou no Espírito, na medida em que sabia que aqui, nesta cidade, trabalharia entre os pobres e aflitos, entre os escravos e mercenários que não fixariam as suas mentes contra os seus ensinamentos, como era o costume com os Homens de Sabedoria em Atenas. Assim, não ficou de forma alguma confuso quando as primeiras saudações de Áquila foram severas e estranhas. Havia dúvida no olhar deste judeu após ter lido a carta escrita pela mão de Febe. E segurou o santo na estrada fora da sua habitação no calor ardente do meio-dia, questionando-o relativo aos seus feitos em Atenas e ao seu conhecimento de Cristo.

Paulo percebeu que a desconfiança crescia dentro deste homem; e perplexo ficou o santo, pois desejava grandemente obter abrigo e descanso. Estava ainda fraco nos seus membros e facilmente exausto. Como quer que seja, soou a voz de uma mulher. Veio de fora da casa deste homem, e pedia que Áquila conduzisse o estranho para dentro. Assim, ainda com a dúvida escrita no seu semblante, o judeu ordenou-lhe que entrasse; e à exigência da voz ele foi conduzido para a câmara interior.

Sobre um leito jazia uma mulher que estava gasta com a doença. Tão definhada aparecia ela que a compaixão se levantou no coração de Paulo. Sentiu mais uma vez o afluxo do Santo Poder de Deus, vertendo através dele como uma torrente. E foi para a frente corajosamente, impelido pelo Espírito. Embora Áquila o repreendesse pela sua audácia, ele colocou a sua mão sobre a testa da mulher, dizendo: "Sei, filha, das tuas aflições. Sei da tua dor. Não te perturbes. A partir desta hora a febre afastar-se-á de ti, e tu em breve te levantarás deste leito de doença e ministrarás ao teu marido."

Por um curto espaço a mulher voltou-se e torceu-se toda, respirando pesadamente como quem contende com um mal doloroso. Depois veio um silêncio, um sossego como se ela já não respirasse. Não lutou mais, mas deitou-se para trás pacífica e pálida como as águas no amanhecer. "Ela dorme, estranho," sussurrou Áquila, "a febre abrandou." E curvou-se perante o santo, puxando-o em silêncio para outra câmara.

Quando a porta estava bem fechada, o judeu falou com grande avidez, suplicando o perdão de Paulo e contando-lhe por que razão tinha duvidado e sido como um rústico nas suas maneiras. "Senhor, sofremos muitas coisas por causa de Jesus, teu Mestre. Éramos ricos e tidos em honra pelo nosso povo em Roma. Mas aconteceu que as notícias do Messias, como era chamado, nos foram levadas, e muitos acreditaram. A minha mulher estava entre os crentes e de maneira nenhuma a pude segurar. Ela queria mostrar aos judeus, que se levantavam contra os seguidores de Jesus, que era uma deles. Assim a nossa casa foi queimada por certos dos Fariseus, que estavam determinados a que a seita dos santos fosse destruída.

E eu fiquei grandemente irado e procurei exercer vingança sobre os nossos perseguidores, pois eles tinham-nos roubado a nossa riqueza. E como um ato de mal gera outro, assim as guerras entre os judeus em Roma relativas a Chrestus aumentaram e multiplicaram-se. Como aprendeste talvez, todos os da nossa raça foram expulsos daquela grande cidade.

Seguiu-se muita adversidade entre o nosso povo. Tomámos navio para Corinto. E aqui encontrámos paz, e havia trabalho para as nossas mãos, de modo a que não nos faltava pão nem dias de descanso.

Ora, quando tu vieste sobre mim com o nome de Jesus nos teus lábios, temi-te grandemente; pois veio a mim a lembrança daqueles dias de turbulência e medo, quando judeu feria judeu, quando nós, que deveríamos ser irmãos, nos esforçávamos por matar e queimar em nome das nossas crenças e do nosso Deus. Pareceu com a tua vinda como se estes dias prósperos e quietos fossem desaparecer, e mais uma vez fôssemos ficar aflitos e temerosos de coração.

Como quer que seja, a minha mulher tem jazido doente por muitos dias. Dolorosamente tem esta febre operado sobre ela, de modo que por noites ela não tem dormido; e o seu choro tem enchido a minha casa com sons de cansaço. O toque da tua mão concedeu-lhe um sono de cura. Finalmente o seu choro está aquietado. Pelo que estou grandemente devedor para contigo, estranho. E dar-te-ei o trabalho relativo ao qual Febe me redigiu esta carta. Mas eu quereria que me jurasses que não espalharás fora as notícias de Jesus nesta cidade. Pois desejo viver em paz. Creio que este Jesus foi um operador de maravilhas. Creio que Ele foi, talvez, o Messias. Por isso não te constrangerei nestas matérias se não pregares relativo a Ele na sinagoga e entre o nosso povo."

Então Paulo levantou-se e pegou no seu cajado dizendo: "Não posso fazer um voto, pois nada me silenciará. Vim para Corinto para pregar Cristo tanto a judeus como a gentios. Fica bem, mestre." E o santo teria saído para vagar mais uma vez naquela cidade de estranhos se Áquila não o tivesse chamado de volta, dizendo: "Não posso deixar-te ir até que a minha mulher tenha falado contigo, senão serei repreendido por ela. Demora-te portanto um pouco comigo."

Assim Paulo voltou para a câmara; e, na hora que se seguiu, falou com este judeu, instruindo-o nas crónicas dos santos e nos seus trabalhos e sofrimentos. Depois, ao fim, falou de Cristo, que não trazia consigo a paz, mas trazia ao Seu próprio povo sofrimento e perseguição — e (o que para eles apagava a sua dor) o Seu perdão para os seus pecados, que foi a Sua vida; para que pudessem atingir a vida eterna. Áquila permaneceu em silêncio. O selo do problema estava na sua face. Paulo percebeu que o seu

coração vacilava, que as palavras do Mestre o envergonhavam para fora do seu temor.

E eis que a porta se abriu, e Priscila, sua mulher, veio para fora da sua câmara. Ela ajoelhou-se perante o santo e lavou os seus pés, repreendendo o seu marido porque ele não tinha servido o homem santo desta moda. E carregou comida para ele, colocando pão e vinho sobre a mesa. Quando o santo tinha comido e estava cheio, ela disse-lhe que estava agora sã no corpo, que ele era aquele por quem ela tinha anelado estas muitas temporadas. Ele era Paulo de Tarso, de cujas obras de maravilha ela tinha aprendido noutros tempos. Assim aconteceu que estes dois, que eram de Roma, lhe deram as boas-vindas à sua habitação. E ele alojou-se com eles, partilhando em todos os seus trabalhos.

Ora Áquila conduziu Paulo ao chefe da sinagoga, que se chamava Crispo, para que este pudesse examinar o santo e esquadrinhar as suas doutrinas antes de ele as expor na sinagoga. Estavam com Crispo, Estéfanas e um homem liberto chamado Justo, que era um prosélito. Quando estas pessoas devotas tinham escutado Paulo por um espaço, todo o medo partiu da mente de Áquila. Pois estes homens foram ganhos pela seriedade de Paulo. Não duvidaram dele de maneira nenhuma.

Longamente tinham eles vigiado pelo Messias. Certas notícias relativas a Jesus tinham-lhes sido levadas por viajantes. Contudo as suas histórias estavam distorcidas e havia mas pouca certeza nelas. Ora, quando Paulo testemunhou relativo a Cristo, contando do Seu Sacrifício na Cruz, eles escutaram e acreditaram. E ficaram tão movidos no Espírito que suplicaram a Paulo que os baptizasse naquela mesma hora.

Não era o costume do santo batizar. Sempre algum companheiro de trabalho descarregava este ofício. Como quer que seja, em Atenas ele tinha batizado Dámaris e Dionísio. E nesta hora, quando se encontrava sozinho entre os coríntios, ele próprio administrou o rito da água. Crispo ficou grandemente animado com a vinda de Paulo. Era um homem bom que vivia castamente ao longo de todos os seus dias; e os pecados imundos da carne que eram cometidos em Corinto tinham-no feito temer a destruição desta cidade perversa. Ele acreditava que a ira de Deus a feriria. Pois nem mesmo Deus, embora seja compassivo, poderia olhar para tal pecado. Crispo defendia que a terra estava velha e enferma e perto da sua morte. Assim as notícias que Paulo carregava para Corinto relativas a Jesus, que era

verdadeiramente o Messias, foram acolhidas por ele. E Justo, que era sóbrio e temperado em todos os seus caminhos, foi ganho pela vida nobre do Mestre, tal como lhe foi relatada por Paulo.

Estéfanas encheu-se de tal fervor que desejou vender tudo e servir Paulo nas suas viagens. Como quer que seja, estava possuído de uma mulher e filhos, e Paulo ordenou-lhe que procurasse trabalhar para o Senhor em Corinto até ao tempo em que estes não tivessem mais necessidade dele. Para Paulo, estes primeiros dias foram de ouro e prometeram tempos mais felizes e fáceis. Assim ele jubilou no Espírito e trabalhou de boa mente todo o dia na habitação de Áquila, com quem aprendeu da primeira vinda os santos a Roma.

Paulo pregou na sinagoga no dia de descanso, fazendo com que grande agitação fosse feita na congregação. Certos dos judeus defendiam que ele acusava os anciãos em Jerusalém de mal, e por isso ficaram muito escandalizados. Contudo por um espaço temeram fazer um assalto sobre a doutrina ensinada, porque Crispo saudava Paulo como um homem de Deus e um grande profeta.

CAPÍTULO XIV

TIMÓTEO E SILAS TRAZEM NOTÍCIAS DOS PROBLEMAS QUE ENFRONTAM ARISTARCO E JASON EM TESSALÓNICA.

PAULO REDIGE UMA CARTA AOS TESSALONICENSES.

EU JÁ vos disse que, para o santo, foi um tempo de ouro. Cedo os dois amados irmãos em Cristo, Timóteo e Silas, o procuraram em Corinto. Traziam com eles um nobre relato da fé dos irmãos em Tessalónica e Filipos. Muitos gentios tinham sido batizados por Timóteo. Apesar da má conversa de Nethan, relativa à ganância de Paulo, o número dos santos aumentava diariamente.

Aristarco e Jason tinham trabalhado sem cessar, e, eis que frutos foram colhidos para Cristo na devida temporada. Como quer que seja, houvera disputações entre Jason e Aristarco relativas ao dom do Espírito

Santo aos homens. Aconteceu desta maneira. Os gentios e os judeus reuniam-se, quando os seus trabalhos para o dia terminavam, para louvar a Deus e esperar em silêncio pelo dom do Espírito. Ora certos dos irmãos, que eram facilmente agitados, acreditavam que o fim do mundo estava à mão. Pois era o seu desejo que o Filho de Deus descendesse do Céu antes de eles passarem para as trevas da morte e da sepultura. Assim, não trabalhavam mais, e passavam os seus dias em oração.

Depois, quando todos se reuniam para a adoração, estas pessoas tolas levantavam-se e gritavam alto juntas de modo a que havia muitas vozes e nenhum homem podia ter entendimento da sua expressão. Alguns de entre eles, com chicotes, feriam os seus próprios corpos e faziam lamentação. No seu furor, um dia Aristarco agarrou em todos os que assim se contorciam, saltavam e gritavam, e lançou-os fora da assembleia, declarando que não estavam possuídos pelo Espírito de Deus, na medida em que nenhum Espírito Santo falaria desta moda tola. De acordo com a sua palavra, eles blasfemavam o Sagrado Nome ao fazerem a sua alegação de que Deus assim falava através deles.

Tão irado estava Aristarco que disse a Timóteo: "Mestre, não creio que o Espírito Santo possa entrar nos homens. Ele é de Deus e não tem parte com estes criadores de ruído e tolice. E eu tenho o propósito de fixar a minha face contra a possessão pelo Espírito na assembleia. Tais pessoas serão lançadas fora se fizerem qualquer som. Verdadeiramente elas proferem apenas os seus próprios ditos tolos, e não há ouro nas suas palavras."

Ora Timóteo temia que noutra temporada surgisse problema entre Jason e Aristarco, porque Jason se mantinha ao lado destes homens que procuravam continuamente falar na presença da assembleia. Aconteceu que Aziza falava muito e frequentemente e profetizou que no próximo Sábado a terra seria abalada, e o Senhor viria para o meio deles na companhia dos anjos, e então a terra quebrar-se-ia e seria espalhada em fragmentos como o vaso de um oleiro, dissolvendo-se estes fragmentos no fogo que devoraria o que restasse do mundo. Contudo, os fiéis seriam salvos, e apenas os perversos seriam lançados na fornalha do Senhor.

E certos dos santos acreditaram nesta profecia. Por isso vestiram saco e puseram cinzas ao redor de si e sobre as suas cabeças. Oravam noite e dia, e jejuavam, esperando pelo seu cumprimento. Ora o dia de Sábado, que

havia de ser o último de todos, foi belo e calmo. O sol brilhou. Não havia agitação ou inquietação em parte nenhuma. E até à meia-noite os santos que seguiam Aziza oraram e flagelaram-se, cantando salmos e louvando a Deus. E ficaram grandemente de coração pesado quando o tempo passou e não veio nenhuma mudança sobre a face da terra, nenhuma visão de luz nos céus.

Aristarco ficou muito irado e falou contra a profecia e o discurso que os homens declaravam vir do Espírito. Assim, todos exceto Jason e o grego ficaram mudos na assembleia. E alguns ficaram temerosos de coração, e outros duvidavam se Aristarco tinha conhecimento da doutrina ensinada por Paulo. O aperto do povo aumentou nas assembleias.

Eles impuseram a Timóteo muitas perguntas. E ele estava perplexo, não estando seguro da interpretação que Paulo daria a tais doutrinas. Contudo estava ele determinado a que os homens devessem crer no Santo e no Seu poder para falar através de vasos escolhidos. Era o conhecimento daquilo que era verdadeiro em tal expressão e daquilo que não passava das vãs imaginações dos homens que era difícil de discernir.

Como quer que seja, enquanto Timóteo estava em Tessalónica, um jovem foi verdadeiramente movido pelo Espírito e falou a Jason, dizendo: "Em cada véspera reúne os teus vizinhos ao redor da tua habitação, a qual não jaz perto de outras habitações; na medida em que percebi uma grande mão, que é grande e vermelha, que colhe dentro do seu aperto toda a mansão e esmaga todas as tuas possessões entre os seus dedos que se torcem. Haverá tristeza e ruína para ti se não escutares as palavras que foram postas na minha boca." Ora o jovem era de uma mente simples e um escravo. Por isso Jason não o escutou, embora ele fosse puro de coração e um crente fervoroso nos ensinamentos do Mestre.

E eis que certos mercenários que estavam ao serviço de Nethan vieram furtivamente à sua habitação na hora da noite. Nenhum homem estava na sua companhia. Apenas a sua mulher e filhos estavam dentro da casa. Assim, ele não pôde combater estes malfeitores, que lançaram marcas de fogo sobre o seu lar. Um dos seus filhos morreu no fogo, e todas as suas possessões pereceram. Quando o dia veio, Jason olhou para a habitação arruinada e lembrou-se da profecia do jovem. E bateu no seu peito na sua amargura, gritando contra a dúvida relativa à profecia que Aristarco tinha colocado no seu coração. Contudo, foi socorrido por ele na sua grande

necessidade. E estes dois, sendo em verdade irmãos em Cristo, não foram provocados um contra o outro. Pediram a Timóteo, quando este veio ter com eles, que buscasse o conselho de Paulo relativo à profecia e ao dom do Espírito, relativo também à temporada na qual o mundo chegaria ao seu fim.

Pois alguns declaravam que apenas aqueles que estivessem vivos naquele tempo seriam salvos. Por isso havia muita tristeza entre os gentios pelos seus parentes que tinham sido convocados pela morte e tinham passado para as trevas. Temiam que tudo estivesse terminado e não houvesse para os amados mortos nenhum levantamento para o Reino dos Bem-Aventurados.

E Paulo comungou com Timóteo e Silas sobre a doutrina que deveriam entregar aos irmãos na Macedónia. Ordenou-lhes que pusessem em pergaminho a sua decisão sobre estas matérias. Passou muitas horas em oração, suplicando ao Espírito que entrasse nele e carregasse a sua boca com as verdadeiras palavras de Deus. Muito animado ficou ele porque soube que na região ao redor de Tessalónica houvera conversa sobre os santos. E muitos dos lavradores tinham vindo a crer em Cristo através da sua pregação.

A mando de Paulo, Demas tinha partido da sua companhia em Atenas. E tinha trabalhado zelosamente entre o povo simples da Macedónia, embora tivesse sido o desejo do seu coração permanecer com Paulo. Naqueles primeiros dias, os santos frequentemente entregavam não apenas as suas possessões, mas o seu afecto e amor pelos outros, para que pudessem trabalhar tanto mais veementemente para o Senhor.

CAPÍTULO XV

SÓSTENES TEM CIÚMES DE CRISPO, DESEJA TORNAR-SE CHEFE DA SINAGOGA NO SEU LUGAR.

ELE COMPLOTA CONTRA PAULO.

O SANTO É VISITADO PELO ESPÍRITO SANTO.

ORA gostaria de escrever sobre as obras operadas por Paulo em Corinto. Após um curto espaço, ele soube que dois homens trabalhavam contra ele em segredo na sinagoga. Sóstenes e um chamado Menehas

consultavam juntos relativo ao propósito do santo naquela cidade. Menehas declarou que Paulo vinha para derrubar a autoridade na sinagoga, que o seu Mestre Jesus, o Nazareno, era um homem mau e tinha provocado muita turbulência na Judeia. Ora Menehas tinha sido a certa altura um escriba. E contou a Sóstenes que tinha visto Jesus e que O tinha odiado, na medida em que o povo se tinha desviado do ensinamento do escriba e se tinha reunido ao redor do Nazareno.

Sóstenes ficou muito jubilado quando percebeu que este judeu era instruído e estava cheio de veneno. Sempre seria Menehas como alguma pequena criatura rastejante que vem furtivamente na hora da noite, vertendo o seu veneno nos incautos e destruindo-os. Assim era ele alguém segundo o coração deste rico "Mestre de muitos Navios", como Sóstenes era chamado. E pronto estava ele para escutar o desígnio do outro. Determinou-se por eles que por um espaço não levantariam as suas vozes na sinagoga. Buscariam individualmente os judeus devotos e os colocariam contra Paulo, despertando tudo o que era baixo e temeroso nas suas almas.

Ora Sóstenes anelava ser chefe da sinagoga. E este lugar tinha-lhe sido sempre negado. Pois, embora fosse o judeu mais rico em Corinto, era mesquinho e ganancioso; tendo o seu ouro sido acumulado através do sangue e do suor de escravos e de gregos mercenários. Era um homem de artifícios astutos, e pagava uma pequena porção de dinheiro a certos mercadores que lhe dariam o seu pato de pagar por toda a carga e pelo navio, se este perecesse, mas não pelas vidas dos homens. Muitas moedas de prata foram feitas por este judeu através do naufrágio de certas embarcações antigas que ele enviava contra os ventos destruidores na temporada de Inverno.

Aconteceu, portanto, que Sóstenes era odiado ainda mais pelos gregos do que pelos judeus. Pois os gregos são homens do mar e os hebreus são homens da praça do mercado, e não buscam o seu sustento sobre as águas, se este puder ser encontrado sobre a terra firme. Mas Crispo era tido em alta estima tanto por judeus como por gregos. E porque era o único chefe na sinagoga, muitos gentios vinham a ela para escutar o ensinamento dos profetas. E certos deles carregavam dádivas, tornando-se prosélitos.

Assim Sóstenes, até à vinda de Paulo a Corinto, não conseguia ver caminho pelo qual pudesse derrubar o governo deste homem bom e colocar-se no seu lugar. A sua mente, portanto, tornou-se imunda e

barulhenta como a sepultura cheia de vermes. Devorada estava ela pelos desejos baixos do ciúme e da luxúria. Havia apenas uma lei, uma crença para ele: a lei que o fazia governante do povo, a crença que o fazia tomar o lugar mais alto na sinagoga.

Ora Paulo não, nas primeiras semanas, apresentou aos judeus na sinagoga toda a vida de Jesus ou todos os Seus atos e ditos maravilhosos. Os atenienses tinham-no feito caminhar cautelosamente e vigiar sempre pelo ataque rápido do inimigo oculto. Temia poder ser lançado fora de mais uma cidade se falasse com qualquer audácia. Por isso contentou-se com as palavras dos profetas relativas à vinda de um Messias, e com a crónica da morte de Jesus na Cruz, e também com a história de certas das Suas parábolas e certos dos milagres operados por Ele.

As más sementes semeadas por Menehas mudaram os corações de muitos dos judeus. E como Áquila tinha relação com alguns destes, logo deparou com os artifícios tortuosos deste escriba. Por isso avisou Paulo na altura em que Timóteo e Silas estavam na sua companhia. Contudo, ele não fez caso de Áquila e continuou a comungar com os dois santos relativo aos rolos que eles carregariam para os tessalonicenses.

Como quer que seja, veio uma hora em que a última palavra foi escrita sobre o pergaminho e Paulo ficou contente com a sua exortação. Ele partiu da companhia dos irmãos, pois o desejo de estar sozinho era seu. E após ter orado e suplicado a bênção do Mestre sobre estes escritos, subiu à poderosa rocha que vigia sobre Corinto. Estava muito elevado em Espírito. Felizes como pássaros girando ao sol estavam os seus pensamentos.

Jubilava por causa da fé dos tessalonicenses, porque a palavra tinha chegado até Corinto relativa aos seus trabalhos para o Senhor. Pelo que desejava aproximar-se mais dos Céus, olhar para fora através do mar e sonhar com as multidões em todas aquelas terras estranhas ainda não visitadas por ele, as quais ganharia para Cristo.

E Paulo, naquela hora alegre, deleitou-se nas muitas obras que foram operadas através dos seus trabalhos no passado. Lembrou-se dos gálatas, dos filipenses, do povo de Antioquia, que agora em grandes números adoravam Jesus. Tinham sido conduzidos a Cristo pelo Pecador de Tarso, como se chamava a si próprio. Ele estava sozinho na borda daquela grande rocha. Abaixo dele jazia Corinto com as suas muitas pequenas cabanas, as

suas torres e templos brilhantes e a multidão de homens em movimento rápido.

Eis que o céu do oeste era da cor do vinho. E os mares corados a leste e a oeste carregavam sobre si dezenas de navios. Brancos pássaros das águas pareciam enquanto jornavam diante do vento, carregando cargas para todas as nações. Por um espaço foi como se Paulo olhasse para toda a imagem do mundo. Toda a força da terra jazia diante dele. Montanhas e ilhas, cidades e o povo que trabalha, navios e águas estavam reunidos numa visão que podia ser percebida por olhos carnais. E sentiu-se como um conquistador mais poderoso do que César, na medida em que através do poder do Altíssimo colheria para o Mestre as multidões que vivem e se movem sobre a face da terra.

Uma Voz veio do silêncio, dizendo: "Paulo, tu estás bem satisfeito." E ouvindo-a, o santo lançou-se sobre a sua face. Novamente a Voz falou: "Paulo, tu estás bem satisfeito com os teus trabalhos." Ele deu resposta: "Não, Mestre, estou elevado não por mim próprio, mas pelas Tuas muitas crianças que vieram a conhecer-Te e a abençoar o Teu Nome." "Tu estás triunfante como o conquistador após uma vitória que ele arrancou de um inimigo forte." "Sim, Senhor," foi a resposta feita por Paulo.

"Como quer que seja, eu triunfo por amor de Ti, não pelo meu." "Não haja triunfo na tua alma. Não estejas demasiado seguro da tua força. Pois eis que formas más foram lançadas sobre o espelho das imaginações de certos homens em Corinto. Aqueles que ganhaste com as tuas palavras de vida estão a afastar-se de ti. Tu deste-lhes apenas meia medida. Se não lhes prestares a medida cheia, todos te abandonarão e aos teus ensinamentos. Pelo que fala com maior audácia na sinagoga. Estes judeus e gentios, que se reúnem ao teu redor no Sábado e nos dias de semana quando o sol se põe, ouvem apenas falar do homem Jesus. Aprendam eles agora que Ele é Cristo, que Ele é verdadeiramente o Ungido."

Então Paulo soube que estava na presença do Espírito Santo e ficou com medo. "Testemunha incessantemente," continuou a Voz. "Pois há alguns entre o Meu povo que são insolentes e duros de coração. Eles quereriam derrubar-te. Por isso não sejas mais cauteloso, mas diz-lhes que Jesus é Deus o Filho, e ordena-lhes que O adorem como o Mediador entre eles e o Pai." E Paulo sussurrou: "Sim, embora eu seja fraco e esteja assaltado às vezes com o medo de ser lançado fora de mais uma cidade,

daquilo que é a coroa de Hélade, contudo falarei como Tu me ordenaste e não segurarei nem mesmo a verdade mais interior."

O Espírito exortou Paulo, pressionando-o a declarar imediatamente a Divindade de Jesus e a não mais duvidar e temer. Pois a dúvida e o medo reduzem a nada os trabalhos do servo mais zeloso. A Voz cessou tão de repente como veio. E após um espaço o santo levantou-se das pedras. Estranhamente movido estava ele por esta conversação com o Espírito. Olhando para fora novamente sobre os dois mares percebeu, como se gravada na sua superfície escura, uma Cruz de luz sobre a qual estava uma figura caída e baça.

A forma não se movia, não fazia som. Gotas vermelhas manchavam a lastimável Árvore. E mesmo quando Paulo gritou: "Jesus, meu Deus," ela desvaneceu e passou. Ele estava na penumbra e sozinho. Não se moveu daquele lugar pedregoso, orando e dando graças pela vinda do Espírito, enquanto o botão da noite se elevava da escuridão até iluminar todos os céus.

CAPÍTULO XVI

MENEHAS, O ESCRIBA, OPÕE-SE A PAULO NA SINAGOGA.

OS JUDEUS MOSTRAM HOSTILIDADE PARA COM O SANTO, QUE SE REFUGIA NA CASA DE JUSTO.

ORA gostaria de escrever sobre Menehas. Menehas declarou ao povo que Paulo era um impostor que procurava com histórias mentirosas ganhar poder para si próprio entre os judeus, para ser tido por eles como um profeta quando não era profeta. Assim, a palavra correu entre eles de que o douto escriba confundiria, no Sábado, este sujeito de Tarso e provaria que ele era um infrator contra Deus e contra os judeus.

Quando a hora para o discurso chegou, Paulo levantou-se; e, como lhe tinha sido ordenado pelo Espírito, disse ao povo que Jesus, o grande profeta e operador de maravilhas de quem lhes tinha falado, era em verdade o Filho de Deus. E ele expôs o milagre da Ressurreição, o levantamento do corpo morto, que se tornou vivo através de um poder que era apenas de Deus. E Sóstenes percebeu que aqueles que estavam virados contra Paulo pela sua

má conversa estavam agora ganhos por este mestre através do feitiço dos seus ditos.

Assim Menehas levantou-se à pressa. E naquele instante foi como se Satanás e um ser santo estivessem lado a lado. Então Paulo afastou-se do outro. E a congregação fitou um que tinha o rosto de um fox e usava uma barba da cor da poeira. Assim eles não ficaram de forma alguma elevados ao percebê-lo. Contudo as suas palavras eram suaves e astutas, e porque eram vis o povo escutava-as tanto mais prontamente. E houve um sossego através de toda a sinagoga enquanto ele falava de Jesus.

Ora porei em escrito certas das mentiras e blasfémias que ele proferiu. Pois talvez estas histórias vos tenham sido carregadas por homens com más imaginações, e aqueles que não são instruídos possam assim começar a duvidar e a questionar. Estão persuadidos pelo discurso astuto da velha Serpente posto na boca dos tolos.

"Jesus, que é chamado o Nazareno," declarou Menehas, "era conhecido por mim e por muitos de reputação em Jerusalém. E eu quereria mostrar-vos que este homem, que vos falou d'Ele, levantou uma falsa imagem do seu profeta. Não havia nenhuma maravilha no olhar do Seu olho, nenhum prodígio na moldagem do Seu semblante. Ele era curvado de corpo, desagradável de contemplar, com longo cabelo de mulher dividido no meio da coroa.

O Seu pescoço caía, e o Seu nariz era como o bico de uma ave. Ele assemelhava-se a muitas dezenas de homens humildes com quem vos deparareis na praça do mercado e nas ruas da vossa cidade. É verdade que Ele tinha um conhecimento de cura, operando curas entre o povo ignorante e dando-lhes conselho na ordenação das suas vidas, de modo a que as varreduras de Jerusalém vieram a crer que Ele era um profeta poderoso. E a fama do Seu nome aumentou. Multidões o seguiriam e declarariam que Ele era o Filho de Deus.

Ora havia entre os jovens certos que desejavam levantar uma insurreição contra César. Era a sua crença que podiam, se encontrassem um líder, expulsar os romanos da Judeia, então seriam como conquistadores, sentando-se nos lugares altos, julgando o povo. Assim levantaram Jesus como o seu chefe. Não refletiram que uma revolta faria muitos da nossa raça morrer. Os romanos os venceriam e depois agarrariam as nossas

mulheres e crianças, carregando-as para o cativeiro e a ruína. Declaro que este homem Jesus procurou trazer a ruína e o sangue e as lágrimas à nossa nação, para que Ele pudesse governar sobre toda a Síria, usar vestuários gloriosos e ser tido em honra como o rei dos judeus.

Eis que certos dos fabricantes de tolice, que criam n'Ele, capturaram uma torre que fica fora de Jerusalém, uma que é poderosa, perto da via navegável, e que ameaça a cidade. Estes homens gabavam-se de que Jesus era o seu rei, que Ele expulsaria os romanos da Judeia. Ora Jesus não tinha conhecimento de guerra. E como não estava possuído de valor, não quis permanecer com estes homens. Foi, na minha crença, Seu propósito vigiar de um lugar seguro, não conhecido daqueles em autoridade, a propagação desta revolta louca entre o povo. Se eles operassem um milagre e expulsassem os romanos de Jerusalém, então Ele colocar-se-ia em vestes reais à sua cabeça. Pois tinha declarado que era da semente de David e, portanto, o seu profeta e rei.

Uma dezena de soldados carregou um ariete até à torre, e de tal modo bateram nela que após um curto espaço as paredes desmoronaram e os jovens tolos, que estavam lá dentro, lançaram abaixo as suas armas, suplicando aos soldados que tivessem misericórdia deles. Ora Pilatos, o governador, desejava que o seu governo fosse pacífico em Jerusalém. Pois então o imperador estimaria grandemente os seus poderes e o recompensaria com o lugar mais alto em Roma.

O povo da nossa raça era indisciplinado nos olhos do imperador. Pelo que seria uma maravilha se qualquer governador pudesse manter a paz e a ordem na terra. Assim foi que nenhum escriba gentio pôs em pergaminho nenhumas notícias relativas a esta insurreição contra o governo de Roma. Nenhum homem contou da multidão que ameaçou, a mando do Nazareno, a paz de Jerusalém, a matança de Pilatos e o derrube até do Sinédrio e do Sumo Sacerdote."

Declaro-vos, irmãos e povo, que Jesus era um homem de sangue e não um homem de Deus, que Ele desejava não apenas derrubar o governo do romano, mas matar os anciãos e homens de reputação na nossa raça. Para que nenhum homem pudesse disputar o poder com Ele ou lutar com Ele pelo reino da Judeia. "Salve, Rei dos Judeus!" Tais foram as palavras que Pilatos mandou escrever acima da cruz de Jesus. Pois ele queria desta moda mostrar que tal seria o destino de qualquer malfeitor que, chamando-se a si

próprio o governante dos judeus, os fizesse levantar-se contra César e o seu governo."

Ora, enquanto Menehas falava, três homens seguravam Paulo pelo corpo e pelos braços de modo a que ele não se podia mover. E outro tinha colado uma mão sobre a sua boca, porque, após os primeiros ditos de Menehas, ele tinha-se empurrado para a frente e tinha-se esforçado por falar. Mas como nenhum som vinha dos seus lábios, ele tinha levantado a sua mão para ferir este vil blasfemador. Pelo que, os amigos do escriba tinham-lhe retirado todo o poder de protesto, amarrando-o assim.

Como quer que seja, Crispo era chefe da sinagoga. E ele deu ordens para que Paulo fosse solto quando Menehas tivesse terminado. E ordenou ao santo que falasse de uma moda ordenada, pois de uma verdade Paulo era terrível de olhar, tão grande era a ira do seu semblante, tão amargo o olhar dos seus olhos.

A sua voz tremia quando ele tomou a palavra, dizendo: "Irmãos, vós escutastes mentiras nesta hora. Jesus, meu Mestre, não foi nenhum homem de sangue. Pois quando à vinda dos soldados os Seus discípulos procuraram defendê-Lo, Ele ordenou-lhes que deitassem abaixo as suas armas. Apenas a espada do Espírito queria Ele empunhar. Como há às vezes uma medida de verdade em falsidades perversas, assim é verdade que certos jovens tolos buscaram Jesus e Lhe suplicaram que fosse o seu líder e rei. Pois eles queriam matar Pilatos e passar à espada os soldados romanos em Jerusalém. E Jesus, meu Mestre, ordenou-lhes que fossem pacificamente para as suas casas, dizendo: 'Não busco nenhum Reino terreno. Sou Rei dos reinos do Espírito. Nenhum sangue será derramado por Mim ou em Meu Nome por nenhum homem.

Se ele for contrário a esta Minha ordenação, então não é mais Meu discípulo, mas um seguidor do mundo e da carne. Procuro carregar para o mundo um reino que é à semelhança do Reino do Céu. Não é da terra nem da carne. O seu povo será de cada nação. Eles serão conhecidos como os pacificadores, e como os puros de coração. Vós saudastes-Me com o título de "Rei dos Judeus", e sou verdadeiramente o vosso Rei, mas como Deus é o vosso Rei. Pois não tenho parte nem porção com o corpo, nem com as coisas deste mundo. Sou o Mestre e governante do escravo, quando, por causa do Meu ensinamento, ele partilha a sua escassa medida de trigo com outro.

Sou o Rei que reina sobre o rico mercador, que vende as suas possessões por causa das Minhas palavras e dá os dinheiros delas aos pobres. Sou o Rei cujas leis o jovem obedece quando afasta de si pai e mãe por Mim, e vai adiante para espalhar o Meu Evangelho entre o povo. Sou o Mestre da prostituta quando ela deita fora o seu vestuário alegre e desvia a sua face do pecado, caminhando no caminho que desenhei para ela.'"

"E muitas outras palavras Jesus falou a estes jovens, ordenando-lhes que bainhassem as suas espadas e afastassem dos seus corações todo o desejo pela vida de outrem. Os conspiradores ficaram envergonhados. Não proferindo mais palavras, passaram em silêncio da presença do Mestre. Como quer que seja, numa hora posterior, disseram uns aos outros: 'Ele teme a força das armas romanas. Chamemos-Lhe portanto o nosso líder e o nosso Rei. Pois Ele é da semente de Jessé e muitos nos seguirão porque Lhe chamam um grande profeta. Então, porventura, venceremos os romanos e escolheremos, se for necessário, outro de entre nós como o Ungido na hora da vitória.'"

Paulo falou com seriedade. Tantas foram as suas palavras que não podem ser todas postas sobre este pergaminho. Ora Sóstenes tinha um grande seguimento na sinagoga. E eles fizeram um clamor, exigindo que Menehas falasse ainda outra vez. E ele falou de forma ainda mais blasfema, dizendo:

"Jesus foi saudado como o Filho de Deus porque era um adivinho. Ele profetizou que o Templo em Jerusalém seria deitado ao chão e todas as pedras seriam espalhadas e nada restaria da glória de Sião. Eis que nenhuma pedra foi tirada dele. Nenhum malfeitor se esforçou sequer por lhe pegar fogo. O Templo do nosso Deus está inteiro e belo e para sempre permanecerá assim. Nem mesmo um romano ousaria ameaçá-lo com a destruição, pois saberia que o nosso Deus viria rapidamente sobre ele, o feriria com todas as pragas e o destruiria a ele e aos seus filhos.

Assim este Jesus foi falso nas suas profecias. E a história de o Seu corpo se levantar da sepultura não passa de outra falsidade, na medida em que um dos seus doze discípulos, um homem chamado João, se assemelhava a Ele. E quando a sua barba cresceu, poucos saberiam qual era Jesus e qual era João. Assim aconteceu que na quarta noite, ou talvez na terceira, após o enterro, José e outro esconderam o corpo de Jesus. E nada disseram a nenhum homem. Ora as mulheres são sem conhecimento,

inocentes de mente, por isso foram enganadas quando vieram ao túmulo e não encontraram nenhum corpo ali. Elas foram para o meio do povo, gritando: 'Jesus ressuscitou.' E como sabeis, uma vez que uma história sobre os mortos ou os vivos foi moldada e contada com veemência, os tolos acreditam e esforçam-se por construir sobre a fábula ainda outra fábula. Assim foi com o levantamento do corpo morto de Jesus. Os homens declaravam que O tinham visto e tinham mantido conversação com Ele. Foi até sussurrado fora que Ele se tinha sentado à mesa com os seus doze discípulos.

E todos eles afirmavam àqueles que sempre buscam uma nova maravilha, e que os questionavam, que isto era assim; que Jesus lhes tinha aparecido, e eles tinham manuseado o Seu próprio corpo, e tocado as feridas feitas pelos pregos. E um até disse que o Mestre o tinha beijado e abençoado. Como quer que seja, nenhum homem de reputação em Jerusalém queria acreditar nestas mentiras. E eu, que sou sempre um buscador da verdade da qual brotou a falsidade, descobri que João era o impostor. Estes homens não tinham manuseado o corpo de Jesus, nem tinham percebido as Suas feridas, as marcas dos pregos nos Seus pés e mãos.

Eles tinham, enquanto choravam no crepúsculo, sido visitados por João. E, na penumbra entre a noite e o dia, tinha-lhes parecido que olhavam para o seu Mestre morto. Pelo que gritaram: 'A história das mulheres é verdadeira. Jesus ressuscitou. Vede-O.' E na minha crença, João permaneceu no crepúsculo diante deles por um instante mais, para que pudesse ficar gravado na sua memória como o grande profeta Jesus. Depois ele escapou dali, estabelecendo desse modo o selo daquilo que parecia ser uma verdade sobre a mentira.

Pois ele era um homem estranho. E muitos declaravam que ele estava louco por causa dos seus sonhos. Tal é a fábula de Jesus, a quem este impostor Paulo quereria fazer-vos crer ser o Filho de Deus."

Enquanto este discurso estava a ser proferido, certos homens seguravam o santo e impunham mudez aos seus lip, mas os seus braços não estavam amarrados. Por isso ele sacudiu as suas vestes, e quando Menehas mais uma vez se sentou, gritou com toda a amargura de alma que o possuía, dizendo: "Tu blasfemas. Isto são mentiras. Mostrar-te-ei que Jesus era

verdadeiramente o Cristo, que Ele ressuscitou da sepultura e caminhou entre o Seu povo."

Como quer que seja, a congregação fez um grande clamor e berrou com Paulo, ameaçando-o com açoitamento e dizendo que ele deveria ser lançado fora da sinagoga. Teriam caído sobre o santo se Crispo não tivesse naquela hora de perigo colocado o seu braço ao redor do seu irmão em Cristo e mostrado por sinais que, se fizessem um assalto sobre ele, primeiro teriam de deitar abaixo o seu governante.

Estranha era a aparência daquela sinagoga. Os homens saltavam no ar, espumavam pela boca e rasgavam-se uns aos outros, gritando tais blasfémias imundas relativas ao Mestre que era como se uma ninhada de demónios possuísse os seus corpos, e os habitantes do Inferno tivessem sido soltos dentro daquele Santo Lugar. Muitos braços foram levantados e muitos se empurraram para a frente.

Contudo não havia medo nos olhos de Crispo, nem nos olhos de Paulo. Como quer que seja, a ira que o enchia estava escrita sobre todo o seu corpo. E porque estes dois não recuaram nem falharam, a multidão não ousou avançar sobre eles. E havia um círculo ao redor deles que nenhum homem, nem mesmo Menehas, podia romper.

O Poder Invisível estava com estes dois. A congregação encolheu-se para longe deles. Espaço foi feito de modo a que eles passaram através daquele mal vivo; e nem um se aventurou sequer a tocar no manto de Paulo ou a lançar algo no seu caminho. Havia silêncio exceto pelo respirar irado dos judeus. E o santo parou no limiar do edifício. Voltou-se sobre si, falando de modo a que todos pudessem ouvir: "Esforcei-me em vão pela salvação do povo da minha raça. Rebolem-se eles nas poluições de Satanás. O seu pecado seja sobre eles. Renuncio ao seu fardo e estou portanto sem sujidade. Vou para os gentios que não pecaram contra o Espírito Santo do meu Deus."

Ao proferir ele estas últimas palavras, certos prosélitos deitaram mãos a Paulo, carregando-o para fora da sinagoga. Os judeus lá dentro rugiram para ele como bestas enjauladas perto da arena. Tão grande era o aperto e a ira desta multidão que não puderam seguir rapidamente atrás do "impostor de Tarso", como lhe chamavam. Foram retidos — através da luta de muitos

uns com os outros — no seu propósito de ser os primeiros a ferir Paulo e a rasgar os seus membros.

E quando, finalmente, estes judeus foram soltos da sinagoga e se espalharam por fora, não havia sinal do santo em parte nenhuma, nem nenhum homem lhes podia dar notícias dele. Procuraram na casa de Áquila e vagaram pelas habitações daqueles hebreus que eram conhecidos como crentes em Jesus. E quando ele não lhes foi revelado, o seu calor arrefeceu e eles regressaram às suas casas, declarando que se vingariam de Paulo num dia que não fosse santo.

CAPÍTULO XVII

PAULO LÊ AOS GENTIOS

A CONFISSÃO DO GUARDA DO TÚMULO.

CRISPO É REJEITADO PELOS JUDEUS

PORQUE SE MANTÉM AO LADO DE PAULO.

ENTRETANTO, Paulo tinha sido carregado pelos seus discípulos para a casa de Justo, que era de sangue romano e habitava numa habitação que ficava ao lado da sinagoga. Ora Justo não queria permitir que Paulo regressasse à habitação de Áquila, que era no bairro hebreu. Temia que certos de entre eles deitassem mãos ao santo e procurassem fazer-lhe dano.

Naquele turbulento Sábado, quando a noite chegou, muitos gentios foram furtivamente à casa deste romano. E pediram a Paulo que explicasse certas das heresias que foram declaradas por Menehas na sinagoga. Embora o santo estivesse cansado, levantou-se e falou a estes estranhos, declarando-se desta moda.

"Homens de Corinto, seguro aqui um pergaminho que contém os escritos de dois que foram testemunhas daquele tempo em que o meu Mestre Cristo foi crucificado. Silas e Barnabé, na companhia de Pedro, moldaram a crónica que podeis encontrar nele. Contém também uma cópia fiel daquilo que é conhecido como 'A Confissão dos Guardas do Túmulo'. Primeiro falar-vos-ei do jovem hebreu, que se esforçou por servir Jesus, meu Mestre, quando tinha aprendido o erro dos seus próprios desígnios.

Este jovem tinha desejado ganhar a liberdade para a Judeia com a espada. E tinha estado entre aqueles que tinham pedido a Jesus que fosse o seu líder no levantamento. Ora a presença e as palavras do Mestre tinham estranhamente agitado a sua mente. E a lembrança delas com o tempo levedou os sonhos mundanos dentro dele; e eles foram mudados em visão espiritual. Quando este jovem soube que Jesus tinha sido tomado cativo pelos soldados, foi ter com Pilatos e suplicou-lhe que soltasse Jesus, declarando que Ele era um homem de paz e desejava apoiar a autoridade. Depois, quando Pilatos lhe perguntou como sabia ele estas coisas, o jovem falou da coroa que tinham oferecido a Jesus e deu expressão às palavras do Espírito, as quais Ele tinha declarado a eles.

E Pilatos maravilhou-se: pois não tinha ouvido em toda a sua vida tal maravilhoso ensinamento. Temendo o seu silêncio, o jovem disse-lhe: 'Sei que me sentenciarás à morte por armar complô contra o Imperador. Contudo estou preparado para qualquer tormento antes do que ver este poderoso profeta morto. Pois ele é a esperança da nossa raça. Apenas através d'Ele pode o meu povo aprender que a soberania sobre as almas dos homens importa e não a soberania sobre os seus corpos. Ó Pilatos, se tu pudesses governar sobre as almas dos homens como este homem governa, então verdadeiramente serias mestre de toda a Judeia.

Mas tu estás sem poder, pois não és senão o governador dos seus corpos.' Sendo um homem de alguma aprendizagem, Pilatos foi movido pelo discurso deste jovem e ordenou-lhe que fosse em paz e nada dissesse aos seus irmãos. Então ele foi ter com Barnabé e pediu que pudesse ser batizado. Mas antes que outra noite tivesse passado, os seus companheiros caíram sobre ele e mataram-no, acreditando que ele tinha vendido a história da sua revolta secreta ao governador.

Ora Menehas mentiu imundamente ao declarar que os discípulos roubaram o corpo de Jesus e que João fingiu ser o Mestre. Tenho aqui posto em escrito com toda a clareza que, à exigência dos anciãos, uma guarda foi colocada ao redor do túmulo onde jazia o Filho de Deus. Estava selado em cada lugar de modo a que nenhum homem vivo pudesse fazer uma entrada e remover o Crucificado. Entre aqueles que guardavam a câmara dos mortos estava um soldado chamado Andrónico. Ele pôs em escrito o seu testemunho relativo àquela pavorosa noite em que o nosso

Deus enviou o Seu mensageiro entre os homens. Ora Andrónico declarou-se desta moda.

'Tínhamos dormitado todo o dia, pelo que nenhum cansaço fechou os nossos olhos ou acorrentou os nossos membros no sono. Não tínhamos bebido vinho. Pelo que estávamos vigilantes; e não podia haver ruído naquele lugar oculto sem o nosso conhecimento. Tochas iluminavam as nossas trevas, pois temíamos as sombras do túmulo. Sussurrávamos histórias das guerras e da arena uns aos outros para que nenhum medo caísse sobre nós e espalhasse a nossa inteligência ou fizesse a nossa razão errar ao deus dará. Como quer que seja, para o fim da manhã, pareceu-me que ouvi a voz de uma mulher lá fora, e ordenei aos meus companheiros que escutassem em silêncio a noite. E eis que veio um fender e rasgar como se grandes árvores estivessem a ser arrancadas.

A própria terra aos nossos pés rugiu; as paredes tremeram; as pedras levantaram-se, e nós caímos sobre o chão trémulo, que estava agora semelhante a um pergaminho que se curva e estala. A luz das tochas morreu, contudo não havia trevas ao nosso redor. Pois a vista dos nossos olhos era nutrida por uma radiância que vinha da parte mais do meio da câmara. E um sussurrou: "Eis que uma estrela caiu para a terra. Vede o seu fogo. Estamos perdidos, seremos devorados pela sua chama forte." E outro chorou pela sua casa e pela sua mãe, e ainda outro chorou. E, por um curto espaço, o ar encheu-se com o tumulto de muitas vozes que falavam em muitas línguas não conhecidas por nós. Depois, à medida que a luz da estrela se espalhava ao redor, reuniu-se um silêncio profundo e infinito. Eu poderia ter jurado que nenhum som voltaria a ser ouvido. E fomos atingidos, de modo a que na nossa rigidez éramos semelhantes a cadáveres dos quais voou o sopro do ser. Como quer que seja, eu não estava como os outros, atingido por cegueira. E percebi que aquilo que era semelhante a uma estrela era um homem paramentado em vestuários brilhantes. Ele erguia-se à cabeça do Crucificado. E por todo o vestuário de linho ardia uma chama pálida.

Apenas após ela ter desvanecido e passado, percebi que nenhum corpo morto jazia dentro do túmulo. Contudo estavam as amarrações de maneira nenhuma mexidas e permaneciam na forma do homem que tinha morrido. E sei que a figura brilhante proferiu palavras. E sei que havia formas invisíveis ao nosso redor; mas tal terror me possuiu que o meu

entendimento ficou retido. Não me pude lembrar a partir daquele instante de nada exceto do meu pavor e do meu anseio pela luz do dia e pela libertação daquilo que me parecia a morte do meu corpo. Sei agora, enquanto falo estas palavras ao escriba, que as grava sobre o pergaminho, que eu estava, naquela pavorosa hora, na presença de um Deus poderoso.

Sei que os meus companheiros e eu fomos atingidos pela morte. E depois, mais uma vez, foi a vida acendida dentro de nós pela radiância da estrela antes de ela desvanecer para sempre no amanhecer. Por um espaço estávamos como homens loucos, sem inteligência, que perderam o poder da fala e o poder da razão, cujos membros se movem pesadamente, que atrapalham, tateiam e buscam, que se torcem e voltam e não conseguem encontrar caminho para fora do seu escuro desconcerto.

Assim estava eu naquele amanhecer. E testemunho que nenhum homem vivo se aproximou do túmulo, mas habitou naquela câmara solitária por um espaço algum ser brilhante, de modo a que o Deus morto, que ali jazia, se levantou para a vida da carne mais uma vez.'

Tal," declarou Paulo, "é o testemunho de um soldado de César. Quando estes observadores perceberam que nenhum corpo jazia dentro das roupas de linho, o medo dos vivos e dos sacerdotes possuiu-os e eles buscaram os anciãos entre os judeus, contando a sua história a eles. E o furor agarrou o Sumo Sacerdote. Ele ameaçou estes soldados com a morte se falassem a verdade aos homens, se contassem à multidão que Jesus tinha ressuscitado no Seu próprio corpo de entre os mortos.

Ora, na crença destes humildes observadores, o Sumo Sacerdote tinha o ouvido do Governador. Por isso perguntaram-lhe o que deveriam declarar ao povo. E alguns de entre eles, sendo tanto temerosos como gananciosos, confessaram que, para a sua mente, um ser poderoso, talvez o deus do Submundo — eles não sabiam — servia o Único que tinha sido ocultado no túmulo. Pelo que temiam a sua vingança se mentissem ao povo, dizendo: 'Os discípulos roubaram o corpo.' Então os anciãos deram-lhes muito ouro e prometeram mais se eles carregassem para o povo esta história de roubo no amanhecer. Assim, sendo homens ignorantes, foram para o meio dos judeus e falaram de acordo com as instruções que lhes foram dadas.

Como quer que seja, Andrónico não era como os seus camaradas. Ele possuía conhecimento, sendo um grego que tinha sido libertado e servia o

romano. Declarou que o ouro dos sacerdotes estava poluído e não quis tomar a sua parte dele embora tivesse, no seu temor, jurado contar ao povo a acusação posta na sua boca pelo Sumo Sacerdote. Ele buscou Pedro e falou-lhe, dizendo: 'Mestre, creio que tu serves um Deus poderoso que poderia, se quisesse, esmagar-me contra a terra. Eis que O ofendi gravemente. Jurei contar aos judeus que vós roubastes o corpo de Jesus, o Nazareno, do túmulo. Ora, se eu relatar ao povo a verdadeira crónica daquelas maravilhosas horas, serei de uma certeza morto pelos servos do Sumo Sacerdote ou condenado a algum castigo mau. Contudo eu quereria propiciar o teu Deus e quereria pôr em registo a verdadeira história do túmulo.'

Então Pedro convocou um escriba e ordenou-lhe que pusesse as palavras deste soldado sobre o pergaminho, e estas estão preservadas até este dia em Jerusalém. Mas Pedro fez um voto de que o conteúdo do rolo não seria revelado ao povo até que Andrónico tivesse morrido. Por isso é apenas nesta temporada que me foi permitido revelar o que é secreto, declarar a todos os homens a Confissão do Guarda do Túmulo."[1]

E os gentios, que tinham escutado a leitura do rolo, ficaram grandemente elevados. Acreditaram em todas as palavras de Paulo. E suplicaram-lhe que os batizasse, pois há muito anelavam pela verdade; e os ensinamentos na sinagoga sozinhos não os podiam satisfazer.

Aconteceu que os prosélitos que tinham escutado a leitura das Escrituras no Sábado se reuniam ao redor de Paulo para a adoração cada sétimo dia na casa de Justo. Assim foi adicionado combustível ao fogo do ódio que ardia dentro dos judeus devotos de Corinto.

Eles defendiam que Paulo procurava empobrecer a sua comunidade. Pois os prosélitos carregavam muito dinheiro para a sinagoga. E defendiam também que ele desejava o aniquilamento da Lei de Moisés, na medida em que não impunha o jugo dos ritos e observâncias e da circuncisão sobre aqueles gentios que eram batizados.

Assim Sóstenes e Menehas iam de um lado para o outro, relatando más calúnias. E quando o tempo estava maduro, reuniram os judeus de Corinto e condenaram não apenas Paulo, mas Crispo e Áquila. E foram acusados de fazer uma conspiração contra a sua fé. Em vão Crispo

contendeu com eles, negando estas acusações. Ordenaram-lhe que escolhesse entre a sinagoga, a estima da sua própria raça e Paulo de Tarso.

Ora para Crispo o governo da sinagoga tinha estado mais perto do que qualquer tesouro. Assim, houve uma forte luta dentro dele. Mas a visão de Paulo, o estranho solitário, e a visão das verdades dadoras de vida que ele ensinava ampararam este nobre judeu naquela hora de tentação. Y disse aos seus atormentadores: "Antes quereria que me tivésseis pedido uma medida do meu sangue, um membro do meu corpo. Não posso desviar a minha face de Paulo, nem posso negar Jesus que, creio, é verdadeiramente o Cristo. Escolhei outro chefe se quiserdes, e ordenai-me que não entre mais na sinagoga. Ainda assim manter-me-ei com a fé dos meus pais, e firmemente crerei que a promessa dos seus profetas se cumpriu em Jesus, o Nazareno."

O Guarda do Túmulo que se chamava Andrónico não deve ser confundido com Andrónico, o amado irmão, que carregou notícias do Mestre para Roma. Naqueles tempos antigos havia muitos homens e poucos nomes. Assim foram certas vidas dos santos confundidas umas com as outras.

Na véspera que se seguiu a esta assembleia dos judeus, Crispo foi ter com Paulo com o corpo curvado e a cabeça baixa. Era um homem velho, contudo chorou ao falar do mal daquele dia. "Todos os meus amigos me abandonaram; a minha tribo lançou-me fora. Os meus irmãos rejeitaram-me, declarando que de doravante seriam estranhos para mim. Assim eu, que era tido em honra por todo o povo da minha raça antes da tua vinda, sou agora nos seus olhos inferior ao mais baixo escravo; e para mim é o fardo demasiado pesado. Ó mestre, solta-me dele. Encontra algum caminho para fora da minha desolação. Estas feridas do coração não as posso suportar."

Paulo ficou dolorosamente perturbado pela tristeza deste homem bom. E disse-lhe: "Não posso remover este fardo. É um fardo que muitos carregam. Eis que eu amava o meu pai mais do que a minha vida, contudo a minha vida não me foi exigida. O meu pai apenas orou e suplicou-me que negasse Cristo, meu Mestre. Quando eu não quis ceder a ele, lançou-me da sua casa e ordenou-me que não regressasse mais a ela. Lançou a sua maldição sobre mim e jurou que me cortaria inteiramente dele; pois eu era imundo como Satanás nos seus olhos.

A sua morada é em Jerusalém, pelo que tenho vagado estas muitas temporadas de cidade em cidade pregando Cristo. Mas, por causa do meu pai e também porque quereria reunir os gentios dentro do rebanho de Cristo, não subo a Jerusalém, embora anele às vezes com toda a minha alma pelos meus parentes e pela cidade de Sião."

Então ficou Crispo confortado através do desgosto de outrem. Contudo Paulo estava aflito em mente, pois parecia como se carregasse problemas e discórdia para os seus irmãos em cada cidade.

Áquila foi ter com ele naquela véspera também, carregando ainda outra história de perseguição. Ele vendia as obras das suas mãos e as obras daqueles que o serviam aos judeus que eram comerciantes. E muitos destes negociavam com Sóstenes. Este tinha dado ordens para que não comprassem mais mercadorias a Áquila, porque ele cria em Jesus, o Nazareno, e porque Paulo o servia. Através de más estratégias estes dois, o rico mercador e o astuto escriba, acreditavam que poderiam expulsar de Corinto todos os seguidores de Cristo.

Quando Paulo esteve sozinho com a noite, considerou o mal mundano e a vexação de espírito que a sua pregação em Corinto tinha carregado para os homens bons. Orou com toda a força do seu ser, suplicando ao Senhor que lhe fizesse saber se ele era indigno, se através de alguma perversidade oculta em si próprio reunia aflição para os outros. E desse modo saberia se deveria ir mais uma vez para o deserto, e buscar com oração e jejum purificar a sua alma da sua mancha escura.

E a noite era secreta e calma. Nenhum vento suave soprava através da câmara. Era uma hora em que todos os homens dormiam, um tempo em que o mal não caminhava fora. As trevas rarearam. Contudo, por fora, os céus estavam negros e espessos, e todas as velas dos homens estavam apagadas. Apenas dentro daquela estreita sala a brancura se espalhava e tremeluzia, até que veio, como na Visão do Guarda do Túmulo, uma figura brilhante que, permanecendo ao lado do santo, lançou a sua radiância por todo o redor dele. Ele não podia suportar olhar para aquela pavorosa forma e, gritando: "Mestre, Mestre," curvou a sua face para o chão.

E o Senhor disse a Paulo: "Nada temas, mas habita nesta cidade. Estou a vigiar por ti. Ganharás muitos da corrupção e do mal, das trevas da luxúria. E eles verdadeiramente se tornarão os filhos de Deus. Tem fé. Não

te deixes abater porque os irmãos sofrem. Através da sua tristeza e da sua dor eles serão purificados e fortalecidos. Eis que os pobres e os escravos de Corinto anelam pela verdade e pela luz. Busca-os e haverá abundante colheita. Eu quereria limpar Corinto, senão ela será inteiramente destruída por causa das suas muitas abominações. E tu és o Meu mensageiro para este povo pecador. Não te perturbes mais com os ultrajes dos judeus, ou as suas tolas falsidades. Estas são como a espuma sobre a tempestade, como um pouco de poeira sobre o vento."

Então, após outro conselho ter sido dado por aquele Ser Brilhante, a luz desvaneceu, e as trevas ficaram mais uma vez espessas e profundas ao redor de Paulo. Ele sentiu-se revigorado através de todo o seu ser. Foi como se um novo homem tivesse brotado dentro dele naquela noite, quando todos dormiam e Deus passava através de Corinto, a cidade do pecado e da luxúria.

CAPÍTULO XVIII

PAULO PREGA AOS ADORADORES DE ÍSIS EM CORINTO.

CLOÉ OFERECE-LHE DINHEIRO POR UM LUGAR NO PARAÍSO.

PAULO ensinava todas as noites no bairro mais pobre da cidade. Ia para o meio dos escravos e marginalizados, às vezes partilhando o seu leito de palha, cedo e tarde expondo o sacrifício de Cristo a eles. Eram de muitas nações, mas o maior número era de gregos. E todos estavam de acordo que Sóstenes era o senhor mais duro entre os grandes mercadores. Alguns que o serviam esgueiravam-se para os seus buracos de abrigo à noite, sangrando e rasgados pelo açoite. E para estes a vida além da sepultura era um milagre tão maravilhoso que acalmava toda a dor, e as suas próprias chagas eram curadas pela alegria das palavras de promessa de Cristo.

Frequentemente falava Paulo do ladrão moribundo para quem o Mestre, mesmo na Sua amarga agonia, abriu as portas do Paraíso. Homens fortes choravam ao escutarem aquela história. E jovens, com os corpos já torcidos pela fome e pelo trabalho, tremiam e gritavam ao saberem que mesmo para o mais miserável entre eles haveria, se servissem a Jesus, o Paraíso dos Bem-Aventurados, o Inefável Consolador. Mulheres, aviltadas

pelo pecado e oprimidas pela adversidade, reuniam-se ao redor do santo, e choravam e riam de alegria, tão maravilhosa lhes parecia esta promessa de vida sem dor, sem fome ou tormento. E todas as indignidades e aflições dos seus dias eram lavadas das suas mentes pelas palavras do Mestre; de modo a que ficavam mais uma vez jovens e inocentes, e puras nos seus sonhos como o amanhecer.

Era difícil para Paulo dar-lhes entendimento relativo ao cuidado dos seus corpos. Pois para elas a poluição não era pecado, era tão costumeira como o nascer do sol. Não podiam compreender uma vida que estivesse livre dela. E à medida que o tempo passava, muitas se tornavam membros da Igreja de Cristo, contudo eram como a erva espessa do deserto. Continuavam a viver mal, não através de perversidade, mas porque não tinham poder para entender. Ainda assim, a sua fé alegrava o coração de Paulo. E o acolhimento destes homens e mulheres selvagens, em cada véspera, era mais precioso para ele do que qualquer outra coisa na sua vida de pesado trabalho.

Ora Corinto era a porta entre o leste e o oeste. Pelo que havia muitas crenças e muitas espécies de homens dentro daquela cidade. E Paulo desejava grandemente chegar até àqueles outros que adoravam ídolos e deuses de diversas modas. Tinha ficado muito encorajado pela sua visão. E determinou que levantaria a sua voz ao ar livre, entre os zelosos adoradores de imagens vãs.

Um dia, enquanto caminhava perto do mar em Lequeu, percebeu uma procissão de mulheres veladas vestidas com vestuários brancos. Elas dançavam e espalhavam flores na estrada, de modo a que a poeira ficava toda coberta com rosas e murtas, as quais eram pisadas pelos pés dos tocadores de flauta que seguiam atrás. Vinham jovens e mulheres rindo e cantando, carregando tochas e lanternas. E no clarão estrelado das tochas caminhavam sacerdotes encarregados de vasos de ouro, uma jarra, um mangual, uma joeira, uma lâmpada moldada à semelhança de um navio e uma pequena imagem curiosa.

Paulo perguntou a um passante quem eram estes jovens e donzelas, pois não adoravam como os outros coríntios. "Muitas são as modas de adoração, muitos são os deuses do povo," disse o estranho, "mas estes adoram Ísis, a Deusa-Salvadora, a Mãe da Ternura. E na embarcação que lançarão sobre o abismo estão escritas todas as orações e desejos do povo.

Estes, acreditam eles, ser-lhes-ão concedidos pela Mãe no ano que entra. Mas para a minha mente não há Mãe, não há deuses. Olhamos em vão para os céus e nada vemos senão vazio.

Olhamos em vão para a terra e nada vemos senão poeira, a própria substância dos nossos antepassados. Olhamos ao nosso redor nos campos e bosques, e vemos as folhas a avermelhar, a murchar, as ervas a morrer. E lançamos as nossas mentes uma temporada atrás para o tempo em que eram verdes e frescas e gloriosas. Olhamos para fora sobre o mar e imaginamos nas nossas mentes os muitos navios afundados com todo o tesouro e o ouro que carregavam, que foram tão duramente colhidos pelas mãos mortas daqueles cujos crânios e ossos vêm e vão sobre as águas, ocultos para sempre nos seus caminhos escuros e secretos."

E Paulo disse ao estranho: "A tua mente está inclinada apenas para o que é exterior, para o que perece e passa. Dentro dos corpos destes homens afogados ardia o espírito, o ser que vem de Deus e usa esta argila mortal assim como usa o vestuário. Seguro estou de que não somos como a poeira, nem perecemos inteiramente como as folhas e a erva. Pois eu vi Deus."

E Paulo falou de Jesus, da Sua vida, que era um testemunho em todas as temporadas para o espírito, que não tinha parte nem porção com a morte. Pois Cristo tinha conquistado a morte, mostrando como o espírito poderia de tal modo governar o corpo que podia fazer a carne viver quando tinha morrido, podia fazê-la servir como um manto serve a um homem, mostrando através deste milagre a imortalidade que reina dentro da mortalidade.

O estranho não pôde fazer nenhuma resposta a Paulo. Agradeceu-lhe pelos Seus ensinamentos e, dando o seu nome como Capitão, convidou-o a ir à sua habitação. Pois desejava ouvir mais deste poderoso profeta, que tinha carregado para os homens boas notícias de outra vida e de outro mundo.

Ora os adoradores da Deusa-Salvadora regressavam das bordas do mar. E enquanto passavam ao longo do caminho semeado de flores, Paulo chamou por eles para que parassem. E por causa da sua voz de comando eles ficaram curiosos e reuniram-se ao redor dele. Olhando para as formas brancas das mulheres e a beleza ávida dos jovens, Paulo teve compaixão

deles. Não eram verdadeiramente maus, adoravam ignorantemente uma forma vã, julgando-a na semelhança de Deus.

E lembrou-se do sonho de José, dos grandes molhos dos irmãos mais velhos que se curvavam ao molho de José, o mais jovem de todos. Aqui em Corinto havia muitos bando de buscadores que adoravam uma dezena ou mais de falsos deuses. E contudo, por toda a sua tolice, havia dentro de cada um o desejo cego pela verdade, pelo Senhor de toda a terra. Com o tempo, acreditava Paulo, estes muitos credos curvar-se-iam ao mais jovem deles todos, ao credo do Mestre, Jesus, o Crucificado.

Por isso não falou com veemência. As suas palavras eram tenras e ganharam estes jovens e donzelas com a sua doçura. Escutaram por uma hora ou mais em silêncio. E o feitiço de Paulo agarrou muitas de entre as mulheres, de modo que quando ele cessou certas delas se aproximaram dele e lhe perguntaram o que poderiam fazer para ser salvas das trevas da sepultura. E ele falou do batismo e do serviço de Jesus. Então suplicaram-lhe que viesse novamente para o meio delas e ensinasse, concedendo este dom, o batismo da água, sobre elas.

Um jovem alto, que escutava, foi despertado para a ira porque a donzela Pharena, a quem amava, se tinha dirigido ao santo, que parecia a este jovem mimado apenas um judeu de mau aspeto e pobremente vestido. Ora Fídon dos Pés Alados, como era conhecido, era altamente estimado pelo povo de Corinto por causa da sua proeza nos jogos. Pelo que a multidão se dispersou à pressa quando ele falou duramente de Paulo e os provocou com a sua leviandade, visto que se tinham esquecido da Deusa-Salvadora e buscavam outro protetor e patrono dos seus feitos.

Como quer que seja, a donzela era obstinada e não quis partir como os outros. Ordenou ao jovem que fosse da sua companhia e pediu a Paulo que a fizesse membro da sua Igreja. Pois tinha-o ouvido proferir palavras sábias outrora, pelo que estava agora determinada a afastar todas as outras crenças dela.

E aconteceu que Pharena frequentemente assistia às reuniões para a oração, e conduzia outras mulheres à casa de Justo. Entre elas estava Cloé, uma mulher rica, que era servida por Acaico. E sendo o administrador da sua casa, Acaico ficou muito jubilado quando a sua senhora, que não queria escutar as suas palavras, escutava agora as de Pharena.

Cloé carregou ricos dons a Paulo, deitando-os aos seus pés, dizendo: "Mestre, estes são para ti ou para os pobres na Igreja. Esforcei-me, como me ordenaste, por colocar tudo em ordem dentro da minha alma. Não devo dinheiros a nenhum homem. Não sou rápida para a ira. Os meus escravos e mulheres testemunham a minha bondade para com eles. E os meus filhos amam-me, falando bem de mim quando não estou lá. Diz-me, portanto, se receberei uma boa herança no Paraíso? Eis que todos falam bem de mim, e não posso encontrar mancha sobre o meu nome. Por isso pergunto-te que partilha será minha na vida por vir."

Paulo respondeu: "Diz-me primeiro mais uma coisa. És limpa em todas as tuas saídas e entradas? Olhaste para algum homem exceto o teu marido?" A mulher procurou mentir. Como quer que seja, era difícil para qualquer pecador fitar os olhos de Paulo e proferir falsidades. Ele impelia a verdade como um pescador de linha impelia um peixe, puxando-o para fora de algum ribeiro.

Assim Cloé confessou que tinha cometido adultério com um chamado Capitão. E quando o santo lhe disse que ela não poderia, até que se arrependesse, ser batizada, ela ordenou aos seus escravos que carregassem dali os seus preciosos dons, e falou com grande calor, dizendo: "Não me arrependerei. Pois eis que o meu marido busca outra. Pelo que não há pecado se eu também desejar conforto. Onde não há fé, não pode haver infidelidade. Se não me quiseres conceder o batismo, não oferecerei a este teu Deus este tesouro. Escolhe, portanto. Toma estes dons para os pobres e concede-me um assento no Paraíso por causa desta esmola; ou se o quiseres reter, então não adorarei Jesus, e farei com que todos os que são da minha casa se retirem da tua Igreja."

Ora Paulo sabia de certos dos fiéis em Corinto que tinham fome e não podiam sair fora durante o dia, tão lastimáveis eram os seus trapos. E tinha orado para que Deus lhe enviasse tesouro, para que pudesse salvar o povo da morte pela doença e pela fome. Disse a Cloé: "Tu pecaste ao cometer este adultério, e há mas um caminho para a graça para ti. Não peques mais desta moda. Rasga esta perversidade do teu coração. Então seguramente, porque és noutras matérias virtuosa, serás perdoada, e Deus, no Seu próprio tempo, receber-te-á no Seu Reino."

Como quer que seja, a mulher não quis ceder nesta matéria. E embora Paulo falasse do povo faminto, suplicando por eles, ela saiu da sua

presença, com o seu coração endurecido contra ele, escravos carregando aqueles dons para a sua habitação. Paulo ficou triste de coração porque esta mulher não tinha compaixão pelos pobres e acreditava que até Deus podia ser comprado com ouro. Naquela véspera foi para o meio dos mercenários e escravos mais uma vez.

Sendo penosos e duramente tratados, empurravam-se avidamente ao redor dele, de modo que ele jubilou ao perceber a sua fé e a sua alegria quando lhes contou de Jesus que desdenhava os ricos Fariseus e buscava a companhia dos pobres e dos pecadores. E quando o santo teria saído do meio deles, suplicaram-lhe que permanecesse com eles, relatando novas histórias relativas ao Mestre.

Vieram dois estranhos, que eram seguidos por escravos. Os seus mantos estavam levantados ao redor dos seus rostos; e até que se tivessem empurrado através do aperto nenhum homem soube quem estas pessoas eram. Ordenaram a Paulo que fizesse silêncio e retiraram os mantos dos seus semblantes. E ele percebeu Joses, o filho de Sóstenes ultimamente vindo de Jerusalém, e Fídon dos Pés Alados. Ora, o judeu não se teria, à hora da noite, aventurado entre estes mercenários mesmo na companhia dos seus escravos de casa: pois eles odiavam o seu pai por causa das suas crueldades e do dinheiro que extorquia. Como quer que seja, temiam-no também. E estando na companhia de Fídon, sabia que nenhum homem lhe deitaria a mão. Pois ele era aclamado pelo povo de Corinto e o seu pai era um homem de autoridade.

Fídon levantou a sua voz, dizendo: "Este homem Paulo é um trapaceiro, um contador de falsas histórias. Joses soube que ele foi lançado fora de muitas cidades, que ele carrega discórdia e toda a espécie de mal consigo. Ele tomará o que tendes e conduzir-vos-á à destruição." Paulo esforçou-se por falar, mas os escravos de Joses deitaram mãos sobre ele. Rasgaram o seu manto dele e escarneceram dele, pintando o seu corpo em muitas cores, procurando fazer dele uma vergonha e um derriço, para que o povo mofasse e risse e se desviasse.

Ora Áquila estava na companhia do santo. Muito irado ficou ele com o silêncio da multidão. Chamou por eles para que se juntassem a ele, para espalhar os escravos de Fídon e libertar este grande profeta e mestre dos seus atormentadores. O povo não se quis mover. Havia medo nos seus olhos e rosnavam como cães. E um até, que buscava o favor de Fídon,

gritou: "Ele está bem servido. Ele quereria enganar-nos e trapacear-nos com mentiras." Então outros que trabalhavam para Sóstenes apontaram os seus dedos a Paulo, fazendo mofa dele, para que pudessem ganhar favor com Joses que tinha percebido que usavam a marca do serviço de seu pai.

Fídon coroou Paulo com ramos da Rosa da Acaia. Vermelha como o manto real do Oriente era ela e afiados e cortantes como cabeças de seta eram os seus espinhos. O seu cenho ficou retalhado por eles e o sangue correu pelas suas bochechas e pescoço. E Fídon ordenou-lhes a todos que seguissem em procissão. Pois declarou que açoitaria Paulo e o conduziria pelas ruas, para que o povo pudesse olhar para ele e ele pudesse ser conhecido como a piada de Corinto. Disse ao santo: "Tu já não és jovem. Por isso poupar-te-ei esta vergonha se negares o teu Deus tolo na presença do povo, e se jurares retirar de Pharena o feitiço mau que lançaste sobre ela. Verdadeiramente, tu és um mago do Oriente. Pois ela não tem pensamento senão para ti. Pelo que, quereria que negasses o teu Deus diante desta multidão."

Fídon tinha puxado o santo à parte para que o pudesse instruir desta moda. e quando nenhuma resposta foi feita, o santo foi untado mais uma vez com pez de mau cheiro e tinta e colocado sobre o que eles chamavam um trono. Então o jovem grego ordenou ao povo que o escutasse, pois ele abjuraria os poderes invisíveis que servia. Ora dois destes servos de Joses tinham mostrado sinais de medo, tremendo enquanto pintavam o corpo do santo. E quando houve silêncio, um destes hebreus esforçou-se por falar, mas nenhum som veio dos seus líbios por razão do problema que o possuía.

Uma vez que as mãos foram retiradas de Paulo, ele ergueu-se sobre os seus pés e a sua voz era firme e clara como o sino de um pastor. "Jesus, meu Deus, está comigo. Pelo que podeis delirar e berrar contra mim; não me podeis fazer nenhum dano. Renunciaria à minha vida neste instante antes do que renunciar à minha crença em Cristo. Como quer que seja, os anjos do meu Mestre estão ao meu redor e não podeis operar dano de nenhuma espécie. A tristeza será tua, Fídon, se procurares lutar com a Hoste Invisível, se estabeleceres a tua força contra o único Deus verdadeiro."

Fídon tinha um chicote na sua mão, e talvez o tivesse atingido através do rosto se um dos servos trémulos de Joses não se tivesse lançado a lamentar aos pés de Paulo, respirando pesadamente, espumando pela boca.

E ele gemia como se um espírito imundo possuísse o seu corpo. O segundo servo falou ao povo debaixo de sossego, dizendo: "Não lanceis mãos sobre este homem Paulo. Pois o seu Deus, ou o demónio que o serve, é poderoso. Eis que em Filipos, após o terem açoitado, um terramoto fendeu a cidade. Muitas habitações desmoronaram, caindo para a terra. Os frutos do campo foram estragados; e alguns morreram naquele pavoroso tempo."

"De uma verdade, Paulo é um poderoso mago. Ele fará com que a terra de Corinto se levante e lance a cidade no mar se não cessardes de o atormentar, se não orardes ao seu Deus rapidamente, pedindo o Seu perdão. Eis que o homem que impôs indignidades sobre o seu corpo jaz agora atingido aos seus pés, sem fala, espumando como um cão."

Quando o povo ouviu estas palavras, deu um grande grito, fugindo daquele lugar, carregando consigo Joses no aperto. Não pararam nem demoraram até terem alcançado o mar, onde julgavam que poderiam agarrar os barcos se houvesse um levantamento do chão.

E Paulo ficou sozinho naquele lugar tenebroso, salvo por Áquila e Fídon dos Pés Alados. Naqueles dias grande era o medo dos magos poderosos. E os hebreus eram de renome pela força do Poder Maleficiente que os serviria quando fosse convocado. Assim, até Fídon se afastou do santo temerosamente, fazendo sinais, murmurando os ditos de socorro, para que nenhum dano lhe sucedesse. E ele ficou tanto mais poderosamente agitado porque Paulo, com poucas palavras e o toque das suas mãos, aquietou o homem que se contorcia e espumava, que jazia aos seus pés.

Áquila adiantou-se, reunindo um manto ao redor do santo e sussurrando-lhe: "Apressemo-nos a ir embora antes que a coragem deles regresse e eles venham novamente para nos atormentar." Paulo deu resposta: "Não, irmão, há ainda trabalho para mim aqui." E fixando os seus olhos em Fídon, aproximou-se dele.

O jovem tremia perante o olhar do santo, o seu corpo curvando-se um pouco para a frente, os seus joelhos dobrando-se, até que finalmente se ajoelhou sobre o chão e, levantando as suas mãos, pediu misericórdia. "Posso lutar e punir tudo o que é mortal," gritou ele, "mas não posso lutar com o invisível. Poupa-me, estranho amaldiçoado. Permite-me ir com a minha vida da tua presença."

Ora foi o olhar na face de Paulo que tinha conduzido à súbita cedência deste filho mimado de Corinto. E ele esperou, a tremer, pelas palavras do mestre.

"Não sou nenhum mago," disse Paulo, "sou o servo do único Deus verdadeiro. Procuro apenas fazer o Seu mandado. Não tenhas medo, jovem. Pois se creres em Jesus, meu Deus e Mestre, então serás salvo. Presentemente Ele virá na Sua majestade para julgar a humanidade. Quereria que todos os homens se preparassem para Ele, para que Ele não caia sobre vós desprevenidos. Não semeei discórdia entre ti e Pharena. Procurei libertá-la com as palavras de salvação. Se creres também em Jesus, então serás um com ela mais uma vez. Não sou mau. Desejo apenas avisar-vos enquanto há ainda tempo, para que os vossos dias sejam de tal modo ordenados que sejais salvos quando o Mestre julgar a terra."

Muitos ditos escuros e subtis Paulo deslindou para Fídon. Prometeu que Pharena olharia mais uma vez para ele, mostrando que a crença em Cristo não destruía, mas alargava e aprofundava o amor. Fídon confessou que Joses tinha colocado más imaginações no seu coração. Acreditando que Paulo era um feiticeiro, de acordo com a palavra deste judeu, tinha anelado derrubar a sua autoridade e expulsá-lo de Corinto.

Ora convidou o santo e Áquila para a sua casa. E ele próprio serviu Paulo, lavando a sujidade do seu corpo, pedindo o seu perdão. Assim foi mais um pagão, de uma maneira estranha, conduzido à Cruz de Cristo. E na temporada que se seguiu, Fídon e Pharena tornaram-se servos fiéis do Senhor.

CAPÍTULO XIX

VÍBIA PERGUNTA A PAULO SE ESTÁ JUSTIFICADA EM LEVAR UMA VIDA MÁ PARA PRESERVAR OS SEUS IDOSOS PAIS DA FOME. O IRMÃO DE SÓSTENES CONTA A SUA HISTÓRIA AO SANTO.

ORA, na hora da noite Deus falou novamente a Paulo, dizendo: "Conheço os teus medos carnais. Não tenhas medo. Eis que a palavra dos feitos desta véspera sairá entre os coríntios. E a partir desta hora nenhum

homem desta cidade buscará mais fazer-te dano. Este tempo mau dará muito fruto; e tu jubilarás na sua colheita."

Nos dias que se seguiram, onde quer que Paulo falasse reunia-se uma multidão. E embora muitos mantivessem a crença de que Paulo era um mago, contudo isso não os impedia de ser convertidos a uma crença em Cristo. Paulo ensinava Crispus e Áquila, Justo e Acaico, para que pudessem aprender a ministrar à Igreja, a batizar e pregar. Desejava levantar uma forte cerca ao redor dos irmãos na fé, pois viria um tempo em que deveria ir dali e trabalhar noutros campos.

Capitão conduziu Paulo a Erasto, o tesoureiro, que era rico e da mesma mente que ele próprio relativo ao vazio da vida e ao fim escuro no túmulo. Ambos estes homens acreditaram e foram batizados. Convidaram outros para a casa de Justo, de modo a que esta não podia conter todos aqueles que queriam escutar Paulo. Ele não se esqueceu do povo, e mais uma vez reuniu ao seu redor à noite os escravos e marginalizados. Com o tempo percebeu que estes eram mais zelosos na sua crença e no seu desejo de servir a Cristo do que eram os ricos ou os instruídos. A história das aflições do Mestre movia-os porque Ele tinha sofrido como eles sofriam. E Ele tornou-se como um homem para eles e também como um Deus, que se tinha levantado de todas as fraquezas e dores do homem.

Ora uma pobre mulher chamada Víbia suplicou ao santo que a batizasse. E, após se ter tornado membro da Igreja, foi ter com Paulo, dizendo: "Mestre, no meu desejo de servir a Cristo, enganei-te. Não confessei todos os meus pecados. Um segurei de ti. Pois não parecia mau. Como quer que seja, as tuas palavras, nesta véspera, tornam-me claro que Jesus, teu Mestre, talvez me condenasse por isso."

Então a jovem mulher conduziu Paulo para uma cova que estava abrigada por um teto de palha. E era imunda e má de olhar. Dentro dela estavam um homem velho, uma mulher velha e crianças jovens. Víbia disse a Paulo: "O meu irmão que trabalhava para nós está morto; estas são as suas crianças. E eis os nossos pais. São demasiado velhos para trabalhar. Busquei em vão alguma tarefa que nos desse uma escassa medida de pão. Um que é rico tomou-me para si; e tem-me dado comida e dinheiro para os meus pais e estas crianças.

Como quer que seja, tu declaraste que é mau para uma mulher ganhar dinheiros dessa maneira. E após te ter ouvido falar, escondi-me deste homem Capitão. Novamente mendiguei por trabalho. Mendiguei até por esmolas embora seja orgulhosa e não deseje os dons de outrem. Mas as crianças choram por pão e os velhos sofrem neste lugar barulhento. Por isso não me posso reter mais deste homem. Ele nada sabe de mim. Se eu não for ter com ele, estas crianças perecerão. Ó mestre, gostaria de viver virtuosamente. Contudo, nesta matéria, não é uma virtude maior pecar do que reter-me de pecar? A minha mãe é judia, e ela não quereria que eu quebrasse a Lei de Moisés. Contudo não posso permitir que ela sofra e que estes pequeninos pereçam."

Paulo respondeu: "Filha, não cometerás o mal mesmo que isso possa salvar as vidas de outros. Uma irmã em Cristo, assim duramente colocada, oraria a Ele, pedindo socorro. E se tivesse fé, ser-lhe-ia concedido. Mesmo se lhe fosse negado, era melhor que estes pequeninos perecessem antes do que a tua alma ser destruída. Pois a fornicação, mesmo que o teu propósito seja virtuoso, é um cancro que apodrecerá o teu ser, lenta mas seguramente, até que tudo seja imundo. Não estabeleças os teus pensamentos nos dias da carne. Se aqueles que te são queridos morressem desta maneira amarga e cruel, seriam, noutra vida, recompensados por esta adversidade e dor. Agora ordeno-te em nome de Jesus, a quem adoras, que não vás mais a este homem Capitão. Conduzir-te-ei a Priscila, uma da nossa fé. Permanecerás com ela até que eu volte."

E quando Paulo tinha contado a sua história a Priscila, partiu da sua habitação e buscou Capitão. E pediu-lhe que fosse da sua companhia para que pudessem conversar um com o outro sobre as Escrituras e a promessa do Messias. Cedo o santo percebeu que, como a face do mar muda, este homem tinha mudado. Lançava dúvidas sobre os ditos de Paulo relativos à ressurreição de Jesus. Como quer que seja, quando o santo reconto as suas palavras maravilhosas, o gentio foi silenciado. Não podia negar que a doutrina ensinada por Jesus era mais nobre do que todas as filosofias sábias de Hélade, que as Suas palavras eram de Deus e não do homem.

Quando chegaram à cova onde habitavam os parentes de Víbia, Capitão afastou-se, declarando que não caminharia mais além. Desejava não olhar para tanta sujidade, pois o povo que habitava neste bairro era como a sujidade do chão, inferior às bestas do campo. "Eles são teus

irmãos," disse Paulo, "não te podes cortar inteiramente deles." Então o jovem ficou muito afrontado, dizendo: "Nada tenho a ver com tal bicho. Possuem apenas os desejos do bruto. Verdadeiramente creio que não há alma dentro deles."

Paulo ordenou a Capitão que olhasse para as crianças famintas e para o velho pai e mãe de Víbia. Mas este rico mercador ficou tanto mais repelido, e procurou partir à pressa. Como quer que seja, Paulo pegou na sua túnica e ordenou-lhe que olhasse novamente, dizendo: "Estes são os teus parentes. Pois eis que tomaste para ti a filha deste velho homem e as crianças a quem chamas bicho são do sangue dela também. A sua pobreza não é a sua vergonha, é a tua vergonha. Sim, e a vergonha de todos os ricos coríntios que permitem tal miséria no seu meio."

E muitas outras palavras, afiadas como espinhos, Paulo proferiu, de modo que Capitão não ousou olhar para ele e, deitando abaixo a sua cabeça, declarou o seu espírito contrito, dizendo: "Mestre, tu és amargo nos teus ditos como a uva temporã. Que farei para que possa emendar este mal? Há outros semelhantes aos parentes de Víbia. A minha riqueza poderia ser espalhada, contudo a sua fome não seria detida. Pede-me para reunir todos os peixes que vivem no mar dentro de uma rede. Seria tão fácil como alimentar a multidão dos pobres."

E Paulo respondeu: "Dá aos parentes de Víbia tais dinheiros que os façam viver como o teu irmão e a tua irmã vivem, ou dá-lhes até a pequena medida que baste para as suas necessidades. Toma Víbia como tua mulher, pois fizeste uma coisa má ao fazer dela a tua serva de uma maneira que é indigna de um coríntio."

Ora Capitão recusou tomá-la por mulher. Mas tão perturbado ficou pelo julgamento do santo relativo aos seus caminhos maus, que fez um voto de que não buscaria a donzela mais, e encarregar-se-ia das suas necessidades e das necessidades dos seus parentes. E Paulo ficou alegre de coração. Percebeu que este gentio não podia lançar de si, de nenhuma maneira veloz, o que não tinha, até àquele tempo, parecido imundo nos seus olhos. Apenas lentamente poderia ser conduzido para fora da sujidade de alma que era sua e de muitos outros coríntios.

O santo regressou à casa de Justo. Ali ensinava tanto judeus como gentios, e ficou muito espantado quando a noite chegou e um homem da

largura e figura de Sóstenes permaneceu diante dele. Estava pobremente vestido e havia problema escrito no seu semblante, o qual também era o semblante do chefe da Sinagoga. Paulo disse-lhe: "Que quererias de mim? Tu fizeste-me lançar fora da tribo, proferiste blasfémia relativa ao meu Mestre e ao meu Deus. Vai daqui, pois nada pode haver entre mim e ti."

Sóstenes deu resposta: "Mestre, esconde-me na tua habitação, pois temo até a luz das estrelas. Estou em grande perigo. Contudo, porque te ouvi pregar na Ásia, não queria partir de Corinto antes de escutar as tuas palavras maravilhosas mais uma vez." Paulo conduziu-o a uma câmara interior e pediu-lhe que declarasse a sua história. Pois não podia entender por que razão este orgulhoso e perverso judeu vinha ter com ele em pobre vestuário e dessa maneira.

Ele deslindou a dúvida do santo, dizendo: "Sou o irmão mais velho de Sóstenes e o meu nome é o do meu pai que tratou a minha mãe mal. Eu era como Ismael. Não nasci para nenhuma herança. A minha mãe era a serva de meu pai. E eis que, quando cheguei aos anos de idade adulta, percebi o ato mau que tinha sido operado por um que era um judeu devoto, por um que observava la Lei de Moisés. A minha mãe era ainda a serva, e eu era o servo do meu irmão mais novo. A mãe dele era honrada e a minha mãe tinha, através do medo, guardado o segredo do meu nascimento. Por isso, por causa disto, porque tinha cedido em todas as matérias a meu pai, vivia meanly, trabalhando no serviço da mulher que era a esposa dele. Odiava esta mulher, e odiava o seu filho que tinha verdadeiramente roubado a minha herança de mim.

E aconteceu que ela bateu na minha mãe na minha presença como faria a um escravo, chamando-lhe nomes vis. Então a minha ira foi acendida e golpeei-a com uma faca até ela jazer imóvel como se estivesse morta. Fugi de Corinto, e apenas após muitos meses terem passado é que soube que a mulher não tinha morrido. Assim, não sou um assassino, contudo seria dolorosamente punido se chegasse aos ouvidos do meu irmão que eu estava em Corinto.

A minha mãe estava a morrer. Por isso ordenaram-me que regressasse depressa a esta cidade. Ela chamou-me Sóstenes, ó grande mestre. Pois verdadeiramente o nome é meu porque sou o mais velho e era o título de meu pai."

Paulo soube que este homem tinha escutado a sua pregação em Antioquia, e percebeu que ele adorava o Mestre verdadeiramente e desejava fazer o Seu mandado. Por isso deu-lhe abrigo. E Paulo ficou jubilado por causa das notícias dos irmãos que este homem carregava para ele de Antioquia.

CAPÍTULO XX

CLOÉ ROGA A PAULO QUE PUNA CAPITÃO PELO SEU PECADO, E NOVAMENTE LHE OFERECE OURO COMO SUBORNO.

ORA aconteceu que Cloé buscou o santo por causa das escuras notícias que lhe tinham sido carregadas por um escravo a quem ela tinha subornado. E estava muito irada ao relatar a Paulo as palavras deste homem que estava ao serviço de Capitão. "Eis, mestre, nesta véspera Capitão conduziu para a sua habitação uma mulher de má reputação. E embora tenha declarado a sua crença na Lei de Moisés e nos ensinamentos de Jesus, contudo peca contra eles com esta mulher. Por isso quereria que o lançasses fora de entre os crentes.

Dizem-me que tens poderes poderosos. Podes curar, dizem eles, com o toque das tuas mãos. Atingiste contra a terra um servo de Joses porque ele procurou fazer-te dano. Ele gritou e lamentou até tu lançares a aflição para fora dele na tua compaixão. Mestre, rogo-te que vás à casa deste homem perverso, Capitão. Pune-o por este pecado seu. Atinge-o contra a terra através do toque das tuas mãos. E depois, quando ele se arrepender, perdoa-lhe se for a tua vontade. Não queria que ele morresse ou definhasse com alguma chaga dolorosa, embora seja verdadeiramente o seu merecido."

Paulo falou severamente a esta mulher, pois estava movido em todo o seu ser pela perversidade do povo nesta cidade. "Tu falas do pecado dos outros," gritou ele, "que dizer dos teus próprios caminhos maus? Tu estás poluída em alma e corpo. Não há diferença entre ti e este homem Capitão." A mulher deu resposta: "Não, mestre, arrependi-me dos meus atos maus.

Não pecarei mais, mas viverei de acordo com o teu ensinamento. Eis aqui ouro para os pobres. Mais te darei, pois quereria ganhar o perdão e ser batizada para que possa ser salva." Ela colocou um saco de dinheiros diante de Paulo. Mas ele empurrou-o de si na sua ira, dizendo: "Toma este ouro contigo. Vai daqui. Não podes comprar a remissão dos teus pecados. Ainda estás longe da graça, pois me suplicaste que atingisse outro com aflição, que lhe causasse dano doloroso. Não tens desejo de servir a Cristo se quererias fazer o mal a outro porque ele pecou. 'Pagai o mal com o bem' foram sempre as palavras do meu Mestre.

Ao longo de toda a Sua vida Ele procurou com bons atos fazer emendas pelo dano que os outros Lhe faziam, e ao fim declarou: 'Dou a Minha vida como um sacrifício pelos pecados daqueles que Me traíram e Me trairão nos anos que entram.' Como quer que seja, tu não apreenderás estas palavras d'Ele se não entenderes e praticares a caridade de alma. Pois quereria que soubesses que os pecados do traidor do Mestre foram perdoados porque ele se arrependeu, porque através de dias de amargo desgosto expurgou de si a sujidade daquele ato vil que causou a morte do Inocente. Filha, tu não te arrependeste, pois não buscas caminhar nas pegadas de Jesus.

Não quererias perdoar a Capitão por causa da vergonha que ele trouxe sobre ti. Não te posso receber na Igreja de Cristo enquanto buscas fazer dano a este homem. Pois, em verdade, tu és uma adversária de Cristo ao desejares assim a vingança. E se estás contra o teu mestre, não posso colher este teu ouro e comprar pão com ele para os pobres. Embora haja muitos que têm fome e andam sem vestuário em Corinto, contudo eles creem em Jesus. Escolhe, ó filha. Vive em caridade com todos os homens e assim sê uma com Cristo, ou busca outra vez o velho mal, vivendo segundo a carne até à hora da tua condenação, quando irás para baixo, para as trevas."

E Cloé lançou-se aos pés de Paulo e suplicou-lhe que lhe perdoasse e lhe mostrasse o caminho para a graça. "Verdadeiramente não tenho entendimento do teu Deus," declarou ela, "pois Deus deveria atingir o malfeitor através do Seu profeta. Contudo farei o teu mandado e escutarei as tuas palavras."

E Paulo prometeu que a instruiria nestas matérias difíceis noutra hora. Mostrou-lhe que não era por atingir, mas de outras maneiras, que Cristo persuadia os homens a entregar o mal e a seguir após Ele. "Apenas quando

o homem não se quer arrepender, apenas quando permanece obstinado todos os seus dias, é que Deus o pune no Seu próprio bom tempo," declarou o santo. "Não cabe aos Seus servos, que são mortais, distribuir esse castigo. Agora irei à habitação de Capitão e pedir-lhe-ei que escolha como coloquei a escolha diante de ti: Cristo e Salvação ou o mal da carne e o Príncipe da Perdição. Ele não pode coxear entre estes dois."

CAPÍTULO XXI

PAULO ENCONTRA VÍBIA NUM BANQUETE DADO POR CAPITÃO E, APESAR DA IRA DO GENTIO, FAZ COM QUE ELA DEIXE A SUA CASA E COLOCA-A AO CUIDADO DE PRISCILA.

ORA quando a noite se aproximou, Víbia ficou de coração pesado porque não havia palavra de Paulo. Pensou nas crianças famintas e nos seus pais enfermos. Percebeu também que Priscila estava a servir certos dos pobres com dádivas de comida e dinheiro. E porque era orgulhosa, não queria mendigar uma partilha dela; por isso roubou-se da sua habitação, nada dizendo.

Quando no crepúsculo veio ao seu próprio lugar, percebeu os escravos de Capitão que conduziam os seus parentes para fora da cova em que tinham habitado. Eles estavam grandemente jubilados, declarando as suas boas notícias a ela. Um estranho rico tinha vindo ter com eles e tinha dito que lhes daria uma habitação, vestuário e comida, porque conhecia a sua filha. Então ficou Víbia muito maravilhosa. E o seu coração transbordou com agradecimento quando entrou na cabana que tinha sido escolhida para eles por Capitão. Dentro dela estavam todas as coisas necessárias para as velhas pessoas e as crianças, comida e luz e dinheiros. E o seu pai puxou-a à parte, dizendo: "Filha, este homem salvou as nossas vidas, e não há nada que lhe possamos dar em pagamento. Não gosto de receber tal generosidade de um estranho. Ora ele deseja-te, por isso vai tu ter com ele e faz o seu mandado. Tu sozinha és capaz de lhe pagar com ti própria. Serás uma boa filha e salvarás a minha honra, se me obedeceres nesta matéria."

O pai era um grego que houvera sido de nascimento fidalgo. Estava cheio de orgulho perverso e tomaria estes dons de Capitão apenas se Capitão recebesse como uma recompensa a sua filha. Os gregos pagãos

consideravam tal pecado leve quando comparado com outros. Assim o velho homem escolheu o que ele, na sua ignorância, julgava ser o menor mal. E Víbia tinha-lhe obedecido em todas as coisas por causa do mandamento do Senhor ensinado por sua mãe, que é "Honra a teu pai e faz a sua vontade". Assim não estava ela mais em dúvida quanto ao que era o seu dever nisto. Não se retirou de Capitão. Foi ter com ele e agradeceu-lhe por toda a sua generosidade.

Ao fixar este gentio os olhos nela, foi movido no seu coração. A vista dela arrebatou-o e convidou-a para a sua casa. O voto feito na presença de Paulo foi expelido da sua mente pelo seu anseio pela donzela. E ordenou aos seus escravos que colocassem um banquete diante deles e carregassem a Víbia preciosas jóias e rico vestuário. Sentaram-se à carne na companhia de Erasto e divertiram-se, bebendo o vinho da terra.

Apenas quando o banquete terminou é que o pensamento das palavras de Paulo fez o medo e a dúvida irem ter com ela como alguma ave escura e silenciar da sua boca o riso que tinha soado no banquete. E veio um bater à porta, e as palavras iradas de um escravo, que lutava com um que estava fora. Assim os festeiros foram silenciados. Ao escutarem o ruído, a lembrança do seu voto regressou a Capitão. Chamou pelo escravo, ordenando-lhe que fizesse caminho para o homem que desejava entrar. E foi como se outro o tivesse feito proferir estas palavras. Pois a sua vontade estava fixada contra o santo e a sua vinda à sua casa naquela hora.

Paulo permaneceu diante do rico coríntio que jazia sobre um leito em esplêndidas vestes. Percebeu o banquete e o vinho dispostos à luz das lâmpadas de prata. E para Víbia olhou com olhos tristes, não proferindo nenhuma censura. Contudo, tal era o poder da sua presença silenciosa que o homem e a mulher gritaram juntos: "Mestre, não pecámos." "Pecastes," respondeu Paulo, "porque tendes pensamentos maus. Pelo que, embora a falta não tenha sido cometida, contudo o mal já está realizado e fazeis a jornada por um caminho escuro que vos conduzirá para longe da graça de Deus."

Víbia gritou: "Obedeço ao mandamento de Deus dado a Moisés. Vim a este banquete a mando de meu pai. Apenas obedeci às palavras dos profetas." Paulo disse-lhe: "Tu obedecerás primeiro ao mando de Deus o Pai; e nisto erraste. Não obedeceste às Suas palavras tal como as dei a ti." Então a donzela ficou perturbada. Voltou-se de Capitão e de Erasto,

lançando a sua esplêndida veste de si e suplicando ao santo que a conduzisse dali.

E o rosto de Capitão tornou-se escuro de ira. Ele gritou: "Não te afastarás de mim, nem terás mais nada a ver com este judeu. Eis que o Seu Deus, Jesus, é inconveniente e pede-nos tolices que nenhum homem pode cometer. Não mais escutarei as Suas palavras. Elas são más quando nos querem separar um do outro. Adorarei novamente os deuses dos meus pais no Templo que vigia sobre nós estes muitos anos no Acrocorinto."

Ordenou aos seus escravos que deitassem mãos a Paulo e o expulsassem. Como quer que seja, Erasto disse ao gentio irado: "Este Paulo é um profeta poderoso. Ele carrega para nós palavras de limpeza. Tu não quererias regressar ao velho mal que está a fazer o nosso povo decair e a nossa geração perecer?" Capitão deu resposta: "Pequei ao desviar-me de Afrodite e da sua adoração. Ela conceder-me-ia esta mulher, ela não estabeleceria limites às minhas saídas e entradas."

Ainda assim, convocou novamente os seus escravos. Eles tinham escutado Paulo quando ele falava aos gentios e quando tinha confundido Fídon e Joses. Por isso estavam perturbados e não queriam tocar sequer no manto do santo. E a ira do seu senhor aumentou, de modo que os ameaçou com castigo e morte. Então um deles deu resposta: "Antes quereria morrer pela tua mão do que ser atingido por este homem sábio, que tem um Deus poderoso, um Deus que se vingará daqueles que traem o seu servo."

E Paulo levantou a sua mão dizendo: "O meu Deus abençoar-te-á e não te atingirá. Ele não é um Deus de ira, Ele é um Deus de compaixão. Vinde, tomai-me e lançai-me fora se quiserdes. Levai também ao vosso cuidado esta mulher, para que ela não sofra por causa do pecado de outrem."

Os escravos avançaram sobre ele. Mas quando estavam ao alcance de um braço, inclinaram as suas cabeças, ajoelhando-se diante dele. Os seus membros tremiam, pois o medo era deles do Poder Invisível, o qual, declaravam muitos dos coríntios, protegia Paulo como um anel de lanças.

O silêncio caiu sobre todos naquela câmara. Capitão esforçou-se por falar palavras de comando, mas a sua língua colou-se ao céu da sua boca e nenhum som veio dela. Erasto abanou a sua cabeça branca em maravilha perante a mudança, perante a mudez que tinha caído sobre este gentio de

coração feroz. E Paulo ordenou a Víbia que se levantasse e partisse com ele. Ainda Capitão não conseguia proferir nenhum som, nem fazer nenhuma agitação que fizesse outros dos seus servos entrar na câmara.

O estranho Poder Invisível, quando se reunia ao redor de Paulo, dominava todos exceto os judeus descrentes. Nenhum gentio podia fazer violência ao santo quando vinha aquele momento do vencedor. Em tal altura César, se estivesse na sua presença, teria inclinado a sua cabeça para ele. Contudo, o santo não podia julgar quanto à hora da vinda deste Poder Invisível, nem podia dizer quando se afastaria dele e ele estaria mais uma vez sem defesa e como os outros homens.

Ora, ele mal tinha passado da presença destes gentios quando Capitão acordou como de um sono e gritou em ira, batendo nos seus escravos, esmurrando-os e ordenando-lhes que seguissem atrás de Paulo e da mulher. Então Erasto falou palavras de repreensão, dizendo: "Erraste. Proíbo os teus escravos de partir desta câmara e molestar este homem santo. Ele é verdadeiramente de Deus, pois aquietou a tua ira e colocou o feitiço do silêncio sobre todos nós de modo a que ficámos como imagens de pedra.

Não guerreies contra as suas palavras, senão o mal virá a ti e à tua casa. Pois ele busca apenas a virtude, e o teu desejo era fazer o mal a esta donzela. Tu quererias afastar-te do ensinamento de um que nos carregou notícias do fim do mundo. E o seu Deus julgar-nos-á nesse tempo que se aproxima velozmente."

Então Capitão ficou com medo; e nos dias que se seguiram não procurou fazer ao santo nenhum dano. Ordenou aos seus escravos que caçassem os parentes de Víbia da habitação que lhes tinha dado. Como quer que seja, eles já tinham partido. E ele soube que o servo de Priscila os tinha convidado para a casa dela. Capitão foi um dos dissidentes. Não queria mais escutar o ensinamento do santo. Foi para o meio daqueles dos seus companheiros que praticavam abominações, e com eles adorou falsos deuses. Assim percebereis que os trabalhos de Paulo eram muitas vezes dolorosos. E certos, que acreditavam, achavam o jugo do ensinamento de Cristo demasiado pesado para carregar. Por isso voltavam atrás no caminho para a graça.

CAPÍTULO XXII

PAULO É ACUSADO PERANTE GALIÃO, MAS É ABSOLVIDO. OS GRECOS ESPANCAM SÓSTENES E MENEHAS. CLOÉ DECLARA O SEU ARREPENDIMENTO.

ORA aconteceu que, à medida que o amor por Paulo em Corinto aumentava, assim também aumentava o ódio. Sóstenes soube que o seu irmão se hospedava na casa de Áquila, e colocou uma guarda sobre ela. Mas o irmão passou por eles privadamente, paramentado em hábitos de mulher, e escapou das armadilhas do judeu, tomando navio para Éfeso na primeira temporada.

Assim foi o Archisynagogos mais uma vez frustrado nos seus desígnios maus; e ele acreditava que Paulo tramava o seu derrube. Por isso consultou Menehas e Nethan, o velho inimigo do santo, que tinha vindo para Corinto de Tessalónica. E Nethan declarou-se desta moda: "Leva este sujeito libertino perante o Governador. Acusa-o de traição contra o Imperador. Então ele será lançado fora desta cidade assim como foi expulso de Tessalónica. Tu podes destruir o ninho de víboras que ele deixará atrás de si nesta cidade. Como quer que seja, se ele habitar aqui, todos os judeus com o tempo serão afastados da fé dos seus pais. Pois este homem, Paulo, é instruído e possui toda a astúcia do Príncipe do Ar, que é o seu servo."

Então Nethan partiu de Corinto. Os judeus comungaram mais uma vez uns com os outros e decidiram que o seu conselho era bom. Na medida em que Galião, o irmão de Séneca, tinha ultimamente vindo para Corinto e tinha sido nomeado Governador da Acaia. "Ele tem reputação de ser um homem justo," disse Sóstenes, "por isso fará caso das nossas palavras." "Todos aqueles em autoridade em Roma," declarou Menehas, "gospem sobre o nome de Cristo, escarnecendo dele. Pois os Seus seguidores causaram um levantamento entre o nosso próprio povo naquela cidade. De bom grado, portanto, Galião punirá Paulo quando tiver escutado as nossas acusações contra ele."

Assim estes dois homens reuniram certos Fariseus devotos e ficaram de acordo, quando Galião se sentasse em julgamento a receber as queixas do povo, que deitariam mãos a Paulo e carregariam o Santo perante o romano.

Aconteceu que ele tinha reunido os gentios ao redor dele perto da água e estava a pregar-lhes quando um corredor rompeu através do aperto, dizendo: "Mestre, Priscila foi atingida por uma febre dolorosa e está como que para morrer. Apressa-te, neste instante, para junto dela." E Paulo cessou de exortar o povo e seguiu o mensageiro pelas ruas. Como quer que seja, muitos daqueles que o tinham escutado desejavam aprender mais de Cristo. E por causa da sua avidez seguiram atrás dele.

Quando ele estava perto do lugar de Julgamento, judeus caíram sobre ele de repente e, chamando-lhe malfeitor, deitaram mãos violentas sobre em, amarrando-o firmemente. Então os gregos fizeram um clamor e juntaram batalha com os hebreus. Como estes estavam armados, eles recuaram deles. Contudo não cessavam de proferir imprecações contra eles. Não sabendo o que tinha despertado esta desordem, os soldados dividiram os judeus dos gregos. E ordenando ao povo que estivesse em silêncio, dirigiram-se a Sóstenes.

E ele declarou que Paulo era um transgressor, um quebrador de leis, e exigiu que carregassem o malfeitor imediatamente a Galião para ser julgado. Mesmo enquanto ele era conduzido perante o Governador, os gregos gritavam: "Sóstenes é o infrator. Ele rouba o pão dos pobres. Ele quebra os corações daqueles que o servem. Eis que ele é o tirano de Corinto. Vomitemos este homem de vida má, este judeu que, através da sua riqueza, procura oprimir o grego."

E o Governador deu ordens para que o povo fosse silenciado. Como quer que seja, ele tinha feito caso dos seus gritos. E estes mostraram-lhe que o que lhe tinha sido carregado como rumor era talvez uma verdade, que este judeu, Sóstenes, embora não quebrasse a Lei, era um infrator tanto contra romanos como contra gregos, enganando os ricos de dinheiro e roubando os pobres através dos seus artifícios subtis. Falou severamente a este hebreu de modo a que ele ficou desconcertado e a fala secou-se dentro dele como a água de um poço numa terra sequiosa.

Então Menehas tomou a palavra, dizendo: "Este homem Paulo quebrou a Lei, na medida em que declara que um certo malfeitor chamado Jesus é o Cristo. Este Jesus esforçou-se por fazer uma insurreição em Jerusalém contra o governo do Imperador; e foi aclamado pelos inimigos de César como Rei dos Judeus. Como quer que seja, os soldados deitaram

mãos a este mau impostor. Carregaram-no perante Pilatos, o Governador, que o fez ser crucificado."

E Galião perguntou-lhes em que temporada foi este acontecimento. Quando soube o tempo, disse a Menehas: "Este homem Jesus está morto há estes muitos anos. Por que me atribulas com Ele?" E o escriba deu resposta: "Paulo vai de cidade em cidade, contando ao povo que Jesus é o Filho de Deus, que Ele em breve virá julgar a terra. E ele agita o povo desta maneira contra a autoridade."

Galião deu resposta: "Vós, hebreus, é que fizestes a agitação nesta hora. Deitastes mãos àquele a quem chamais Paulo. E apesar da ira dos gregos, carregaste-o perante mim. Quem é, portanto, que faz um tumulto?" E o escriba esforçou-se com palavras apressadas por mostrar que os seus seguidores eram pacificadores. E novamente declarou que Paulo era um quebrador da Lei.

Tão grande era o fervor do mal em Sóstenes que ele não pôde guardar a sua paz e aqui interrompeu a expressão do seu parente, dizendo: "Paulo quebra a Lei de diversas maneiras. Ó Governador, nós temos um mandamento de que todos os que creem no nosso Deus devem carregar um selo e sinal sobre os seus corpos. Eis que este sujeito vai de um lado para o outro entre povos de diversas nações e diz-lhes que podem ser da nossa fé e contudo não carregar este selo sobre os seus corpos.

Eles podem quebrar todos os mandamentos do nosso Deus relativos a ritos e observâncias, e contudo ser Seus filhos e gozar da Sua proteção e dos Seus dons."

Ora Menehas percebeu que Sóstenes falava a Galião como poderia fazer a um Fariseu, ou a um do Sinédrio. E empurrou Sóstenes para trás, silenciando-o, tomando a palavra veementemente. "Jesus tem sido chamado o Filho de Deus pelo impostor que permanece diante de ti. Ora a Lei Romana não permite que um homem nascido de uma mulher de má reputação seja adorado como um Deus.

Eis que César é reverenciado pelos romanos e eles adoram-no. E César decretou que podemos adorar Jeová, que é o nosso Deus. Acuso este sujeito com a expressão de blasfémia contra o Imperador ao estabelecer Jesus, o Filho do homem, como o Filho de Deus. Acuso Paulo de quebrar a

lei ao saudar Jesus, que foi crucificado, como um ser Santo que é Um com Deus."

E Paulo falou ao Governador, dizendo: "César declarou que podemos adorar Jeová, o nosso Deus. Tais são as palavras deste escriba. É verdade que vou de cidade em cidade, pregando ao povo. Não há traição na minha expressão. Ordeno ao judeu e ao gentio que adorem o nosso Deus, Jeová, quando lhes ordeno que adorem Jesus de Nazaré. Pelo que não ofendo de nenhuma maneira contra César.

A matéria de contenção reside na crença destes judeus, que fazem a acusação de que Deus ainda não veio à terra. Eles falam da sua ignorância, pois não viram; e não têm a fé que os faça crer. Nos dias da minha juventude fui instruído por Gamaliel, o judeu, cuja aprendizagem homens de diversas nações têm em estima. E mesmo naquele tempo anelei por uma revelação de Deus. Eis que ela me foi dada, mas os meus olhos estavam selados. Não conheci o Santo quando escutei as Suas palavras uma véspera no auge do Verão. Vi Jesus, que é chamado o Cristo.

Fui um da multidão que escutou os Seus ditos maravilhosos. E por um curto espaço todo o meu ser foi iluminado pela Sua revelação do Espírito. Como quer que seja, a mente de um rapaz é como a face das areias lavadas por cada maré. As palavras dos Homens Sábios de fato por um tempo removeram o ensinamento de Jesus, não o lançando fora mas enterrando-o dentro da minha alma. Fui para outras terras; e quando vim mais uma vez a Jerusalém soube que Jesus tinha sido crucificado. E porque era zeloso pela fé dos meus pais e porque odiava um jovem crente chamado Estêvão, tornei-me como estes judeus que agora me acusam.

Chamei ao Santo, o Filho de Deus, um impostor. Persegui aqueles que criam em Jesus. Não podia perceber a verdade da doutrina ensinada por Jesus: que não havia nem liberdade nem cativeiro — apenas serviço. Que perante Deus todos eram servos e todos eram livres, que todos eram as crianças de nosso Pai. Não sabia então que através de Jesus, o Messias, os homens poderiam vir a ser como irmãos; que romano, grego, judeu e bárbaro, se cressem em Cristo, cessariam de fazer guerra uns aos outros, buscam fazer o bem ao estranho como fariam o bem aos seus próprios parentes e aos seus filhos.

Aprendi com Cristo que todos os homens se poderiam tornar um num tempo posterior; que Roma poderia reunir as nações dentro do seu rebanho, de modo a que elas também fossem feitas um. Contudo apenas se pode isto cumprir em nome de Jesus, meu Mestre, que era de verdade o Filho de Deus."

E aqui Galião questionou Paulo, mostrando na sua maneira que estava movido pelas palavras do santo. Disse-lhe: "Tu falas de Jesus como o Filho de Deus. Ora quereria que me dissesses como Ele te fez crer na Sua Divindade." E Paulo falou da ressurreição de Jesus, do corpo morto que se levantou e apareceu aos discípulos. Contou daquela estranha hora quando Jesus permaneceu diante dele no caminho para Damasco, quando a glória de A Presença trespassou a sua alma e murchou os seus olhos, de modo que uma grande escuridão se reuniu ao redor dele.

Como quer que seja, quando o santo teria falado mais além relativo à revelação dada a ele por Jesus, o Governador ordenou-lhe que estivesse em silêncio, dizendo: "Tu quererias fazer-me crer em maravilhas. Tens uma mente fendida em duas. Uma medida dela é romana e contém a sabedoria e a razão da nossa raça; contudo outra medida dela é do povo dos hebreus que vagam no mundo do mistério e dos falsos sonhos. Não posso crer no milagre de um corpo que se levantou dos mortos, nem posso crer na tua visão deste Jesus. Pelo que daria julgamento sobre a matéria entre ti e estes judeus."

Então Menehas declarou que tinha outras acusações a fazer contra Paulo. E mesmo enquanto espalhava palavras como grão em tempo de colheita, Sóstenes esforçou-se por silenciá-lo, fazendo um ruído maior com muito e rápido falar. E os gregos que estavam reunidos ao redor dos soldados e do juiz murmuravam e murmuravam juntos: "Sóstenes é o malfeitor. Sóstenes rouba o ouro dos coríntios. Soltai o homem virtuoso. Entregai-nos o ladrão e o tirano, Sóstenes."

E este murmúrio baço era semelhante ao som do mar entre as grutas e rochas. Ao princípio não foi escutado. Lentamente trabalhou na audição daqueles em autoridade, de modo que o que não houvera sido senão um som pesado veio finalmente a ter significado para aquele que julgava. Galião levantou-se e levantou a sua mão novamente. Estava estrito de semblante, e na sua maneira havia o desprezo de um buscador de sabedoria desencantado. Odiava a turbulência dos judeus. E ele, que tinha lido as

mentes de muitos, podia ler as imaginações cruéis e astutas do chefe da sinagoga e do escriba.

Declarou-se desta moda: "Sou o juiz em todas as ofensas que dizem respeito à lei de Roma. Vós falais de ritos e do vosso Deus. Tudo isso pertence à vossa lei e não à lei que eu administro. Ofendeis naquilo em que provocais o povo e desse modo destruís a paz de Corinto. Como este homem Paulo não vos acusa, não vos julgarei nesta matéria. César é justo e misericordioso. Ele deixará os judeus adorar o seu Deus segundo a sua maneira. Paulo é como outros da sua tribo. Ele pode adorar o seu Deus como parecer correto nos seus olhos. Estou aqui para governar o povo de acordo com a lei romana, pelo que dispenso esta queixa. E porque provocastes o povo, os soldados conduzir-vos-ão diante deles desde o Lugar de Justiça. Sede agradecidos por terdes escapado à condenação. Pois, verdadeiramente, Sóstenes e o seu escriba são os infratores."

Ora o mercador tinha emprestado dinheiro a certos gentios que estavam em autoridade, e tinha-o exigido novamente com usura. Por isso, quando a palavra foi carregada a eles relativa ao tumulto despertado por Sóstenes, estes juntaram-se à multidão, e encorajaram o povo a fazer um grande grito de aclamação ao julgamento do Governador. E rugiram os seus louvores, gritando a maravilha da sua justiça. O semblante de Galião não mudou. Estava fixo como uma imagem esculpida, enquanto o rosto de Paulo estava ávido, com a sua fervente alegria, num julgamento que permitia a adoração de Jesus, o Filho de Deus, dentro dos limites do Império.

Galião olhou para Paulo e disse ao seu escriba: "Ordena aos soldados que guardem este homem para que ele vá para a sua habitação sem molestação. Aparentemente, ele é de pouca importância, um sujeito que está possuído com a superstição dos ignorantes que ainda adoram deuses. Em breve este homem e estes hebreus tolos serão esquecidos. Pois a era da razão e do entendimento é nossa. Estes judeus são de anos passados e são bárbaros, imaginando uma vã tolice."

Ora os soldados conduziram Sóstenes e Menehas diante deles, apesar dos seus gritos e lamentações. Picaram os malfeitores com as suas lanças, para que não parassem nem demorassem. E eles foram agarrados pelos jovens irados, que deviam dinheiros a Sóstenes, e por certos até dos seus homens contratados. Os seus mantos foram rasgados deles e foram

atingidos, como os escravos, com varas. Certos hebreus não gostaram desta indignidade e tormento, por isso apelaram a Galião e suplicaram-lhe que ordenasse aos seus soldados que guardassem o chefe da sinagoga, para salvar a sua vida da turba.

O Governador deu resposta: "Estes homens provocaram um tumulto. Pelo que os entreguei ao povo de Corinto, e eles os julgarão de acordo com os seus merecidos. É um mal na nossa geração que as ofensas mais perversas cometidas contra a comunidade muitas vezes não possam ser punidas pela lei. Não me importa se estes hebreus perecerem às mãos da turba. Eu julgaria, pelos gritos do povo, que eles sofreram por causa destes judeus."

Sóstenes e Menehas estiveram doentes para a morte por muitos dias após este açoitamento. E todos os escravos e jovens de Corinto jubilaram. Contudo tal castigo apenas fez o astuto Fariseu e o seu escriba odiar Paulo tanto mais. Naquelas horas de aflição desenharam uma armadilha pela qual Áquila e Priscila pudessem ser trazidos a tal ruína que seriam compelidos a partir de Corinto. Áquila e a sua mulher foram os primeiros seguidores de Cristo em Corinto.

Tinham sempre amparado Paulo diante do povo, dando-lhe trabalho, para que nenhum escândalo surgisse através de ele ser um fardo para a comunidade; e conduzindo-o também aos gentios que tinham visitado la sinagoga e eram de boa reputação. Aconteceu que, quando Menehas e Sóstenes puderam caminhar fora mais uma vez, fizeram com que o comércio de Áquila e o comércio de Paulo fossem ensinados a muitos. E compeliram tais homens a estar amarrados em todas as matérias de troca com eles.

Assim, antes de o santo partir de Corinto, Áquila e todos os que o serviam estavam ociosos. Desta forma estavam eles sem dinheiros e foram compelidos a buscar outra terra onde pudessem vender o trabalho das suas mãos.

Estes dois, Áquila e Priscila, eram, de todo o povo, os mais generosos. E antes de Sóstenes suceder neste desígnio, a mando de Paulo, reuniram os santos na assembleia quando ele pediu dinheiros e comida para os irmãos mais pobres. Certos destes eram lastimáveis de contemplar, porque no meio das riquezas e abundância daquela cidade estavam famintos, sem carne

sobre os seus corpos e semelhantes às formas dos mortos na vista dos homens.

Ora, porque os gentios não estavam prontos nas suas ofertas, Áquila, que tinha mas um pequeno celeiro de dinheiro, ofereceu-o ao santo. E a sua mulher ordenou-lhe que tomasse tudo o que estava dentro da sua casa e o desse aos pobres. "Obedeceremos às próprias palavras do Mestre Cristo," disse Áquila. "Possuiremos apenas estes nossos mantos, o nosso cajado e alforje, e as ferramentas do nosso ofício. Confiamos na misericórdia do Mestre, e sabemos que Ele nos alimentará como alimenta as aves. Assim, não tendo filhos, nada tememos e podemos portanto dar tudo a Cristo. O fim do mundo está à mão, e encontrá-lo-emos sem medo. Pois sabemos que o Senhor reunirá os Seus servos naquele pavoroso tempo."

Então houve silêncio por um curto espaço. E depois disso certas pessoas foram abaladas, gritando com línguas. Todos naquela sala foram movidos pela passagem do Espírito através dela. Pois eis que este ato de Áquila e Priscila atraiu o Santo para a congregação. Não houvera nenhuma hora de sossego, como era costume, antes da sua vinda. Contudo estava o sopro puro de Deus a passar de um lado para o outro entre eles.

Cloé, que tinha pecado profundamente nos olhos de Paulo, veio para fora do meio do povo e deitou as suas pulseiras e ornamentos de ouro aos seus pés. Ela ofereceu muito do seu tesouro a Cristo. E embora não fosse costume para as mulheres de Corinto falar nas assembleias, falou a todos eles, confessando a sua vida má. Y disse a Paulo: "Afastei de mim as práticas pagãs, o pecado da fornicação. Viverei de doravante virtuosamente. Nada pode fazer emendas por toda a perversidade passada da minha vida. Sei que posso não pedir por aquele lugar no Paraíso por causa do meu pecado; contudo darei a minha fortuna a Cristo e não pedirei de ti sequer a tua bênção, mestre."

Ora Paulo não gostava da fala das mulheres em tais horas, mas não lhe ordenou que estivesse em silêncio. Pois percebeu que esta mulher orgulhosa, que tinha lutado contra ele, estava humilhada. Em tempos passados ela tinha procurado comprar com ouro um lugar ao lado do Senhor da Vida. Agora estava mudada. E tinha sido movida pelo puro espírito de compaixão, na medida em que deu o seu tesouro embora acreditasse, como contou ao povo, que iria para baixo, para as trevas do submundo, tão dolorosamente tinha ofendido contra Deus.

Por causa do exemplo desta mulher e de Áquila, muitos outros carregaram ofertas para o celeiro comum. Assim veio uma hora em que nenhum homem que era da companhia dos santos em Corinto teve fome, nem estavam sem túnica ou manto. Foi posto em escrito que, quando Cloé tomou a medida de todo o seu tesouro, reteve a partilha maior. Não estava nela, como em Áquila e Priscila, dar tudo por Cristo. Contudo, a partir daquela hora, serviu o Senhor Jesus; e reuniu os seus escravos, ordenando-lhes que cressem e fossem batizados.

CAPÍTULO XXIII

DISSENSÃO NA IGREJA RELATIVA AO DOM DE LÍNGUAS.

ORA, após o espancamento de Sóstenes, houve muita conversa entre os gentios relativa a Paulo. Muitos procuravam escutar as suas palavras. Tornou-se necessário que Áquila e Estéfanas pregassem e ensinassem, pois nem todos podiam aprender do Santo toda a mensagem do mestre. Um homem santo tem apenas um corpo e uma voz. Ele não pode sever estes e falar em diversos lugares nas suas horas de libertação do trabalho.

Assim aconteceu que Áquila e Crispo reuniam os santos para a oração, agradecimento e para a hora do transbordo do Espírito; e Paulo estaria noutro lugar, instruindo os pagãos relativo à sua ignorante idolatria e ao verdadeiro caminho para Deus. E quando a hora para o silêncio seguia o Banquete da Lembrança e todos vigiavam pela dádiva do Santo Dom de Deus sobre o povo, levantar-se-iam, após um curto espaço, certos dos irmãos mais jovens e falariam na linguagem das terras orientais.

Sons estranhos rebentavam dos seus lábios, dos quais nenhum homem tinha qualquer entendimento. E um entre eles chamado Shuan declarou que esta era a língua perdida dos caldeus; e continuava a proferir um discurso que não podia ser compreendido pela multidão. Às vezes Shuan era abalado em todo o seu ser, então a sua voz trespassava e doía na audição daqueles que escutavam. Semelhante ao choro de lobos famintos era ela, e ainda assim semelhante ao lamento das aves do mar. Certos dos irmãos ficavam perturbados por este discurso e eram abalados de maneira semelhante a Shuan, e contorciam-se todos, moldando outras palavras estranhas das quais o povo não tinha conhecimento.

Um entre eles falava na língua do povo escuro que vive nas fronteiras daquilo que foi nomeado a terra dos muitos Deuses do Fogo. E um, que tinha entendimento daquele discurso, contou àqueles que estavam ao redor dele sobre a maravilha. Aqui estava um escravo sírio, que nada sabia desta terra nem do seu discurso, contudo podia ele, através do Dom do Espírito, proferir as palavras de verdade naquela língua.

Como quer que seja, estes eram poucos. E Erasto declarou que, como mas um entre eles todos a podia interpretar, não podia haver glória para Deus e nenhuma instrução para os homens em tal expressão. A interpretação grega mostrava que havia pouca sabedoria em tal falar. E Shuan, que podia verter muitas palavras na língua perdida da Caldeia, não dava nenhum trago dador de vida à congregação. Pois nem ele nem os seus companheiros podiam encontrar a chave para tal linguagem.

Então Shuan declarou que magnificava a Deus através do poder do Espírito desta maneira. E ordenou a todos que estivessem quietos e o escutassem quando ele era assim escolhido como o porta-voz do Santo. Como quer que seja, Erasto cansou-se do longo tempo que ele falava dessa maneira. E estando vexado de coração, foi ter com Paulo com uma queixa relativa a este judeu de muitas línguas. As suas palavras eram frequentemente como pedaços partidos de vidro de muitas cores; pois vinham da expressão de várias nações.

E Erasto disse a Paulo: "Mestre, é verdadeiramente um milagre que um judeu ignorante deva assim exibir um conhecimento de palavras que não aprendeu, palavras que não estão dentro do seu conhecimento. No entanto, ele não exalta de nenhuma maneira o meu espírito com tais exortações. Pois não tenho entendimento delas.

E nas horas quentes, enquanto me esforço por escutar, elas ficam semelhantes ao choro de mel das abelhas e fazem-me dormitar. Assim não faço honra ao meu Mestre, contudo não é inteiramente o meu pecado. Como posso estar desperto se aqueles que têm o Dom de Línguas proferem palavras que não têm sentido ou razão na minha vista?"

E outros gregos, que eram instruídos e vinham a estas assembleias, mofavam de Shuan e declaravam que não acreditariam em Jesus se estes homens não lhes dessem senão sons vazios quando eles desejavam instrução. Não assistiriam mais à hora de adoração.

Ora Shuan era devoto e virtuoso em todos os seus caminhos. Tinha pouca aprendizagem e estava irado com estes gregos quando eles faziam um joguete da língua perdida da Caldeia. Palavras duras foram faladas e veio uma clivagem da Igreja, um lado indo com Erasto e os gregos que eram da sua espécie, o outro indo com Shuan que defendia que aqueles que falavam numa língua de que não tinham conhecimento estavam verdadeiramente dotados com o Espírito do Altíssimo.

E Paulo convocou os irmãos, que eram de ambas as fações, e realizou para eles uma assembleia, a qual foi aberta por ele com uma oração: "Ó Jesus, meu Mestre, suplico-Te que faças com que toda a discórdia parta do meio de nós, que removas o orgulho e a obstinação que possuem as Tuas crianças que estão reunidas, que derrames sobre elas as últimas e mais finas graças do Espírito — amor e humildade. Assim estabelecerão eles o bem da Igreja primeiro e buscarão apenas a paz dentro dela."

Então o santo disse-lhes: "Não deveríamos procurar estabelecer-nos a nós próprios mesmo espiritualmente acima dos outros porque dons foram concedidos sobre nós. Verdadeiramente, irmãos, o Evangelho de nosso Mestre Cristo, as simples palavras arrancadas do coração da verdade pelos eleitos, deveriam ser estabelecidas diante de todos na assembleia. Aqueles cujas palavras não têm significado para os outros, profiram-nas nas suas próprias habitações. Eis que os ditos de Jesus contêm dentro de si toda a sabedoria. Sejam estes falados na assembleia. E os que podem profetizar, ou os que podem agitar as almas dos homens com ardentes palavras de verdade, venham para a frente e espalhem entre os irmãos o que é verdadeiramente o tesouro do Céu."

Ora os falantes de muitas línguas ficaram muito abatidos por causa deste julgamento de Paulo. Como quer que seja, Satanás não prevaleceu com eles e a fenda dentro da Igreja foi reparada. Apesar das palavras mofadoras de triunfo por parte de certos dos gregos, todos eles vieram mais uma vez a habitar juntos em unidade. Se algum homem está dotado com um dos Dons do Espírito, ordene-se-lhe que caminhe humildemente, para que o que pode ser apenas de serviço para si próprio e para a sua fé não seja um cansaço e uma aflição para os outros.

Num tempo posterior, os anciãos na Igreja em Corinto de fato acharam que os homens rebentavam na assembleia dessa maneira mais uma vez. Era como se não pudessem estorvar ou reter tal discurso. Por isso

houve dissensão. E naquele tempo Paulo não era da sua companhia, para que pudesse pôr um fim à contenção. "Tendes entendimento do Dom de Línguas? Paulo disse que o Dom de Línguas é de serviço para os homens quando pode ser interpretado e quando essa interpretação contém sabedoria dentro de si."

CAPÍTULO XXIV

PEDRO CONVIDA PAULO A JERUSALÉM AO TEMPO DO FESTIVAL POR CAUSA DAS ACUSAÇÕES

FEITAS CONTRA ELE POR CERTOS DOS IRMÃOS.

O VOTO DO NAZIREU.

PAULO E ÁQUILA FAZEM PLANOS PARA O FUTURO DA IGREJA.

ORA gostaria de escrever sobre Pedro e o rolo que foi carregado pelo seu mensageiro até Corinto. Surgiu mais uma vez uma dolorosa divisão em Jerusalém entre os santos por causa da calúnia e difamação carregadas para lá por Nethan e os judeus de Antioquia e de cidades na Galácia e Ásia. Certos dos irmãos, que eram zelosos defensores da Lei de Moisés, buscaram Pedro e aqueles dos Doze que estavam em Jerusalém.

Falaram daquilo a que chamavam a perversa heresia ensinada por Paulo, que, declaravam eles, condenava os ritos e observâncias da sua fé e ordenava aos gentios que adorassem apenas a Jesus. O santo era portanto uma má erva que devia ser removida, senão a Igreja pereceria. Acusaram-no de hipocrisia. Disseram que ele ia de cidade em cidade, iludindo os chefes das sinagogas com palavras tortuosas, declarando que era um crente em Moisés, cujas ordenações obedecia.

Depois, quando eles punham a sua confiança nele, lançava de si o seu manto de astúcia e escarnecia da fé dos seus pais, dizendo que não observaria as suas ordenações, e ordenando aos prosélitos tementes a Deus que cressem apenas em Jesus; na medida em que isto era tudo o que era necessário para a sua salvação.

Ora algumas destas matérias estavam estabelecidas sobre o rolo que Elan carregou a Paulo. E ele caiu numa angústia de espírito que fez aqueles

em Corinto que profundamente o amavam ficar perturbados e perplexos. O santo tinha sido ferido na sua alma pela traição de certos irmãos que tinham mentido relativo a ele. Também estava abatido porque Pedro escrevia da sua própria dor e dos seus medos de que a Igreja fosse fendida e perdesse, se os inimigos de Paulo prevalecessem. Desejava que o santo regressasse a Jerusalém e praticasse certos ritos e observâncias, tomasse sobre si o voto do Nazireu, e assim mostrasse ao seu próprio povo que ele era primeiro um judeu e um crente fiel nos ensinamentos de Moisés e dos profetas.

Paulo não tinha desejo de partir de Corinto, onde o número daqueles que adoravam a Cristo aumentava diariamente. Como quer que seja, não se queria estabelecer contra o mandado dos Apóstolos. Por isso determinou que faria o seu voto e tomaria navio para a Síria. Os irmãos em Jerusalém não o tinham repreendido nos seus escritos. Entristeciam-se apenas por causa do perigo da Igreja. E Paulo percebeu que era necessário que ele, de alguma maneira, provasse àqueles que ameaçavam Pedro que os gentios seriam um ganho e não uma causa para tristeza e medo na Igreja.

Lembrou-se do julgamento de Galião. E o que, em tempos passados, houvera sido como um sonho no escuro da noite, agora vinha paramentado nas formas do dia. Este julgamento permitia ao povo adorar Jesus dentro dos limites do Império Romano. E os santos seriam, portanto, livres para ir até às fronteiras mais distantes da terra, até às ilhas do norte de névoa, e pregar o Evangelho de Cristo. Aventurar-se-iam para o sul e para o leste, e colheriam povo de muitas cores para o Senhor.

Olhando para o espelho da sua alma, Paulo percebeu uma grande árvore com inumeráveis ramos — muitas Igrejas dentro de uma só Igreja. Todas as congregações carregariam ofertas para a cidade de Sião. E assim se poria um fim à dolorosa história de santos que morriam de fome nas ruas de Jerusalém.

Paulo e Áquila comungaram juntos, moldando o desenho de uma Igreja que circundaria toda a terra e teria por estrela guia a santa cidade de Jeová. Estabeleceram sobre um rolo o que tinha sido determinado. Uma cópia fiel foi feita por um escriba. Elan foi encarregado de carregar a carta a Pedro, que a poderia apresentar diante dos irmãos indisciplinados, os inimigos do Apóstolo, e assim ganhá-los com uma glória que não pudesse desvanecer porque era verdadeiramente a visão do Espírito.

CAPÍTULO XXV

SÓSTENES PERSUADE O MESTRE DO NAVIO A RECUSAR LEVAR PAULO NA SUA EMBARCAÇÃO.

ÁQUILA E PRISCILA VIAJAM NELA.

PAULO VIAJA NUM NAVIO MENOR.

ELES DEIXAM CENCREIAS COM DESTINO A ÉFESO.

ORA Áquila e Priscila tinham recebido uma herança de um dos seus parentes. Por isso determinaram ir para Éfeso na companhia de Paulo quando ele fosse em jornada para o Festival. Sóstenes tinha habilmente espalhado a sua rede por fora. E não havia trabalho para estes santos em Corinto. Como quer que seja, julgavam que poderiam pregar Cristo em Éfeso, a grande cidade da Ásia, e também encontrar trabalho para as suas mãos de modo a que não estivessem devedores a nenhum homem.

Foi na primeira temporada do ano. Até agora, nenhum marinheiro jornaria através das águas turbulentas num navio. Paulo partiu de Corinto, atravessando a estrada de ciprestes e túmulos que conduz a Cencreias. Ali habitou na casa de Febe, na companhia de Áquila. E separou-se dos outros, para que o voto de Nazireu pudesse ser cumprido por ele. Não bebeu vinho, nem o licor de uvas; jejuou, e o seu cabelo cresceu longo sobre o seu queixo e cabeça.

Quando o tempo do voto estava cumprido, ofereceu a Deus, à porta do Tabernáculo em Cencreias, o cordeiro e a ovelha, os bolos e o azeite como Moisés ordenou, tendo a sua cabeça sido tosquiada e todos os ritos observados. Assim nenhum membro do Sinédrio em Jerusalém teria causa para o repreender por negligência da Lei.

Aconteceu que o chefe da sinagoga soube do desígnio do Santo de tomar navio para Éfeso. E o veneno da serpente mais uma vez se levantou dentro dele. Primeiro foi para o meio dos peregrinos, que em breve tomariam navio para Éfeso, homens que desejavam assistir à Páscoa. E ordenou-lhes que espalhassem histórias em Jerusalém relativas a Paulo e à sua relação com gentios. Pediu-lhes que declarassem que até o seu voto

feito em Cencreias não foi feito de acordo com la Lei de Moisés, mas era uma mofa blasfema na vista de Deus.

E incitou estes viajantes a fazer um clamor e proibir a Paulo a entrada no navio, na medida em que ele estava em liga com o Filho da Perdição. Como quer que seja, estes judeus eram homens bons e não quiseram fazer o mandado do chefe. O dia aproximou-se para a partida de Paulo; e ainda os seus inimigos não tinham prevalecido. Desejavam cair sobre ele privadamente em alguma véspera quando as estrelas e a lua estivessem encapuzadas com névoa; e era o seu propósito lançá-lo nas águas do porto.

Como quer que seja, Paulo foi avisado por Priscila, que tinha o dom de profecia e podia ler as imaginações escuras dos homens. Por isso ele não ia para fora quando o dia estava terminado. E havia sempre um irmão na sua companhia quando passava entre o povo nas horas de luz.

Dois dias antes da partida dos peregrinos, o mestre do navio, que era um crente em Cristo, caiu doente. E tão possuído estava de uma febre dolorosa que outro foi colocado no seu lugar, um gentio que nada sabia de Paulo e dos hebreus. Sóstenes jubilou. Ofereceu a este homem ouro se ele recusasse levar Paulo no seu navio. Então o santo seria compelido a habitar por outra temporada em Cencreias, e não estaria em Jerusalém ao tempo da Páscoa. A necessidade era urgente para a sua presença naquela cidade de modo a que todos os homens, ao tempo do Festival, pudessem perceber que ele era um judeu que praticava os ritos e observâncias de seus pais, e não era um que tinha lançado de si esta fé e profanado aquelas Escrituras que dizem respeito aos hebreus que levianamente se poluíram.

Ora muitos judeus devotos desejavam, naquele ano santo, fazer as suas ofertas no Templo ao tempo apontado. E assim aconteceu que um navio grande não podia conter a multidão. Pelo que o mestre de uma embarcação pequena, para a glória de Deus, ofereceu-a aos peregrinos que não podiam encontrar lugar na outra. E quando o capitão não quis permitir a Paulo tomar o seu lugar apontado entre os viajantes, ele não ficou de maneira nenhuma desanimado. Buscou o judeu que possuía a embarcação menor, e falou da sua dolorosa necessidade; que ele devia estar em Jerusalém antes que a primeira temporada do ano estivesse ultrapassada. Este homem, sendo zeloso pelo Senhor, resistiu a um suborno que lhe tinha sido oferecido por Sóstenes, e aparelhou as suas velas, fazendo o santo e certos outros peregrinos bem-vindos.

Ora Áquila e Priscila viajavam na embarcação maior. O chefe da sinagoga desejava que eles partissem de Corinto, por isso não os tinha de nenhuma maneira estorvado. Como quer que seja, ficaram entristecidos com a sua separação de Paulo, mas ele ordenou-lhes que fossem de bom ânimo; pois era a vontade do Senhor, e isto foi verdadeiramente mostrado no tempo posterior. Partiram sobre um mar belo. Os navios eram semelhantes a um voo de cisnes brancos enquanto fugiam velozmente do porto. Tudo prometia bem, e os peregrinos acreditavam que, embora fosse na primeira temporada do ano, em pouco espaço alcançariam Éfeso.

Como quer que seja, quando o sol se levantou sobre outro dia, o vento soprou de um quarto mau, ferindo o mar de modo a que uma tempestade se reuniu ao redor dos navios. E cedo foram separados uns dos outros. A pequena embarcação jornava sozinha entre as águas contenciosas. Era sacudida de um lado para o outro. O mestre do navio não podia, de nenhuma maneira, retê-la ou moldar o seu curso. A ira dos céus reuniu-se e aprofundou-se. O sol fugiu velozmente das alturas, mergulhando nos vales baços dos céus ocidentais a um tempo temporão. E isto foi um sinal doloroso para os marinheiros.

O capitão foi ter com Paulo e suplicou-lhe que orasse a Deus para preservar o seu navio, na medida em que ele era um homem virtuoso e tinha sempre observado as ordenações do Senhor. E o santo suplicou ao seu Mestre, gritando para Ele para que os socorresse. Mas não veio nenhuma resposta do Espírito.

CAPÍTULO XXVI

PAULO É LANÇADO AO MAR PELOS PASSAGEIROS.

O NAVIO AFUNDA.

É RESGATADO DAS ÁGUAS E TOMADO A BORDO DO NAVIO EM QUE VIAJAM ÁQUILA E PRISCILA.

PAULO estava sozinho, colocado no meio de vagas que se erguiam que eram semelhantes a uma hoste de lobos que saltavam e dançavam, ameaçando, com cada arremesso, a destruição do pequeno navio. Os céus estavam negros e mudos. E nas sombras que se reuniam, quando se

aproximaram das ilhas, não houve nenhum abrandamento do furor da tempestade.

Até Paulo ficou abatido quando o mestre do navio foi ter com ele, dizendo: "Deus não te respondeu. Eis que estamos perto da ilha e o vento conduz com força. Seremos lançados sobre as rochas a menos que haja algum milagre, a menos que os ventos mesmo agora sejam retidos." E Paulo disse-lhe: "Não haverá milagre. Orei a Deus e Ele não me enviou nenhum sinal. Com a iluminação dos céus o navio será partido em muitos pedaços, mesmo que o clamor das águas possa ter abrandado."

O capitão não deu resposta. Partiu da companhia de Paulo e, nas horas de noite, esforçou-se com os seus marinheiros por reter o curso da embarcação. Ora este homem era virtuoso. E contudo, naquela hora de perigo, não pôde resistir à tentação. Era o seu desígnio partir privadamente da embarcação na companhia de certos dos marinheiros no único barco pequeno. Ele abandonaria assim aqueles peregrinos que jornavam ao seu cargo. Havia lugar mas para poucos nele.

Como quer que seja, procurou, como é a maneira de muitos, negociar com o seu Deus. Ao fim foi ter com Paulo, a quem considerava um homem santo, e ordenou-lhe que se mantivesse perto dele e saltasse quando o barco fosse solto. Assim seria ele salvo. O navio já não estava inteiro em todas as suas partes. A água tinha vindo para dentro do porão, e pesadamente ele trabalhava nos mares. Semelhante a um nadador cansado estava aquele bravo navio. Podia não prevalecer, pois sempre estava a água a subir dentro dele, a fenda a alargar. Contudo a arte ainda lutava com a poderosa besta do mar que a estava lentamente a vencer.

E Paulo disse ao mestre do navio: "Não saltarei para o barco. Não salvarei a minha vida tomando o lugar de outrem." E repreendeu o homem por causa do seu desejo de fugir daqueles que estavam ao seu cargo, e deixá-los ser devorados pelas vagas.

O capitão colou uma mão sobre a sua boca e ameaçou-o com uma faca se ele contasse a história do seu desígnio aos outros. Como quer que seja, não foi necessário que ele assim rudemente falasse a Paulo; pois o dia veio, poças brancas de luz descansando dentro do cavo do céu oriental.

E eis que as vagas caíram para longe, o rugido monstruoso dos abismos caiu num som mais baço, mais suave. As grandes formas de água

que vinham contra a embarcação como uma ninhada de demónios a levantar-se fora do Inferno ao invocação dos Magos, estavam agora a diminuir e, com cada momento que passava, a tornar-se menores e a fraquejar no seu vigoroso poder.

"A água sobe e espalha-se para a frente," gritou um marinheiro, "as tábuas podres estão a fender-se. Estamos condenados mesmo que o vento não se levante outra vez." E o capitão silenciou este marujo, puxando-o para longe daquela parte do navio em que os homens da terra estavam reunidos.

Paulo percebeu, à medida que o dia alargava e se espalhava ao seu redor, que as ilhas não estavam agora perto da embarcação. Mais longe estavam eles de socorro do que nas horas de noite. Temíveis pareciam-lhe os destinos dos peregrinos. E como o tempo urgia, buscou-os para que pudessem saber da traição do capitão. Sem a sua orientação o navio seguramente pereceria, e o povo dentro dele iria para baixo, para os caminhos aquosos do abismo, permanecendo ali para sempre. Pois o nadador mais forte em breve estaria exausto naquele mar sacudido. Os peregrinos eram judeus de comércio que não aprendem a arte das águas; que não podem bater as vagas com os seus braços e membros como remos.

E mesmo quando Paulo vinha para o meio deles, um, que era de Antioquia, gritou: "Eis a tripulação. Eis o mestre do navio. Eles soltaram o barco. Estão a abandonar-nos. Vinde, seguremo-los — detenhamo-los." Ele procurou rastejar ao longo do lado trémulo da embarcação. Mas os marinheiros tinham lançado fora o barco e tinham-se atirado sobre ele antes que ele pudesse colocar detenção ou estorvo sobre eles.

Altos foram os lamentos das almas abandonadas dentro daquele navio que se desmoronava; lamentosos os seus gritos; amargos como o canto fúnebre de morte para a juventude, para o rebento perecido da virilidade. Contudo o barco não foi voltado para trás. O mestre do navio endureceu o seu coração e pressionou aqueles marinheiros que estavam com ele a remar duro e rápido para que pudessem passar para fora da vista da carcaça do seu navio. Saqueado pelas vagas estava ele; e sempre as águas subiam lá dentro, rastejando furtiva e seguramente para todos os lugares ocultos, vagarosamente arrastando-o para mais perto da face do mar, para aquela escuridão que engolia velozmente.

E Paulo falou palavras de conforto aos hebreus, e suplicou-lhes que encontrassem a noite e a morte que se aproximavam enquanto oravam. Assim estariam eles preparados para a última grande mudança e atrairiam a si os mensageiros de Deus, todos misericordiosos. O povo não o quis escutar. Agarraram-se a tábuas e amuradas, esforçando-se por rasgar pedaços de madeira que os pudessem servir nos mares. Como quer que seja, a velha madeira manteve-se firme, por isso cessaram de tal frenético trabalho e, como bestas frustradas, buscaram outro como sua presa.

O homem de Antioquia gritou: "Eis que este mal veio sobre nós porque temos na nossa companhia este Jesus-profeta, que onde quer que vai carrega o mal consigo. Todo o povo das cidades está contra a sua seita, pois eles estão em liga com seres imundos que habitam no Invisível. Vinde, lancemos este homem ao mar. E então o navio será aliviado da sua carga de morte, e cavalgará levemente sobre as vagas uma vez mais."

Ora, enquanto este antioqueno falava, veio um alto estalar e fender de madeira. O medo, portanto, aumentou entre os homens da terra; os seus joelhos bateram um contra o outro, os seus corações derreteram-se. Gemiam e choravam. Assim as palavras proferidas por Paulo não chegaram às suas mentes. E ficaram possuídos de um ódio cruel por um que, na sua angústia, acreditavam ter atraído esta infelicidade sobre eles através do poder do Príncipe do Ar.

Por causa do peso da água lá dentro, o navio não balançava tão poderosamente. E o povo enlouquecido caiu sobre o santo, agarrando o seu corpo e carregando-o em direção ao lado do navio. Proferiram muitas maldições, chamando por Jeová instantaneamente para enterrar este homem dentro dos abismos e, naquela outra vida, não estabelecer nenhuma guarda ao redor dele, deixar os demónios carregá-lo para a Cova.

E enquanto Paulo se afundava entre as vagas, a oração: "Ó meu Pai, socorre estas tuas pobres crianças," veio de fora dos seus lábios. Nem mesmo naquela hora em que a morte estava perto ele se esqueceu dos seus irmãos. Queridos eram-lhe estes assassinos como quaisquer outros homens e mulheres tolos e transviados. Não ficou irado com eles quando eles assim cruamente visitaram os seus medos sobre ele.

Ora, na sua infância, Paulo tinha aprendido a arte de trabalhar sobre a água. E embora não tivesse grande força, contudo a velha astúcia reviveu, e

trabalhou sobre as vagas com as mãos e os pés de modo a que elas o ampararam, conduzindo-o diante delas. Fria como o túmulo estava a água naquela hora temporã. Contudo, por um espaço, não entrou dentro dos ossos do nadador, de tal modo ele se esforçava ainda por reter a dádiva da vida.

E um choro doloroso soou através do deserto cinzento. Veio um ruído de estalo enquanto a embarcação se erguia na parte dianteira uma vez mais, levantando a sua cabeça orgulhosamente; e depois, com muito rasgar e romper das suas muitas partes, foi desenhada para a noite do mar. Paulo não estava perto dela enquanto se afundava. Por isso não havia nenhum pedaço de madeira a que ele se pudesse agarrar que o mantivesse acima da água mesmo por um curto espaço. A sua força estava a passar dele, o frio a roer os seus membros, o seu fôlego a falhar, os seus braços a trabalhar com uma fraqueza cada vez maior.

E naquela hora em que a morte parecia pairar como um falcão acima dele, a leveza veio ao seu espírito, a clareza à sua mente. Uma visão de uma Igreja poderosa, que reuniria dentro de si toda a humanidade, espalhou-se perante a sua vista. De modo a que, mesmo com a sua falha, se esqueceu da dor e desgosto do seu corpo.

Ora certos dos marinheiros desejaram vir ao alcance de um arremesso de pedra do navio quando perceberam que ele estava a ser sugado para as águas. Havia lugar para mais dois ou três no barco. Mas o capitão proibiu tal perigo; e voltaram a proa em direção ao leste. Então um entre eles percebeu Paulo, que tinha sido conduzido velozmente para a frente pelo vento e pela corrente. E gritou: "Eis o homem santo. Ele luta com as águas."

E o mestre do navio ordenou-lhes que voltassem atrás, dizendo: "Se tivermos Paulo connosco não seremos afogados. Na medida em que o seu Deus tem, de acordo com as palavras da profetisa, muitas coisas ainda por cumprir, muitas obras que devem ser preenchidas."

Assim puxaram o santo para fora do túmulo das águas. Esfregaram as suas mãos, o seu corpo e pés, batendo também sobre eles até que ele foi revigorado em espírito e pôde olhar novamente para os rostos dos homens. Suplicaram-lhe que orasse a Deus por socorro. E enquanto ele orava os mares caíram para o descanso, os ventos não flagelaram mais a face das

águas. E o Senhor enviou-lhes a luz do sol. Assim foram aquecidos nos seus corpos e puderam puxar com maior força nos remos.

Aconteceu que, com a volta do meio-dia, uma vela foi avistada; perceberam o navio que tinha partido de Cencreias na sua companhia. Vinha em direção a eles sobre o sopro suave do vento cansado. E cedo o clamor que faziam informou os marinheiros da sua necessidade. Estes fizeram com que a embarcação recuasse; e colheram os trabalhadores no pequeno barco. Assim foi Paulo preservado do mar ameaçador. Pois não era o propósito do Senhor que ele morresse naquele tempo, quando muito do seu trabalho não estava cumprido. Assim podemos aprender desta história que é tolo ser temeroso na presença da morte e procurar fugir dela, na medida em que seremos reunidos naquele último sono no próprio bom tempo de Deus. A hora está apontada. O termo dos nossos anos está mesmo agora estabelecido no eterno Livro da Vida.

LONDRES, 28 de Outubro – 21 de Dezembro de 1926.

A CRÓNICA DADA POR PAULO A ÁQUILA, OU "O ALFORJE DA JUVENTUDE".

"O ALFORJE DA JUVENTUDE"

CAPÍTULO I O PLANO DE PAULO PARA REUNIR TODAS AS NAÇÕES DO MUNDO DENTRO DO REBANHO DO GRANDE PASTOR.

PAULO buscou na gruta da memória as imagens que eram obra das suas mãos. Olhou para as formas de todos aqueles acontecimentos que lhe sucederam em Corinto e percebeu que eram bons, na medida em que o Espírito tinha soprado neles, dando-lhes vida e beleza de fé — a beleza de um desejo de santidade e de Cristo.

Má era a cidade de Corinto. Tinha sido nomeada a cidade de Belzebu. Até os pagãos corruptos a tinham em vergonha e não toleravam algumas das abominações praticadas nela. Paulo tinha plantado entre os coríntios um jardim, tinha regado as suas flores com o precioso trago desenhado do poço do Espírito Santo. E eis que um paraíso de floração brotou de fora deste monte de esterco.

Fora da podridão, fora da decadência veio a maravilha viva da fé dos homens em Cristo. E veio também uma alegria imensurável, a qual não pode senão ser comparada ao coração da juventude na Primavera — a maravilha que aparece uma vez na vida do homem, quando o seu primeiro vigor está com ele. E com o marginalizado e o escravo em Corinto esta maravilha e esta alegria permaneceram.

Percebendo-o, Paulo ficou agitado e moldou dentro da sua alma obras mais poderosas para a glória de Deus. O mensageiro de Pedro tinha despertado a criança adormecida do seu espírito e do Espírito Santo. Gerada foi ela destes dois, e era portanto bela de olhar e apenas aquilo que poderia durar. Como vos transmiti, Paulo reuniria todas as nações dentro do Império no rebanho do Grande Pastor. E por causa do trabalho cumprido por ele em Corinto, estava ele tanto mais encorajado a perseguir o que houvera sido mas tenuemente visto por ele, como um sonho é visto em tempos passados.

Pedro desejava a sua presença em Jerusalém por causa daqueles judeus que procuravam difamá-lo e fazer com que os santos o lançassem fora da Igreja. Ora Pedro não queria escutar estes difamadores. Desejava a presença de Paulo em Jerusalém para que ele pudesse mostrar pelas suas práticas que era um judeu devoto que não se tinha desviado da fé de seus pais. E enquanto Paulo se preparava em Cencreias antes da sua viagem para Jerusalém, o seu propósito nesta viagem tornou-se duplo. Ele iria, em verdade, tomar conselho com Pedro relativo aos inimigos da Igreja, aqueles que a quereriam guardar apenas para os judeus. Também falaria do seu próprio desenho a Pedro, e tornar-lhe-ia claro que os gentios de Éfeso e de Roma deveriam aprender do Mestre Cristo pelos lábios daqueles que O tinham conhecido na carne.

Ora Pedro tinha, num tempo anterior, viajado para a Itália. E tinha buscado os judeus de Roma, pregando-lhes Jesus, batizando muitos entre eles, e também levantando inimigos por razão das verdades que ensinava. Cada nova verdade que é gerada pelo Espírito e dada aos filhos e filhas dos homens desperta os Poderes das Trevas que procuram sufocá-la com a vileza das suas calúnias.

Ora Paulo sabia que o tempo não estava maduro para a pregação do Evangelho aos gentios em Roma, porque os judeus tinham sido banidos desta grande cidade pelo Imperador. Nem desejava ele colher onde Pedro

tinha semeado. Após ter comungado com Áquila moldou um desenho, o qual era o seu propósito apresentar diante de Pedro. Ele iria, nos anos que entravam, espalhar as notícias do Evangelho por toda a Galácia e em Éfeso, a sede de Roma nas fronteiras do Oriente. Quando os gentios tivessem ouvido a palavra de Deus naquela cidade, então aqueles dos Apóstolos que estavam preparados para pregar entre os gentios viajassem para Roma. Pois naquele tempo, talvez, o decreto de banimento seria anulado. Os homens sussurravam que o Imperador se arrependia mesmo agora do seu decreto, e que em breve os judeus seriam permitidos mais uma vez caminhar pelas ruas de Roma.

Como Áquila tinha muito conhecimento desta cidade, deu a Paulo sábio conselho relativo àqueles em autoridade nela. Juntos falaram de um tempo, talvez, em que o judeu venceria o orgulhoso gentio, venceria o Império ao estabelecer o jugo de Cristo sobre os seus governadores, sobre todos aqueles que governavam as nações da terra em seu nome. E Paulo abriu o seu coração a Áquila, contando daqueles dias na sua vida em que os anos por vir eram moldados pelos seus sonhos, quando erguia o alto propósito da sua alma. Aqui segue a crónica daquelas horas.

CAPÍTULO II

PAULO FALA DA SUA PRIMEIRA JUVENTUDE QUANDO SE SENTAVA AOS PÉS DE GAMALIEL. ELE VÊ CRISTO NA CARNE.

QUANDO era uma criança, disse Paulo, não era em atos mas em mistério e visão que buscava o meu prazer. Tinha aprendido muito com os Homens Sábios de Tarso que eram amigos e seguidores de meu pai. E parecia-me não haver maior trabalho do que o trabalho de um homem pelo seu Deus e pela sua nação. A glória dos hebreus tinha partido, o jugo dos romanos estava estabelecido sobre os pescoços das crianças de Sião. E o meu coração ardia dentro de mim porque o povo mais nobre sobre la terra se tinha tornado o servo de uma raça que não conhecia a Deus, uma raça

que não tinha herança do Espírito, uma raça que tinha vencido através da força das suas armas e não através da força do seu poder espiritual.

E sonhei com um tempo em que seria um homem e lideraria o meu povo contra as hostes de Roma. Sonhei com a guerra da carne, com a vitória das crianças do Senhor Deus de Israel sobre os adoradores de ídolos, sobre os gentios que nada sabiam do Senhor da Vida e escarneciam da Santa Cidade de Sião. Este era o sonho de um rapaz, não o sonho de um homem.

Quando subi a Jerusalém para que pudesse ser instruído pelo Mestre Gamaliel, jurei que toda a minha vida seria entregue ao único propósito, o glorificar do meu povo e do meu Deus, trabalho incessante pela vinda do Messias. Jurei que nada teria a ver com mulheres. Não tomaria nenhuma donzela por esposa, e nisto talvez me estabelecesse contra o costume de meus pais. Como quer que seja, mesmo naqueles dias de juventude percebi que a vida era curta, e que se vivesse como outros da minha tribo com mulher e crianças estaria em amarras e não cumpriria o propósito que estava estabelecido diante de mim como a estrela da manhã.

Assim aconteceu que, quando estava em Jerusalém, não busquei a companhia dos homens, nem dos meus parentes. Entreguei os meus dias ao estudo da Lei e dos profetas. No entanto, apesar do meu zelo, não podia fechar a minha audição aos rumores da cidade. E soube que um operador de maravilhas chamado Jesus tinha surgido entre o povo. Alguns declaravam que Ele era Elias vindo novamente; outros falavam d'Ele como um médico, que tinha colhido no Egipto os segredos dos tempos antigos a partir dos túmulos. E dizia-se que Ele podia curar através de invocação, assim como certos sacerdotes naquela terra noutros dias podiam curar.

Escutei estas histórias ociosas, e o desejo cedo foi meu de fitar os olhos na face de Jesus. Então julgaria se Ele era algum grande profeta, ou se não passava de um curandeiro por ervas que tinha relação com espíritos. Naqueles tempos Ele não estava a habitar Jerusalém, e saí dela sozinho, dizendo a nenhum homem o meu propósito.

Quando o dia estava quase terminado, vim a uma aldeia na qual estava uma multidão reunida de muitos quartos. Todos falavam de Jesus, e estranhas eram as suas histórias aos meus ouvidos. Duvidei dos seus ditos; mofei da sua crença de que o Messias era vindo. A ira possuía-me porque

este povo fazia caso de um caminhante que nem sequer era dos anciãos do Sinédrio e contudo tinha sido declarado o Salvador de Israel. Grande era a minha arrogância, grande o meu desagrado enquanto empurrava o povo de diante de mim e fazia o meu caminho para a presença de Jesus. Temendo-me por causa da riqueza do meu vestuário, os mendigos não me repreenderam por assim os lançar de lado. Era o seu costume ceder àqueles que tinham autoridade e riqueza.

Quando permaneci diante do Mestre, todo o meu ser estava cheio com o orgulho da juventude, o desprezo por Um que não tinha grande nome e era seguido apenas pelos pobres. Como quer que seja, ao voltar Ele o Seu olhar para mim, tremi, e a compaixão nos Seus olhos fez um medo estranho levantar-se dentro de mim. Não os podia esquadrinhar com os meus por causa da sua luz e poder. Inclinei a minha cabeça, abalado como uma cana trémula, contudo irado ainda por causa da minha falha. E o Mestre falou-me, dizendo: 'Tu lançaste sobre a terra um que está perto do Reino do Céu. Levanta-o e pede-lhe perdão. Pois eis que, nesta tua hora de orgulho, não és digno sequer de lavar as suas chagas nem de te ajoelhares na sua presença.'

E percebi um mendigo sobre cujo corpo estavam as marcas de uma doença má. Imundas eram estas chagas e terríveis eram os seus trapos e a nudez da sua carne. A minha alma estabeleceu-se contra o comando de Jesus. A minha mente não tinha senão desprezo por Ele e por este marginalizado. Contudo fui impelido pelas Suas palavras a levantar da terra o meu irmão, o mendigo, e a suplicar o seu perdão.

Por um espaço a minha vergonha foi tal que não fiz caso do discurso do Mestre. Esforcei-me por aquietar os meus membros trémulos, por comandar o meu corpo, o qual, contra o meu desejo, tinha obedecido ao comando de outrem. Quando olhei mais uma vez para Jesus, o Seu semblante tinha mudado. Os Seus olhos eram gentis como as lâmpadas do Céu, o Seu sorriso suave como flores. Falou da necessidade de perdão dos ricos e dos poderosos. Falou de amor e da necessidade de fraternidade entre os homens, de modo a que cada um devesse acalentar o seu vizinho como a si próprio, devesse aprender que não através de boas obras apenas, mas através da compaixão da alma, se poderia buscar fazer a vontade de Deus.

'Haja amor dentro assim como fora. Se a tua mente é má, as boas ações não te valerão. O que jaz oculto que é do Diabo será revelado. Como as partes de dentro, assim são as de fora. Se a mente for perversa, então a

vida do homem dará testemunho da sua mente. Não podeis escapar da corrupção lá dentro. Por isso sejam todas as vossas partes puras. A alma, se está poluída, polui todo o ser. Pois o homem não é como a argila do chão. O Espírito reina dentro dele; e ele pode ser sujado, de modo a que tudo o que pertence ao homem, que encontra o olho do dia, é desagradável para o Justo. Pelo que, como há muitos desta espécie, Deus apontou este tempo no qual Ele te dará um sinal. Esse sinal veio na forma de homem, contudo é do Senhor.'

Outras palavras o Mestre falou relativas ao Evangelho do Filho do Homem que era o Filho de Deus. E um Fariseu falou, dizendo: 'És tu o Prometido? És tu homem e Deus, Deus e homem?' O Mestre deu resposta, dizendo: 'O mal dentro de ti dá testemunho da verdade.'

Então alguns gritaram a estas palavras. E o Fariseu, sendo conhecido meu, ordenou-me que esbofeteasse o blasfemo na boca. E eu dei resposta: 'Não ouso aproximar-me d'Ele, não posso suportar a luz dos Seus olhos.' Então o ancião chamou pelos jovens ao redor dele, dizendo: 'Conheço este sujeito. Ele é de Nazaré. E eis que Ele se estabelece como um Deus. Vinde, silenciemo-Lo. Amarremo-Lo e levemo-Lo perante o sacerdote; na medida em que a própria terra, se falharmos, se levantará contra Ele por causa da Sua blasfémia. O relâmpago descenderá sobre vós e as vossas crianças, e o fogo punir-vos-á pelo pecado abominável que é esta poluição do Nome do Altíssimo.'

O povo ficou agitado por estas palavras, e juntaram mãos fazendo desse modo uma cunha de homens, a qual se abriria por fora e varreria ao redor do Mestre para que Ele não pudesse fugir, escapando do meio deles. Muitos O consideravam um feiticeiro, por estar dotado com um poder invisível. Por isso iam suavemente, assim preparando para enredar o Santo.

Ora eu não me queria juntar com estes homens. Pois as palavras de Jesus eram prodígios e a Sua Presença agitava-me como faria um ser de além do mundo. A mudez caiu sobre mim enquanto escutava a Sua voz, que tinha o som de água de prata nela quando a lua cavalga sobre os céus. Lágrimas caíram sobre o meu manto por causa dos Seus ditos relativos àqueles pecadores que seriam perdoados através da misericórdia de Deus. O meu coração falhou-me. O orgulho caiu para longe. Lancei-me sobre o chão ao perceber Jesus e o Cristo — o Seu corpo carnal, e fora desse corpo

a sua similitude, um radiante Corpo de Luz. Então soube eu em verdade que olhava para Deus.

No meu abatimento a esta visão, lancei poeira sobre a minha cabeça e gritei aos outros: 'Vede a Forma Radiante ao redor da Sua forma terrena. Vede o Ser de Luz que é Deus — o Ser que é este Homem de modo a que Ele é um de nós e contudo não é um.' Aqueles ao redor de mim ordenaram-me que estivesse em silêncio, dizendo: 'Vemos apenas o pregador. Não vemos nenhuma imagem de luz. O Maligno possui-te. Guarda a tua paz.'

Novamente as palavras que queria proferir secaram-se dentro da minha alma. A minha língua colou-se ao céu da sua boca. No entanto, a mudez não caiu sobre mim através do mandado do homem. Veio por causa da maravilha de Deus. Pois naquela hora vi Jesus e vi o Cristo. Branca como o amanhecer era o Ser que estava ao redor de Jesus; e brilhantemente aquela Figura Radiante brilhava, de modo a que o corpo de manto escuro do Homem desvanecia lentamente dentro dela, até que ao fim havia o que aos olhos aparecia mas como um baço fiapo de névoa. E ele também passou da minha visão enquanto os jovens irados se reuniam ao redor do Branco Ser de Luz. Não viram nada misturando-se com ele: e eis que ele também tinha partido.

O povo gritou de um só acordo: "O Mestre desapareceu. O Mestre foi-se de nós. Busquemo-Lo. Ele está connosco e contudo não está connosco. Que mistério é este? Onde está Ele para que possamos escutar as Suas palavras?"

E o Fariseu bradou: "Ele dissimulou perante todos vós. É um feiticeiro e pode mudar de semblante mesmo enquanto olhais para Ele, passando da semelhança de um jovem para a semelhança de um ancião. Não há maravilha neste acontecimento. Buscai, e encontrá-Lo-eis."

Os jovens lançaram-se por este caminho e por aquele como cães, contudo ficaram frustrados e não puderam, por todas as horas que buscaram, encontrar o Homem que era Deus: Deus que tomou sobre Si a imagem do Homem.

Ora, quando regressei a Jerusalém, ouvi os anciãos falar de Jesus de Nazaré. E falavam mal d'Ele. Pelo que não revelei a nenhum homem o que tinha visto e aprendido. Busquei Jesus furtivamente quando Ele ensinava o povo. Não estava entre os ricos; estava com os pobres e na companhia de

pecadores e prostitutas. Por um tempo pensei mal d'Ele porque queria habitar no meio de tal imundície.

Como quer que seja, percebi o milagre da cura da alma cumprido muitas vezes entre esta gentalha. Percebi que as prostitutas arrependidas vendiam os seus mantos dispendiosos e davam os dinheiros aos pobres e aflitos. Olhei para mercadores que tinham traficado no mal todos os seus dias, e agora percebia-os a prestar serviço aos seus vizinhos, levando uma vida que estava imaculada.

Muitas foram as maravilhas operadas pelo Mestre. No entanto, não foi quando Ele curou os doentes que me maravilhei. Foi quando Ele expurgou o homem perverso do mal que soube ser Jesus o Cristo. Não falei a nenhum discípulo na Sua companhia. O desprezo era meu por eles por causa da sua ignorância. Não me aproximei d'Ele, mas guardei como tesouro as Suas palavras de amor, o Seu Evangelho de paz.

Tem sido sempre o meu desgosto ter sido um jovem que reverenciava os Homens Sábios entre os Fariseus. E temendo-os, não ousei buscar Jesus e segui-Lo quando eles mofavam do Seu ensinamento. Verdadeiramente eles estabeleceram um capuz escuro sobre o meu entendimento, de modo a que a luz pereceu. E não fui mais para fora, mas habitei entre os rolos, buscando neles, como acreditava, a Sabedoria de Deus.

Um sacerdote, que tinha muito conhecimento das tradições de meus pais, tentou com palavras mofadoras destruir a minha maravilha e a minha fé. Escarneceu do "Filho do Carpinteiro", sussurrando histórias mentirosas relativas a Ele. Assim, até à temporada em que fui convocado para Tarso, permaneci em solidão com os antigos escritos, esforçando-me assim por apagar a imagem de Jesus da minha mente.

Ora meu pai odiava o Mestre, embora soubesse pouco d'Ele. E como amava este acalentador do meu ser, que tinha trabalhado para me dotar com toda a aprendizagem dos hebreus, vim a manter-me com este ódio; na medida em que meu pai era sábio além da sua geração. E parecia que a vergonha era verdadeiramente a porção do meu povo quando soube de "a piada da Crucificação", como era chamada entre os romanos.

Eles escarneciam daquele a quem chamavam o Rei dos Hebreus; pois Ele não tinha levantado nenhuma mão contra eles, não tinha juntado batalha com eles. E mofavam daquele que tinha sido saudado como o

Salvador dos Judeus; pois Ele não houvera reunido nenhuma hoste de seguidores armados, não arremessara nenhum dardo, não operara nenhum valoroso feito de armas. Tinha sido pregado numa Cruz, morrendo dolorosamente, e não era maior para a mente deles do que qualquer escravo ou salteador.

Ora eu tinha sempre reverenciado as profecias relativas à vinda do Messias. Pelo que, quando estes romanos faziam um desporto daquele nome maravilhoso, da Promessa dada ao povo de Deus nos dias antigos, fiquei envergonhado e doente de coração. Verdadeiramente estava a glória do meu povo partida, nos meus olhos, quando estes rústicos podiam assim fazer um escárnio do tesouro sagrado e de um sonho das gerações do meu povo.

Quando regressei a Jerusalém e soube que os discípulos do Mestre ainda O saudavam como o Messias, a ira, profunda e duradoura, levantou-se dentro da minha alma. Era como se todo o meu ser carregasse o fardo do opróbrio de Israel. É difícil para mim falar daqueles dias de cegueira. No entanto quereria fazer-vos crer que, ao procurar perseguir os santos, estava inteiramente persuadido de que trabalhava para o Senhor.

Eu quereria expurgar a nação daqueles tolos pecadores que, para a minha mente, criam num impostor. Orgulhoso estava eu do meu vigor e da minha aprendizagem, lisonjeado estava pelos anciãos que me diziam que eu sozinho podia arrancar esta heresia e destruí-la.

O Evangelho de Jesus, que me tinha sido revelado, estava agora enterrado debaixo da minha vergonha pelo meu povo, da minha ira contra aqueles homens humildes que nomeavam o Messias a um enforcado numa Árvore. Tenho dolorosa lembrança daqueles santos que adormeceram em Cristo por causa da minha perseguição; e não me demorarei sobre este lugar escuro na minha vida. Como quer que seja, irmão, quando julgas Paulo, lembra-te de que o seu propósito era puro neste mau caso. Era um perseguidor que trabalhava em nome do Deus de Israel. Fez os santos sofrer dolorosamente porque acreditava que Deus ficaria bem satisfeito e enviaria o Salvador aos judeus quando estes adoradores de um homem que ele considerava um demónio na guisa de Deus, tivessem quebrado a sua fidelidade a Ele ou tivessem perecido na perseguição.

Não podia esquecer a face de Cristo, tal como a tinha visto, cheia de compaixão, tenra como as luzes suaves dos Céus. No entanto a minha mente moldou desenhos escuros e funestos enquanto viajasse para Damasco. Nenhum pensamento havia dentro dela do meu Mestre e das Suas palavras de amor. Pelo que todo o meu ser foi abalado, como sabes, quando olhei mais uma vez para Jesus, quando percebi que Ele vivia, que a morte não tinha prevalecido com Ele. Tinha odiado um Homem morto. E eis que Ele apareceu diante de mim vestido com os vestuários de Cristo. E as Suas palavras revelaram-me o mistério da Cruz, o triunfo daquilo que eu tinha considerado uma morte de vergonha.

Nas horas de trevas que se seguiram à minha visão de Jesus, percebi que Ele tinha, através da Sua Crucificação, ganho a liberdade para todos os homens, lançado deles o jugo do romano, o jugo dos governadores, dos chefes e dos soldados. Na medida em que aqueles que vivem em Cristo não vivem na carne, embora ainda permaneçam com la carne: vivem e jubilam no Espírito. Podes governar o corpo de um seguidor de Jesus. Podes obter homenagem e obediência dele em todas as coisas. Não podes governar a sua alma. Sempre ela se esforça por estar com Cristo, por ser dominada por Cristo. E assim vivendo com o Espírito em poder, o corpo e os seus desejos são para o santo de nenhuma importância. Ele está no mundo, e contudo não está nele. Pelo que é um conquistador. E perante ele César está humilhado, poderes e principados falham e passam, todos são abatidos pela glória desta redenção do homem através do enforcamento de Jesus de Nazaré numa Árvore.

CAPÍTULO III

A EXPERIÊNCIA DE PAULO

NO DESERTO APÓS A SUA CONVERSÃO.

O SEM NOME. UMA VISÃO DA MORTE DA TERRA.

TEMI os anciãos e temi o meu pai no tempo em que a visão estava ultrapassada e não havia lugar de morada para mim em Damasco. Maravilha imensurável era a minha por causa da misericórdia concedida a mim pelo Cristo ressuscitado. E não podia ir mais uma vez para o meio dos meus parentes, falar com o meu pai que emporcalharia o nome do meu

Mestre para mim, e assim amontoaria sobre mim a última amargura. Não podia, na tenra juventude da minha nova fé, suportar colher blasfémias dos lábios de um que amava, suportar os espinhos que me encontrariam a partir do discurso farpado daqueles anciãos que ainda reverenciava.

Por isso fui para o deserto, buscando ali aquietar o tumulto na minha alma; e, como Jesus meu Mestre, preparar-me na solidão para o meu trabalho entre o povo da minha raça. E eis que deparei com um ser estranho naquele lugar deserto, que era conhecido como o Sem Nome. Esta criatura insensata saudou-me, suplicando-me por pão. Era semelhante a um homem morto que se tinha levantado, lançando de fora dos seus ossos a cobertura de terra. O seu rosto era amarelo como o pergaminho, os seus braços murchos como uma árvore devastada. Era difícil para ele proferir palavras. Muitos ruídos fez com a sua boca antes que o choro doloroso por pão fosse moldado por ele.

Soube por um velho homem numa aldeia na borda do deserto que ele tinha vindo das solidões orientais daquele largo deserto; e não podia proferir palavras, o seu desejo era apenas por comida e por água. Ele nada sabia. Uma ave tola tinha mais inteligência do que esta criatura que estava na forma de homem; no entanto havia sabedoria na largura da sua testa, e havia às vezes nos seus olhos o olhar de um homem de entendimento. Passaria. E este ser, que para a minha mente não estava possuído nem por um espírito mau nem sequer pelo espírito deformado de um homem, parecia vazio como os largos espaços ao meu redor.

Quando primeiro me saudou, orando por pão, dei-lhe uma medida. E depois, por causa da necessidade da minha alma, procurei partir de todos os homens; estar livre do som do seu discurso, sozinho com o meu precioso tesouro, a lembrança das palavras de Jesus quando O tinha escutado no tempo em que Ele caminhava na terra. Levantei uma tenda num espaço onde havia água e erva e árvores. Ali permaneci, colhendo ervas para o meu sustento, comendo do mel das árvores, bebendo do poço.

Era uma solidão que tinha conhecido nos dias da minha juventude. E ali julgava que poderia meditar sobre as coisas profundas do Espírito. Aqui trabalharia a minha vergonha, lançaria fora o velho homem e renovaria a minha alma desfalecida, de modo a que ela pudesse moldar o seu curso naquela vida que jazia diante de mim na terra.

Acreditava que se vigiasse, jejuando e orando através de muitas temporadas, o Espírito viria a mim outra vez e me estabeleceria o meu trabalho para Cristo. Pelo que fiquei perturbado quando o caminhante insensato veio sobre mim enquanto dormia na minha habitação. Percebi-o na primeira luz, quando tudo está calmo e estranho. Por um curto espaço, enquanto a sonolência me segurava, acreditei que fitava o mensageiro da morte, que a minha hora era vinda, e este Ser Escuro me carregaria para a noite e para a Cova, que deveria ser a minha porção por causa dos meus pecados.

Novamente ele lamentou, fazendo os ruídos das bestas. E ao fim conheci-o quando gritou mais uma vez por pão. Dei-lhe o que tinha colhido, mostrando-lhe com sinais que ele podia comer e ficar cheio. Era como um milhano faminto, a rasgar o que lhe tinha sido dado. Não queria partir quando a noite chegou. E como não tinha entendimento, as minhas palavras de comando não foram atendidas por ele. Por isso deixei-o, buscando na meditação as imagens dos dias passados.

Uma por uma as palavras de Jesus vieram mais uma vez à presença da minha alma. Grande foi a minha alegria quando o tesouro que tinha perdido foi encontrado, quando o ensinamento do Mestre foi revelado tal como fora entregue naqueles dias de rapaz quando permanecia em Jerusalém para que me pudesse sentar aos pés de Gamaliel e dos anciãos. Agora as suas palavras desvaneceram do meu entendimento. E bela como uma torre branca bem moldada era o Evangelho do Mestre. Ele tinha ordenado ao povo que se amasse uns aos outros, ordenado que buscassem novos olhos com que olhar para os seus companheiros.

"Quando amais, sois buscadores de Deus," declarou Ele, "buscadores do Seu Santo Espírito. E este virá a vós em poder se tal for o vosso desejo. É chamado fé, e até o mais simples pode ser dotado com ela se abrir o seu coração aos outros, acalentando-os em toda a ternura e amor."

E mesmo enquanto eu assim reunia dentro da minha mente a minha lembrança de Jesus, dos Seus ensinamentos, o caminhante insensato veio ter comigo ainda outra vez, fazendo sons estranhos. Ora percebi que ele não tinha sequer o conhecimento da besta que pode buscar a sua comida e encontrá-la. Eu devia colher para este estranho, que com o tempo, por toda a sua grande altura, ficou como uma criança nos seus caminhos, procurando obter de mim as necessidades do seu corpo.

E então soube que Deus o tinha enviado a mim como um encargo. Pelo que orei muito com ele, e ele era gentil, não como um possuído por um demónio. Era como se tudo tivesse partido dele, e ele não passasse de uma forma sem nome. Assim proferi muitas palavras a ele, esforçando-me por lhe dar entendimento de uma das línguas dos homens. No entanto não foi senão até a lua ter corrido o seu curso que ele pôde fazer o som de palavras. Lentamente e com muito trabalho as moldou com a sua boca.

Como quer que seja, Deus foi misericordioso. E veio uma hora em que a luz do entendimento brilhou fora do seu semblante. Ele gritou: "Eu sei... vem... Quem és tu, estranho? Por que olhas para mim? Estava a dormir. Para onde me levaste?" Outros ditos estranhos foram proferidos por ele, e chorou, declarando que tinha vagado nas trevas por muitas temporadas, lutando com as formas de anjos e de demónios. Então ordenei-lhe que dormisse e estivesse quieto.

Afaguei o seu cenho, e ele obedeceu-me, passando de fora daquela confusão para um torpor que era tão pesado que o sol se levantou e se pôs e outro dia tinha amanhecido antes de ele se levantar do chão; e percebi que a alma mais uma vez habitava a forma vazia.

Não me pôde dizer o seu nome naquela hora. No entanto tinha o poder de lembrança e contou-me como tinha caído pelo caminho porque tinha duvidado de Deus. E a lembrança foi também minha. Sabia ser este homem de Tarso. Na minha infância houvera ouvido muita conversa relativa à sua sabedoria. Era um gentio e era considerado mais sábio até do que os anciãos nas escolas daquela cidade. Não havia homem que ousasse disputar com ele, tão poderosa era a sua aprendizagem, tão veloz o seu discurso. E todos os homens lhe pagavam homenagem e declaravam que ele poderia instruir um Imperador, guiar até César no seu governo das nações.

Como quer que seja, não se queria afastar de Tarso. Pois era a sua crença que podia encontrar, através da colheita de sabedoria, o verdadeiro conhecimento do mistério que, como declarava, "Vós, hebreus, chamais Jeová, o mistério que não foi revelado desde que a terra foi moldada, e o sol e a lua correram os seus primeiros cursos." Ora ele era um pagão e dos filósofos, por isso acreditava que não havia deuses, acreditava nem sequer no espírito do homem, acreditava que não passávamos de formas de terra, brotando como as plantas, e regressando como elas a poeira outra vez. No entanto veio com o tempo até a duvidar desta poeira, a duvidar da carne e

de tudo o que era carnal. Ainda assim declarava aos homens que não havia Deus, e prová-lo-ia pela razão quando uma temporada estivesse ultrapassada.

Pelo que foi para o deserto, para buscar nos lugares calmos as muitas razões pelas quais pudesse mostrar aos homens que não havia Deus, nenhum criador desta terra; apenas talvez um mal cego que esculpia muitas formas a partir da poeira e punha entendimento nelas, de modo a que o sofrimento, terminando na noite, seria a porção de todos. E deitou-se sobre a terra sequiosa e dormiu.

Vindo de fora das cortinas do sono, surgiram imagens de cidades e de mares. Viu os navios sobre as grandes águas, e nenhum vento sussurrava através das suas velas, nenhum sol brilhava sobre eles; no entanto havia luz. E percebeu os corpos dos homens sobre estas embarcações. Não faziam nenhuma agitação pois estavam mortos. Nenhum fôlego vinha dos seus lábios, nenhum coração batia dentro dos seus peitos. Não tinham sido atingidos em batalha, nem a peste tinha feito os seus corpos decair. Não estavam de nenhuma maneira mudados salvo que não havia vida dentro deles. Pendiam pesadamente nos seus lugares nos conveses, rígidos como imagens de bronze.

E nas cidades, homens e mulheres deviam ser percebidos em multidões. Aproximando-se deles, o Sábio Filósofo observou que estavam quietos e, embora nenhum homem ou mulher tivesse caído, como a mulher de Lot estavam aparentemente tornados em pilares. Pois não possuíam nenhum calor. A carne era dura como a pedra. A cor estava nas suas bochechas e os seus olhos estavam abertos: mas nenhum ser olhava através daquelas janelas vazias da alma. E o Filósofo temeu-os. Esforçou-se por se esconder daqueles olhos furtivos que eram fixos e estranhos. Gritou, porque nos mercados onde havia muitos reunidos juntos, não se podia esconder dos olhos destes homens mortos.

O ar estava claro e não havia nenhuma imundície de decadência, apenas estavam estes habitantes da cidade como as estátuas moldadas em mármore, bronze, marfim e alabastro. Não surgia nenhum choro, nenhuma tagarelice de muitas vozes no ar. A mercadoria dispendiosa — especiarias, tapeçarias de ouro, mantos adornados com jóias — tudo estava amontoado onde os comerciantes buscavam freguesia e negociavam com os ricos de outrora. E os compradores e regatões permaneciam ao lado deles, no

entanto não havia tráfico, nenhuma troca entre estes ávidos buscadores de dinheiros. Na medida em que a vida não estava dentro deles.

E o sacerdote permanecia ao lado do sacrifício no Templo. A sua mão estava levantada, a sua boca aberta como se buscasse dar graças. Como quer que seja, nenhuma fala vinha fora dela. Até os menestréis, que estavam reunidos para fazer melodia no Festival, não faziam sons suaves. Saltério, alaúde e harpa estavam silenciosos. Os dedos que tocavam as cordas não se moviam. Os festeiros, que seguravam as taças de vinho nos seus lábios, não bebiam. Nas câmaras dos poderosos, nas covas imundas dos mendigos, todos estavam atingidos por esta quietude e por este silêncio.

O Homem Sábio fugiu das cidades, acreditando que estavam amaldiçoadas, que alguma peste do Oriente tinha vindo sobre o povo e roubado as suas vidas deles. Embora os corpos não apodrecessem nem mudassem de cor, eram como os cadáveres nos túmulos do Egipto. No entanto estavam apenas vestidos com a túnica ou manto da sua vocação e da sua raça. A sua carne não estava ungida, nem de nenhuma maneira preservada.

E o filósofo percebeu que as bestas do campo estavam como os homens e as mulheres das cidades. Jazia nos celeiros, ou estavam aparentemente a buscar sustento na erva. Não faziam nenhum movimento, e elas também estavam mortas. As aves não chamavam de entre as folhas, os insetos não sussurravam mais entre as plantas. O escravo, que estava a lavrar, não cortava nenhum sulco. A mulher não cozia pão. Todos estavam mortos e contudo não mortos. Era como se algum sopro de mal os tivesse feito ser como as rochas e colinas imutáveis. Horas e dias passaram. Não se desmoronavam. Ainda assim permaneciam. E não havia nem crescimento nem entendimento em nenhum deles.

A terra era um túmulo, e contudo as miríades de seres sobre ela permaneciam trancados dentro das suas formas, envenenados, amarrados, de modo a que todos estavam mudos, e todos estavam amaldiçoados como aquela Mulher de Sodoma e Gomorra no dia antigo. E o Homem Sábio, que acreditava não haver espírito no homem, nem Deus na terra ou no Céu, gritou aos seus irmãos, gritou ao seu Criador, suplicando ao povo que lhe sussurrasse mas uma palavra, suplicando ao Senhor que estabelecesse a vida mais uma vez em aves, bestas e homens. Correu de um lado para

outro, lançando poeira sobre a minha cabeça. O terror desta morte imutável torturava todo o seu ser. Apesar dos seus lamentos, apesar das suas lágrimas e maldições, das suas orações e da sua lisonja a Deus, havia silêncio e quietude.

Doloroso foi esse tempo para o filósofo de Tarso carregado de sabedoria. Não podia encontrar conforto, nenhuma alegria em parte nenhuma. Sempre o medo se reunia mais escuramente na sua alma. E ainda a terra estava imutável. A luz branca do dia temporão pairava sobre tudo. O sol não viajasse mais através dos céus, nem a lua atravessava espaços escuros, nem as estrelas iluminavam os Céus. A noite e o dia não eram. O tempo não habitava mais na terra. Tudo era desta brancura que era semelhante a um sudário fino.

Temível era aquela solidão; funesta a solidão do único homem que ainda habitava na terra, e podia tocar, ver, ouvir, manusear e proferir palavras. Todos os tesouros da terra estavam diante dele. Tinha maior riqueza do que César. Poderia governar cada nação, cada terra. Tudo o que o corpo do homem deseja ele poderia comandar. Os pergaminhos secretos dos filósofos poderiam ser desvelados, poderiam tornar-se suas possessões. Verdadeiramente era ele o senhor de toda a terra, e nem um se podia levantar e disputar a sua posse dela. No entanto a sua miséria era pesada, a sua aflição de espírito maior do que o desgosto de Job. Possuía tudo e não possuía nada salvo esta fome assombrosa pelos da sua própria espécie. Novamente suplicou a Deus que falasse com ele, que fosse misericordioso e o libertasse deste mundo de formas mortas que não queriam passar. E desta vez houve resposta feita.

'Escuta, ó Homem Sábio, as tuas próprias palavras. Tu declaraste: "Não há parte imortal do homem, nenhum Criador da terra, da eternidade. O homem não é, quando morre. O seu corpo perece e não há nada que permaneça daquele que viveu e gerou, trabalhou e adorou, dormiu e trabalhou, jubilou e sofreu. Apenas se pode deparar com um pouco de poeira e declarar: "Isto foi o homem." Ou fazer um sinal a um jovem e dizer: "Aqui está a semelhança deste homem, o seu filho; aqui está tudo o que nos é concedido da sua vida de bem e de mal, alegria e desgosto."'

Eis, Homem Sábio, estas são as tuas palavras. E eis que estabeleci diante dos teus olhos o povo e as bestas quando o espírito é retirado dos seus corpos. Verdadeiramente, eles são como as pedras que moldais em

imagens vãs. O que os fazia mover-se e proferir, trabalhar e adorar? A Verdade partiu deles ao meu mandado. E eis que estão mortos e contudo não mortos, na medida em que proibi estes corpos de desaparecer.

Tu és um mestre de conhecimento. Tem reputação entre os teus irmãos que tens mais aprendizagem do que qualquer homem em Roma, Grécia, Alexandria, ou na região dos hebreus. E porque aprendeste tanto, tornaste-te cego. Os teus olhos estão fechados para a verdadeira sabedoria, o caminho da vida. Mostrei-te homens e mulheres dentro de cujos corpos a alma não reina; e tu percebeste que tudo o que acalentas partiu: a terra com a sua beleza é um deserto nos teus olhos. Aprende então, ó ignorante tolo, que o espírito não passa do hóspede da carne. Ele habita um curto espaço no corpo como numa habitação conveniente. E passa dele para o lugar que está preparado para ele pelo Deus que negaste. O corpo é um vestuário. Nenhuma alma, ao lançar de si este vestuário roído pela traça e gasto pelo tempo, perece mais do que a carne do homem perece quando os seus mantos são retirados dele e ele busca por um curto espaço a câmara do sono.'

"Regressa, ó verme cego que te rebolas na lama, até à tua cidade e à tua nação. Reúne o povo, faz confissão da tua ignorância. Declara-lhes que jazeste neste lodo e percebeste apenas a sua noite disforme.

Conta-lhes que Deus governa sobre o sol, a lua, a terra e as estrelas. Ele desencadeia os mares, desperta os ventos de modo a que estes carreguem perfumes frescos através do mundo. Ele estabelece as estações na devida ordem. A Sua eterna sabedoria reserva para o homem e para a besta a paz e a abundância, deixando cair a chuva sobre o chão no tempo de crescimento, nutrindo as espigas de trigo com a crescente luz do sol, soltando o grão amarelo ao tempo de colheita, reunindo para o prazer e deleite do homem os gordos cachos da videira.

Ordena aos mercadores de sabedoria da tua cidade que escutem com os seus ouvidos o canto das aves na primeira temporada do ano. Ordena-lhes que usem os seus olhos e percebam o incessante trabalho do Espírito de Deus sobre a face da terra quando a hora de floração se aproxima. Ordena ao homem que faça uso dos seus dedos e sinta os frutos maduros no ramo, prove com a sua língua os vinhos amarelos da terra. Então deixe-o verter o seu coração em adoração do seu Deus e do seu Criador.

Há três espécies de maçãs na Árvore de Deus. Primeiro, o fruto verde e pálido que se torna azedo na barriga do homem, coalhando nela quando ele partilha dele. Esta maçã é chamada Conhecimento. Ela carrega toda a espécie de mal para o tolo que buscaria sustento apenas dela.

Segundo, há a maçã corada da Sabedoria. Vermelho é este fruto bem moldado e agradável ao olho. Como quer que seja, morde cautelosamente quando quiseres partilhar da sua carne; pois um cancro oculto pode habitar nela, contudo pode ser sã em todas as suas partes.

Terceiro, no ramo mais alto, muito além da mão do buscador de conhecimento, está o fruto perfeito da Árvore de Deus, a maçã que não é nem vermelha nem verde, mas bela como o sol para o olho, de ouro na vista de todos. É a colheita da Fé. Aquele que partilha dela após muito esforço e trabalho colherá para si próprio os frutos do Espírito, o discernimento seguro da Vida Invisível, o conhecimento além do conhecimento, perante o qual, no devido tempo, o homem deve inclinar-se embora blasfeme por causa da sua cegueira e da sua arrogância.

Diz ao povo de Tarso que há para aqueles que atingem a fé a vida eterna, o poder que é apenas de Deus."

O Sábio Filósofo acordou do seu sono a tremer, e num suor que era estranho naquela hora fresca. Levantou-se antes de o orvalho se ter levantado; e com a cabeça deitada abaixo, com o espírito envergonhado, partiu para Tarso. O medo era o seu camarada na estrada. A crença era sua de que a visão da noite o encontraria no dia; que o povo das cidades seria como as pedras; que nenhum irmão proferiria a irmão, nenhuma mulher gritaria a mulher outra vez. Tudo estaria em sossego, os seus parentes ainda na carne, contudo sem som como as sombras no Hades; observadores inomináveis, maus e funestos na sua vista para sempre.

Passou pelas ruas de Tarso, entrando na praça do mercado. E eis que os homens vinham e iam. As especiarias, a madeira de tomilho, a canela e a mirra, o azeite e todas as coisas com doce aroma estavam reunidos. Sedas e panos de púrpura, pérolas e safiras, vasos de ferro e latão — de metais preciosos, estavam espalhados diante dos compradores. Escravos, bestas e carros estavam amontoados todos juntos. Os mercadores falavam avidamente uns com os outros.

O regatão gritava as suas mercadorias; os nobres da cidade compravam vestuário dispendioso aos comerciantes do Oriente. Ricos e pobres riam e disputavam, lutavam em palavras de peso uns com os outros, roubavam e trabalhavam, faziam desporto e tagarelavam como se a terra não tivesse sido num jota ou til mudada naquela noite de terror para o buscador do mistério de Deus.

E certos dos filósofos saudaram o seu camarada no conhecimento das idades; e suplicaram-lhe que expusesse diante deles a sabedoria que tinha reunido na temporada da sua meditação quando o deserto era o seu lar. E o coração deste tolo derreteu-se. Sabia que estes vãos mercadores de sabedoria escarneceriam dele e mofariam das suas palavras se lhes declarasse a mensagem dada ao seu cargo pelo anjo do Altíssimo.

Como uma mulher com uma roca, fiou para estes homens muitas palavras; e subtis eram os seus ditos, habilidosos os seus argumentos. Eram uma mofa de Deus, que, declarava ele, não era. Na medida em que havia apenas uma luz disforme e fluida que era acendida às vezes em fogo. E dentro de cada homem estava estabelecida uma partilha desta chama imensurável. Nos primeiros anos era como o inseto que tem uma estrela. Depois, com o crescimento do corpo, elevava-se como uma chama que se torce, voltando o homem por este caminho e por aquele. No entanto vivia apenas como o corpo, consumindo-se à medida que a carne decaía, até que, com a morte, regressava novamente ao grande fogo que fazia a terra durar. Assim o Sábio Filósofo contendia que não havia nem Deus, nem sequer o que era chamado a alma do homem. O amor, a inveja, o ciúme, o ódio e a sabedoria, tudo pereceria quando o homem fosse deitado na sua sepultura. E em pouco tempo a memória dele seria apagada para sempre.

Os hebreus estavam irados com o Sem Nome porque ele era tanto judeu como gentio. E disputavam com ele. Como quer que seja, os irmãos instruídos nas escolas aclamavam a sua sabedoria e estabeleciam uma lúcia sobre a sua cabeça, declarando que ele era em verdade um mestre de conhecimento, e que lhes tinha deslindado o segredo da vida, o segredo oculto da sepultura. Como quer que seja, na hora da noite, quando tudo era silencioso, o medo reunia-se dentro da alma do Sábio Mestre. Gemia alto porque nenhum sono vinha para o confortar, porque não acreditava nos seus próprios subtis bordados de palavras, porque tinha quebrado a fé com Deus.

E no dia seguinte, quando os mercadores de sabedoria o buscaram na sua morada para que pudessem aclamar as suas palavras e escutar o seu ensinamento, ele tinha partido da sua câmara. O seu escravo declarou que ele tinha partido com a luz e que era o seu propósito buscar o conhecimento nos lugares calmos. Os tolos Homens Sábios daquela cidade fizeram um clamor, dizendo: "Ele atingiu a plena medida da sabedoria. É tolice que ele busque mais além, pois possui tudo o que podemos colher fora da noite e da morte, fora do fim e do princípio, fora do crescimento e da cessação do crescimento."

E o Sem Nome habitou no deserto por outra temporada, desafiando com muitas blasfémias imundas o Deus que o tinha feito. Com o tempo o medo afastou-se dele. A calma que vem com a vaidade do Sábio era sua outra vez. E determinou regressar a Tarso onde poderia reinar sobre as mentes dos homens instruídos. Como quer que seja, deitou-se para dormir. E novamente as cortinas escuras da carne foram levantadas, e o dormente olhou para a imagem invisível. Passou por muitas terras, por muitas idades; e percebeu que a morte era sempre a companheira do homem.

Viu miríades de seres brotar, lutar com a terra, e depois passar além; os seus corpos mais uma vez entrando dentro do chão. Viu grandes guerras e muitos que foram tomados em morte violenta. E ao fim, parecia como se todos os homens lutassem uns com os outros; as estrelas atingiam a terra com chama, os mares espalhavam-se sobre a terra; e ainda os homens lutavam, e ainda os homens morriam.

Novamente veio uma hora em que o Sábio Filósofo estava sozinho sobre a terra. Percebeu que cada acre de chão era uma sepultura, e que destas casas dos mortos se elevavam muitas formas, que eram da textura do ar sombrio. Voltavam-se e torciam-se todas, indo de um lado para o outro, e através da penumbra perseguiam aquele que tinha negado a Deus. Temível era a sua solidão enquanto fugia deles.

Poderoso era o seu medo quando até o sol moribundo o desertou, passando de além do seu conhecimento sobre a borda do mundo. E assim por muitas luas o homem, que tinha reunido dentro da sua mente toda a aprendizagem dos antigos, vagou através das trevas, fugindo, como declarava a Paulo, das formas de demónios e de homens.

E ao fim, a misericórdia foi mostrada. A noite, espessa e profunda, enfaixou-o todo ao redor. Na paz daquele sossego ele afundou-se no descanso. Assim foi que o homem que desdenhou a fé e colheu apenas os frutos do conhecimento foi privado de todo o conhecimento; de modo a que não tinha o sentido da besta; de modo a que era mais ignorante do que até o bebé no útero. E assim foi que aquele que negou a Deus na vaidade da sua sabedoria recebeu castigo, sendo lançado na vacuidade de mente, onde o entendimento é nulo. Apenas o medo, as trevas e a morte contínua foram a porção daquele que blasfemou contra o seu Criador e contra a sua própria alma.

CAPÍTULO IV

PAULO ATACADO PELOS FARISEUS EM ANTIOQUIA.

NOTÍCIAS DA INSUBORDINAÇÃO DAS IGREJAS NA GALÁCIA. PAULO ESCREVE UMA CARTA DEFENDENDO-SE A SI PRÓPRIO.

ELE É CONVOCADO A JERUSALÉM E TRIUNFA

SOBRE OS SEUS ADVERSÁRIOS.

DESEJAVA estar sozinho no deserto. Queria meditar no Evangelho de Jesus e queria limpar a minha alma dos pecados cometidos em ignorância antes de conhecer Cristo. Pelo que o Sem Nome afligiu o meu espírito, pois queria habitar continuamente na minha presença. E agora que a fala era sua outra vez, proferia muitas palavras. Estas eram instruídas, no entanto não passavam do matraquear feito pelas aves dos campos nos meus ouvidos.

Assim este caminhante, que não queria escutar o discurso de outrem, era uma provação na carne. E esforcei-me com o que era, em muito verdade, ódio de um que nem queria ser silenciado nem manter discurso comigo, que buscava sempre expor conhecimento que era vazio e de nenhuma importância.

E colhi da crónica da vida deste homem muito que me serviu. Percebi que um homem pode ser como Salomão, possuir toda a aprendizagem reunida através das idades, no entanto isso é uma armadilha e um poço se o conduzir para longe de Deus. Quanto maior o conhecimento, maior a

tentação. E mesmo se o jovem busca apenas cumprir as obras de Deus, ele está ainda errante e pode cair pelo caminho. Na medida em que busca a sua própria estrada, acreditando que tem entendimento do propósito de Deus. Ora nenhum homem pode conhecer todo o desenho do seu Criador na sua vida. Pelo que, se estabelece a sua sabedoria como seu guia, errará longe dos caminhos da justiça.

Tinha perseguido os santos na crença de que trabalhava para Jeová. O que era para o meu entendimento santo era mau na vista do meu Criador. Tinha sido o instrumento de Satanás quando me mantinha como o mensageiro do Senhor e o seu profeta. Por um espaço o meu desespero com o meu desvio foi doloroso. Depois Jesus dignou-Se dar-me em revelação a resposta pela qual anelava. Nenhuma sabedoria do homem pode prevalecer. Ele deve habitar em oração e meditação, então o Espírito virá a ele e ele será cheio com ele se for puro e humilde de coração. O caminho será tornado claro diante dele. A fé que é o poder de Deus a trabalhar através do santo mostrar-lhe-á o desenho do Altíssimo.

E assim, apesar da companhia do Mestre de Conhecimento naquele deserto, vim a viver em Cristo, a conhecer em parte o Seu propósito. E, à medida que a força do Espírito aumentava dentro de mim, a força do corpo falhava no Sábio Filósofo. Não se esforçou mais por provocar com muitas palavras tolas. O seu corpo murchou como os seus braços; ao nascer do sol gritou miseravelmente: "Vaidade, vaidade." E caiu sobre la terra e morreu. Enterrei-o no deserto, não estabelecendo nenhuma pedra sobre a sua sepultura. Por que razão deveríamos marcar de qualquer maneira os túmulos dos mestres de conhecimento, os túmulos daqueles que vivem por subtileza de línguas, por um engano de palavras? Os videntes de sabedoria e as crianças de Deus serão honrados. Mas apaguemos da lembrança aqueles que são nomeados pelo povo tolo "os Sábios Filósofos".

Ora, quando o Sem Nome foi enterrado e não assombrava mais a minha vida, tudo foi mudado. O novo homem nasceu, e a ele foi concedida a Visão do Mistério que está ao redor de Deus. Disto não posso falar. Apenas ao fim do tempo aprenderá o homem, talvez, o que percebi naquela hora maravilhosa. Infinita foi a misericórdia do Mestre em que escolheu o pecador como o vaso para carregar as notícias da Sua redenção a outras nações.

O Evangelho de Jesus foi falado na minha presença pelo Mestre enquanto Ele estava ainda na carne. A Sua promessa aos gentios, de que eles, assim como os judeus, seriam herdeiros do Reino do Céu, foi-me dada quando permaneci no deserto. Não fui instruído pelos discípulos do Mestre. Tinha escutado as palavras de verdade tal como caíam dos lábios do Filho de Deus.

Ora quereria que soubésseis que, mesmo após a gloriosa visão do Mistério inominável, às vezes fui tentado, e às vezes caí para longe. No entanto sempre no dia mau, quando pareceria que tinha trabalhado em vão, a lembrança daquela hora de vida dentro do véu amparou-me, de modo a que o meu pé não falhou e o meu propósito permaneceu seguro. As notícias do Evangelho foram espalhadas por mim e também pelo meu amado irmão Barnabé na Síria, Cilícia, em Chipre e Galácia. Tínhamos regressado a Antioquia. E mesmo na hora da minha alegria sobre estes novos irmãos em Cristo, o velho mal estabeleceu-se sobre nós, a Serpente esforçou-se por me lançar à terra.

Os Fariseus de Jerusalém ameaçavam a Igreja com a destruição se eu fizesse a minha vontade e não estabelecesse nenhum jugo da Lei sobre os gentios. Pedro ficou temeroso. E porque temia que muitos se perdessem para Cristo, retirou-se do meu lado. Até Barnabé não queria ir comigo. Por isso estava sozinho na hora mais escura da minha vida; na medida em que acreditava que João e Tiago, os apóstolos em Jerusalém, se manteriam com Pedro, exigiriam que a Lei de Moisés prevalecesse entre os gentios. Dolorosamente perturbado estava o meu espírito; pois sabia que nem os romanos nem os gregos aceitariam a Lei. Pelo que o meu trabalho para Cristo falharia seguramente, a minha nação não, através do Espírito, venceria toda a terra. As notícias do Messias não podiam ser carregadas para os homens.

E orei ao Mestre, suplicando-Lhe que me mostrasse o caminho e a luz. A coragem não falha por mais poderoso que seja o inimigo. É quando o amigo e irmão se estabelece contra ti que o desespero se reúne, retirando de ti toda a esperança e fé, até o amor e a caridade. Tal era o meu estado naquele tempo antes de subir ao Concílio em Jerusalém, quando acreditava que, por uma exibição exterior, por amor de ritos e observâncias, os discípulos do Mestre sacrificariam a fé e a liberdade do Espírito que Cristo nos tinha concedido. Pois percebi que se ritos e observâncias, cerimónias

vãs, fossem estabelecidos no tempo futuro pelas Igrejas antes de tudo o mais, antes mesmo de Deus e da Sua amorosa bondade, então não haveria senão guerras e divisões, discórdia e vanglória. E a Igreja de Satanás, não a Igreja de Cristo, reinaria sobre a terra.

Ora, naquela hora, quando muitos se retiravam de mim em Antioquia, quando Pedro e Barnabé pareciam manter-se com os judeus, a tristeza foi amontoada sobre a tristeza; a aflição foi coroada com a ameaça de destruição. Timóteo veio a Antioquia, carregando cartas das Igrejas na Galácia e notícias de evil importância. Certos outros Fariseus tinham seguido nas minhas pegadas e tinham-se esforçado por agarrar os frutos dos meus trabalhos. Estes adversários tinham declarado que eu nunca tinha estado com Jesus. Sustentavam que eu tinha escutado as palavras dos discípulos de Cristo em Jerusalém, e que o meu entendimento tinha corrompido o ensinamento que me fora confiado antes de eu partir para a Galácia. Defendiam que todos os gentios deveriam ser circuncisados. E porque Tito tinha escolhido receber este rito quando estava na minha companhia, portanto acreditavam eles que isto era necessário, contudo não tinha eu a coragem de o declarar a todos os homens quando pregava a eles.

Ora estabeleci neste pergaminho a crónica daqueles dias primeiros, quando escutava as palavras de Jesus. Carreguei estas mesmas palavras, estes ditos Seus aos gálatas. Como quer que seja, muitos deles foram afastados do meu ensinamento e acreditavam ser eu um mentiroso e um dissimulador que tinha declarado um Evangelho que não tinha recebido dos lábios de Cristo. Anelava por um conselheiro nesta hora de tribulação; não soube por um espaço como poderia confundir esta mentira vil, como poderia provar aos gálatas que em verdade tinha estado com Cristo e tinha escutado as Suas palavras.

Uma convocação tinha sido carregada a mim, entregue na minha mão por um mensageiro dos Doze Discípulos. Ordenavam-me que subisse a Jerusalém para que pudessem escutar o meu testemunho relativo à circuncisão, à Lei de Moisés e ao Evangelho que pregava aos gentios. Não podia, portanto, viajar na companhia de Timóteo para a Galácia e provar aos irmãos em Derbe, Listra, Icónio e Antioquia que falsidades tinham sido proferidas por estes Fariseus, que lhes tinha ensinado a verdade tal como me fora dada por Jesus de Nazaré.

Quando primeiro fui para o meio dos gálatas percebi que muitos dos judeus que tinham vivido por um longo termo de anos naquela terra se tinham tornado atrasados na sua crença em Jeová, tinham tomado as práticas pagãs e adoravam ídolos. Acreditava que com o tempo todos os judeus se tornariam assim idólatras, como em dias passados o povo de Israel, quando habitava com estranhos, adorava a Baal. Pelo que disse para comigo: "Se não vencermos o gentio, ele triunfará sobre nós. A Lei de Moisés não reteve o meu povo da adoração de falsos deuses noutras gerações. A Cruz de Cristo será o sinal do Espírito que prevalecerá entre os gentios. Se eles crerem na crucificação do nosso querido Senhor, então tornar-se-ão Seus seguidores. E mantendo-se com o Espírito, não cairão para longe, adorando imagens vãs, cepos e pedras."

Ora a minha ira era profunda e amarga; e havia fena na minha língua enquanto dava as palavras de uma carta ao escriba, para que ele a estabelecesse para mim. E estava sozinho salvo pelo meu mensageiro Timóteo. Nenhum ancião estava perto para se juntar a mim nas minhas saudações aos gálatas. Todos exceto os irmãos menores me tinham desertado, no entanto ainda me mantinha no meu propósito. Eu queria pregar o Evangelho de Jesus tal como me tinha sido declarado. Tinha sido Seu encargo que nenhum gentio devesse carregar o fardo da Lei de Moisés a menos que estivesse assim inclinado. Todos estavam libertados dela pelo sacrifício do Mestre. Na medida em que O tomariam como o seu padrão; e vivendo segundo o Espírito, viveriam segundo a Lei de Deus.

Naquela hora amarga em que escrevi aos gálatas, quando moldei certas das letras, na minha ira, com a minha própria mão, falava duramente de Pedro: e tenho-me entristecido desde então porque não pude apagar os opróbrios que foram moldados sobre o pergaminho naquele tempo. Acreditava ser este irmão em Cristo o meu traidor e o traidor do Messias. No entanto, na mesma temporada em que esses opróbrios foram escritos pela minha mão, Pedro estava a procurar voltar os corações dos discípulos, esforçando-se por conduzi-los a uma crença no meu Evangelho e na maneira em que eu pregaria Cristo aos gentios. Verdadeiramente ele era o meu amado irmão no Senhor. E contudo, eu não o sabia; o Espírito não carregava notícias do seu trabalho por mim contra os meus inimigos. Assim a ira da carne possuía-me, fazendo-me censurar um que era poderoso em espírito, um que com o tempo ganhou por mim aqueles outros discípulos que tinham endurecido os seus corações contra o meu ensinamento.

Ora os judeus, que tinham ido de cidade em cidade na Galácia, esforçando-se por semear divisão nas Igrejas, declaravam que os Doze Apóstolos os tinham encarregado com as palavras de graça, e que o meu Evangelho me tinha sido dado por eles, embora corrompido pelo meu entendimento. Estabeleci sobre outro pergaminho a história da minha infância quando tinha escutado as palavras de Jesus, percebendo o Seu corpo carnal e o Seu corpo espiritual. Muitos outros ditos apressados foram escritos naquela hora. Como quer que seja, destruí o escrito; pois como um pequeno vento, passou ao meu redor o sopro do Espírito Santo. A ira afastou-se de mim. Estava mas arrependido e triste, sofrendo por aqueles do meu rebanho que tinham escapado assim do rebanho.

E eis que certos dos judeus humildes de Antioquia vieram ter comigo; e talvez o Espírito tivesse escolhido aquela mesma hora para a sua vinda. O seu líder era lento de fala, no entanto eram as suas palavras como ouro fino. Estavam livres de tudo o que era baixo, dos enganos mesquinhos de tantos que eram maiores em entendimento do que estes homens. Este judeu declarou que os seus irmãos, que eram da sua companhia, desejavam juntar-se com ele em testemunhar para mim a sua crença no meu Evangelho e nos meus ensinamentos. Simples e não instruídos eram os ditos destas pessoas; mas por causa do amor que estava no testemunho que carregavam aos meus trabalhos pelo seu bem-estar, fui movido em todas as minhas partes, fitando-os sem fala e louvando a Deus no meu coração pelo tesouro dos humildes.

Quando cessaram de falar, contei-lhes que poderiam sofrer adversidade e perseguição se se mantivessem comigo. No entanto ainda estavam firmes no seu desejo de permanecer com o meu ensinamento e, se necessário fosse, de sofrer a perda do seu sustento por minha causa. Então fiz-lhes saber que até os gálatas estavam virados de mim. Mostrei-lhes a minha carta às Igrejas, e ordenei-lhes mais uma vez que considerassem se não eram tolos em estar comigo nesta hora de tribulação e problemas. O líder deu resposta: "Mestre, juntemo-nos contigo em saudar os gálatas nesta carta. Assim perceberão eles que alguns dos irmãos em Antioquia creem nos teus trabalhos e reverenciam o teu Evangelho." A alegria foi minha porque estavam preparados sobre o pergaminho para mostrar a sua fiel confiança em mim. Assim a carta foi mudada. Foi despachada não de um homem solitário, mas de Paulo e dos humildes irmãos em Antioquia.

Em verdade, fui naquela hora confortado, embora estes santos fossem ignorantes, não tendo conhecimento de letras, nenhum conhecimento de línguas ou da Lei. No entanto tinham maior entendimento do que os instruídos Fariseus que tinham estudado os inumeráveis rolos preservados em Jerusalém ou Alexandria.

Ordenei a Timóteo que carregasse a carta com toda a pressa aos anciãos nas Igrejas na Galácia. E naquela hora amei este irmão, pois ele tinha a pura visão de um seguidor do Mestre. Ele era jovem e no entanto houvera possuído a força com que falar alto e corajosamente contra os contrariadores e difamadores da Judeia. E quando percebeu que o povo não se manteria com ele por causa da sua juventude, tinha viajado sobre a montanha, buscando-me em Antioquia, para que eu pudesse saber do dano que tinha sido feito ao trabalho pelo qual tinha tão duramente trabalhado.

Ora, quando Timóteo tinha partido, busquei o meu Senhor todo o dia em oração. Pois estava sem um parente ou amigo próximo naquela temporada para me fazer companhia. E grande era a minha solidão, o meu desgosto pelos gálatas que tinham sido o meu orgulho e me eram queridos como criancinhas. E Deus fez Barnabé arrepender-se porque tinha tomado o caminho do meio, retirando-se da minha companhia, e portanto tolerando o mal que estava a ser trabalhado contra mim pelos Fariseus. Barnabé buscou-me uma vez mais e declarou que iria comigo até Jerusalém, e que mesmo se tudo me falhasse, ele se manteria com o meu ensinamento do Evangelho de Jesus.

Contudo, notícias nos foram carregadas dos trabalhos de Pedro pelo meu nome e pelo meu ensinamento. Pelo que a alegria veio novamente ao meu coração. E como sabeis, subimos a Jerusalém. Vencemos os difamadores, esmagámos a Serpente, e Tiago, João e Pedro ampararam-nos na nossa necessidade. Desde aquela temporada em que o Concílio foi realizado em Jerusalém, Pedro tem-me sempre dado verdadeira fraternidade, e tem lutado com os meus inimigos, que ainda buscam causar um cisma na Igreja e estabelecer sobre os gentios o jugo da Lei se eles quiserem adorar a Cristo.

Este alforje é para o meu irmão, Áquila; para que ele possa saber que agora, quando viajado para o Festival em Jerusalém, encontrarei em Pedro um que se manterá com o meu desenho de ganhar Roma e Espanha, toda a terra para Cristo.

NOTA Estabeleço para vós a Crónica do Sem Nome. Escrevi a sua horrível história e mostrei-vos como ele atormentou Paulo no deserto, e depois lentamente desvaneceu e passou. Uma vez que Paulo estava livre deste companheiro da sua solidão, a sua alma ficou estranhamente aliviada. A grande hora de visão e sonho era vinda para ele, uma hora que vem, porventura, uma ou duas vezes na vida do homem. E naquele tempo o anjo foi solto em Paulo. O seu espírito, vestido no seu corpo celestial, passou sobre as fronteiras de muitos mundos, elevou-se através das esferas até ao Sétimo Céu. Inexprimível foi o Mistério mostrado a Paulo. E quando regressou ao seu corpo e à vida terrena não pôde falar ou escrever daquele tempo. No entanto, por razão da sua entrada outra vez na gruta escura do seu corpo, a sua lembrança do maravilhoso mistério foi obscurecida. Teria sido o anjo dentro dele que tinha assim saído na mais estranha e solitária viagem alguma vez conhecida pelo homem? Ou teria sido outro, um ser invisível semelhante a um querido camarada e irmão que tinha transmitido ao santo o conhecimento da sua própria visão do Paraíso? Não posso dizer. Mas às vezes parece-me que o próprio Paulo foi o viajante, e a sua lembrança daquela hora, quando veio face a face com Deus, não estava senão um pouco obscurecida pelas amarras que vendam os olhos do corpo carnal.

UM FRAGMENTO DA CRÓNICA DE BARNABÉ

O ALFORJE DE BARNABÉ

QUERERIA mostrar-vos como Barnabé serviu Cristo na carne. E por causa da sua santidade entrou rapidamente na paz do Espírito. Chamai, portanto, à Crónica que agora vos darei "o Alforje de Barnabé". É uma história que é breve, e no entanto vos mostrará os fios que amarravam quatro homens juntos. E embora alguns fossem partidos, contudo certos mantiveram-se firmes até ao fim. Não quererias neste Alforje de Barnabé

dar todos os acontecimentos naquelas muitas temporadas que ainda restavam para ele. Mas quereria mostrar-vos como ele morreu, como um discípulo do Mestre apenas pode morrer.

Depois estabeleceria o Alforje de Cefas. Não escreverei de todos os seus atos em tal alforje, mas dar-vos-ei a crónica dos seus trabalhos em Roma: para que possais ter um maior entendimento da sua conversação com Paulo, quando o Apóstolo do Ocidente subiu a Jerusalém para o Festival. Estes não passam de pedaços partidos; mas mostram os fios que amarravam quatro homens, Barnabé, Paulo, Marcos e Pedro. Tendo-os lido, tereis portanto um melhor entendimento do encontro entre Paulo e Pedro após o Festival em Jerusalém; pois Paulo não chegou a tempo para esse Festival.

CAPÍTULO I

BARNABÉ E PAULO DETERMINAM VISITAR OS IRMÃOS NA GALÁCIA. ELES CAEM EM DISCÓRDIA. BARNABÉ E MARCOS VÃO PARA CHIPRE.

APÓS o Concílio realizado em Jerusalém, Paulo e Barnabé partiram da cidade na companhia de Silas, Judas e outros discípulos. Paulo estava grandemente jubilado em espírito, pois os Irmãos em Jerusalém tinham abençoado o seu trabalho entre os gentios. Sendo Judas e Silas chefes entre os discípulos, os judeus em Antioquia que criam em Cristo estariam inclinados a escutar as suas palavras. Carregavam o decreto de Tiago para a

congregação naquela cidade. Estavam ávidos de mostrar por palavra e ato que tinham Paulo e Barnabé e os seus trabalhos para o Senhor em alta estima.

Nos tempos que se seguiram, todos os judeus em Antioquia reuniam-se para escutar o seu ensinamento. E até o Arconte se inclinou perante o decreto de Tiago. Assim os Fariseus temeram falar abertamente contra eles, e foi verdadeiramente uma hora de vitória para Paulo. Como quer que seja, havia agora muitos professores da palavra em Antioquia. E o santo anelava pelos irmãos que estavam necessitados da sua presença nas Igrejas menores na Galácia.

Cartas tinham-lhe sido carregadas por um mensageiro dos irmãos em Icónio que mostravam que eles se manteriam com o Evangelho dado a eles por Paulo. E juraram que não escutariam outro professor a menos que ele carregasse consigo cartas daquele que consideravam o seu pai em Cristo, o seu líder em todas as matérias do Espírito.

Barnabé tinha desempenhado o papel menor entre eles. Pois embora estivesse dotado com belo discurso, não tinha o grande poder do Espírito, o qual em Paulo compelia os homens a escutá-lo, a abominar e execrar o seu nome, ou a amá-lo e honrá-lo. Ora o santo declarou a Barnabé o seu desejo de visitar as Igrejas. E encontrou-o em acordo consigo próprio nesta matéria. Por isso tomaram conselho relativo aos santos de quem fariam que fossem da sua companhia.

Marcos estava em Antioquia naquela temporada. Tinha ultimamente vindo de Jerusalém e tinha seguido nas pegadas do irmãos. Ora ele tinha estado muito com Pedro desde aquele tempo em que tinha partido de Perga e se tinha recusado a jornar para la Galácia na companhia de Paulo. Tinha falado com calor, estabelecendo uma defesa de Pedro quando este santo tinha parecido desertar Paulo em Antioquia, mantendo-se com os defensores da circuncisão.

E Marcos tinha ferido o coração de Paulo por causa de certas palavras proferidas por ele naquela hora de discórdia. Era de uma mente nobre, no entanto não percebia que o ciúme trabalhava em caminhos tortuosos dentro dele. Não era um buscador da sua própria glória. Tinha ciúmes por Barnabé e por Pedro; na medida em que defendia que estes dois eram chefes entre os santos. E a sua mente estava coalhada numa estranha amargura às vezes

quando, entre judeus e gentios, era sempre Paulo quem vinha primeiro. E Barnabé, apesar da beleza do seu discurso, era considerado menor do que o irmão mais velho no Senhor.

Ora porque os seus pensamentos eram moldados dessa maneira, Marcos disputava frequentemente com Paulo, quando na sua companhia, relativo a matérias de doutrina. E Paulo, por razão da sua maior sabedoria e poder espiritual, vencia-o; assim havia uma certa causa para ofensa entre estes santos.

Paulo ficou perturbado quando soube que Barnabé desejava que Marcos fosse da sua companhia nesta viagem. Sabia que este discípulo provaria o seu espírito e poderia, talvez, despertá-lo para a ira. Não tinha fé ou confiança nele desde aquela temporada em que ele tinha partido da Panfília. Por isso disse a Barnabé: "Quereria ter-te da minha companhia porque és mais próximo do que um irmão. Como quer que seja, não posso suportar o teu sobrinho que proferiu palavras duras relativas a mim quando lutei com os judeus da circuncisão em Antioquia. Ele é como a cana que se curva perante cada vento. Volta-se por este caminho e por aquele, e não permanecerá firme. Pelo que não o terei como meu companheiro e irmão nesta viagem."

Então Barnabé ficou dolorosamente abatido, pois amava Marcos, e também estava debaixo do domínio da sua vontade às vezes. Deu resposta: "Marcos é dos meus parentes. E estou amarrado a ele por sangue e afeto. Tu és amargo no teu discurso relativo a ele. Ele não te molestará nesta viagem. Não viajarei contigo a menos que ele seja da nossa companhia."

Por isso buscaram Silas, pedindo-lhe que determinasse a justiça desta contenção. E Barnabé foi tolo por ter informado Marcos das palavras de Paulo e o ter conduzido a esta reunião com Silas. Marcos era rápido de génio e falou velozmente, dizendo: "Paulo esforçou-se por semear dissensão entre mim e o meu tio. Ele queria separar-nos um do outro. Não me queria permitir trabalhar na companhia de Barnabé, porque tem ciúmes do laço que nos faz um em todas as matérias."

Então os irmãos fizeram um clamor, repreendendo-o por este dito duro. E no entanto ele manteve-se com ele; e nenhum homem o podia persuadir de que o seu julgamento era falso. Nem podia perceber que era, em parte, o seu próprio ciúme que tinha provocado Paulo contra ele mais

uma vez em Antioquia. E Silas pediu a Paulo que cedesse a Barnabé nesta matéria e permitisse a Marcos ser da sua companhia. Como quer que seja, Paulo manteve-se firme. A sua vontade não era facilmente voltada do seu propósito. E declarou que iria sozinho para la Galácia antes do que viajar na companhia de um irmão que percebia apenas o mal no seu amor por Barnabé, o qual seria sempre uma causa de discórdia, portanto, se viajassem juntos.

E Barnabé disse a Paulo: "Nesta matéria é o teu julgamento que é áspero. Não mostraste o verdadeiro espírito do Mestre ao rejeitares assim Marcos que tem carregado muita aflição por amor da verdade. Pelo que não posso ser da tua companhia. Irei para Chipre, viajando para lá com Marcos."

Silas quereria que demorassem por um curto espaço em Antioquia. Pois acreditava que em pouco tempo a ira e a amargura derreteriam e eles se manteriam um com o outro outra vez. Como quer que seja, estes servos do Senhor escolheram estradas diferentes. E não foi Paulo mas Marcos e Barnabé que partiram à pressa por causa da sua amargura. Tomaram navio para Chipre, e os ventos estando com eles foram velozmente carregados através do mar.

Então houve trevas sobre o espírito de Paulo quando percebeu as velas brancas do navio que carregava estes dois, desaparecendo nos largos espaços aquosos. Demasiado tarde tinha ele sabido que Marcos e Barnabé tinham escolhido viajar nesta embarcação para Chipre. Tinha-se esforçado por alcançar a praia antes da sua partida para que pudesse pedir perdão e receber uma bênção. Voltou-se, fazendo sinais sobre a terra com o seu cajado. E chorou, dizendo a Silas: "Estou perturbado porque não olharei mais para a face de Barnabé. Estou temeroso porque a luz do preconhecimento está comigo. E percebo que esta viagem para Chipre prenuncia o mal para o meu irmão que me é querido além de todos os outros. Partimos em ira, nós que não nos encontraremos mais na carne."

E Silas ordenou-lhe que ficasse confortado, dizendo: "Tu falas da plenitude do teu coração, não falas a partir do preconhecimento. É o teu desgosto com esta dissensão que encontrou uma voz enganadora. Verás Barnabé outra vez e estarás muitas vezes na sua companhia."

Paulo não deu resposta, moldando ainda outros sinais sobre a terra com o seu cajado, e percebendo ali, no verdadeiro desenho, o que foi determinado e não pode ser mudado.

CAPÍTULO II

O POVO DE PAFOS PROCURA CONDUZIR BARNABÉ PARA O TEMPLO DE AFRODITE. ELES ACLAMAM-NO COMO UM DEUS.

ORA o povo de Pafos em Chipre era buscador de milagres, crente em agouros e sinais — um bando de aves através do céu, uma sombra torcida a cair através do caminho, peixe colorido preso numa rede — tais acontecimentos fariam conversa para eles. Muitas histórias de falsas maravilhas eram contadas, de modo a que quando verdadeiros prodígios eram praticados na sua presença grande reserva se estabelecia neles. E não eram facilmente esquecidos, marcando as memórias da população, que se deleitava no que era estranho e pertencente aos deuses.

A lembrança dos olhos murchos de Elimas, do abalo da terra quando os pagãos queriam sacrificar Barnabé e Marcos não tinha desvanecido. Mas a memória do ensinamento relativo ao único Deus vivo e ao Seu Filho Jesus não permaneceu nas mentes da multidão. Certos dos homens mais sábios entre eles ainda acalentavam o ensinamento de Paulo e Barnabé. E adoravam o Senhor como tinham sido instruídos, conferenciando juntos sobre matérias de fé. Assim era tempo de Marcos e Barnabé virem novamente a esta cidade. Era necessário que reunissem os santos devotos que seriam seguidores de Cristo, no entanto tateavam ainda na penumbra de um escasso conhecimento d'Ele e das Suas obras. Estes reuniram-se todos e acolheram Barnabé no seu meio. Como quer que seja, quando ele caminhava fora, o povo comum lembrava-se dele porque era, para a sua mente, ou um poderoso operador de maravilhas ou um dos deuses; na medida em que a terra houvera tremido no tempo em que os homens maus de Pafos se esforçavam por matá-lo.

Barnabé ficou muito perturbado quando eles se lançaram sobre o chão diante dele e depois, levantando-se, deitaram mãos ao seu corpo, carregando-o com reverência em direção ao seu templo. E um jovem

gritou: "Estabeleçamo-lo no Santo Lugar. Habite ele nele com Afrodite, para que a prosperidade e a boa fortuna permaneçam sempre connosco. Eis que a colheita tem sido abundante. É por causa da vinda deste novo deus. Ele não se afastará mais de nós. Faremos sacrifícios a ele no templo. Aclamá-lo-emos mestre dos deuses e deusas mais velhos."

Ora estes pagãos de Pafos eram facilmente movidos para o frenesi. O seu sangue aquecia excessivamente; e então estabeleciam alguma estranha ilusão desta espécie. Talvez estes génios ardentes viessem sobre eles através dos muitos espíritos maus que se reuniam ao redor de Pafos por causa das artes de magia imunda praticadas pelos Magos. Tão alto era o tumulto que Barnabé não podia contrariar estes homens que o carregavam para o templo do pecado. Fez sinais àqueles ao redor dele, esforçou-se com as mãos e os pés. O povo defendia que ele estava assim a mostrar a sua alegria pela honra que desejavam conceder sobre ele, e não foi até estarem à entrada do Templo e terem estabelecido Barnabé sobre a terra que ele pôde fazer qualquer grande exibição de desagrado, tanto quanto eles pudessem perceber.

Então retiraram-se diante dele porque a sua face estava fendida com uma angústia que perturbava todo o seu ser; na medida em que a sua alma estava revoltada com a ignorância e tolice deste povo. Levantou a sua mão no seu desgosto, fazendo com ela o sinal da Árvore sobre a qual Cristo tinha pendido. Três vezes foi este símbolo dado. E orou silenciosamente para que a força lhe fosse concedida, de modo a que pudesse reter estes jovens selvagens e compeli-los a escutar as palavras de vida.

Veloz como o arremesso de uma pedra para a água foi o lançamento fora do tumulto e dos gritos violentos do povo. Ao sinal da Árvore da redenção tudo ficou quieto. Nenhum homem entre eles moveu um membro, ou sussurrou sequer ao seu camarada. Um suspiro estranho passou como um sopro do mar através do ar. E após este som tudo ficou silencioso. Barnabé ficou maravilhado com o poder deste Sinal. E falou velozmente, contando ao povo de Cristo e do Seu ensinamento e morte na Cruz por eles.

Falou do único Deus vivo e da redenção oferecida por Ele a todos os homens através de Seu Filho. A estes ditos e a muitos outros a multidão escutou, não fazendo nenhum ruído. E Barnabé admoestou-os porque o quereriam conduzir para este templo que era imundo na vista do verdadeiro

Deus. Então ordenou-lhes que se dispersassem, e contou-lhes que no dia seguinte falaria com eles outra vez.

Foram pelos seus caminhos ao seu mandado. E alguns dos jovens murmuravam enquanto passavam por ele: "O Shaker da Terra está desagradado porque o quereríamos carregar para o Templo de Afrodite. Ele quereria possuir um templo para si próprio."

E Barnabé estava dolorosamente perturbado porque percebeu nestas palavras a nudez da sua ignorância. Estavam em tal confusão de mente que não podiam interpretar corretamente as palavras de verdade, estabelecendo sobre elas falsas imagens e as crenças herdadas de seus pais. E um destes homens veio ter com Barnabé, declarando que era o servo de um sábio judeu que desejava manter discurso com ele relativo à sabedoria que ele ensinava. Barnabé jubilou porque acreditava que poderia comungar com um hebreu de entendimento, um que se chamava Arato. Enquanto caminhava com o servo para a habitação deste judeu, falou-lhe relativo à tolice da multidão. E o escravo deu resposta: "Mestre, sei que és um homem; e este povo aprenderá com o tempo que não és um deus.

Como quer que seja, tens verdadeiramente grandes poderes. Tenho sabido de muitos feiticeiros, no entanto não vi um que pudesse assim aquietar os jovens de Pafos com um sinal mágico. Ó mestre, ensina-me as palavras de invocação, para que eu possa aprender, se for do teu bom prazer, a fazer uso deste sinal se em algum tempo os inimigos fizerem um assalto sobre mim, ou o meu mestre desejar atingir-me com uma vara." Barnabé declarou que não era nenhum feiticeiro e lutou novamente com a ignorância de um que acreditava ser ele da tribo dos magos.

CAPÍTULO III

ARATO, O MAGO, DEFENDE QUE JESUS FOI UM MESTRE DE SABEDORIA E EXIGE DE BARNABÉ

O SEGREDO DA MAGIA DO SEU DEUS.

ORA a habitação de Arato estava afastada das outras, estabelecida num jardim que continha muitos cachos de floração; bela era ela para o olho, animadora na sua brasa para o coração. Mas a luz dentro da habitação era baça. E Barnabé foi conduzido para uma câmara na qual ao princípio nada podia perceber. Depois foram muitas cortinas retiradas e ele viu uma fornalha que brilhava através das trevas, dando àquela câmara de pedra a iluminação de tochas tremeluzentes.

Parecia haver muitas sombras e formas nos cantos e reunidas em direção à parte oriental. Estas derreteram e passaram. E eis que um homem alto vestido com um manto escuro veio de fora da luz do fogo, saudando o seu convidado. Quentes foram as suas palavras de acolhimento e ávido o seu olhar. Chamou ao santo "irmão", ordenando-lhe que se sentasse. No entanto parecia a Barnabé semelhante a alguma grande ave que vigia sobre um vale a partir de algum alto poleiro de rocha. O bico e a garra estavam ocultos; cismão e imóvel estava a forma.

Como quer que seja, a crueldade e a fome espreitavam lá dentro. E o convidado esperou, escutando o discurso suave, vigiando e maravilhando-se de qual seria a natureza daquela fome e do feroz anseio que a governava. Este homem declarou que tinha, na sua primeira juventude, sido um judeu devoto; que agora era um dos possuidores da antiga Lei de Moisés e do Egipto. "Posso falar com as sombras imortais," gritou ele. "Não sou como este tolo e charlatão," foram as suas palavras ao colocar uma mão sobre um que se agachava perto da fornalha e escondia o seu rosto. "Ele mantém conversação com os espíritos tolos e os demónios menores," disse Arato, "e eles fazem dele o seu desporto. São os seus mestres porque ele não tem a sabedoria que dá ao homem o poder de governar tais seres. Como quer que seja, ele é agora o meu servo de confiança, e foi libertado por mim fora do seu poder. Por isso não o desdenhes, irmão."

Barnabé respondeu: "Não tenho desprezo por nenhum homem. Qual é o seu nome?" A estas palavras, o homem levantou a sua cabeça de fora das dobras do seu manto, e o santo contemplou os olhos secos, o semblante astuto de Bar-Jesus, que era conhecido também como Elimas.[1] Ele encolheu-se a murmurar e, retirando-se para dentro do abrigo das sombras, não deu resposta às santas palavras: "A paz de Cristo seja contigo, amigo."

E porque ele nada proferiu, Barnabé adivinhou que a sua saudação, que era uma feita entre os que criam em Jesus, tinha sido feita a um dissidente que não tinha permanecido um crente: embora nos dias em que a sua vista foi curada tivesse declarado a sua fé e professado grande zelo pelos trabalhos do Senhor. Arato continuou a falar: "Tenho muito conhecimento de Jesus, teu Mestre, a quem saudaste como Deus. Verdadeiramente os Seus poderes eram poderosos; e até eu, que possuo toda a sabedoria secreta do Oriente, me maravilho com certos dos milagres que foram realizados por Ele."

"Tem sido sempre o meu desgosto não ter mantido discurso com Ele antes de os bárbaros romanos O matarem. Mau foi esse ato, na medida em que destruíram um grande Mestre de Sabedoria que possuía conhecimento nem sequer conhecido pelos Magos. A Sua morte foi mais estranha do que a Sua vida; pois asseguradamente Ele tinha o poder de Se salvar dos Seus inimigos. Ora não falaria contigo dessa temporada na Sua vida, comungaria contigo relativo aos milagres, relativo ao levantamento de um homem morto, fazendo-o viver outra vez — o desaparecimento do próprio corpo do teu Mestre e todos aqueles outros atos Seus que têm sido chamados maravilhas."

[1] *Bar-Jesus era o nome dos seus antepassados. Ele era judeu. Elimas era o seu nome gentio. Muitas vezes um judeu tinha dois nomes, um para os gentios, o outro pelo qual era conhecido na sua tribo.*

E por um espaço Barnabé falou deles, respondendo às perguntas esquadrinhadoras de Arato, o qual, ao fim, revelou a sua mente em palavras iradas. "Quereria saber o segredo pelo qual o teu Mestre assim operava milagres. Tu parolas do poder de Deus dentro d'Ele. Era o poder do verdadeiro conhecimento, e eu daria muito tesouro para a sua posse."

Então outra vez este homem falou suavemente, a sua primeira suavidade regressando à sua voz: "Não busco curar os doentes ou curar os moribundos. Há um propósito maior por trás deste meu desejo. Tudo o que podemos tocar e manusear, muda e passa. Até a terra leprosa, sobre a qual esta bela cidade de Pafos permanece, perece e passa em certas temporadas. Há agitação e mudança para tudo o que percebemos. E mesmo aquilo que não pode ser percebido, o que é invisível para o olho, de fato muda, de fato se mistura e se junta com outros elementos. Falo da mente do homem. Ela

pode ser de tal modo trabalhada pela vontade de outrem que, apesar de um desejo contrário, deve fazer o mandado desse outro.

Busco, irmão, aprender como posso balançar a mente de um estranho, de modo a que possa governar os seus atos, e contudo nunca deitar olhos sobre o seu corpo vivo ou habitar sequer dentro da cidade em que ele habita. Nós próprios podemos mudar a forma do que manuseamos. Eu queria mudar a forma do que não podemos manusear. Após muitos anos de trabalho e estudo, vim a saber que os pensamentos dos homens e as mentes dos homens são como a teia de uma grande aranha, espalhando-se por sobre toda a terra. Viajam ao longo destes muitos fios de seda imagens e anseios que podem ser colhidos por algum outro ser. Ora comunguei com as sombras. E muitas vezes foram elas despertadas por mim nesta câmara, no entanto não me puderam dar o galardão pelo qual busco.

É simples, e sei que pode ser ganho por um mestre de sabedoria. Busco o poder de lançar na mente de César o pensamento que se tornará um ato no dia de amanhã. Governaria a partir desta ilha o império de Roma ao estabelecer dentro da mente do Imperador, sem o seu conhecimento, os meus próprios desenhos. Ora provei que posso, sem a expressão de uma palavra, compelir um homem que está na minha companhia a fazer o meu mandado. Aquele tolo, Bar-Jesus, é o escravo dos meus desejos. Como quer que seja, certos homens são como cidades cercadas, e ninguém pode transgredir dentro da sua alma. Mas outros, que são mais fracos e têm menos conhecimento, possuem mentes como portos abertos que receberão o que os ventos carregam para eles.

Não posso mover a mente de nenhum estranho, nem com a ajuda de espíritos familiares, nem através da minha vontade sozinha. Mas estou assegurado de que o teu Mestre Jesus possuía este conhecimento secreto, esta dádiva, a qual colocaria dentro do meu aperto o governo de reinos, o comando de legiões, o poder sobre as muitas nações que estão reunidas debaixo do domínio de um homem que não passa de mortal, e poderia ser meu escravo. Quereria que tu, irmão, partilhasses comigo a sabedoria que Jesus concedeu sobre ti. Trabalhemos juntos e venceremos o mundo."

Ora todo este tempo Barnabé foi mantido como num transe. Muitas vezes teria ele falado e declarado a este homem o mal dos seus caminhos, a tolice do seu propósito. Mas uma pesadez acorrentou-o numa mudez contra a qual lutou e da qual se envergonhou. Houve silêncio naquela sala baça

quando Arato cessou de falar. E o santo foi mais uma vez sensível à crueldade que jazia oculta, à ave de rapina que era um segundo eu que esperava e vigiava por trás da forma escura deste mago. Bar-Jesus fez uma agitação, e Arato iradamente ordenou-lhe que estivesse em silêncio.

Então foi o pesado feitiço de mudez quebrado e Barnabé gritou: "Tu és mau porque buscas apenas o poder neste mundo. Tu és abominável porque praticaste as artes de magia, levantando os demónios. Tu és imundo por causa daquilo que não proferiste mas que é o teu desejo. Tu quererias governar os homens por amor da luxúria, não pelo bem de todos. Tu quererias que eu lançasse de mim a verdade e servisse a um que não é mestre de si próprio, que é um escravo, na medida em que és um cativo de Satanás. Tu estás em amarras, e em todas as coisas és balançado pelo Príncipe do Ar. Há mas uma liberdade, a liberdade do Espírito através do viver em Cristo, através do fazer a Sua vontade. De nenhuma outra maneira pode um homem verdadeiramente vencer e triunfar."

O feiticeiro falou velozmente e com ameaça, dizendo: "Não sou nenhum escravo, possuo muito poder. Se não quiseres trabalhar comigo para este grande propósito, voltar-me-ei contra ti. Encontrarás em mim um inimigo que te pode destruir à sua vontade." E Barnabé respondeu: "Estou nesta câmara sem uma guarda. Tu podes matar-me, mas não cederei a essa tua tolice. Pois tu estás em muita verdade a vagar num deserto de mentiras."

Então Arato riu, dizendo: "Eu punir-te-ia. Pelo que não te mataria nesta câmara. Destruiria primeiro o que te é querido, depois atormentar-te-ia de tal modo que ao fim abraçarias a morte como uma amante." E Barnabé disse-lhe: "Obedece ao teu Senhor Belzebu. Não te temo. E orarei a Jesus, que é chamado o Cristo, para que tenha misericórdia de ti para que não pereças inteiramente."

O santo foi velozmente daquela câmara, passando para fora, para o jardim de fontes e flores. E mesmo ali, era ele sensível à pesadez que se tinha agarrado a ele quando na companhia de Arato. Não podia proferir nenhuma palavra. E o seu corpo estava aflito com esta sonolência de modo a que foi dolorosamente e com trabalho que regressou ao seu alojamento na cidade.

CAPÍTULO IV

MUITOS EM PAFOS CREEM EM CRISTO E SÃO BATIZADOS.

MARCOS foi para o meio daqueles que tinham sido batizados quando Paulo e Barnabé tinham habitado em Pafos. E escolheu os discípulos que tinham entendimento, instruindo-os para que pudessem ser professores que com o tempo reuniriam alguns do povo e se esforçariam por apagar as suas superstições, a sua crença em deuses, e depois ensinar-lhes a simples verdade de que Cristo tinha morrido por eles.

Após uma temporada a multidão não mais acreditava que Barnabé era um deus. Defendiam verdadeiramente que ele era uma criança de Poderes Invisíveis, pelo que era maior do que o homem. E dois ou três acreditavam que ele temia ofender Jesus seu Senhor ao estabelecer-se como um dos Seus parentes, ao permitir que os homens lhe chamassem Deus. Por isso guardaram a sua paz e escutaram o seu ensinamento.

Um entre eles, que tinha estudado nas escolas, de fato tolo gritou quando Barnabé estava a falar a muitos nos campos. Este homem falou com tal avidez que até o santo foi silenciado e escutou as notícias de uma falsa imagem que tinha sido estabelecida diante da sua visão. Declarou: "Vejo poderosas hostes nos céus. Carros e seguidores armados dos deuses carregados sobre os ventos. E eis que Jesus e os Seus Seres Brilhantes vêm de fora das portas azuis dos céus; e lançam abaixo os deuses para a noite que está além da borda da terra. E eis que uma forma poderosa, Zeus, que governou toda a terra até este dia, vestido em armadura, carregando uma espada de chama.

Ele esforça-se com o grande anjo, que o lança abaixo, atingindo-o com uma lança branca como o marfim. E ele toma o atingido Senhor do mundo nos seus braços e carrega-o para o submundo, onde nas profundezas baças ele será acorrentado para sempre. Na medida em que Jesus, que é chamado Cristo, é o vencedor e agora governa toda a terra."

Muitas pessoas gritaram a estes ditos e lançaram-se abaixo perante o visionário que tinha caído num desmaio, jazendo rígido e imóvel. Como quer que seja, Barnabé ordenou-lhes que se levantassem do chão. E disse-lhes: "Este homem foi enganado por um espírito mau que estabeleceu diante dos seus olhos uma visão que é uma mentira, que não pode ser; pois

não há Zeus, não há deuses que guerreiam com os anjos. Eis que estes muitos anos imaginastes uma coisa vã.

Acreditais que as matas, a terra, o mar estavam povoados com seres a que chamáveis deuses. No entanto todo o tempo havia apenas vacuidade, apenas as próprias árvores, água e terra frutífera que podíeis perceber. Buscastes a Deus ignorantemente. Verdadeiramente Ele está perto de vós, Ele está convosco e ao vosso redor, mas Ele não é muitos. E porque Ele se cansou das vossas falsas crenças, do vosso viver imundo, enviou o Seu Filho, Jesus, ao mundo na forma de um homem, para que pudésseis aprender a verdade do Seu ensinamento. E este ensinamento carrego eu a vós. Não há deuses, há o Senhor da terra, que é um com Jesus, meu Mestre. A Ele apenas adorareis, a Ele apenas honrareis."

Ora embora o povo estivesse confuso em mente por causa das suas muitas crenças, com o tempo tiveram entendimento das palavras de Barnabé. Muitos foram batizados, e os lavradores deixaram os seus campos e vinhas, os pescadores as suas redes, os mercadores o seu comércio para que se pudessem reunir ao redor de Barnabé e escutá-lo. Ele estava espantado com a avidez do povo. Deleitava-se na sua simples fé. E a dor na sua alma foi, por um curto espaço, aquietada.

Pois frequentemente nas horas escuras da noite os seus pensamentos tinham ido para Paulo. Anelava pelo seu amado irmão, no entanto não lhe enviaria nenhum mensageiro, na medida em que não havia cura para o dano que lhe tinha sido feito, as palavras proferidas por Paulo relativas a Marcos e ao seu banimento do discípulo mais jovem da sua companhia. Barnabé era tenro de coração, e sofria muito nas horas calmas porque não podia mais trabalhar na companhia de Paulo por Cristo.

Há, às vezes, no amor entre irmãos tal alegria que pode não ser permitida. E estes dois, por causa do seu afeto espiritual um pelo outro, foram separados e viajassem em terras diferentes, para que pudessem trabalhar individualmente para o Senhor e assim provar a sua força, a qual apenas pode ser verdadeiramente testada quando o mestre não tem outro da sua espécie para trabalhar na sua companhia.

CAPÍTULO V

BARNABÉ PREGA NA SINAGOGA EM SALAMINA.

BAR-JESUS E TIRÓNIO COMPLOTAM CONTRA ELE.

ORA Sérgio Paulo enviou palavra secreta a Barnabé, convidando-o à sua presença. Falou muito com Barnabé, procurando aprender a verdade relativa a Cristo. Pois muitas falsas histórias tinham sido carregadas a ele por judeus e gentios desde aquele tempo em que Paulo tinha pregado em Pafos. Porque era Governador, Sérgio não queria abertamente declarar a sua crença em Cristo. E tinha sido avisado por aqueles em autoridade relativo às querelas dos judeus em Roma quando estes tinham feito um assalto sobre os da sua tribo que criam em Cristo.

O Governador iria, portanto, cautelosamente. Não seria batizado, temendo até o rito da água. Pois defendia que o seu primeiro dever era para com o Estado, e que a sua crença deveria ser uma coisa menor; na medida em que a paz da ilha apenas poderia ser mantida por um governo sábio. Prometeu que, embora apenas pudesse mostrar favor em segredo, contudo daria proteção aos santos se fossem assaltados. E declarou que Barnabé e Marcos poderiam vir e ir através da ilha como lhes prazesse. Nenhum inimigo seria permitido fazer um assalto sobre eles.

Ora Barnabé e Marcos tinham viajado de Antioquia para Salamina na embarcação à vela. Mas não se tinham demorado em Salamina por causa dos judeus de coração selvagem naquela cidade. Tinham ido para a cidade pagã de Pafos, escolhendo os gentios ignorantes antes do que os judeus instruídos para seus ouvintes. Não visitaram, como Paulo, primeiro a cidade chefe da província; pois Barnabé defendia que em tal curso havia perigo para a Igreja que estava a nascer. Na medida em que os judeus, após uma temporada, fariam um tumulto e se esforçariam por lançar Paulo e os seus irmãos fora da cidade. Ora Barnabé acreditava que se, nas cidades menores, caminhasse suavemente, ensinando o povo nos lugares calmos, então seria grandemente fortalecido quando fosse à grande cidade da ilha, Salamina, e seria mais capaz de lidar com os judeus de coração selvagem. Também tinha nascido na região perto de Salamina. E temia que os anciãos naquela cidade escarnecessem do seu evangelho porque o tinham conhecido em rapaz; e eles mantinham-se apenas com estranhos de aprendizagem vindos de Jerusalém e de Alexandria.

Como quer que seja, havia muita conversa por toda a ilha relativa ao maravilhoso professor que tinha vindo através do mar. E cedo muitos dos judeus em Salamina souberam das congregações que estavam a ser reunidas por Barnabé em Pafos e na região ao redor, para que pudessem adorar o Senhor Deus de Israel. E enviaram certos homens da sua tribo a esta cidade, que carregaram a Barnabé um caloroso acolhimento de Gelásio, o chefe da sinagoga em Salamina. Na sua carta suplicava ao santo que viesse à sinagoga em Salamina e pregasse ao povo. Pois os judeus desejavam grandemente escutar um sábio professor que tivesse sido instruído na Santa Cidade de Sião.

Barnabé e Marcos ficaram muito elevados por este testemunho ao seu trabalho na ilha. E viajassem imediatamente para Salamina, não duvidando de que o Senhor tinha estabelecido o desejo pela sua pregação no coração deste judeu. Ora quando o édito do Concílio em Jerusalém foi declarado aos santos, muitos caíram para longe da Igreja. E alguns destes juntaram-se e comungaram uns com os outros quanto à maneira em que Paulo e Barnabé poderiam ser mortos para que o seu ensinamento não prevalecesse. Maus eram os desenhos destes homens que verdadeiramente acreditavam que os santos procuravam derrubar a adoração de Jeová e a fé de seus pais. Acreditavam que Paulo viajasse para Chipre. Por isso enviaram um chamado Tirónio, carregando ordens deles para arrancar a heresia pregada por Paulo, para o afligir e arruinar de modo a que ele por força fugisse da ilha.

Ora Tirónio ainda não era vindo quando Barnabé foi conduzido à presença de Gelásio, que estava preparado, como declarava, para pagar alta honra a este instruído estrangeiro hebreu. Quando percebeu um a quem tinha conhecido na infância, a sua face mudou, e não queria crer nas palavras do seu servo que declarava ser Barnabé o instruído estrangeiro que tinha tal poder sobre as mentes do povo em Pafos. Barnabé tornou-lhe clara a verdade; e grandemente envergonhado ficou o chefe. Não podia negar que tinha convidado Barnabé à sua morada, e que ele fora suplicado a pregar na sinagoga no Sábado. Ao fim dissimulou. E embora não tivesse senão escárnio pelo seu patrício, deu-lhe as boas-vindas, mas disse-lhe que apenas num Sábado poderia ele pregar na sinagoga.

Como quer que seja, o Santo Lugar estava cheio com os judeus e prosélitos quando Barnabé se levantou diante deles. E, como um harpista

faz gentilmente acariciar as suas cordas com os seus dedos, assim fez Barnabé acariciar o entendimento do povo com os belos ditos de Cristo. Estavam raptados em maravilha perante as promessas de Jesus.

Ávidos estavam eles e perturbados em alma e coração quando Barnabé mudou a sua voz, falando com severidade da morte da terra que se aproximava velozmente, do fogo vindouro que devoraria cada país, lambendo os mares, tornando em cinzas todos os campos frutíferos, deitando abaixo as montanhas, fazendo o mundo perecer inteiramente. Muitos judeus gritaram, alguns suplicando a Barnabé que lhes contasse o caminho pelo qual poderiam escapar a esse tempo mau. Mais uma vez falou suavemente, ordenando-lhes que buscassem o batismo e a instrução para que pudessem estar preparados para a segunda vinda de Jesus, o Cristo.

Quando todos tinham partido, Gelásio foi ter com Barnabé, e suplicou o seu perdão. "Escondi os meus pensamentos de ti," declarou ele. "Como quer que seja, escarneci de ti, acreditando seres um homem pequeno porque és de Salamina. E verdadeiramente, nos dias antigos, o teu entendimento era medíocre e eras ignorante. Agora algum poder estranho reside dentro de ti. Fazes música com as tuas palavras como as aves com canções; e maravilhosas são as tuas histórias do Messias. De boa mente seria um seguidor Seu e aprenderia como posso cumprir a Sua vontade."

E Barnabé ficou poderosamente movido porque este ancião de barba branca tinha escolhido Cristo como seu Senhor. Na medida em que este chefe era instruído, e na infância Barnabé o tinha temido e reverenciado por causa do seu conhecimento. Ora Salamina continha muitos judeus, e o santo acreditava que rica de fato seria a colheita porque Gelásio tinha sido tão facilmente ganho para uma crença em Cristo.

Não confies no triunfo fácil. Teme a estrada suave. Quando Barnabé tinha partido da companhia de Gelásio, um que houvera sido da congregação foi ter com o chefe carregando uma acusação de palavras enganadoras. Era Bar-Jesus, que buscava ao mandado do seu mestre, Arato, envenenar a mente do chefe. Declarou que Barnabé era um impostor, que procurava obter poder e governo sobre o povo com a história de um Messias. Era verdade que Jesus tinha vivido nas colinas da Judeia. Era um pastor de Nazaré e tinha a dádiva de cura, no entanto era Ele, noutras matérias, tão ignorante como o povo comum. "Ele não era Deus," declarou

Bar-Jesus, "porque tinha sido enforcado numa árvore e os romanos tinham triunfado sobre Ele. Ele não era o Messias, pois quando Ele viesse venceria o mundo inteiro."

Tais foram as palavras astutas e mentirosas de Bar-Jesus. E o chefe, embora pudesse não se ter mantido com todas elas, ficou perturbado, a sua escuridão de mente aumentando quando Tirónio lhe carregou notícias da heresia de Paulo. Pois os defensores da Lei de Moisés chamavam heresia ao ensinamento do santo; e julgavam que ela destruiria a fé de seus pais. Assim eram as suas palavras venenosas; as histórias carregadas pelos seus mensageiros mentiras. Tirónio falou escândalo relativo a Paulo, declarando que ele era um mau vivente que tinha quebrado o coração de seu pai. Era o mercenário de Satanás que possuía o corpo de um homem.

Ora, embora estes ditos fossem selvagens e tolos, no entanto foram acreditados por não poucos; pois o homem deleita-se em baixas notícias dos seus semelhantes. E Gelásio, pensando nas suas próprias virtudes, estava tanto mais preparado para crer nos pecados dos outros, tomando prazer nas histórias imundas que lhe eram carregadas.

Tinha reputação de ser um homem justo, no entanto o seu coração não podia suportar o conhecimento de que um da sua tribo devesse ser tido como um grande profeta pelo povo. Percebeu que ele, que era chefe entre eles, seria lançado fora com o tempo talvez pelo santo e seria compelido a entregar-lhe a autoridade.

AO MANDADO DE BAR-JESUS UM ESCRAVO TENTA ASSASSINAR BARNABÉ ENQUANTO ELE DORME.

ORA os irmãos, que tinham sido batizados por Marcos na primeira vinda dos santos a Salamina, eram homens ignorantes ou judeus cheios com os cuidados desta vida. Por isso tinham-se tornado ociosos na sua crença e nas suas práticas. Nenhum professor se houvera levantado entre eles. Mas agora Marcos instruiu um jovem hebreu chamado Haman para que ele pudesse, num tempo posterior, guiar a Igreja em Salamina. Como quer que seja, o feitiço de ociosidade foi lançado fora pelos irmãos quando

Barnabé esteve mais uma vez entre eles. Mostraram zelo e fervor, indo de um lado para o outro entre o povo, falando do Senhor Jesus.

Pelo que Tirónio, sendo um homem cauteloso, determinou caminhar cautelosamente. Não mostraria ao princípio toda a sua inimizade para com os santos. Aconselhou uma política que seria secreta e segura como os venenos do Egipto. Buscou o povo nos armários da cidade, falando privadamente com eles relativo a Satanás que, declarava ele, tinha vindo sobre a terra na forma de um homem chamado Paulo. Barnabé e Marcos eram os servos deste Maligno que lançaria uma praga sobre todos, reunindo o povo como pragana para a última queima. Então houve um desvio dos professores, sendo aqueles em boa reputação os primeiros a retirar-se e a não mais escutar os santos quando pregavam entre os judeus.

Como quer que seja, o povo comum apinhava-se ao redor de Barnabé e Marcos que batizaram muitos escravos e muitos dos pobres. Assim a Igreja prosperou em Salamina apesar dos ditos venenosos de Tirónio e do chefe. E veio uma hora em que os dois santos determinaram que iriam por uma temporada para Alexandria, na medida em que havia problema na Igreja naquela cidade. Falaram apenas a Haman do seu desenho, pois desejavam partir em todo o sossego. Muitos dos irmãos eram de voz alta e facilmente movidos de modo a que poderiam fazer um clamor ao tempo em que o navio os carregasse para longe.

Ora Bar-Jesus estava quase louco. Odiava Barnabé e acreditava que o santo era um poderoso feiticeiro que o poderia atingir com lepra ou cegar os seus olhos, como quando Paulo houvera estado na ilha. Arato tinha ordenado a este homem venenoso de mente mesquinha que trabalhasse secretamente contra os santos para que os seus trabalhos fossem em vão em Salamina.

O mago não desejava a sua morte rápida, pois tinha desejado que eles fossem aflitos primeiro com a ruína do seu trabalho e atormentados de diversas maneiras.

Aconteceu que Bar-Jesus buscou a companhia de um escravo de Haman chamado Hermas. E cedo percebeu que este homem era instruído e sofria muito porque era um servo e não podia mais buscar a sua própria vontade, estudando a sabedoria daqueles dias. E Hermas, que tinha sido tomado e vendido por causa das suas muitas dívidas, era chamado "o

Temeroso", na medida em que o seu coração lhe falhava quando a palavra rude era falada e ele era ameaçado com a vara. Ele era feio de corpo. E o escravo, que estava estabelecido sobre ele e outros, não poupava estes homens nos seus trabalhos. Ora Haman era justo e de bom coração, mas traficava muito com outras cidades. Por isso nada sabia da crueldade do mestre dos seus escravos.

Quando Barnabé veio a Salamina, Hermas foi movido pelo seu ensinamento e foi batizado. Pelo que, ao princípio, não queria escutar a conversa má de Bar-Jesus. Mas um dia, após ter estado a trabalhar nos campos e ter sido atingido muitas vezes, deparou com o mercenário de Arato e ficou cheio de medo e ira. Envergonhado estava este homem por causa das indignidades com que tinha sido aflito. Disse a Bar-Jesus: "Matar-me-ei antes do que continuar a viver neste estado de terror e de vergonha."

E Bar-Jesus deu resposta: "Não te mates a ti próprio. Mata a outro, então serás um homem livre mais uma vez. Dar-te-ei o teu resgate se tu, na escuridão da noite, fizeres um fim de Marcos e Barnabé. Eis que eles se alojam na habitação de Haman e tu dormes ao lado do limiar da sua porta. Dar-te-ei uma faca que terá sido embebida num veneno subtil. Fácil portanto será a tua tarefa."

Como quer que seja, Hermas tremeu de medo, dizendo: "Quando os tiver matado o meu mestre acusar-me-á da sua morte." E Bar-Jesus disse-lhe: "Esconder-te-ei na minha habitação, e enviar-te-ei privadamente num navio para Éfeso com muito ouro. Assim serás rico e serás restaurado mais uma vez à tua legítima herança."

Hermas foi dolorosamente tentado pelo suborno que lhe tinha sido oferecido por este homem. Como quer que seja, acreditava em Jesus e por isso recusou a faca e o ouro. Então ficou Bar-Jesus grandemente irado; e convocou os demónios menores que, com mãos invisíveis, lançaram pedras ao redor de Hermas. E uma atingiu-o no cenho. Outras feriram-no no corpo, de modo a que caiu por terra naquela câmara baça em que houvera encontrado Bar-Jesus.

Tão grande era o seu terror deste feiticeiro que fechou os seus olhos, caindo num desmaio que o segurou por um curto espaço na sua escuridão. Quando o seu espírito veio outra vez a ele, e abriu os seus olhos

levantando-se da terra, Bar-Jesus ameaçou-o, dizendo: "Convocarei os escravos do Príncipe do Ar e eles atormentar-te-ão mais, tirando a pele do teu corpo, se não cederes a mim nesta matéria."

Ora ele estava a contar uma história mentirosa, mas o Temeroso acreditou por causa das mãos invisíveis que tinham lançado pedras contra ele. Pelo que se entregou a esta criança de Belial e prometeu que mataria os santos enquanto dormiam. Ficou grandemente perturbado, pois a bondade de Barnabé tinha sido como uma fonte numa terra sequiosa; as suas palavras de amor tinham tocado o coração deste homem. E no entanto, por causa do seu medo do mestre dos escravos, do seu medo do feitiço do feiticeiro, preparou-se para o mau ato quando a noite tinha caído, escondendo a faca dentro do seu cinto, e deitando-se, mas não para dormir, ao lado da porta da sala em que os santos estavam alojados por Haman.

Haman estava numa viagem e a habitação estava vazia, pois os seus parentes não habitavam com ele. A escuridão era profunda e pesada ao redor do escravo vigilante que, na sua agonia, de fato se ajoelhou e orou, sussurrando palavras selvagens de súplica, suplicando ao Senhor Jesus que viesse em sua ajuda e o salvasse do mal do feiticeiro, que operasse algum milagre pelo qual os santos não morressem mesmo se fossem atingidos pela faca. Ficou silencioso, estabelecendo o seu ouvido no chão, escutando por uma resposta que não vinha, pelos pés de um anjo cuja presença temia e no entanto desejava.

A noite era estranha e má para a mente do escravo porque o vento gritava ao redor da casa, e o mar fazia um ruído pesado sobre a praia. Novamente sussurrou orações, proferindo ditos que lhe tinham sido ensinados por Marcos, suplicando a Jesus que o salvasse, que lhe encontrasse um caminho para fora da rede repugnante em que estava confinado. E novamente o murmúrio cessou, novamente o escravo escutou e ainda nenhuma resposta foi feita. "Ele é um Deus sem misericórdia, Ele não se importa com as misérias daqueles que O adoram," era o pensamento de Hermas. "Farei a vontade dos demónios, eles são verdadeiramente mais piedosos do que este Deus mudo."

E levantou-se, tirando a faca do cinto, pressionando suavemente contra a porta. Ela moveu-se, e ele pressionou ainda outra vez, enquanto o vento por fora era como o resmungar de homens velhos, murmurando e fazendo um ruído tolo. E Hermas, enquanto escutava, de fato metade

acreditava que os demónios, que serviam Bar-Jesus, estavam reunidos por fora e estavam a vigiar pelo matador. De modo a que, se ele falhasse, eles, ao seu ir para fora no amanhecer, o apedrejassem e destruíssem.

Pressionou mais uma vez a porta, entrando dentro da câmara onde havia luz. Uma tocha ardia, lançando uma imagem de ouro sobre o chão. E Hermas lembrou-se do dinheiro prometido; e a cobiça por ele e pelo direito de nascimento que lhe tinha sido privado encheu o seu ser com desejo pelo rápido cumprimento do seu ato. Marcos e Barnabé tinham trabalhado desde o amanhecer temporão, pelo que estavam cansados e o seu torpor pesado. O escravo moveu-se em direção ao mais jovem dos santos; e nenhuma piedade se agitou dentro dele enquanto fitava o seu professor e percebia a paz sobre o seu cenho. Então voltou-se para o líder e o ancião, e percebeu o cansaço que estava gravado no seu semblante; a tristeza por Paulo que tinha moldado a sua imagem na face do velho discípulo.

E quando Hermas levantou a sua faca Barnabé sorriu, mostrando no seu sorriso a tenrura da sua alma. Abriu os seus olhos e sussurrou: "A paz seja contigo, ó meu irmão em Cristo." O medo possuiu o matador, de modo a que não pôde atirar-se contra o santo. Era como se outro segurasse o seu braço, falando através dele. "Vim para te matar, para que possa obter libertação da minha escravatura. Ora ao teu Cristo antes de morreres." "Tu és bem-vindo," Barnabé deu resposta, "orarei por ti, irmão, para que o meu sangue não, como o de Caim, grite contra ti a partir do chão."

E o santo levantou-se, despindo o seu peito para o assassino, enquanto Marcos se agitou, e depois sobressaltou-se do catre sobre o qual jazia. Agora estava o braço de Hermas solto, contudo um terror cada vez maior, que se aprofundava à medida que a noite se aprofunda, reuniu-se ao redor da sua alma. Novamente o vento soltou uma risada abafada e fez um gemido áspero. Amargo era ele na sua audição; pois carregava para ele o medo dos demónios vigilantes. Respirou pesadamente. Então, limpando o suor de fora do seu cenho, retirando-se e fitando ferozmente Barnabé, lançou a faca aos seus pés, caindo diante dele sobre os seus joelhos, falando de uma maneira partida como algum corredor que se gastou na corrida. "Mestre, toma a faca. Mata-me, pois não posso viver."

E Barnabé olhou para baixo para o corpo trémulo do homem. Buscou dentro dos olhos vislumbrantes, e percebendo a loucura a levantar-se dentro deles, deu resposta: "Por que razão quererias tu que eu matasse um de meus

irmãos?" "Fiz uma aliança com a morte e o inferno," Hermas declarou. "Escuta as suas vozes, escuta o murmúrio dos espíritos familiares por fora. Eles vigiam e esperam por mim, e destruir-me-ão porque falhei em matar-te, porque és o primeiro nesta terra imunda a mostrar-me compaixão, a ser misericordioso."

E Barnabé falou-lhe, dizendo: "O dano na tua alma é doloroso. Conta-me a tua história e esforçar-me-ei por carregar bálsamo que te cure." "O mundo está cheio de dor, mestre, por isso quereria rapidamente morrer," declarou Hermas, "não pode haver mal maior do que o mal desta vida de trabalho e desgosto. Se eu for para fora para a noite posso dormir — dormir porventura para sempre. Mestre, suplico-te toma a faca e concede-me o eterno descanso. Senão serei atormentado até o meu coração rebentar para fora do meu corpo, e eu, no meu desgosto, estilhaçarei a minha cabeça contra as pedras."

Ora o "Filho da Consolação", como Barnabé era nomeado, levantou o escravo e deitou-o na cama, ordenando-lhe que descansasse um pouco em silêncio enquanto eles oravam pelo seu espírito. Tão gentil era o toque das mãos, tão suave a voz, que o homem doente não tremeu mais. A sua respiração foi aquietada, e a paz de Cristo, que acalmou o mar furioso, caiu sobre a sua alma fendida. Os santos oraram a Jesus por este homem até que a luz de ouro sobre o chão empalideceu, até que o pio de uma ave anunciou o amanhecer que se espalhava.

Então o vento murmurante cessou e os sons do dia nascido, de carros a ranger, de mulheres a chamar, soaram por fora. E, para o escravo que vigiava os discípulos, fresco terror veio nos ruídos que viajassem para fora com o nascer do sol. Pensou na tortura que o esperava se a história da noite fosse contada. Pensou em Bar-Jesus, que o atormentaria se os santos guardassem o seu silêncio e não falassem palavra de acusação contra ele. Assim, velozmente, contou a sua história, abrindo o seu coração a Barnabé. E novamente suplicou aos dois santos que o atingissem para que pudesse morrer.

Pelo que Barnabé deu resposta: "Há muito bem em ti, irmão. O tentador provou-te e a tua força não foi igual à dele. Como quer que seja, o teu mestre, Haman, pediu-me que escolhesse algum presente antes de eu ir para Alexandria. Não receberia nenhuma oferta dele. Mas agora o meu coração anela por ti. E quando Haman regressar ao meio-dia escolherei

Hermas como o presente que quereria levar comigo para o Egipto. Viajarás para lá como um homem libertado, não como um escravo."

E Hermas deitou-se diante do santo, gritando: "Não, não aceitarei esta liberdade. Serei o teu servo todos os dias da minha vida se me guardares e abrigares. Pois os servos de Bar-Jesus esforçar-se-ão, seguramente, por me atormentar porque falhei neste ato de sangue." Então Barnabé disse-lhe: "Não serás o meu servo. Serás o servo de meu mestre Cristo. Se O servires fielmente, estarei contente e terei ganho a minha recompensa."

CAPÍTULO VII

BAR-JESUS CONSPIRA CONTRA MARCOS E BARNABÉ ENQUANTO ELES ESTÃO EM ALEXANDRIA.

ORA Barnabé, Marcos e Hermas partiram de Salamina quando o dia estava terminado. Nenhum vento feroz soprou; e vieram sem contratempo a Alexandria. Ali habitaram por muitas luas, pregando entre o povo, procurando não contender com os filósofos, mas convertendo muitos dos simples na cidade do Grande Rio.

Quando as notícias foram espalhadas por fora de que tinham partido, navegando para o Egipto, os judeus de coração baixo foram de um lado para o outro, abertamente denunciando Marcos e Barnabé, contando histórias imundas contra eles. E houve discórdia entre os judeus que seguiam Tirónio e os judeus que criam em Cristo. Ora Bar-Jesus era subtil e sabia que tal guerra conduziria a que muitos se juntassem com os santos contra os seus adversários, e que tal tumulto seria de serviço para os santos, fazendo com que o povo da cidade espreitasse e olhasse para as disputadas doutrinas ensinadas pelos discípulos.

Por isso não se juntou a nenhuma das partes, mas foi para o meio dos seguidores de Cristo, não falando das doutrinas, primeiro lisonjeando aqueles que o escutavam, depois esforçando-se por mostrar em palavras suaves que os santos estavam enganados, que eram criaturas de Paulo que procurava derrubar o ensinamento de Moisés.

Ele de fato, na câmara de Arato, escreveu sobre certos pergaminhos, estabelecendo ao fim do escrito o nome de Paulo e Barnabé. Estes foram moldados como cartas, nas quais uma conspiração contra todos os judeus

devotos era deslindada. Nelas o escritor declarava que procurava levantar uma fé que se recomendaria aos romanos que estivessem em autoridade e fariam uma aliança para destruir o Templo em Jerusalém, para semear tais divisões entre o povo escolhido que a sua fé pereceria, e eles seriam engolidos pela multidão dos gentios. Paulo seria o Sumo Sacerdote desta seita dos cristãos. E Barnabé e Marcos seriam os seus conselheiros. Trabalhariam habelmente, declarando que se mantinham com la Lei de Moisés, enquanto secretamente trabalhariam contra ela, escarnecendo da sua autoridade.

Ora quando os hebreus em Salamina, que tinham sido batizados, leram estes pergaminhos, ficaram muito perturbados. Alguns entre eles gritaram contra Barnabé e Marcos e caíram para longe da Igreja. Outros declaravam que não julgariam nesta matéria até que os santos tivessem regressado do Egipto e pudessem dar testemunho da sua própria integridade. Um mensageiro foi despachado para Alexandria carregando cartas a Barnabé, ordenando-lhe que regressasse com toda a velocidade, senão a congregação derreteria e a fé em Cristo pereceria na ilha de Chipre.

Ora Barnabé e Marcos não deixaram nenhum homem saber da sua vinda a Salamina. Foi apenas quando a palavra foi para fora de que todos os anciãos entre os santos se deveriam reunir na casa de Haman que o conhecimento da presença dos dois discípulos se espalhou entre os seus inimigos. E aconteceu que uma multidão feroz e turbulenta se reuniu ao redor da habitação do rico mercador, de modo a que os anciãos na congregação estavam duramente estabelecidos para passar para dentro. Foram exortados pelos seguidores de Bar-Jesus a condenar Barnabé e a entregá-lo ao povo, para que o pudessem castigar e conduzir para fora de Salamina.

Quando a sala na habitação de Haman estava cheia, um irmão de barba cinzenta levantou-se e deitou cópias das cartas que carregavam os nomes de Paulo e Barnabé diante dos discípulos. E declarou a sua acusação, dizendo: "Mestre, conjuramos-te em nome do Santo Tabernáculo a contar-nos se estas palavras foram escritas por ti e por Paulo. As letras dos nomes estão moldadas de acordo com a tua mão. Mestre, são estes escritos teus?"

E Barnabé deu resposta: "Este escrito é estranho. Estas letras não foram escritas nem por mim nem por Paulo. São o trabalho de homens

maus que buscam clivar os irmãos em dois." E o ancião de barba cinzenta disse-lhe: "Tirónio, que carrega cartas do Sumo Sacerdote em Jerusalém, jura que o que aqui está estabelecido é verdade e de acordo com o padrão da doutrina ensinada por Paulo."

Então Tirónio levantou-se enquanto os anciãos o aclamavam, dizendo: "Não sou da vossa seita, mas por causa do mau desenho que está por trás do ensinamento destes homens vim para o meio de vós. Bar-Jesus obteve as cartas da própria mão de Barnabé. Tal é a sua declaração e creio que é verdade."

Enquanto estas palavras eram proferidas, o povo de fora fazia um clamor e os anciãos de dentro murmuravam uns para os outros: "Grande é esta vergonha. Dá resposta, Barnabé, para que possamos julgar." O santo não estava de nenhuma maneira desanimado pelos olhares escuros dos irmãos. Levantou-se dizendo: "Onde está Bar-Jesus? Onde estão as cartas que carregam o meu nome escrito pela minha própria mão? Estas não passam de cópias. Enfrenta-me com o meu acusador e com a sua acusação."

O ancião de barba cinzenta sobressaltou-se para falar, mas as palavras que poderia ter proferido foram aquietadas nos seus lábios. Fitou o nobre semblante de Barnabé e, percebendo a verdade dentro dele, inclinou a sua cabeça.

Então o santo falou novamente dizendo: "Bar-Jesus não está aqui porque sabe que as cartas foram estabelecidas pela sua própria mão. Ele não ousa enfrentar-me nesta assembleia, pois sabe que os irmãos perceberiam a mentira no seu semblante. Estamos limpos e claros desta monstruosa falsidade. O homem que faz esta acusação provou-se a si próprio estar em erro; pois não está no nosso meio. Tenho sempre mantido com la Lei que nos foi dada por Moisés. Não busco derrubá-la. Desejo que todos os homens venham a crer no Senhor Deus de Israel e devam subir para adorar no Templo em Jerusalém. É o meu sonho e o sonho de meu irmão Paulo que a cidade de Sião devesse ser a Santa Cidade de Deus para os romanos, e os gregos, para todas as nações da terra.

Cristo é em verdade o nosso Sumo Sacerdote e senta-se à direita de Deus. Ele faz intercessão por nós. Ele remiu-nos pela efusão do Seu sangue. Tal foi a promessa que foi dada nos dias antigos. E eis que, nesta

geração, ela foi cumprida. Mas ai do homem que se estabelece contra o ensinamento de Jesus; que engana com a sua língua, que faz uma história de mentiras sobre o pergaminho. Pois o dia do julgamento vem rapidamente. Então sobre ele cairá a ira do Juiz eterno. Irmãos, não sejais levados pela subtileza de Bar-Jesus. Crede nas verdades que temos carregado ao povo e sereis salvos."

E os anciãos gritaram que criam. Quando Tirónio começou a falar silenciaram-no, e deitando mãos ao seu corpo lançaram-no da habitação. Até à noite os judeus permaneceram ao redor da casa, lançando pedras contra ela, ameaçando-a com fogo e declarando que puniriam todos aqueles que estavam dentro se partissem para as suas casas. Como quer que seja, a guarda veio, dispersando-os; e então, houve paz mais uma vez na habitação de Haman.

Quando Barnabé se esforçou por falar à congregação nos campos, houve novamente um alvoroço. O povo não o queria escutar, atingindo-se uns aos outros, e fazendo tal tumulto que os santos foram compelidos a buscar abrigo da ira daqueles dos irmãos que criam nas mentiras contadas por Tirónio e Bar-Jesus. Foi, ao princípio, defendido que o ódio dos judeus abrandaria. Após uma temporada cansar-se-iam da matéria. Mas à medida que os dias iam passando o mal aumentou, e veio um tempo em que os santos não ousavam caminhar fora, pois eram ameaçados com a morte pela mão de algum tolo louco ou através da turbulência de os hebreus. Muitos tinham caído para longe, mas aqueles que permaneciam fiéis vinham furtivamente por noite à habitação de Haman para adorar o Senhor e para escutar os ensinamentos dos santos.

Ora Bar-Jesus e Tirónio temiam que com o tempo o fogo que tinham acendido diminuísse a cinzas. Por isso contaram mais enganos ao povo. E estes foram carregados de boca em boca. Dizia-se que Marcos e Barnabé eram como as raposas nas colinas permanecendo dentro dos seus buracos. Sabiam que tinham lidado traiçoeiramente com o seu próprio povo. E estando envergonhados, temiam caminhar fora. E os judeus, incitados pelos ditos de Bar-Jesus, caíram sobre Haman quando ele ia ao redor do seu comércio. Bateram-lhe com cajados e fizeram dele uma figura de escárnio. Assim outros da seita dos cristãos ficaram com medo e não foram mais à casa deste mercador para orar.

Mas o Governador ficou irado com a iniquidade destes judeus. O seu líder foi tomado e dolorosamente punido pela pisadura de Haman. Barnabé, que se tinha irritado muito contra o julgamento dos diáconos de que ele não devesse caminhar fora, agora fez saber a todos que iria no dia de descanso falar ao povo na praça do mercado. Declarou que estava preparado para enfrentar os seus acusadores e para provar que eram mentirosos.

E houve uma mudança na tribo dos hebreus em Salamina. Alguns entre eles sabiam que o Governador estava bem inclinado para com Barnabé, por isso temiam despertar o espírito de autoridade nele. E hesitaram, falando contra as acusações feitas nas cartas. Disseram: "Este Bar-Jesus é um feiticeiro e o seu nome não está em boa reputação. Estes santos não proferiram blasfémias na nossa presença, porventura são homens santos." Como um vento que roda velozmente muda a face do céu, assim as mentes de muitos judeus começaram a moldar outra visão mais verdadeira dos dois discípulos.

Pelo que o chefe da sinagoga, Tirónio e Bar-Jesus mantiveram apressado conselho. E palavra foi carregada por Tirónio a Barnabé vinda de Gelásio. Disse ao irmão: "O chefe deseja que tu pregues na sinagoga no Sábado. Ele quereria que o ensinamento do teu amigo Marcos e as tuas próprias palavras fossem entregues ao povo. Então crerão eles que tu te manténs com Moisés e os profetas."

Ora Barnabé ficou duvidoso e perturbado e não desejou dar uma resposta a este Fariseu naquela hora. Mas Tirónio pressionou-o, jurando que não permitiria que nenhum dano viesse aos santos. E quando ele teve dado esta segurança, Barnabé prometeu que pregaria na sinagoga no Sábado. Em verdade, não podia recusar, pois teria dado causa para opróbrios por parte de seus inimigos. Marcos não era da sua companhia naquele dia. E muito da noite foi passado por ele em oração.

CAPÍTULO VIII

O SONHO DE BARNABÉ.

O SEU DESGOSTO POR TER PARTIDO EM IRA DE PAULO.

FOI determinado que os fiéis se deveriam reunir na véspera do Sábado e partilhar do Banquete da Lembrança com os santos. Aqueles irmãos, que

tinham permanecido firmes, ficaram muito jubilados pois agora criam que os pensamentos perversos se afastariam das mentes dos judeus e com o tempo todos seriam ganhos pelo maravilhoso discurso de Barnabé.

Antes de se reunirem, o velho homem conduziu Marcos para o jardim e ali comungou com ele, dizendo: "Gostaria de ir sozinho à sinagoga no dia de amanhã. Quereria que permanecesses em oração dentro da casa de Haman." E Marcos deu resposta: "Quereria estar ao teu lado nesta notável hora em que toda a tribo dos judeus se reunirá para escutar o Evangelho de Cristo. A palavra foi para fora relativa a isso. Por isso haverá muitos reunidos."

E Barnabé disse-lhe: "Não te quereria comigo na sinagoga por causa do meu sonho. Escuta-o. Eis que estava cansado e dormi. E de fora do sono e da noite, levantei-me revigorado, um novo homem. O cansaço da idade tinha partido de mim, as dores nos meus membros tinham desvanecido. O meu coração estava leve como o de uma ave na Primavera. A minha alma estava cheia com a alegria que é apenas de Cristo. E fui deste jardim e desta casa, não conhecendo o propósito diante de mim, alegre apenas porque a juventude era minha, porque o meu velho corpo estava são outra vez. E aqueles ao redor de mim, a quem não podia ver, conduziram-me a uma mata fechada e secreta. Tão quietas estavam as árvores e as folhas que poderia ter sido o fim do mundo. Nenhum homem cruzou o meu caminho, nenhuma besta se agitou dentro dos matagais. Segui uma estrada direita e estreita, e percebi uma forma debaixo das árvores. Um homem jazia sobre a sua face.

O seu manto estava rasgado, os seus dedos torcidos agarravam a terra, as suas pernas estavam cortadas, e ao lado da sua cabeça estava uma mancha de sangue que tinha secado sobre as folhas. E como olhasse mais de perto para o corpo rasgado, vi que não fazia nenhum movimento. Sabia que a alma tinha partido. O medo deste homem morto veio a mim. Desejei fugir; no entanto, era como se os meus membros estivessem amarrados. Não podia ir daquele lugar de morte. Não ousava olhar para a face que estava pressionada contra a terra. E enquanto esperava ali, o medo cresceu poderoso; e soube ao fim que os meus membros não seriam libertados até que olhasse para o semblante do homem morto.

Ajoelhei-me ao lado dele e levantei a cabeça, para que pudesse saber o que era que me fazia tremer assim, o que afastava a alegria no meu Criador

do meu coração. E quando tinha fitado os olhos o meu preenchimento, o caminho e a mata desapareceram, estava mais uma vez dentro da minha câmara e mais uma vez estava cansado e aflito pelas dores da idade. Por causa da face para a qual olhei quereria que permanecesses dentro da casa de Haman no dia de amanhã. Este sonho foi-me enviado como um sinal."

E Marcos deu resposta: "O que foi decretado pode não ser mudado. Esta visão do meu corpo morto foi-te dada para que eu me pudesse preparar para aquele fim violento que jaz diante de mim no dia de amanhã."

Barnabé argumentou com Marcos, dizendo que este sonho não era o que seria mas o que poderia ser. E como um que era chefe entre os irmãos, ordenou a Marcos que permanecesse dentro da casa de Haman, no Sábado, não indo para fora até que o Santo Dia tivesse passado. Marcos não podia contrariar o discípulo ancião. No entanto, estava perturbado de coração, pois estava preparado para enfrentar o julgamento de Deus e alegre por morrer pela fé de Cristo.

Quando os irmãos se tinham reunido, Barnabé orou. E depois partiu o pão, partilhando-o com todos os fiéis, carregando também a eles a Taça de Vinho. E após orações terem sido proferidas por ele, ajoelhou-se ao lado de cada irmão e lavou os seus pés, assim seguindo o ato de Jesus naquela última vez em que os Doze estavam reunidos ao redor d'Ele. E os irmãos ficaram perturbados por este serviço prestado a eles pelo mestre e pelo ancião. Mas temeram contrariá-lo na matéria. Pois perceberam que ele estava muito movido no espírito. Como quer que seja, a sua exortação agitou os seus corações e jubilaram grandemente, porque criam que ele triunfaria sobre os adversários de Cristo quando falasse na sinagoga e os ignorantes o escutassem.

E após os adoradores terem partido, Barnabé falou a Marcos, dizendo: "A velha querela com Paulo pesa pesadamente sobre a minha alma. Causa-me muito desgosto, pois ele é-me querido. Pedir-te-ia um favor apenas. Vai ter com Paulo em Éfeso e deixa-me em Salamina. Carregarás a ele saudações, e declararás que tenho sofrido muito porque partimos em ira, que desejo acima de todas as coisas que ele seja para ti um amigo e um ajudador em Christo Jesus. Quereria que ele esquecesse a velha disputa, as palavras duras que foram proferidas. Pois não posso carregar o fardo daquela partida irada. Quereria que ele se lembrasse de mim como um irmão amado e te considerasse querido por causa de mim."

E Marcos declarou que não buscaria Paulo. Permaneceu firme nesta matéria quando Barnabé encarecidamente lhe suplicou que fizesse a sua vontade. O discípulo mais jovem protestou, dizendo: "Paulo não estaria de acordo comigo. Não me permitiria ser da sua companhia nesta viagem. Pelo que, porque a sua mente é firme, ele não será mudado. E a minha viagem para Éfeso será desperdício e tolice, nem assim servirei a Deus."

E Barnabé deu resposta: "Paulo será mudado. A velha querela será curada. Há um bálsamo seguro que cura todos esses danos. Fica assegurado portanto de que Paulo te receberá como seu amigo e irmão."

CAPÍTULO IX

OS JUDEUS APEDREJAM BARNABÉ.

O SEU FIM SOLITÁRIO.

ORA o tempo era vindo em que o santo deveria subir à sinagoga. Despediu-se da criadagem de Haman. Não permitiria aos irmãos que o acompanhassem, nem permitiria que fossem da congregação. "Os meus inimigos podem ser despertados para a ira se perceberem que aqueles que zelosamente seguem o meu ensinamento estão entre o povo. Eu quereria persuadir estes hebreus. Não quereria acender a sua ira de nenhuma maneira."

Haman ficou perplexo pelo comando do santo, no entanto obedeceu-lhe. E assim o ancião não teve ninguém na sua companhia quando entrou na sinagoga. Muitos judeus estavam reunidos para adorar; e por um espaço houve silêncio enquanto o escutavam. Mas à medida que falava do levantamento de Jesus do túmulo percebeu as suas faces escurecidas, e um gritou: "Este homem é um fabulador, um tecedor de mentiras blasfemas." Outro gritou: "Ele profana a sinagoga. Pois disse: 'Obteremos a redenção através deste Jesus.'" E certos entre eles, apesar da santidade daquele lugar e hora, a um sinal de Gelásio agarraram Barnabé, carregando-o da presença do povo.

Então Tirónio levantou-se, ordenando silêncio. E disse-lhes: "As cartas mostraram-vos que este homem conspira contra a nossa fé e a nossa raça. Ele buscou o Governador que o ajudará no seu mau trabalho, que é a sementeira de discórdia entre nós." E muitas outras palavras falou Tirónio,

perguntando à congregação, quando a sua história de mentiras estava terminada, o que deveria ser feito a este homem. E de uma só voz gritaram que ele deveria morrer. Então Tirónio ordenou-lhes que jurassem que nada diriam a nenhum homem, mas que regressariam às suas casas, amarrados ao segredo.

Ora os judeus não eram como os homens de outras nações, na medida em que podiam reter e guardar o conhecimento secreto. Tirónio sabia que nenhuma palavra seria proferida por eles relativa a Barnabé. Nenhum amigo seu, nenhum membro da Igreja estava na congregação reunida. Tinha-lhes sido proibida a entrada. Assim estes hebreus profanaram a sua própria sinagoga no seu ódio ao santo e às suas notícias do Messias.

Barnabé foi carregado para uma câmara debaixo do chão. E ali a guarda foi mantida. Um mensageiro foi à habitação de Haman o qual relatou aos irmãos que Barnabé comungaria com o chefe e os anciãos todo o dia. Por isso nada temeram. Deram graças a Deus, louvando-O por mudar os corações destes homens orgulhosos de modo a que estavam agora preparados para escutar o Seu Evangelho, as palavras de Barnabé.

O santo foi mantido naquela câmara até que a noite caiu. Então, quando todos dormiam em Salamina, foram para fora, para o campo, buscando um lugar solitário onde pudessem julgar e condenar Barnabé. E naquela hora, quando escutava os seus acusadores, acreditava que Deus o preservaria da morte, e o medo dela afastou-se dele. Enfrentou os seus juízes corajosamente, gritando vergonha sobre eles porque difamavam um que buscava apenas ensinar ao povo a pureza de vida e a crença num Messias que tinha derramado o Seu sangue para salvar todos os homens dos seus pecados.

Então um atingiu o velho homem na boca, dizendo: "Toma isto como a tua punição. Fica em silêncio para sempre, tu escravo de Satanás." E quando Barnabé, apesar da sua angústia com o golpe, se esforçou por responder-lhe, não pôde fazer nenhum som, o sangue correndo da sua boca, as tochas e as lanternas desvanecendo da sua vista. Ainda assim acreditava que o Senhor o libertaria das mãos dos seus inimigos. E orou para que pudesse ser poupado por uma temporada para que o Evangelho prevalecesse em Chipre, para que pudesse ver o seu amado irmão Paulo a trabalhar mais uma vez na sua companhia. E não escutou as palavras faladas pelos seus juízes. A sua mente imaginava mas a alegria daquelas

tribulações, daqueles dias de privação que foram passados na companhia de Paulo.

Mas cedo os judeus de coração selvagem se cansaram dos discursos dos anciãos. Disseram uns aos outros: "É o bastante, ele deve morrer." Por isso conduziram o santo diante deles. E naquela hora as tochas e a lua lançavam uma luz clara ao redor deles e sobre o seu mau ato. Pois não tinham nenhuma piedade, apedrejando o velho homem, gritando sobre ele. E mesmo quando caía por terra palavra foi carregada por um observador de que tinham sido seguidos, de que porventura notícias tinham sido carregadas à guarda na cidade. Os judeus dispersaram, buscando as suas casas. Pois temiam que Sérgio Paulo soubesse dos acontecimentos do dia. E Barnabé jazia sobre a estrada, deixado por eles para o silêncio e para a noite.

CAPÍTULO X

SÉRGIO PAULO PROMETE A MARCOS A SUA PROTECÇÃO. A MORTE DE BARNABÉ GANHA MUITOS PARA CRISTO.

ORA quando a hora do pôr do sol tinha soado, o medo assolou Marcos. Retirou-se da companhia daqueles na criadagem de Haman que jubilavam porque criam que Barnabé tinha persuadido os anciãos na sinagoga a escutar o Evangelho de Jesus. Por isso Marcos foi da habitação do seu anfitrião. E vindo à casa de outro santo, soube que apenas certas pessoas escolhidas tinham sido permitidas entrar na sinagoga para adorar naquele dia, que um jovem tinha percebido um bando de homens que tinham ido para fora dela quando a escuridão tinha caído. Não mantiveram discurso uns com os outros e tinham ido para fora da cidade.

Então Marcos ficou com medo, pensando no sonho e nas estranhas palavras de Barnabé proferidas na véspera do Sábado. "Ele lavou os pés de todos os que partilharam do pão e do vinho. Isto não era costume. Era um sinal, o último serviço do homem moribundo que não será visto mais entre o seu próprio povo." Tais foram os pensamentos que passaram através da mente do discípulo. Apressou-se para fora da cidade, e com alguns dos irmãos esforçou-se por encontrar a estrada sobre a qual o bando de judeus tinha viajado após partir da sinagoga.

Marcos estava sozinho e muito cansado quando, no amanhecer, deparou com uma mata, que era fechada e secreta, longe das habitações dos homens. Após nenhuma pequena busca ter sido feita, deparou com o corpo de Barnabé. O discípulo jazia sobre a terra com a sua face para o chão. Percebendo que ele estava frio e morto, Marcos deu um grito amargo. E após isso, a força veio a ele para orar. No entanto não se pôde conter de chorar enquanto buscava na sua alma as últimas palavras de Barnabé, quando o velho homem houvera declarado que a mente de Paulo seria mudada, pois havia um bálsamo seguro que curava todos os danos. Então Marcos buscou o rasto através da mata, pois desejava obter ajuda para que o corpo de Barnabé pudesse ser carregado dali para sepultamento num túmulo.

E veio um som de vozes de entre as árvores. Quatro homens em mantos escuros passaram por aquele caminho. Carregavam armas, e o santo percebeu que eram hebreus, no entanto eram-lhe estranhos. E parou, escondendo-se nas folhas, vigiando-os. Besuntaram o corpo com pez e azeite, e depois acenderam uma chama. Cedo o fumo e o fogo se elevaram dos mantos de Barnabé, e verteram ainda mais azeite sobre ele de modo a que a forma do santo não mais podia ser vista; e velozmente foi mudada de carne e sangue, caindo a cinzas. Então aqueles que o tinham assim destruído foram para a mata, passando da vista de Marcos. E grande foi a sua angústia enquanto reunia dentro do seu próprio manto tudo o que restava daquela pira de morte.

Apressou-se da mata que agora parecia amaldiçoada e veio para fora sobre a praia, caminhando cegamente, pressionado para a frente pelo seu desgosto e pelo seu pavor. Encontrou uma gruta na qual deitou as cinzas do amado irmão. E ali permaneceu por um dia e uma noite, orando ao Senhor por orientação, suplicando ao Mestre que curasse o seu coração que se quebrava.

E quando a noite foi vinda no segundo dia, o seu propósito tornou-se claro. Reinando a calma do Espírito dentro da sua alma, regressou à casa de Haman. Sobre Marcos descansava agora o fardo da Igreja de Cristo em Chipre. Duas estradas jaziam diante dele. Poderia esconder-se dos seus inimigos e esforçar-se por reunir os fiéis privadamente, ou, poderia corajosamente buscar o Governador e contar-lhe a história do mau ato cometido pelos judeus. E porque Marcos, apesar dos medos que às vezes o

assolavam, era grande de alma, exigiu uma audiência com Sérgio Paulo; e em companhia com Haman contou ao nobre romano a história da armadilha que tinha sido estabelecida para Barnabé.

Ora o seu ouvinte era um homem justo, e ficou muito perturbado quando soube do assassinato do santo. Pois de boa mente teria punido os matadores, mas temia os judeus. Eles poderiam chamar pelos seus amigos em Roma para voltar o Imperador contra ele. Tal tinha sido o destino do Governador em Alexandria. Era um tempo perigoso, e, como mostrou a Marcos, havia pouco para provar que o chefe da sinagoga e o seu amigo tinham feito Barnabé ser morto.

Como quer que seja, Tirónio, Bar-Jesus e Gelásio foram convocados à sua presença. E questionou-os relativo ao santo morto. Declararam que, quando a noite veio, Barnabé tinha partido da sua companhia e que nada sabiam dele. E Tirónio disse que podia encontrar testemunhas que testemunhariam que ele tinha, nestes últimos dias, falado bem de Barnabé. E outros hebreus, que foram chamados, que sabiam do mau ato que tinha sido cometido, todos declararam que o chefe e o seu companheiro eram inocentes e desejavam apenas a paz.

Assim, o Governador falou-lhes asperamente, ordenando-lhes que mantivessem a paz e prometendo a morte por tormento a qualquer homem que buscasse matar Marcos ou puni-lo de qualquer maneira. E quando os judeus foram da sua presença, Sérgio Paulo assegurou a Marcos a sua proteção, mas disse-lhe que não podia proceder mais além na matéria do assassinato de Barnabé.

Todos os judeus em Salamina souberam disso nos dias que se seguiram. Alguns deles eram homens justos e ficaram revoltados pelo assassinato do velho discípulo dessa maneira secreta. Não ousavam falar abertamente. Mas quando Marcos pregava ao povo, reuniam-se ao redor dele e encarecidamente o questionavam relativo às verdades que ensinava. Vinham em grandes números por causa desta história de sangue, de modo a que a morte de Barnabé ganhou muitos mais para Cristo do que a sua vida em Chipre tinha ganho em passadas temporadas. Se queres colher uma poderosa colheita de almas, deves sempre semear em sangue e lágrimas.

E aconteceu que Gelásio não foi outra vez escolhido como chefe da sinagoga; outro, um homem de paz, foi estabelecido no seu lugar. Assim a

Igreja de Cristo prosperou em Salamina. E os santos adoravam juntos abertamente diante do povo. Nenhum judeu buscou fazer-lhes dano, e num curto espaço os trabalhos de Marcos estavam cumpridos. Ele estava livre para partir para Éfeso e para carregar consigo as lamentosas notícias de Barnabé para o amado.

LONDRES, 10 de Janeiro–28 de Fevereiro de 1927.

APÊNDICE I

BARNABÉ estabeleceu certas epístolas quando esteve pela última vez em Chipre. Deu uma conta completa do trabalho operado por ele naquela ilha, e despachou-a para os irmãos em Jerusalém. Também fez o escriba escrever para os irmãos em Antioquia na Pisídia uma epístola que continha a Crónica de Cristo. Era muito preciosa para os irmãos ali e preservaram-na com cuidado até ao tempo da perseguição. Então esconderam-na entre as pedras onde ela descansa até este dia. Ele despachou uma epístola para a Igreja em Antioquia também a partir de Chipre, a qual guardava dentro de si os afamados ensinamentos do Mestre, os Seus ditos relativos ao povo comum.

O Mestre tinha vivido nos Seus primeiros anos com os caminhantes selvagens, que eram, de algumas maneiras, mais bárbaros do que o povo comum. Por isso Ele tinha um maravilhoso entendimento dos pobres e dos marginalizados. O Evangelho do Marginalizado, tal como dado por Jesus, foi estabelecido por Barnabé e despachado para os irmãos em Antioquia na Síria. Nobres são as palavras deste rolo. Veridicamente, elas trespassam os abismos do ser, e descobrem a beleza que está oculta nas vidas dos miseráveis, nas vidas dos escravos.

O Evangelho do Marginalizado é a mensagem de esperança, sonho e alegria, a mensagem de salvação para o servo. Paulo tem feito estabelecer muitas epístolas subtis e de peso, mas nenhumas são semelhantes ao

Evangelho do Marginalizado, no qual estão gravadas tão profundas verdades, tal piedade, que os vossos olhos transbordariam com água, os vossos corações saltariam se pudésseis mas escutar as suas palavras.

Pedro era Bispo de Antioquia na Síria. Mas Barnabé e Pedro tinham falado muito de Cristo quando estavam juntos em Jerusalém, e Pedro falou do seu desejo: que um escriba habilidoso devesse estabelecer sobre o pergaminho os ditos e as parábolas do Mestre. Barnabé defendia que a crónica da Sua vida devesse também ser moldada. E ele de fato escreveu certas palavras de Pedro e também colheu dos lábios de outros as notícias deste ou daquele acontecimento na vida de Jesus. Marcos era da companhia destes dois anciãos, e reuniu os escritos e na sua própria mão encontrareis uma Crónica de Cristo estabelecida por ele num tempo posterior, quando tinha reunido todos os pedaços de escrita.

Barnabé encontrou na Galileia um homem escuro e estranho que fazia panelas e tinha, num tempo, sido da tribo dos Caminhantes. E ele tinha conhecido Jesus apenas quando ele também era um caminhante e desta tribo. Num tempo posterior, tanto este funileiro como o Mestre regressaram à Galileia. Nos ouvidos deste homem mendigo Cristo verteu notáveis ditos, e ele transmitiu-os muitos anos depois a Barnabé, que os conheceu como sendo de ouro puro, e maravilhou-se porque este caminhante não sabia o seu valor.

E Barnabé prometeu a Pedro que, numa temporada conveniente, reuniria estes ditos de Jesus, alguns dos quais tinham sido gravados pelo Mestre para o Seu discípulo desconhecido sobre certas folhas e pergaminho ressequido; pelo que eram veridicamente as palavras do Filho de Deus. Barnabé cumpriu a sua promessa a Pedro quando estava em Chipre, despachando o Evangelho do Marginalizado para os irmãos em Antioquia e para Pedro que estava com eles naquela temporada.

Ora, declarei-vos, havia este primeiro, este discípulo desconhecido, a quem os Doze não encontraram. Pois ele não seguiu o Mestre quando Ele se estabeleceu para pregar e para buscar o batismo no Jordão. No entanto este homem amava Jesus poderosamente. Não estava com Ele nem mesmo num tempo posterior, mas vivia afastado como um eremita, sofrendo, na medida em que tinha o poder de adivinhação, essa dádiva de profecia que muitas vezes faz o seu possuidor pesado de coração. Ele percebeu, quando estava na companhia de Jesus, a estrada de espinhos que jazia diante do

Pregador e do Curador, o Carregador de boas notícias. Pelo que suplicou a Cristo que permanecesse na Galileia, que se retirasse da companhia dos homens.

Pois verdadeiramente, o discípulo desconhecido percebeu a agonia do Mestre no Getsémani, o Seu tormento quando pendeu sobre a Cruz, quando ao fim o Seu espírito quebrado gritou: "Meu Deus, meu Deus, por que estabeleceste esta vergonha sobre mim?" Todo este sofrimento o Fabricante de Panelas percebeu, e por razão do seu grande amor não pôde seguir o Mestre; não podia suportar perceber o sofrimento deste Ser Puro, enquanto Ele enfrentava o Seu destino solitário e doloroso. Porventura este homem sabia também que os onze discípulos desampariam o seu Mestre no Seu perigo, que o décimo segundo o trairia; sabendo tudo isto, ele pode ter temido seguir para que não falhasse também.

APÊNDICE II

DIONÍSIO foi o primeiro ancião em Atenas. Não ouvi relatar que ele fosse Bispo de Atenas. Relembro-me de que outro, um Dionísio posterior, tomou o título do Primeiro Ancião dos Irmãos Atenienses, e sendo chamado Dionísio foi saudado como Bispo em Atenas. Era o costume entre os pais da nossa fé chamar o santo mais zeloso na segunda geração após aquele que primeiro tinha mostrado a sua santidade e o seu zelo por Cristo naquela cidade ou província.

Dionísio estabeleceu quatro tratados. Um era sobre os Nomes Divinos, o outro sobre as Hierarquias Celestes. Ora estes dois escritos foram acalentados após Dionísio ter sido reunido aos seus pais. Como quer que seja, à medida que o tempo passava, os homens instruídos mudaram certos dos ditos nestes pergaminhos, pois julgavam a sua própria sabedoria superior à sabedoria de Dionísio. Assim estes escritos são veridicamente do primeiro século e do quarto na medida em que muito lhes foi adicionado. Contêm certo conhecimento que era mais dos Mistérios do que da fé de Cristo e outro conhecimento que era cristão. Pelo que, estes rolos bem podem ser um mistério para as gerações que se seguiram após esses dias.

Havia mais dois os quais asseguradamente descobrireis em Alexandria, no Grande Salão, no qual tantos rolos são preservados. Um era um tratado que lidava com Paulo e a sua visão da verdade. Agitaria as

vossas mentes e as mentes dos homens do seu transe de incredulidade se mas os quisessem ler. Veridicamente, os rolos no Grande Salão poderiam ser como os ossos dos mortos, selados e metidos em caixões nos seus túmulos, pois nenhum homem, julgo eu, olha agora para eles, buscando a sua interpretação.

O quarto não está inteiramente livre de heresia, guarda portanto a tua alma quando o leres e não sejas levado para longe. É um tratado nomeado "Alfa e Ómega". Busca traçar toda a crónica do Espírito, como ele descendeu na carne, como passou através de muitas vidas e entrou, ao fim, no Reino Invisível com o conhecimento que o impediu de entrar na carne uma vez mais, como passou através de todas as esferas, más e boas, entrando ao fim no estado de Puro Espírito que é chamado Céu; e como percebeu nele o espírito de Jesus o Cristo. Tudo isto está estabelecido em "Alfa e Ómega". Quando o leres lembra-te de que "Alfa e Ómega" pode ser percebido variadamente, de acordo com a verdade e a falsidade em cada entendimento que está aprisionado na carne.

APÊNDICE III

A MANEIRA EM QUE O CORPO SE LEVANTOU DO TÚMULO.

ESSE era um segredo que era conhecido naqueles dias por poucas pessoas. Um, que era puro, sabia dele e podia praticar de acordo com ele, de modo a que o seu corpo por um curto espaço desaparecia. Também certos dos Magos, que eram os servos de Belzebu, podiam fazer o corpo derreter e reaparecer.

Ora é uma matéria que diz respeito aos poderes invisíveis e também à mente e ao espírito do homem. Se ele for santo e tiver um corpo que está purificado e conveniente, então a mente e o espírito podem fazer um. Assim serão eles os mais poderosos. Anelarão pelo sono que é sem um sono, e desejarão, naquele tempo, que todas as suas partes carnais mudem e passem, de modo a que não possam ser mais percebidas pelos olhos carnais.

E enquanto o seu espírito e mente jazem no estado de quietude, o qual chamei um sono sem um sono, o corpo irá, ao seu mandado, viajar através do que agora lhe é fantasmal; através de paredes e casas, mesmo através de

homens e mulheres vivos. Lentamente irá, num lugar calmo, tornar-se visível uma vez mais, através do regresso do espírito e da mente ao corpo, através do regresso das formas de ar e luz a ele.

Quando todos estes são retirados eles estão ainda amarrados ao corpo se certas práticas forem cumpridas, e podem trabalhar sobre ele, mudando-o de modo a que não seja, por um curto espaço, como a substância da terra. Mas nenhum homem na vossa geração poderia retirar a alma, o espírito, as formas de ar e luz do corpo carnal e não perecer. Cristo podia realizar este milagre através do poder do Seu espírito e sabedoria, e através da ajuda daquilo a que chamavam os anjos.

O que perturbou as mentes do povo, e deixado perplexos dolorosamente, foi o levantamento do Corpo de Cristo do Túmulo. E esta estranha maravilha muitos deles não a queriam crer. Pelo que Paulo falou muito dela. Ensinou àqueles que eram da sua companhia certas coisas relativas ao nascimento de Jesus, mas não falou muito disso aos pagãos.

Declarei-vos que pode haver um sono num corpo sem o corpo o qual é a possessão do espírito do homem. Quando assim é, se certos poderes forem evocados e práticas seguidas, o corpo que foi esvaziado do seu possuidor pode desaparecer. No entanto ele não foi espalhado na terra e devorado pelos vermes. As suas partes mudaram de modo a que não podem ser vistas pelo olho do homem por um curto espaço. No entanto são compelidas pela sua própria natureza a reaparecer e na forma que uma vez foi a sua. Mas terrível é essa mudança, e veridicamente há grande perigo nela. E aquele que busca assim passar do visível para o invisível e depois para o visível novamente encurta o termo dos seus anos na terra.

Também quando o corpo é uma vez mais visto pelos olhos dos homens não é inteiramente na semelhança que usava antes da hora do seu desaparecimento da vista do povo. Quando Jesus apareceu entre os Seus discípulos após o Seu corpo se ter levantado do túmulo, Ele era semelhante ao que tinha sido, assim como um homem velho e gasto é semelhante à sua própria carne quando ela estava no seu auge. Como quer que seja, quereria, em alguma outra véspera, dar-vos os conteúdos de um pergaminho que declarava o mistério do levantamento do corpo de Cristo do túmulo, tal como era acreditado pelos discípulos anciãos daqueles dias. Estabelecê-lo-ia quando Marcos conversar com Paulo em Éfeso antes de ele subir a Jerusalém.

APÊNDICE IV

A RESSURREIÇÃO DO CORPO

O DITO que causou muito cisma e muita divisão das diversas partes da Igreja foi essa declaração relativa à Ressurreição do Corpo. Este ensinamento do corpo, que não conhecia corrupção, foi o que conduziu muitas das ovelhas para fora do rebanho. Era um dito duro, e o povo naqueles tempos antigos era de uma mente simples. E vieram a crer que este corpo era o que chamais os próprios ossos e carne que estão ao vosso redor. Ora esta é a parte de vós que é como a nuvem nos céus, vós vagueais nesta nuvem um espaço, e depois passais dela para o sol que dá a luz da Alma a todos. O corpo de que o Mestre Cristo de fato falou era aquele Corpo de Luz que contém o espírito que atrai a si tudo o que ele requer da mente fluida que se reúne ao vosso redor.

Quereria mostrar-vos que esta forma é em parte a essência que vem da argila terrena na qual estais sepultados. E vem em parte daquilo a que chamais espírito. É para nós semelhante àquilo a que chamais substância. Pois não estamos cegos pela vista dos olhos, nem estamos surdos através da audição dos ouvidos, nem estamos mortos como vós estais através do toque das mãos. Assim percebemos estas formas de luz. Elas não são nem alma nem espírito, mas a colheita destes dois e do vestuário lamacento que prezais porque é tudo o que vedes e sabeis.

Gostaria de falar daquela vida, que está ao vosso redor e a qual dura tanto quanto a terra dura, la vida que é passada dentro da Forma de Luz. Pois muitos não provarão da morte até ao Dia do Julgamento, até que os céus sejam enrolados como um pergaminho e a terra passe para fora da sua velha forma, quebrando-se em fragmentos. Esta morte não é o lançamento fora da carne, mas o lançamento fora desta forma, que vos é invisível. Ora alguns lançá-la-ão de si antes do Dia do Julgamento, antes do fim do mundo. Mas há muitos que viverão perto da terra e no entanto estarão livres dos seus pecados e do seu mal até que a terra não esteja mais lá para os atrair a ela. Não vivem como os homens vivem. Não veem a terra como o homem a vê. No entanto habitam dentro da sua alma invisível, e assim os seus corpos de fato se levantam, como a promessa foi dada, no último dia. Mas este é o Corpo de Luz.

APÊNDICE V

AS PALAVRAS DE CURA.

NOS dias da Santificação Cristo deu aos Doze certos encargos aos Apóstolos como uma partilha na sua herança, certas palavras santas que não pertenciam a nenhuma língua terrena, que são os símbolos pelos quais o homem invoca o seu próprio ser interior, o seu espírito: de modo a que ele possa lançar ao redor do corpo do homem doente o corpo fino e subtil do espírito; de modo a que o possa vestir como um vestuário, passar através dele como ar perfumado e atar ao corpo vil de argila a alma de partida uma vez mais, a alma reunindo nova força da dádiva que vem do ser inteiro do curador. E assim pode ela renovar a vida do homem doente e possuí-lo uma vez mais.

Ora as palavras de cura foram dadas pelos Doze apenas a certas pessoas que estavam dotadas com almas puras, que não usariam de nenhuma maneira mal estes sinais sagrados. Paulo aprendeu as palavras com Barnabé. E percebendo que Lucas era um verdadeiro companheiro de jugo no Senhor, partilhou com ele um dos grandes segredos transmitidos nos Dias da Santificação, esses dias que se seguiram ao Levantamento de nosso Mestre do túmulo. O poder era roubado ao homem se ele fazia uso destas palavras para chamar de volta os moribundos. E havia tempos em que ele não ousava proferi-las, quando sabia que o seu espírito não tinha o poder de lançar fora os maus observadores que se reuniam sempre quando estes sons eram proferidos. Pois era um tempo em que as defesas do curador eram frágeis, sendo necessário que ele devesse reunir a sua própria parte invisível, enviando-a para a frente em direção ao sofredor assim como uma lança é arremessada.